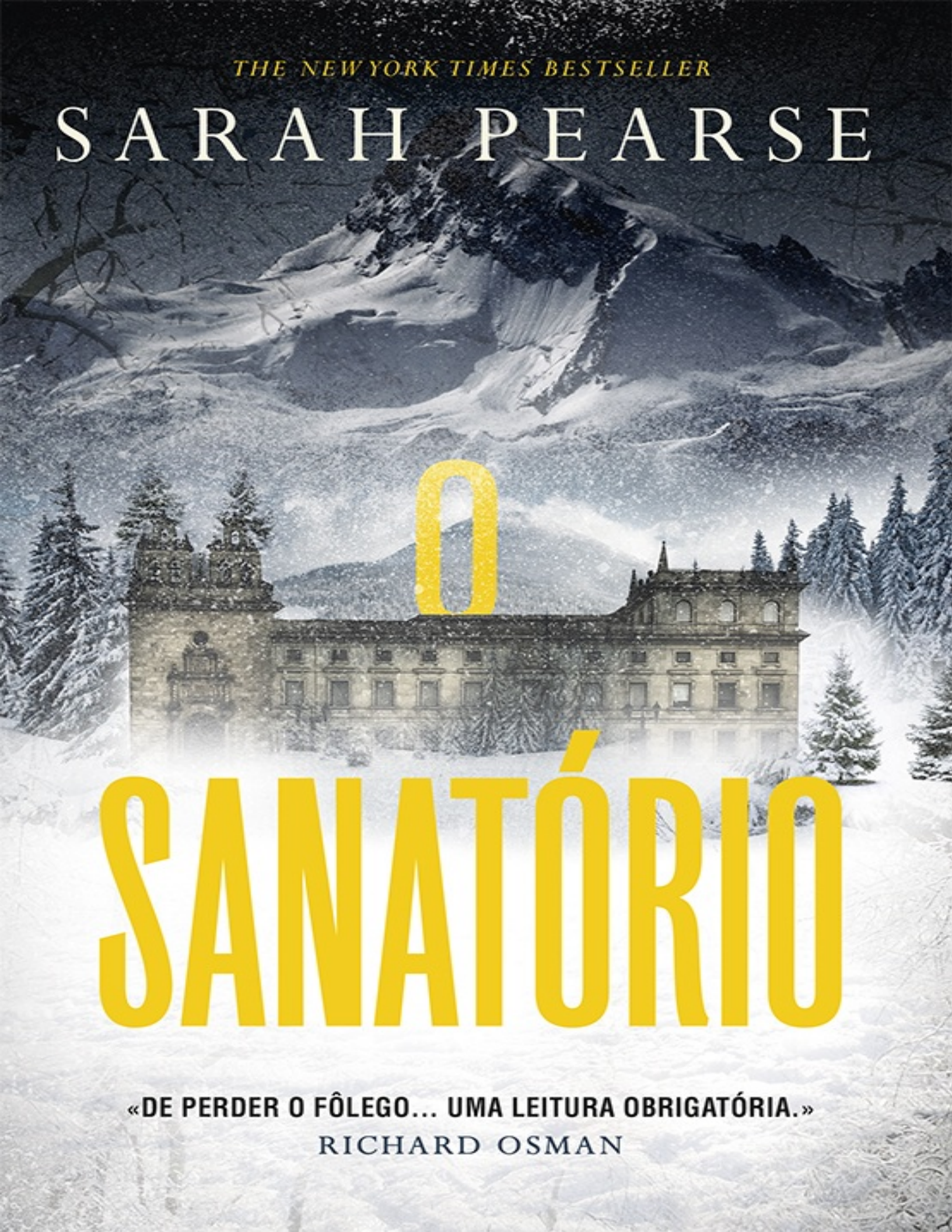

THE NEW YORK TIMES BESTSELLER
SARAH PEARSE
O
SANATÓRIO
«DE PERDER O FÔLEGO... UMA LEITURA OBRIGATÓRIA.»
RICHARD OSMAN



© Rosie Parsons

SARAH PEARSE estudou Inglês e Escrita Criativa na Universidade de Warwick, e trabalhou numa empresa de Relações Públicas. Embora atualmente more em South Devon com o marido e as duas filhas, viveu vários anos na Suíça, onde explorou as montanhas junto a Crans-Montana, o cenário dramático que inspirou este seu primeiro romance.

O Sanatório
Sarah Pearse

Publicado em Portugal por
Porto Editora
Divisão Editorial Literária – Lisboa
Email: dellisboa@portoeditora.pt

Título original:
The Sanatorium
© Sarah Pearse Ltd 2020

Tradução: Elsa T. S. Vieira

Design da capa: Manuel Pessoa
Imagens da capa: © Smartshots International/GettyImages | © Shutterstock.com

1.ª edição em papel: janeiro de 2022

Rua da Restauração, 365
4099-023 Porto
Portugal

www.portoeditora.pt

ISBN 978-972-0-67708-2

Para a minha família

On nous apprend à vivre quand la vie est passée.
(«Ensinam-nos a viver depois de a vida passar.»)
Michel de Montaigne

«Amei as limitações. Trazem-me conforto.»
Joseph Dirant

Prólogo

Janeiro de 2015

O chão está pejado de equipamento médico abandonado: instrumentos cirúrgicos salpicados de ferrugem, garrafas partidas, frascos, o esqueleto riscado de uma velha cadeira de rodas. Há um colchão que parece estar sentado, encostado a uma parede, coberto de nódoas amareladas.

Daniel Lemaitre aperta com força a pega da sua pasta com uma vaga intensa de repugnância: é como se o tempo se tivesse apoderado da alma do edifício, deixando em seu lugar algo podre e doentio.

Percorre rapidamente o corredor, com os passos a ecoarem no chão de mosaicos.

Olhos na porta. Não olhes para trás.

Contudo, a decadência dos objetos atrai-lhe o olhar, cada coisa com a sua história. Não é preciso um grande esforço para imaginar as pessoas que aqui estiveram internadas, a cuspirem os pulmões com a tosse cavernosa.

Às vezes, parece-lhe que consegue sentir o cheiro daquilo que este lugar foi em tempos – o odor intenso e corrosivo dos químicos das velhas salas de operações ainda suspenso no ar.

Daniel está a meio do corredor quando estaca abruptamente.

Um movimento no quarto ao seu lado – uma mancha escura e distorcida. O seu coração para uma fração de segundo. Imóvel, passa os olhos pelo conteúdo do quarto sombrio – papéis espalhados pelo chão, os tubos contorcidos de um aparelho respiratório, a estrutura partida de uma cama, com as correias esfiapadas penduradas.

Sente um formigueiro de tensão, mas não acontece nada. O edifício está parado, silencioso.

Solta a respiração ruidosamente, recomeça a andar.

Não sejas estúpido, diz a si próprio. *Estás cansado. Deitas-te tarde, acordas muito cedo*.

Quando chega à porta da rua, abre-a. O vento uiva furiosamente e empurra a porta contra a parede. Quando Daniel sai, uma saraivada gelada de flocos de neve cega-o, mas é um alívio estar cá fora.

O sanatório enerva-o. Embora saiba o que será em breve – planeou cada porta, janela e interruptor do novo hotel –, por enquanto não consegue deixar de reagir ao passado, àquilo que o edifício foi antes.

O exterior não é muito melhor, pensa, e olha para cima. A neve cobre a estrutura retangular e austera. O edifício está degradado, negligenciado – as varandas e balaustradas, o terraço comprido, quase em escombros, tudo a apodrecer. Ainda há algumas janelas intactas, mas a maioria está tapada com tábuas, quadrados feios de contraplacado espalhados pela fachada.

Daniel pensa no contraste com a sua própria casa em Vevey, virada para o lago. O edifício sóbrio e contemporâneo é construído maioritariamente em vidro, para aproveitar as vistas panorâmicas da água. Tem um terraço no telhado, um pequeno pontão.

Foi ele que desenhou tudo.

Com essa imagem surge também a de Jo, a sua mulher. Já deve ter chegado do trabalho a esta hora, ainda a pensar distraidamente nos orçamentos publicitários e nos relatórios enquanto convence os miúdos a fazerem os trabalhos de casa.

Imagina-a na cozinha, a preparar o jantar, o cabelo castanho-avermelhado caído sobre o rosto enquanto corta e pica com eficiência. Será alguma coisa simples – massa, peixe, um salteado. Nenhum deles tem muito jeito para as tarefas domésticas.

O pensamento anima-o, mas apenas por um instante. Enquanto atravessa o parque de estacionamento, Daniel sente os primeiros frémitos de inquietação com a viagem até casa.

Mesmo quando o tempo está bom, não é fácil chegar ao sanatório, ali isolado num ponto alto entre as montanhas. Foi uma opção deliberada, para que os pacientes tuberculosos pudessem afastar-se da poluição das vilas e cidades e para que o resto da população estivesse afastado deles.

No entanto, a localização remota significa que a estrada até aqui é um pesadelo, uma série de curvas apertadas por entre uma densa floresta de abetos. Na viagem até cá acima, esta manhã, mal se via a estrada – os flocos de neve embatiam no para-brisas como dardos brancos e gelados e não deixavam ver mais do que alguns metros à frente da viatura.

Daniel está quase a chegar ao carro quando tropeça em qualquer coisa – os restos meio desfeitos de um cartaz, quase coberto pela neve. As letras são grosseiras, pintadas a vermelho.

NON AUX TRAVAUX!! NÃO ÀS OBRAS!!

Cada vez mais irritado, Daniel espezinha-o. Os manifestantes estiveram aqui há uma semana. Mais de cinquenta, a gritar insultos, a agitar os cartazes berrantes na cara dele. Tudo filmado com os telemóveis, partilhado nas redes sociais.

Essa era apenas uma das intermináveis batalhas que se tinham visto forçados a travar para concretizar este projeto. As pessoas diziam querer progresso, o dinheiro dos turistas que se seguiria, mas quando chegava à altura de realmente construir alguma coisa começavam a colocar obstáculos.

Daniel sabia porquê. As pessoas não gostam de vencedores.

O pai dissera-lhe isso uma vez, e era verdade. Os habitantes locais tinham ficado orgulhosos, ao princípio. Aprovavam os seus pequenos sucessos – o centro comercial em Sion, o prédio de apartamentos em Sierre com vista para o Ródano –, mas depois tornara-se *demasiado*, não era? Sucesso a mais, personalidade a mais.

Daniel tinha a sensação de que, aos olhos das pessoas, ele já recebera o seu quinhão e estava agora a ser ganancioso por querer mais. Apenas trinta e três anos de idade e o seu gabinete de arquitetura prosperava – tinha escritórios em Sion, Lausana, Genebra, e mais um planeado em Zurique.

Passava-se a mesma coisa com Lucas, o construtor e um dos seus amigos mais antigos. A meio da casa dos trinta, já era proprietário de três hotéis de

referência.

As pessoas ressentiam-se do sucesso deles.

E este projeto fora a gota de água. Houvera de tudo: ataques *online*, *e-mails*, cartas para o escritório. Objeções ao planeamento.

Primeiro, atacaram-no a ele. Começaram a correr rumores nos blogues locais e nas redes sociais de que o seu negócio estava em dificuldade. Depois viraram-se para Lucas. Histórias semelhantes, que ele podia desmentir facilmente – mas uma delas, em particular, ganhara força.

E incomodava Daniel, mais do que ele estava disposto a admitir.

Conversas sobre subornos. Corrupção.

Tentara falar com Lucas sobre o assunto, mas o amigo cortara-lhe a palavra. O pensamento incomoda-o, como uma comichão, como tantas outras coisas neste projeto, mas faz um esforço para o afastar. Tem de esquecer isso e concentrar-se no resultado final. Este hotel cimentará a sua reputação. A motivação de Lucas, a sua obsessão com os pormenores, impeliram Daniel a criar um *design* extraordinariamente ambicioso, um resultado final que nunca julgara possível.

Chega ao carro. O vidro da frente está coberto de neve; é demasiada para os limpa para-brisas, tem de a raspar. Mas quando enfia a mão no bolso para tirar a chave, repara numa coisa.

Uma pulseira, caída junto do pneu da frente.

Baixa-se, apanha-a. É fina, de cobre. Daniel vira-a entre os dedos. Consegue distinguir uma fila de números gravados no interior… uma data?

Franze a testa. Tem de pertencer a alguém que esteve aqui hoje, com certeza. Caso contrário, já estaria soterrada pela neve.

Mas o que estava alguém a fazer tão perto do seu carro?

Passam-lhe pela cabeça imagens dos manifestantes, dos seus rostos furiosos e trocistas.

Teriam sido eles?

Daniel respira fundo, com esforço, mas enquanto enfia a pulseira no bolso vê outra coisa: um movimento por trás do monte de neve que se acumulou contra o

muro do parque de estacionamento.

Um perfil desfocado.

Sente as palmas das mãos suadas em torno do porta-chaves. Pressiona o botão para abrir a porta, mas quando ergue a cabeça estaca, paralisado.

Uma figura, de pé à sua frente, posicionada entre ele e o carro.

Daniel olha, imóvel, com o cérebro a tentar freneticamente processar o que está a ver – como é possível que alguém se tivesse deslocado tão depressa na sua direção sem que ele se apercebesse?

A figura está vestida de preto. Tem qualquer coisa a tapar-lhe a cara. Parece uma máscara de gás; a forma básica é a mesma, mas falta-lhe o filtro à frente. No seu lugar, tem um tubo de borracha grosso que vai da boca ao nariz. Um conector. O tubo é estriado, preto, e estremece quando a figura desloca o peso de um pé para o outro.

O efeito é horrível. Monstruoso. Como algo arrancado às profundezas mais sombrias da mente inconsciente.

Pensa, diz a si próprio, *pensa*. O cérebro começa a debitar possibilidades, formas de explicar aquilo que vê de modo a ser algo inócuo, benigno. É uma partida, claro; um dos manifestantes a tentar assustá-lo.

A figura dá um passo em direção a ele. Um movimento preciso e controlado.

Tudo o que Daniel consegue ver em grande plano é a imagem macabra da borracha preta esticada sobre o rosto. As estrias no tubo. Depois ouve a respiração; um som estranho, húmido, proveniente da máscara. Expirações líquidas.

Daniel tem o coração aos saltos no peito.

– O que é isto? – pergunta, ouvindo o medo na sua voz. Um tremor que tenta controlar. – Quem é você? O que está a tentar fazer? – Uma gota escorre-lhe pelo rosto. Será a neve a derreter com o calor da sua pele ou suor? Não sabe.

Vá lá, pensa. *Controla-te*. É um imbecil qualquer a meter-se com ele. *Passa por ele e entra no carro*.

É então, deste ângulo, que repara noutro carro. Uma carrinha preta, que não estava lá quando ele chegou. Uma *Nissan*.

Vá, Daniel. Mexe-te.

Mas o seu corpo está paralisado e recusa-se a obedecer. Tudo o que consegue fazer é ouvir o som daquela estranha respiração no interior da máscara. Parece agora mais alta, mais rápida, mais difícil.

Um som de sucção suave e depois um assobio agudo.

Uma e outra vez.

A figura aproxima-se mais e tem qualquer coisa na mão. Uma faca? Daniel não consegue distinguir. As luvas grossas estão a ocultar a maior parte do objeto.

Mexe-te. Mexe-te.

Consegue impelir-se para a frente, um passo, dois, mas o medo prende-lhe os músculos. Tropeça, o pé direito escorrega e Daniel tomba sobre a neve.

Quando se consegue endireitar, é tarde de mais: a mão enluvada tapa-lhe a boca. Daniel sente o cheiro a mofo da luva, mas também o odor da máscara – aquele cheiro curioso a plástico queimado característico da borracha, misturado com algo mais.

Algo familiar.

Porém, antes que o seu cérebro consiga fazer a ligação, algo lhe perfura a coxa. Uma pontada repentina de dor aguda. Os seus pensamentos dispersam-se e a mente silencia-se.

Um silêncio que, em poucos segundos, se perde no nada.

Comunicado de imprensa – sob embargo até às 00h00 de 5 de março de 2018

Le Sommet
Hauts de Plumachit
Crans-Montana 3963
Valais
Suíça

Hotel de cinco estrelas reabre na estância suíça de Crans-Montana

Localizado num soalheiro planalto montanhoso sobre Crans-Montana, nos Alpes Suíços, Le Sommet é criação do empresário da construção suíço, Lucas Caron.

Após oito anos de planeamento e obras, um dos sanatórios mais antigos da cidade reabre agora como um hotel de luxo.

O edifício principal foi concebido em finais do século XIX pelo bisavô de Lucas, Pierre Caron. Tornou-se conhecido a nível mundial como centro de tratamento da tuberculose antes de o advento dos antibióticos forçar a sua diversificação.

Mais recentemente, recebeu reconhecimento internacional pela sua arquitetura inovadora, valendo ao Caron mais velho um Prémio das Artes Suíças, atribuído a título póstumo em 1942. Com a sua combinação de linhas simples e grandes janelas panorâmicas, telhados planos e formas geométricas sem adornos, um dos juízes descreveu o edifício como «pioneiro – deliberadamente concebido para cumprir a sua função de hospital, criando ao mesmo tempo uma transição fluida entre as paisagens interiores e exteriores».

Lucas Caron disse: «Era altura de darmos vida nova a este edifício. Estávamos confiantes de que, com a visão certa, conseguiríamos criar um hotel restaurado com sensibilidade, que prestasse assim homenagem ao seu grande passado.»

Sob a orientação dos arquitetos da empresa suíça Lemaitre SA, foi selecionada uma equipa para remodelar o edifício e adicionar ainda um *spa* moderno e um centro de eventos.

Subtilmente restaurado, Le Sommet utilizará de forma inovadora os materiais naturais e locais, como madeira, ardósia e pedra. Os interiores elegantes e modernos do hotel farão eco da poderosa topografia exterior, recorrendo ao mesmo tempo ao passado do edifício para criar uma

nova narrativa.

Philippe Volkem, diretor executivo do Turismo de Valais, disse: «Será sem dúvida a joia da coroa naquela que é já uma das melhores estâncias de inverno do mundo.»

Para mais questões da imprensa, por favor contactar Leman PR, Lausana.

Para reservas e questões do público em geral, por favor visite www.lesommetcransmontana.ch.

1

Janeiro de 2020

Dia um

O funicular que sobe até Crans-Montana desde a cidade de Sierre, no vale, rasga uma linha vertical quase perfeita na encosta da montanha.

O trajeto de mais de quatro quilómetros, que passa através de vinhas cobertas de neve e das vilas de Venthône, Chermignon, Randogne e Bluche, sobe mais de novecentos metros e deixa os passageiros no seu destino em apenas doze minutos.

Fora da época alta o funicular está, regra geral, meio vazio. A maioria das pessoas sobe a montanha de carro ou apanha o autocarro. Mas hoje, com as estradas quase paradas devido ao tráfego, está cheio.

Elin Warner está de pé do lado esquerdo do veículo apinhado, a absorver tudo: os grandes flocos de neve que se acumulam nas janelas, o chão molhado da carruagem, coberto de malas, os adolescentes desengonçados que entram de rompante.

Os seus ombros ficam tensos. Já não se lembrava de como os jovens naquela idade são às vezes: egoístas, indiferentes a todos menos a si próprios.

Uma manga molhada roça-lhe o rosto. Sente o cheiro a humidade, a cigarros, a fritos, o aroma almiscarado de *aftershave* barato. Depois uma tosse rouca. Risos.

Um grupo de homens entra no funicular; falam alto, trazem mochilas cheias da *North Face* às costas. Empurram a família ao lado dela mais para o interior da carruagem. Contra Elin. Um braço roça nela, sente um hálito quente de cerveja no pescoço.

O pânico invade-a. Tem o coração aos saltos.

Quando é que isto vai passar?

O caso Hayler já foi há um ano e ela ainda pensa nele, ainda sonha com isso. Acorda a meio da noite com os lençóis ensopados de suor, o sonho vívido na

mente: a mão a apertar-lhe a garganta, as paredes húmidas a aproximarem-se, a fecharem-se sobre ela.

Depois água salgada; a espuma a cobrir-lhe a boca, o nariz…

Controla-te, diz a si própria, e tenta ler os *graffiti* na parede do funicular para se distrair. *Não te deixes controlar*.

Os seus olhos bailam sobre as letras escrevinhadas na superfície metálica:

Michel 2010
BISOUS XXX
HELENE & RIC 2016

Segue as palavras até à janela e assusta-se. O seu próprio reflexo… custa-lhe olhar para ele. Está magra. Demasiado magra. É como se alguém a tivesse esvaziado, arrancado o núcleo do seu ser. Tem as maçãs do rosto protuberantes, os olhos azul-acinzentados parecem maiores, mais pronunciados. Nem o cabelo louro claro revolto nem a sombra da cicatriz no lábio superior lhe conseguem suavizar a aparência.

Tem treinado quase sem parar desde que a mãe morreu. Corridas de dez quilómetros. Pilates. Pesos. Bicicleta pela estrada costeira entre Torquay e Exeter, debaixo de vento e chuva.

É demasiado, mas não sabe como parar, apesar de saber que devia. É tudo o que tem; a única tática para afastar o que lhe vai dentro da cabeça.

Elin vira o rosto. O suor faz-lhe comichão na nuca. Olha para Will e tenta concentrar-se no rosto dele, na sombra familiar da barba a despontar no queixo, nas madeixas loiras e indomáveis do seu cabelo.

– Will, tenho calor…

As feições dele contraem-se. Elin vê o esboço das futuras rugas no rosto ansioso, uma teia de linhas em volta dos olhos, sulcos suaves na testa.

– Está tudo bem?

Ela abana a cabeça, com as lágrimas a arderem-lhe nos olhos.

– Não me sinto bem.

Will baixa a voz.

– Em relação a isto ou…

Elin sabe ao que ele se refere: *Isaac*. É as duas coisas: ele e o pânico estão… interligados, unidos.

– Não sei. – Tem a garganta apertada. – Não consigo deixar de pensar neste convite inesperado. Se calhar fizemos mal em vir. Devia ter pensado melhor, ou pelo menos falado com ele como deve ser antes de o deixarmos fazer a reserva.

– Não é tarde de mais. Podemos sempre voltar para trás. Diz-lhe que eu tive problemas no trabalho. – Will sorri e empurra os óculos para cima com o dedo. – Talvez seja o recorde das férias mais curtas de sempre, mas que interessa isso?

Elin devolve o sorriso com esforço e sente uma pontada silenciosa de devastação ao pensar no contraste entre o antes e o agora. Na facilidade com que Will aceitou isto: o novo normal.

É o oposto de quando se conheceram. Então, ela estava no auge: é como pensa agora nessa época. Nos píncaros da sua vida de trinta e poucos anos. Tinha acabado de comprar o seu primeiro apartamento, perto da praia, no último piso de uma antiga casa vitoriana. Pequeno, mas com tetos altos e vista para um pedacinho de mar. O trabalho corria bem – fora promovida a detetive, tinha em mãos um grande caso, um caso importante – e a mãe estava a reagir positivamente ao primeiro tratamento de quimioterapia. Pensava ter controlado a tristeza por causa de Sam, estar a lidar bem com isso, mas agora…

A sua vida contraíra-se. Fechara-se e tornara-se algo que ela nunca teria reconhecido poucos anos antes.

As portas do funicular estão a fechar-se. A carruagem arranca com um solavanco, afasta-se da estação, começa a acelerar.

Elin fecha os olhos, mas é ainda pior. Cada som, cada estremecimento parece amplificado por trás das pálpebras.

Abre os olhos e vê a paisagem a passar lá fora: extensões desfocadas de vinhas, chalés, lojas, tudo coberto de neve.

Sente a cabeça a andar à roda.

– Quero sair.

– O quê? – Will vira-se. Tenta disfarçar, mas ela apercebe-se do tom de frustração na sua voz.

– Preciso de sair daqui.

O funicular entra num túnel. Mergulham na escuridão e uma mulher solta um assobio sonoro.

Elin inspira devagar, cuidadosamente, mas consegue sentir o que aí vem – aquela sensação de catástrofe iminente. De repente, parece que o sangue que lhe corre nas veias é mais grosso e, ao mesmo tempo, que se espalha para todo o lado muito depressa.

Volta a respirar fundo. Ainda mais devagar, como treinou.

Inspirar quatro segundos, aguentar, expirar sete segundos.

Não chega. A sua garganta fecha-se. A respiração é agora rápida e superficial. Os pulmões lutam desesperadamente por oxigénio.

– A tua bomba – pergunta Will. – Onde está?

Ela enfia a mão no bolso, atrapalhada, tira a bomba, coloca-a entre os lábios e pressiona. *Sim*. Pressiona de novo e sente o gás atingir-lhe o fundo da garganta, chegar à traqueia.

Poucos minutos depois, a sua respiração torna-se regular.

Contudo, quando o nevoeiro se dissipa da sua mente, eles estão lá.

Os irmãos. Isaac. Sam.

Imagens num círculo vicioso.

Vê rostos macios de criança, bochechas salpicadas de sardas, os mesmos olhos azuis afastados. Mas enquanto os de Isaac são frios, de uma intensidade inquietante, os de Sam brilham com energia, com uma centelha que atrai as pessoas.

Elin pestaneja, incapaz de deixar de pensar na última vez que viu aqueles olhos – vazios, sem vida, com a centelha de luz… extinta.

Vira-se para a janela, mas não consegue afastar as imagens do passado: Isaac, a sorrir; aquele sorriso irónico familiar. Vê-o levantar as mãos, mas os dedos esticados estão cobertos de sangue.

Elin estende a mão, mas não consegue alcançá-lo. Nunca consegue.

2

O miniautocarro do hotel está à espera no pequeno parque de estacionamento no cimo da linha do funicular. É elegante, cinzento-escuro, com as janelas fumadas salpicadas de neve.

Em discretas letras prateadas, no canto inferior esquerdo da porta, está a inscrição *le sommet*. Em letra minúscula, numa fonte angular e fina.

Elin cede ao primeiro frémito de entusiasmo. Até aqui, tem-se referido ao hotel, nas conversas com os amigos, em tom desinteressado e indiferente, como «pretensioso», «mais estilo do que substância». Na verdade, descolara cuidadosamente o *post-it* de Isaac para apreciar a brochura impecável, passando os dedos pelo cartão grosso e mate da capa, saboreando a novidade de cada página minimalista. Despertara nela um sentimento estranho, um misto pouco familiar de entusiasmo e inveja, a sensação de ter perdido algo indefinível, algo que nem sequer estava consciente de desejar.

Em contraste, Will fora abertamente efusivo, maravilhado com a arquitetura, o *design*. Devorara as páginas da brochura e correra de imediato para a Internet à procura de mais.

Nessa noite, enquanto jantavam caril de borrego, ele citara-lhe pormenores sobre o *design* do interior: «influenciado por Joseph Dirant»; «um novo tipo de minimalismo, que faz eco da história do edifício»; «criar uma narrativa».

Sempre admirara a capacidade que Will tinha de absorver este tipo de pormenores e factos intrincados. Fá-la sentir-se segura, de alguma forma – certa de que ele tem todas as respostas.

– Menina Warner… Senhor Riley?

Elin vira-se. Um homem alto e magro caminha na direção deles. Veste uma camisola polar cinzenta, com as mesmas letras prateadas no peito – *le sommet*.

– Somos nós – responde Will com um sorriso. Quase colidem quando o homem se baixa para pegar na mala ao mesmo tempo de Will, antes de este se afastar.

– Fizeram boa viagem? – pergunta o motorista. – Vêm de onde? – Pega nas

malas e arruma-as na parte de trás do miniautocarro.

Elin olha para Will e espera que ele quebre o silêncio. Para ela, este tipo de conversa de circunstância é um sacrifício.

– De South Devon. O avião não se atrasou… o que é raro. Até comentei com a Elin que deviam ter relógios suíços, para a easyJet estar a sair a horas. – Will sorri e ergue as sobrancelhas sobre os olhos escuros constrangidos. – Meu Deus, já deve ter ouvido esta piada um milhão de vezes.

O homem ri-se. Este é o *modus operandi* de Will com desconhecidos – neutraliza-os com uma mistura de entusiasmo puro e um ar autodepreciativo. Invariavelmente, as pessoas ficam primeiro desarmadas e depois encantadas com ele. Will torna momentos como este… fáceis. Na verdade, pensa, seguindo-o em silêncio, foi o que primeiro a atraiu nele. É a sua imagem de marca, não é?

Tudo é *fácil* para Will.

Para ele, nada é inultrapassável. Não há nisso qualquer tipo de fanfarronice, é apenas como a mente dele funciona – decompõe rapidamente qualquer problema em fragmentos lógicos e mais fáceis de lidar. Uma lista, alguma pesquisa, um telefonema ou dois – respostas encontradas, problema resolvido. Elin, por outro lado, consegue atormentar-se até com as coisas fáceis do dia a dia, ao ponto de elas se agigantarem de modo desproporcional.

Esta viagem, por exemplo. Ficara nervosa com o voo – com a proximidade de outras pessoas no aeroporto e no avião, a possibilidade de turbulência, os atrasos. Até fazer as malas fora um tormento. Não só porque tivera de comprar coisas novas, mas por causa das dúvidas sobre o *que* havia de comprar – que eventualidades meteorológicas seriam expetáveis, quais as marcas mais indicadas.

Por consequência, tudo o que traz é novo, e sente-se. Enfia o dedo no cós das calças e afasta a etiqueta que a está a picar e que se esqueceu de cortar em casa.

Will limitara-se a atirar coisas para dentro da mala. Demorara menos de quinze minutos e, mesmo assim, conseguia parecer mais adequado à situação: botas de caminhada coçadas, casaco acolchoado preto da *Patagonia*, calças da *North Face* com a quantidade perfeita de uso.

No entanto, de alguma forma, as suas diferenças complementam-se. Will aceita-a e às suas manias, e Elin está perfeitamente ciente de que nem toda a gente o faria. E, por isso, sente-se grata.

Com um gesto expansivo, o motorista faz deslizar a porta. Elin sobe para o miniautocarro e olha de viés para a parte de trás.

Uma das famílias que vinha no funicular já lá está: um par de raparigas adolescentes com cabelo reluzente, de cabeça baixa, a verem qualquer coisa num *tablet*. A mãe tem uma revista na mão. O pai está a passar o polegar pelo ecrã do telemóvel.

Elin e Will sentam-se em dois bancos no meio.

– Estás melhor? – pergunta ele baixinho.

Sim, muito melhor: os bancos de pele estão limpos, não há vozes sonoras e abruptas. E o melhor de tudo é a clara ausência de corpos molhados encostados a ela.

O miniautocarro arranca. Vira à direita, passa com um solavanco por terreno irregular e sai do parque de estacionamento. Devagar, chegam ao fundo da estrada, onde há um entroncamento. O motorista vira para a direita, com os limpa para-brisas a deslizarem rapidamente para afastar a neve que continua a cair.

Corre tudo bem até chegarem à primeira curva apertada. Com um movimento rápido, o autocarro vira e fica voltado na direção oposta.

Quando a viatura se endireita, Elin fica tensa.

A estrada já não é ladeada de neve ou árvores, nem sequer de uma estreita faixa de ervas. Em vez disso, o autocarro segue colado à montanha de um lado, separado da queda vertiginosa do outro lado, até ao vale lá em baixo, apenas por uma fina barreira de metal.

Ao seu lado, sente Will ficar tenso e sabe o que ele tentará fazer a seguir: disfarçar a inquietação com um riso, um assobio entre dentes.

– Bolas, não gostava nada de ter de fazer esta estrada à noite.

– Não há outra hipótese. É a única maneira de chegar ao hotel. – O motorista olha para eles pelo espelho retrovisor. – Há pessoas que não vêm por causa

disso.

– A sério? – Will pousa a mão no joelho dela, aperta-o e solta outra gargalhada forçada.

O motorista acena afirmativamente.

– Há fóruns *online* só sobre isso. Os miúdos publicam vídeos no YouTube, filmam-se a si próprios aos gritos nas curvas. O ângulo da câmara faz com que pareça ainda pior do que é. Põem o telemóvel de fora da janela, virado para o abismo… – Cala-se e olha atentamente para a estrada. – Esta é a parte pior. Depois de a passarmos…

Elin ergue os olhos e sente o estômago apertado. A estrada estreitou ainda mais e agora mal tem largura suficiente para deixar passar o miniautocarro. O alcatrão é de um cinzento-esbranquiçado turvo, e vê-se gelo a brilhar em alguns sítios. Faz um esforço para olhar para a frente, na direção do horizonte de picos cobertos de neve.

Poucos minutos depois, passaram. Quando a estrada se abre à frente deles, Will tira-lhe a mão do joelho. Pega no telemóvel e começa a tirar fotografias pela janela, de testa franzida numa expressão de concentração.

Elin sorri, sensibilizada pelo interesse dele. Will tem estado à espera deste momento – a vista da paisagem, o primeiro vislumbre do hotel. Sabe que, mais tarde, brincará com as imagens no computador portátil. Serão criticadas, aperfeiçoadas, partilhadas com os seus amigos com pretensões artísticas.

– Há quanto tempo trabalha para o hotel? – pergunta Will, virando-se de novo para a frente.

– Pouco mais de um ano.

– E gosta?

– O edifício tem qualquer coisa, a história, que nos afeta.

– Procurei-o *online* – murmura Elin. – É inacreditável o número de pacientes que…

– Se fosse a si, não pensava muito nisso – interrompe o motorista. – Se começar a esgravatar no passado, especialmente num sítio destes, dará em doida. Se nos debruçarmos sobre os detalhes do que aqui se passou… – Encolhe os

ombros.

Elin pega na garrafa de água. As palavras dele ecoam-lhe na mente: «qualquer coisa que nos afeta».

Já me afetou, pensa, recordando a brochura, as fotografias *online*.

Le Sommet.

Faltam poucos quilómetros para lá chegarem.

3

Adele Bourg enfia o telemóvel no bolso e entra com o aspirador no Quarto 301.

Claro que não se chama mesmo 301. Le Sommet é demasiado… consciencioso para isso.

O hotel rejeitou praticamente todos os lugares-comuns alpinos: a atmosfera de chalé com peles falsas, as ementas «tradicionais» – e esse detalhe mundano que são os números dos quartos.

Em vez disso, este quarto, como todos os outros, tem o nome de um dos picos da cordilheira montanhosa em frente do hotel.

Bella Tola.

Adele consegue ver agora a montanha. Do outro lado das grandes janelas, o pico irregular perfura o firmamento. A imagem magoa-a. Foi uma das últimas escaladas que fez antes de engravidar de Gabriel. Em agosto de 2015.

Lembra-se de tudo: o sol, o céu limpo. Os óculos com armações fluorescentes. A sensação do arnês a raspar-lhe nas coxas. A rocha cinzenta, fria sob os seus dedos. As pernas bronzeadas de Estelle por cima dela, contorcidas numa posição impossível.

Gabriel, o seu filho, agora com três anos, nascera em junho seguinte, resultado de uma aventura de curta duração com Stéphane, também ele estudante e apaixonado pelas montanhas, durante um fim de semana em Chamonix. Acabou tudo, depois disso – a escalada, as caminhadas, as aulas do curso de Gestão, as noites de copos com os amigos.

Adele ama o filho de forma total e absoluta, mas às vezes é difícil lembrar-se de quem era antes. De como era o seu mundo antes de ter sido desconstruído e reorganizado em algo completamente diferente.

Responsabilidades. Preocupação. Avisos de prazos de pagamento ultrapassados a acumularem-se em cima da sua secretária. Este emprego, o ritmo mundano dos seus dias – mudar lençóis, limpar superfícies, aspirar os detritos dos outros.

Adele engole em seco e baixa-se para ligar o aspirador à tomada da parede. Endireita-se e olha em volta. *Não vai demorar muito tempo*, pensa, depois de avaliar os estragos.

Gosta desta parte, do cálculo do tempo e esforço necessários. É uma arte, a única parte do processo que a obriga a usar o cérebro.

Os seus olhos deslizam pelo cenário minimalista: cama, cadeiras baixas, os redemoinhos abstratos que são considerados quadros na parede do lado esquerdo, as mantas de caxemira em tons suaves.

Não está mau, pensa.

Estes hóspedes são asseados. Cuidadosos. A cama praticamente não está desarrumada; a complexa disposição de mantas aos pés da mesma parece intacta.

A única desarrumação visível são os copos meio vazios nas mesas de cabeceira e um casaco preto sobre a cadeira ao canto. Estuda o emblema bordado no ombro. Moncler. Provavelmente custara uns três mil francos.

Adele sempre achou que este tipo de descuido – atirar o casaco para cima da cadeira – só surge com o dinheiro. Era a mesma coisa com os quartos. A maioria dos hóspedes parecia indiferente aos pormenores e detalhes que os elevavam a outro nível – a mobília feita por medida, as casas de banho de mármore, os tapetes tecidos à mão.

Ela estava sempre a lidar com a imundície indiferente de alguém – lençóis manchados, comida desfeita e espezinhada nos tapetes. Adele lembra-se do preservativo peganhento e amachucado que tirou da sanita na semana anterior.

O pensamento dói, como um arranhão. Adele afasta-o e enfia os auscultadores nos ouvidos. Ouve sempre música enquanto trabalha, organizando as tarefas de acordo com o ritmo. A sua *playlist* preferida é *rock* antigo, *heavy metal*. Guns N’ Roses, Slash, Metallica.

Está prestes a ligar a música quando repara numa mudança lá fora: um escurecimento subtil do céu, aquele cinzento de chumbo muito particular que antecede um grande nevão, sinistro na sua uniformidade. Já está a nevar de forma consistente, com bancos de neve a formarem-se em torno dos sinais do hotel, dos carros estacionados.

Um estremecimento ansioso percorre-lhe o peito. Se a tempestade piorar, terá dificuldade para regressar a casa. Noutra noite qualquer, não se importaria – a creche do filho é flexível com os horários –, mas hoje é o dia em que Gabriel parte para a sua semana com o pai.

Tem de regressar a tempo de se despedir dele, um momento que a deixa sempre com um nó na garganta enquanto Stéphane espera, impassível, já de mão dada com o menino.

Um medo sombrio e irracional apodera-se dela de cada vez que o filho a deixa – medo de que ele não volte, de que não *queira* voltar, de que acabe por escolher, afinal de contas, viver com Stéphane.

Adele vê esse medo agora, refletido no vidro. Tem o cabelo escuro preso num rabo de cavalo alto, revelando o rosto franzido, os olhos amendoados semicerrados de preocupação. Vira a cabeça. Ver-se assim – distorcida, indistinta – é como olhar para as partes mais negras da sua própria alma.

Olha para o telemóvel e, quando se prepara para pôr a música a tocar, vê, pelo canto do olho, algo na balaustrada.

Uma centelha de algo a brilhar entre a neve.

Adele abre a porta, curiosa.

O ar gelado invade o quarto, empurrando pequenos fragmentos de neve. Adele aproxima-se da balaustrada e apanha o objeto.

Uma pulseira.

Vira-a entre os dedos e vê que é feita de cobre, como as pulseiras que as pessoas usam por causa da artrite. No interior, uma fileira de números minúsculos. Uma gravação.

Deve pertencer a um dos hóspedes. Decide deixá-la em cima de uma das mesas de cabeceira, para que a vejam quando voltarem.

Entra de novo no quarto e fecha a porta da varanda. Pousa a pulseira na mesa de cabeceira mais próxima e olha mais uma vez para a neve que cai, para os montes que se acumulam na varanda.

Se se atrasar, Stéphane não esperará por ela. Adele encontrará apenas um apartamento silencioso e o vazio que a consumirá até Gabriel voltar para casa.

4

– Elin, vens?… – O resto da frase de Will perde-se entre o som da bandeira que, por cima deles, é sacudida por fortes rajadas de vento.

Grossos flocos de neve tombam do céu, pousando-lhe no rosto.

Tem o estômago apertado. Apesar da presença de Will e do hotel à sua frente, não consegue deixar de se sentir afetada pelo isolamento, pela noção de quão remota é a sua localização. A viagem desde a cidade demorara mais de hora e meia. À medida que a estrada sinuosa subia mais e mais a montanha, Elin não conseguia afastar a inquietação crescente.

O trajeto demorara mais do que o habitual por causa da neve, mas mesmo assim é impossível esquecer que estão muito longe da civilização. Além do hotel, tudo o que consegue ver é uma floresta, neve e a sombra das montanhas que se agigantam acima deles.

– Elin? Vens para dentro? – Will começa a andar em direção à entrada do hotel, a arrastar as malas sobre a neve.

Ela faz que sim com a cabeça, com a mão apertada sobre a alça da mala. Ali parada em frente do hotel, sente algo estranhíssimo – uma perturbação no ar, uma agitação curiosa que não tem nada a ver com a neve que cai.

Elin olha em volta. O caminho e o parque de estacionamento do outro lado estão vazios.

Não está aqui mais ninguém.

Todas as pessoas que vinham no funicular já entraram.

É o edifício, pensa, absorvendo a vasta estrutura branca. Quanto mais olha, mais sente a tensão.

Uma anomalia.

Não se apercebeu disso na brochura enviada por Isaac. Por outro lado, pensa agora, essas fotografias tinham sido tiradas à distância, para realçar o pano de fundo panorâmico: os picos cobertos de neve, a floresta de abetos salpicados de geada branca.

Não se concentravam no edifício propriamente dito, no ar violento que este

tem.

O seu passado é inegável, aquilo que foi em tempos. Há algo de uma brutalidade clínica na arquitetura, um ar institucional nas linhas severas, nos planos e fachadas retangulares, nos telhados modernistas. Há vidro por todo o lado, paredes de um brilho estonteante que deixam ver o interior.

Contudo, pensa Elin, enquanto se aproxima, há algo que contradiz aquela sensação clínica, detalhes que não eram visíveis na brochura – balaustradas e varandas esculpidas, o bonito terraço de madeira no piso térreo.

É *esta* a anomalia, pensa ela, é esta a tensão que está a sentir. A justaposição… é arrepiante. Instituição contra beleza.

Provavelmente fora intencional aquando da conceção do edifício, pensa; esta decoração intrincada para disfarçar o facto de ninguém vir para aqui por diversão.

Este era um sítio onde as pessoas se debatiam com a doença, onde as pessoas morriam.

Faz sentido, agora, que o irmão esteja a festejar o noivado aqui.

Este lugar, tal como Isaac, vive de fachadas.

Que escondem o que realmente existe por trás.

5

– Merda – murmura Adele, tentando rodar a chave na fechadura do cacifo. Porque é que não abre? É sempre assim quando uma pessoa tem pressa…

A porta dos balneários abre-se e deixa entrar uma rajada de ar fresco. Adele assusta-se e deixa cair as chaves.

– Estás bem?

Uma vaga de alívio. Reconhece a voz: é Mat, um sueco de cabelo tão louro que quase parece branco, um dos muitos estrangeiros que trabalham no hotel. É empregado de bar. Muito confiante. Olhos verdes-claros que primeiro inspecionam uma pessoa e depois parecem ver através dela.

– Sim. – Agacha-se e apanha as chaves. – Estou com pressa, só isso. É a semana do Gabriel com o pai. Ele vem buscá-lo hoje. Queria chegar a tempo de me despedir. – Consegue por fim abrir o cacifo e tirar a mala e o casaco.

– Acabaram de anunciar que o funicular está parado. – Mat enfia a chave na fechadura do seu cacifo. – Pelo menos até de manhã.

Adele olha para a janela. A tempestade ruge, agora descontrolada, com o vento a uivar contra as paredes do hotel.

– E os autocarros?

– Ainda estão a funcionar, mas devem estar cheios.

Ele tem razão. Adele morde o lábio e olha para o relógio.

Precisa de estar no vale dentro de uma hora. Se se apressar, talvez consiga.

Depois de se despedir, sai do hotel pela porta lateral e fica um instante parada, a tremer, espantada com a intensidade do vento que lhe sopra a neve gelada para a cara e os olhos. Sente as faces a arder com o frio.

Adele puxa o cachecol para cima de modo a tapar-lhe o nariz e começa a percorrer o caminho estreito que contorna o hotel.

A cada passo os seus pés afundam-se na neve, que ensopa o cabedal fino das botas. *Idiota*. Devia ter trazido as botas de neve. Vai ficar com os pés encharcados num instante.

Evitando cuidadosamente os montes de neve maiores, continua a andar, mas

para quando sente o telemóvel a vibrar no bolso. Tira-o e vê uma mensagem de Stéphane: VOU SAIR AGORA DO TRABALHO. ATÉ JÁ.

Trabalho.

A palavra desperta nela um ressentimento amargo e familiar. Adele odeia-se a si própria por isso. Sabe que não serve de nada pensar no que podia ter tido – a escalada pela hierarquia profissional, o salário correspondente, as viagens –, mas não consegue evitá-lo. Por mais que tente dar a volta à questão, por mais justificações que arranje, é evidente que foi ela que teve de fazer sacrifícios, não Stéphane. Ele não teve de desistir dos seus planos quando Gabriel nasceu, do seu lugar na universidade. Ele formou-se e arranjou logo trabalho numa multinacional em Vevey, a trabalhar em gestão de marcas. Stéphane é muito bem visto na empresa, está a ter êxito. E a ganhar ainda melhor. Adele sabe que a namorada dele trabalha na mesma companhia e recebe um salário igualmente impressionante. Lise não é exibicionista, mas o luxo subtil das roupas que veste e a sua confiança inata falam por si mesmas.

Adele conseguiria lidar com isso, melhor ou pior – não passa de inveja mesquinha e estúpida. O que a preocupa é o potencial efeito em Gabriel. Sabe que o filho não demorará muito a começar a reparar nas diferenças entre o emprego do pai e o da mãe. Parte dela tem medo de que o filho a menospreze – que a considere, e ao que ela lhe pode dar, inferior àquilo que Stéphane oferece. Sabe que é uma estupidez pensar assim porque, de momento, tudo o que Gabriel ama não tem nada a ver com dinheiro: mimos e histórias antes de dormir. Chocolate quente com natas batidas. Brincadeiras na areia. Andar de trenó.

Sorri ao lembrar-se da viagem da semana anterior. Espremidos lado a lado no trenó, os dois ganharam tanta velocidade que embateram na cerca ao fundo da descida. Gabriel acabou de braços e pernas abertos em cima dela, a rir que nem um perdido.

Esta recordação põe imediatamente em perspetiva as suas ansiedades. *Controla-te*, diz a si própria, e desvia-se de um ramo caído no chão. *Não te ponhas a pensar no pior*.

É então que sente algo no tornozelo, uma pressão.

Terá ficado presa em alguma coisa? Outro ramo?

Olha para baixo e fica paralisada ao ver uma mão enluvada em volta do seu tornozelo.

Um puxão súbito para trás.

Adele cai de cara na neve macia.

Partículas de gelo minúsculas enchem-lhe a boca e os olhos.

6

Os pendentes brancos no teto fazem lembrar a Elin a corda do cadafalso.

Os fios são tão compridos que percorrem vários metros, com o cabo a afrouxar no meio antes de continuar a descer. O pendente propriamente dito não é mais do que um violento espasmo de fio que forma um laço intrincado.

Com certeza é disparatadamente caro, uma afirmação artística que ela não «percebe»; mas não deixa de ser estranho, seja como for, ter aquilo na receção de um hotel, pensa Elin.

Um elemento tão sinistro naquilo que deveria ser um espaço acolhedor.

O resto não é muito melhor – cadeiras de cabedal dispostas em volta de uma mesa estreita de madeira, uma grande laje de pedra cinzenta como balcão da receção. Até o quadro por cima da lareira é lúgubre: redemoinhos de tinta cinzenta e preta espalhada pela tela com pinceladas zangadas.

– O que achas? – Elin dá um toque a Will. – É o sonho de qualquer arquiteto?

Já está a adivinhar o que ele dirá mais tarde: *força os limites*, *emotivo*, *imersivo*.

Elin absorveu estas palavras por osmose porque, para ela, contêm uma certa poesia. A forma como Will fala sobre arquitetura, como fica deslumbrado com tijolos e argamassa, revela muito sobre a forma como ele pensa e sente.

– Adoro. Edifícios como este tiveram um efeito enorme na arquitetura do século XX. As características que as pessoas associam ao modernismo foram inicialmente usadas nos sanatórios. – Will interrompe-se ao ver a expressão dela. – Não gostas, pois não?

– Não sei. Acho frio. Clínico. Um espaço tão grande, e praticamente vazio. Algumas cadeiras e mesas, mais nada.

– É deliberado. – Elin apercebe-se da ligeira tensão na voz dele; está frustrado por ela não ter percebido logo. – As paredes brancas, a madeira, os materiais naturais. É uma piscadela de olho ao *design* original do sanatório.

– Então *querem* que pareça estéril? – Parece-lhe estranho que alguém criasse

deliberadamente um espaço desprovido de calor, de conforto.

– Na altura era por uma questão de higiene, mas também achavam que caiar as paredes ajudava a trazer ao de cima uma «limpeza interior». – Faz aspas no ar com os dedos. – Os arquitetos desse tempo estavam a fazer experiências com a utilização do *design* para influenciar a forma como as pessoas se sentiam. Um edifício destes era usado ele próprio como um instrumento médico, cada pormenor pensado para ajudar na recuperação dos pacientes.

– E este vidro todo? Não sei se me ajudaria muito. – Elin olha através da grande janela para a neve que rodopia furiosamente, soprada pelo vento, com os bancos de neve já acima do parapeito inferior. Quase não há barreira alguma entre ela e o mundo exterior. Apesar do calor da lareira, estremece.

Will segue-lhe o olhar.

– Pensava-se que a luz natural e uma vista panorâmica da paisagem eram regeneradoras.

– Talvez. – Elin olha para além dele e repara numa pequena caixa de vidro pendurada do teto por um arame fino.

Aproxima-se e vê que tem um frasco prateado no interior. Por baixo, algumas palavras, em duas línguas.

> *CRACHOIR* – ESCARRADEIRA. *Usada pelos pacientes para diminuir a disseminação da infeção.*

Chama Will com um gesto.

– Vais dizer-me que isto não é bizarro? Aqui pendurado, como uma espécie de instalação artística.

– Todo este lugar é uma instalação. – Toca-lhe no braço e continua em tom mais suave. – Não é isso, pois não? Estás nervosa, não é? Por voltar a vê-lo.

Elin acena afirmativamente e inspira o cheiro familiar e reconfortante do *aftershave* de Will – manjericão e tomilho, uma fragrância algo fumada.

– Passaram quase quatro anos, Will. As coisas mudam, não é? Já não faço ideia de quem ele é.

– Eu sei. – Aperta-a contra si. – Mas não penses demasiado nisso. Deixa o passado no passado. A tua presença aqui simboliza um recomeço. Não apenas com o Isaac, mas também em relação ao caso Hayler. Está na altura de lhe pôr um ponto final.

É tão fácil para Will, pensa Elin. Como arquiteto, para ele cada dia é uma folha em branco. Está sempre a recomeçar do zero, a criar algo novo.

Foi esta qualidade que mais a impressionou quando se conheceram. Como ele parecia… *fresco*. Alerta. Na altura, Elin pensara que nunca conhecera ninguém assim – otimista, entusiasmado com a vida. Empolgado com a mais pequena coisa.

No dia em que se conheceram, ela tinha ido correr. Terminara o turno, passado quase todo à secretária a despachar papelada, e decidira ir percorrer o caminho costeiro, desde o seu apartamento em Torhun, em direção a Brixham. Dez quilómetros fáceis, ida e volta.

Quando parou para fazer alongamentos, no passeio por cima da praia, viu Will encostado ao muro, no meio de uma nuvem de fumo suspensa no ar salgado.

Estava a fazer um churrasco – peixe, pimentos, frango que cheirava a cominhos e coentros.

Elin sentiu imediatamente os olhos dele sobre si. Um minuto depois ele chamou-a e fez uma piada. Uma frase batida qualquer: «Parece que estou melhor do que você.» Ela riu-se e começaram a conversar.

Sentiu-se logo atraída por ele. Havia na sua aparência uma complexidade invulgar, algo que a intimidava e excitava, ao mesmo tempo: cabelo castanho-claro revolto, óculos pretos de estilo escandinavo, uma camisa de manga curta, azul-escura, abotoada até ao pescoço.

Não era o seu tipo de homem habitual.

Fez sentido quando ele lhe disse o que fazia – era arquiteto. Contou-lhe detalhes, com os olhos a brilhar. Era diretor de *design*, com particular interesse em empreendimentos de utilização mista e na regeneração da frente costeira. Apontou para o novo complexo de habitação e restauração à beira-mar – um

edifício que fazia lembrar um navio de cruzeiro branco e reluzente, e que Elin sabia ter recebido elogios e prémios. Partilhou com ela que gostava de manteiga de amendoim e museus, de fazer *surf* e de *Coca-Cola*.

O que a impressionou desde o princípio foi como a conversa era fácil. Não sentiu nenhum do embaraço habitual que experimentava com desconhecidos. Elin sabia que era porque ele estava completamente à vontade consigo próprio. Não precisava de procurar nele segundos sentidos ou intenções – Will era um livro aberto e, assim, ela abriu-se também a ele, como há muito tempo não fazia.

Trocaram números de telemóvel; ele ligou-lhe nessa noite, e na noite seguinte. Nada de angústias existenciais. Nada de joguinhos. Fez-lhe perguntas: exigiu respostas sobre o trabalho de polícia, as políticas do departamento, as experiências dela. Elin depressa ficou com a sensação de que ele não a via como ela sempre se vira a si própria. O efeito era quase inebriante: fazia com que quisesse estar à altura do que ele via nela, ou do que pensava ver.

Com Will, Elin fez coisas novas: visitou galerias e museus, frequentou bares clandestinos no cais em Exeter. Conversavam sobre arte, música, *ideias*. Comprou livros e leu-os mesmo. Planearam fins de semana fora, sem grandes complicações. Ela não estava habituada a nada disso. A sua vida, até àquele momento, fora decididamente inculta: sábados à noite a ver televisão, revistas cor-de-rosa. Mandar vir comida para o jantar. O *pub*.

Mas devia ter adivinhado que não podia durar muito, que a verdadeira Elin acabaria por vir ao de cima. A solitária. A introvertida. A que achava mais fácil fugir do que estender a mão. Isso enfurecia-a, de certa forma; perceber como estivera sempre à beira de se desmoronar durante aqueles meses em que tudo *funcionou*. Se soubesse que o equilíbrio era tão delicado, que estava tão perto de cair, teria tido mais cuidado.

Ao fim de algumas semanas, as coisas mudaram. Aconteceu tudo ao mesmo tempo – uma tempestade perfeita. Os tratamentos da mãe deixaram de resultar. Mudou de chefe, foi colocada num caso complicado. Sob pressão, regrediu à sua postura habitual – fechou-se, recusou-se a partilhar o que sentia. Sentiu logo algo a mudar na relação. A pessoa que ela se tornara não era suficiente para Will, não

fazia sentido. Os limites que Elin colocara na relação e que Will parecera aceitar bem ao princípio – o facto de ela precisar de espaço, da sua independência, de certas noites em que queria apenas *existir* – já não estavam a resultar.

Elin sentiu-o testá-la subtilmente, como uma criança a tocar com a língua num dente meio solto – uma noite fora em trabalho, um fim de semana com os amigos. Will começou a passar mais noites na sua própria casa. Compreendeu que, se ele não conseguia obter dela aquilo que sempre lhe dera, então queria algo em troca – a parte que Elin nunca oferecera antes. Compromisso. Certeza.

Will queria que as suas vidas se misturassem, se fundissem, se enredassem.

A gota de água fora há seis meses. No restaurante tailandês preferido de ambos, ele perguntara-lhe o que achava da ideia de deixarem as respetivas casas e encontrarem um lugar para viverem os dois. «Estamos juntos há mais de dois anos, Elin, não é nenhum disparate.» Ela adiou, deu desculpas, mas sabe que a paciência dele não durará para sempre. Tem de tomar uma decisão. O tempo está a esgotar-se.

– Els…

Ela vira-se e sustém a respiração.

Isaac.

Isaac está aqui.

7

Com o medo a tomar conta dela, Adele gatinha para a frente.

O aperto no tornozelo abranda. Ouve um grunhido e movimentos frenéticos, mas nem uma palavra de desculpas, nada que indique que se tratou de um acidente.

Alguém estava ali escondido nas sombras. À espera para a apanhar.

As perguntas invadem-lhe a mente, mas afasta-as. Tem de sair daqui. Fugir.

Adele lança-se para a frente, levanta-se e começa a correr. Não se atreve a olhar para trás. Os seus olhos perscrutam a paisagem escura à sua volta.

Pensa, Adele, pensa.

Voltar para o hotel é impossível. Teria de tirar o cartão de acesso da mala quando chegasse à porta, demoraria demasiado tempo. Seria apanhada.

A floresta.

Se conseguir chegar às árvores, às trevas sob as copas, talvez consiga escapar. Sobe o mais depressa que consegue a pequena inclinação até à orla das árvores e ouve passos atrás dela, uma respiração.

Talvez tenha uma vantagem aqui: conhece este caminho – já o percorreu muitas vezes no verão. O trilho sinuoso atravessa a floresta, passando por ribeiros que descem a encosta e levam a água do glaciar derretido até ao vale. E há vários caminhos que partem do trilho principal. São trilhos de bicicleta, no verão. Pode enfiar-se por um deles, tentar iludir o seu atacante dessa forma.

Adele corre pelo caminho acima, com a adrenalina a latejar-lhe nas veias, as botas a enterrarem-se na neve. Poucos minutos depois está ofegante, com a respiração acelerada, irregular, mas tem a certeza de que deixou para trás o seu perseguidor. Já não ouve ninguém.

Vinte metros mais à frente, põe o seu plano em ação. Guina para a esquerda e enfia-se atrás de um pequeno maciço de abetos, desaparecendo nas sombras. O suor escorre-lhe pelas costas, por baixo do casaco. Mal se atreve a respirar.

E se a pessoa conseguir seguir as pegadas dela na neve? Pode estar a guiá-la diretamente até si… resta-lhe esperar que a camada de neve inconsistente,

acumulada em torno de pedras e ramos caídos, consiga disfarçar o seu trajeto.

Por fim, ouve alguém passar, os passos suaves e o ritmo constante de uma pessoa a correr, a levantar a neve. Adele dá meia-volta e atravessa rapidamente o caminho, entrando no trilho estreito à direita. Olha para trás para ver se consegue ver alguém, mas depara-se apenas com mais árvores e neve. A floresta é demasiado densa.

Adele afasta os ramos com os braços e avança com passo cuidadoso por entre as árvores. De súbito, estaca. Um movimento à esquerda. Vira a cabeça nessa direção.

O alívio invade-a ao ver uma marmota a sair de um monte de neve. O animal sacode o pelo, soltando alguns flocos brancos, faz uma pausa, olha para ela e depois desaparece entre as árvores.

Outro movimento. Outro som.

Desta vez uma tosse abafada.

Merda.

Encontraram-na.

A sua mente é um turbilhão.

A cabana… a cabana que o hotel usava para arrecadação. Tem a certeza de que fica um pouco mais abaixo, paralela a este trilho. Se conseguir avançar mais alguns metros sem ser vista, pode esconder-se lá. Talvez esteja trancada, mas é uma possibilidade…

Mais sons. Uma respiração.

Calma, diz a si própria. *Estás perto*.

Adele recua com cuidado.

Silêncio.

Solta suavemente a respiração e decide avançar.

Desce o caminho devagar, com os olhos a perscrutar os intervalos das árvores, à procura da cabana, mas não vê nada. Só mais floresta. Mais neve.

Pragueja baixinho entre dentes. Subiu demasiado, não foi? Subiu demasiado pelo primeiro caminho. Este trilho não é aquele em que estava a pensar…

As lágrimas ardem-lhe nos olhos. É a neve. Foi por isso que se enganou. A

neve cobriu todas as referências habituais: as rochas familiares, os tocos de árvore, as clareiras. Terá de regressar ao caminho principal. Voltar para trás.

Adele ouve o estalido de um ramo a partir-se e gira sobre si própria.

E vê uma figura à sua frente. Uma silhueta sem rosto.

Pestaneja, com a visão turva pelas lágrimas. Um sonho, pensa, enquanto limpa os olhos. Talvez seja apenas um sonho. Se calhar deitou-se um bocadinho na cama, naquele último quarto, e adormeceu…

Mas quando a sua visão se foca, Adele percebe que não é um sonho, não é uma alucinação.

A razão pela qual esta pessoa não tem rosto é porque está a usar uma máscara.

De lado, parece uma máscara cirúrgica: tiras finas cortam a face, esticadas na parte de trás da cabeça, mas de frente Adele vê que é mais do que isso. *Uma máscara de gás*, pensa, com um arrepio gelado, ao ver o tubo estriado que vai da boca ao nariz. Uma máscara de gás bizarra… É enorme e tapa completamente o rosto. Não consegue distinguir qualquer feição.

A pessoa avança agora em direção a ela. Adele sente os joelhos fraquejarem.

Chega de fugir. Não consegue correr mais.

8

Elin fica tensa. *Isto está errado,* pensa. Não devia ter concordado em vir.

Isaac dá um passo em frente, hesita e, por fim, puxa-a para si.

Uma onda de choque percorre-a. O cabelo dele está encostado ao seu rosto, caracóis escuros e compridos, quase abaixo do maxilar. E o cheiro também é diferente: tabaco, um sabonete que ela não reconhece.

Elin morde o lábio e fecha os olhos. Mas é tarde de mais. As imagens invadem-lhe a mente.

Um mar cintilante, com pequenas ondas encimadas por espuma branca. A água cheia de algas, a chocalhar dentro de baldes vermelhos. Gaivotas a esvoaçar.

Isaac recua e olha para ela, com um estranho misto de emoções no olhar.

Amor? Medo? É impossível saber. Ela já não consegue ler-lhe o rosto; o tempo enfraqueceu a noção que tinha dele. Essa ideia magoa-a – é a única família que lhe resta, e parte dele é-lhe completamente desconhecida.

Ele pigarreia e leva o dedo ao olho, coçando no canto, perto do canal lacrimal. Um gesto familiar: Isaac tem eczema. Sofreu várias crises ao longo da infância, desencadeadas por uma variedade de fatores: calor, roupas sintéticas, *stress*.

– Vimos as pessoas a saírem do funicular. A Laure estava convencida de que não conseguiriam vir neste, mas eu queria ter a certeza.

– Acabámos por apanhar um comboio mais cedo. – Elin faz um esforço para falar. Olha para trás dele. – Onde está a Laure?

– Teve de ir falar com a chefe por causa de qualquer coisa relacionada com a festa. Não deve demorar.

Isaac vira-se para Will.

– Muito gosto em conhecer-te finalmente.

Sacode vigorosamente a mão de Will antes de se inclinar para ele num meio abraço, dominando-o; a sua mão esquerda contorna o tronco de Will e dá-lhe duas, três palmadas nas costas. Um gesto masculino, mas também uma jogada de

poder: invadir de modo subtil o espaço pessoal do outro homem, assumir o controlo.

Will não se apercebe de nada; está a sorrir abertamente.

– Igualmente. E parabéns. Grandes notícias…

– Podia dizer-te o mesmo. Conseguiste o impossível, não foi?

Will hesita, inseguro.

– Como assim?

– A Elin. – Isaac inclina a cabeça na direção dela.

Uma pausa. Will fica tenso e faz aquilo que só faz quando se sente ameaçado – endireita os ombros para alargar o peito, levanta a cabeça. Um rubor invade-lhe o rosto. Não é habitual, pois Will nunca se sente embaraçado, mas a verdade é que Isaac sempre teve esta capacidade de deixar as pessoas atrapalhadas, enervadas.

– Conseguiste agarrar a minha irmã – continua Isaac, com uma gargalhada que estilhaça o silêncio. – Pensei que ninguém o conseguiria. Embora nunca se saiba o que dali virá.

É uma piada batida, por isso riem-se, mas Elin sabe o que ele está a fazer. Está a mostrar-lhe que ainda a conhece, ainda a consegue ler. Está a mostrar-lhe quem manda.

– Eu podia dizer o mesmo, não achas? – riposta ela, mas assim que o faz, arrepende-se. A réplica chega tarde, em tom demasiado alto e agudo, obviamente carregada de algo mais, e não tem o efeito pretendido. Afasta o olhar, com o rosto a arder.

Will muda de assunto.

– Quando chegaram?

– Há uns dias. Vínhamos fazer esqui, mas fecharam os elevadores. – Isaac aponta para a neve que cai lá fora. – Tem estado assim desde que chegámos.

Esqui. Ele é bom esquiador, lembra-se Elin; tirou um ano em França antes do mestrado, e depois várias férias na neve. Sempre da maneira mais difícil – trabalhava, poupava, voltava a trabalhar. Nenhum deles tivera a vida facilitada, não podiam recorrer a nenhuma herança.

Ele parece em boa forma, pensa, examinando as linhas de músculos secos visíveis através da camisa. Forte. Tal como ela, tem o rosto mais magro, mais definido, com rugas recentes, mas os olhos azuis estão na mesma: grandes, intensos. Ilegíveis. As amigas de Elin dos tempos de escola diriam que ele não mudou nada. Continuava a parecer subtilmente descomposto, com a leve sombra da barba por fazer. O eterno baterista de uma banda *indie*.

– Quando chega o resto dos convidados?

– Nos próximos dias. – Isaac desloca o peso de um pé para o outro. – Achámos que seria bom que vocês viessem primeiro. Vamos fazer uma festa de pré-noivado, só com a família.

Levanta a mão e toca ao de leve no colar dela.

– Ainda o usas?

Elin encolhe-se e fecha instintivamente a mão sobre o fio de prata, para o proteger do toque dele.

– O que achas do espaço? – Isaac afasta a mão do colar e faz um gesto largo. – Do hotel?

Elin fica tensa. Conhece este tom de voz; ele está à procura de uma reação. O facto de ter sido um sanatório, o minimalismo estudado… quer que ela se sinta desconfortável.

– É fantástico. Único. – Quando levanta a mão para afastar o cabelo do rosto, apercebe-se de como está curto. Ainda é novidade: cortou-o depois da morte da mãe.

– E tu, Will? Uma opinião de arquiteto?

Will está de novo em terreno familiar e usa todas as palavras que ela previu e mais – *fresco, bem executado, a dose certa de comedimento.* Enquanto ele fala, ela observa Isaac.

Parte dele não mudou, pensa. A sua atenção já está a vaguear, o olhar a desviar-se impercetivelmente para a irmã. Um único olhar, carregado de significado. Tanta coisa transmitida naquele olhar: está a mostrar-lhe que Will o aborrece, que sabe que ela tem consciência disso e, pior ainda, que sabe que Will não se apercebeu. *Que é ele que está por cima.*

Minutos depois, Will vira-se.

– Elin, estava a perguntar ao Isaac como foi o pedido de casamento.

– Sim – responde ela –, eu… – Mas não tem oportunidade de terminar a frase.

Uma voz adianta-se:

– Funcional… era como eu o descreveria. Um anel dentro da minha bota de esqui.

Laure. Ali está ela, atrás de Isaac. A sorrir, um pouco corada. Dá um abraço rápido a Elin e depois afasta-se e cumprimenta Will.

Elin vê Will estudá-la brevemente e uma microexpressão de aprovação, depressa controlada, passar-lhe pelo rosto. Sente uma pontada de ciúmes. Viu fotografias recentes de Laure, mas não lhe fazem justiça: ela tem o tipo de rosto que só ganha vida em pessoa. As suas feições são ousadas, confiantes; olhos escuros, uma franja perfeitamente direita, que acaba mesmo por cima das sobrancelhas grossas e bem delineadas.

Ela mudou. Há em Laure um aprumo, uma compostura, que não possuía antes. A Laure que ela recorda era mais relaxada, o rosto sem artifícios, com uma abertura descontraída. Agora as suas feições parecem mais contidas. Veste roupas que nunca teriam ocorrido a Elin, pensa, tentando não olhar fixamente para o conjunto pretensamente artístico: calças de ganga cinzentas, de cintura alta, vários coletes, uns por cima dos outros. Um casaco de malha fina, verde-lima, sobre os ombros. Um lenço, também cinzento, largo, à volta do pescoço. Pulseiras de prata no pulso.

– Desculpem ser com pouca antecedência. – Laure encolhe os ombros. – Está a ser tudo em cima da hora.

Isso é dizer pouco. Elin recebeu o convite há apenas um mês: um embrulho e, lá dentro, um *post-it* fluorescente colado à brochura mate, minimalista: *Estamos noivos e vamos dar uma festa. Aqui…* Uma seta a apontar para a brochura por baixo. *Só tens de pagar o voo – a Laure trabalha no hotel. Depois diz qualquer coisa. Tens o meu número. Isaac.*

O convite fora inesperado. Desde que Isaac partira para a Suíça, há quase

quatro anos, o contacto entre eles fora esporádico, para dizer o mínimo. Alguns *e-mails*, um telefonema de longe a longe. Ele contara-lhe fragmentos – o encontro com Laure, o trabalho como professor na Universidade de Lausana, mas nada mais. Passavam-se meses sem que falassem um com o outro. Nem o funeral da mãe o fizera voltar. Desculpas esfarrapadas: *Não posso deixar o trabalho. Emergência com um aluno.* A memória, amarga, áspera, fá-la engolir em seco, como se fosse um pedaço de cartilagem que lhe ficou preso na garganta.

Laure está a observá-la com uma expressão curiosa.

– Não pareces… – Hesita e recomeça. – Lembro-me de… – Cala-se de novo.

– O quê? – responde Elin, com a voz seca. – Lembras-te do quê?

Laure abre um sorriso indolente.

– Nada. Há que tempos que não te via, só isso.

Will lança-lhe um olhar cortante. Elin sabe porquê; não lhe contou que já conhecia Laure. Que têm uma história.

– Estávamos a pensar se gostariam de jantar connosco hoje? – pergunta Isaac. – Se estiverem cansados, pode ficar para amanhã.

– Não. Gostaríamos muito. A que horas? – Elin cora, embaraçada pela rapidez com que aceitou o convite.

– Por volta das sete? – Isaac olha para Laure, que confirma com um aceno. – Antes disso, podemos fazer-vos uma visita guiada. Eu…

Não consegue acabar a frase. Ouve-se um forte estrondo, o som de vidros a partirem-se. Uma rajada de ar frio invade a sala. O zumbido de vozes silencia-se.

Silêncio.

Elin vira-se com o coração aos saltos. Uma janela lateral está a abanar descontroladamente nas dobradiças. Cacos de vidro cobrem o chão, no meio de uma poça de água, entre grandes lírios brancos.

Embora saiba que não há perigo algum – foi uma janela que o vento abriu e derrubou uma jarra –, a sua pulsação ainda está acelerada, a adrenalina a percorrer-lhe o corpo. Elin sente as mãos fecharem-se com força, as unhas cravarem-se nas palmas.

Um funcionário aparece e fecha a janela, pede às pessoas que se afastem dos estilhaços. Elin abre as mãos e olha para elas.

Consegue ver a marca das unhas na pele.

Meias-luas. Crescentes perfeitos.

9

Lá fora, a tempestade aumenta de intensidade. A neve soprada pelo vento embate furiosamente no vidro. Laure não se deixa distrair por isso. É profissional, eficiente: condu-los através do hotel, do restaurante ao salão, da biblioteca ao bar.

Mais vidro. As mesmas paredes brancas severas, o mesmo *design* austero.

– E por último… – Laure dirige-se ao fundo do corredor e abre uma porta. – O *spa.*

O espaço da receção é amplo, a parede por trás do balcão revestida de lajes enormes de mármore cinzento com veios escuros. No teto, por cima da rececionista, há outra instalação abstrata – um emaranhado complexo de arames salpicados de luzes minúsculas.

Laure passa os dedos por uma das paredes laterais.

– Os acabamentos são todos em gesso Marmorino. É feito de pó de mármore e massa de cal. O efeito… é como camurça. É concebido para captar a luz e mudar com o avanço do dia. Parecido com o efeito que tentaram obter nas paredes do sanatório: tinham um acabamento mate, com o objetivo de reduzir o brilho para os pacientes, mas eram na mesma claras.

Apesar do espaço amplo e dos tetos altos está um calor insuportável, o ar pesado com o cheiro a menta e eucalipto. Os olhos de Elin fitam o canto da sala. Outra caixa de vidro suspensa do teto. Dentro desta, um capacete com uma haste na parte da frente, que parece feito de ferro. Aproxima-se e lê o texto da legenda:

> CAPACETE CLIAS. *Um capacete de bombeiro adaptado, usado para fortalecer os músculos do pescoço*.

Isaac segue o olhar dela.

– É parte da «narrativa». – Faz aspas no ar com os dedos. – Todos os espaços comuns têm essas coisas. Artefactos do antigo sanatório.

Ela acena com a cabeça, desconcertada.

Laure murmura qualquer coisa à rececionista e depois vira-se de novo para eles.

– A Margot, que é a nossa rececionista do *spa*, pode mostrar-vos tudo em pormenor mais tarde, mas agora quero só que vejam a piscina. A nossa joia da coroa.

O seu tom de voz é alto, aristocrata. Como diretora-adjunta do hotel, é evidente que está habituada a mandar. Elin imagina-a com os hóspedes, os funcionários. A responder a perguntas. A dar instruções. Ao vê-la, apodera-se de Elin um sentimento de inadequação – como podem ter ambas a mesma idade? Laure parece mais velha; uma adulta, uma líder. Por outro lado, pensa, talvez sempre o tenha sido.

Lembra-se de quando se conheceram. Laure tinha oito anos e era pequena e magrinha, com duas tranças grossas como cordas caídas sobre as costas. Sabia instintivamente qual era o seu lugar no mundo: comandante, planeadora, a que inventava brincadeiras, distribuía papéis: «Tu és a sereia. Eu sou o pirata.» As outras crianças aquiesciam, desesperadas por participar.

Elin sabia porquê; Laure emitia uma vibração que ela própria nunca conseguira dominar. *Uma indiferença confiante*. Era segura de si. Havia nela algo de concreto, uma solidez que a ancorava ao mundo e que Elin invejava. Elin era o oposto; preocupava-se de mais, ralava-se com a mais pequena coisa. Seria demasiado calada? Demasiado barulhenta? Pouco interessante?

No entanto, as diferenças nunca se interpuseram entre elas. A sua amizade era forte, ferozmente protegida por ambas, em particular por Elin, porque Laure era a sua primeira amiga a sério. A primeira rapariga que a «percebia», que não tentava mudá-la, que não se ria dela por não ser como as outras.

E vê como lhe pagaste, diz uma voz na sua cabeça. *Ela aceitou-te, foi tua amiga, e olha o que tu fizeste*.

Laure abre uma grande porta à direita. Elin segue-a e pestaneja, encandeada pela luz que enche o espaço. A piscina está rodeada por todos os lados por janelas do chão até ao teto, de tal forma que a primeira coisa que Elin vê não é a água, mas sim a neve a rodopiar lá fora, a extensão vasta de céu cor de chumbo.

Do outro lado do vidro, vê um terraço de madeira e várias piscinas exteriores. A primeira, mais perto dos vidros, está a fumegar, nuvens de vapor que ondulam indolentemente no ar.

Will assobia entre dentes.

– Não estava à espera disto.

– Ampliaram este lado do edifício para maximizar a vista. – A voz de Laure ecoa. – Estes vidros todos, é deliberado. Quando o tempo está bom, temos uma panorâmica de trezentos e sessenta graus das montanhas, luz natural…

– Estava a explicar à Elin como se concentraram na luz no *design* original – comenta Will, ainda a olhar para o exterior. – Achavam que ajudava com a recuperação, não era?

– Sim. – Laure vira-se. – O tratamento padrão para a tuberculose, nessa época, era essencialmente ambiental. Ar puro, luz do sol. Acreditava-se que os raios ultravioleta eram curativos; por isso, mesmo de inverno, punham os pacientes nas varandas e terraços, para apanharem sol.

Elin está a debater-se para absorver tudo. A neve. A água tremeluzente. É estonteante. Ainda se sente horrivelmente exposta, como se nada a separasse da tempestade que grassa lá fora. Leva os dedos às têmporas e vira as costas aos vidros, ao turbilhão de neve.

– El? Sentes-te bem? – pergunta Will.

– Sim… Estou só um bocadinho tonta.

– Se calhar é por causa da altitude – sugere Laure. – Estamos bastante elevados, para um hotel. Acima dos dois mil e duzentos metros.

– Não me parece que seja isso – diz Isaac lentamente. – Já eras assim em pequena. Sempre que íamos a algum lugar novo, sentias-te desconfortável.

– Isaac, cala-te. – O seu tom de voz é mais cortante do que tencionara. – O que é que isso interessa para o caso? Já não sou uma criança, pois não?

Ele levanta as mãos num gesto de rendição.

– Tem calma, estava só a… – Abana a cabeça.

Elin olha para ele e a raiva cresce-lhe no peito. Esta preocupação fraternal… é uma representação; ela apercebera-se do sorriso fugaz e superior. Quando eram

pequenos, ele estava sempre a fazer-lhe isto: a dar a volta à conversa para a expor, para a comprometer. Lembra-se de estar a falar com a mãe, durante o jantar, sobre uma nova amiga, e de Isaac ripostar imediatamente em tom depreciativo: «Não é aquela miúda nova? A que anda sempre sozinha, muito esquisita?»

Will pega-lhe na mão, aperta-a.

– Vamos?

– Sim. – Grata, Elin olha para a piscina propriamente dita. É grande, para um hotel, o fundo e as paredes laterais cobertos dos mesmos azulejos de mármore cinzentos, a formar um padrão. Pequenos veios incandescentes iluminam-nos como chamas. Na água, vê refletidas miragens trémulas das árvores cobertas de neve lá fora.

Está apenas uma mulher de fato de banho preto na piscina, com o corpo musculado iluminado pelos holofotes debaixo de água. Os seus membros cortam ritmadamente a água com movimentos atléticos.

Isaac franze a testa.

– Não é a Cécile?

Laure segue o olhar dele e fica tensa.

– Cécile? – pergunta Elin, intrigada.

– Cécile Caron. A diretora-geral do hotel – diz Laure. O seu tom de voz é seco. – É irmã do proprietário. Nada todos os dias; já foi atleta de competição.

– É boa nadadora – observa Elin, fascinada pela capacidade da outra mulher.

– Ainda gostas de nadar? – pergunta Laure, mudando de assunto.

Elin cora e sente o calor subir-lhe pelas costas.

Aquela vaga familiar de sentimento consome-a: embaraço, medo, frustração.

Quando se vira, compreende o porquê: Isaac nunca partilhou com Laure como as coisas mudaram depois da morte de Sam.

Não lhe contou nada.

10

É um alívio sair da zona da piscina. Elin solta o ar com força e encosta-se à parede. Tem a respiração ofegante, esforçada.

O que se passa com ela? Isto devia ser uma pausa, uma oportunidade de relaxar. É a desvantagem de não estar a trabalhar: a sua mente está, ao mesmo tempo, hiperativa e com falta de uso.

Mas isso é uma opção tua, pensa, e vem-lhe à mente o breve *e-mail* que recebeu da sua superior, Anna, há uma semana: FALEI COM A JO. PRECISO DA TUA DECISÃO ATÉ AO FIM DO MÊS. BJS.

Duas semanas. Duas semanas para decidir se quer pôr fim à licença, regressar ao trabalho.

Elin ainda não lhe respondeu. Não sabe qual será a resposta. Lembra-se da última vez que falou com Anna, da frustração e desapontamento no tom de voz da inspetora. «És uma detetive demasiado boa para deixares que isto te domine, Elin.»

Detetive.

Até a palavra lhe custa. Significa demasiado. Não só esperanças e sonhos, mas sangue e suor e trabalho – tempo de uniforme, exames, entrevistas.

E agora está tudo em dúvida.

Afasta o pensamento e segue Laure pelo corredor. Um pouco mais à frente, estão dois homens a conversar.

Laure abranda. Elin vê-a trocar um olhar com Isaac.

– Quem são? – pergunta.

– Um dos funcionários e o proprietário do hotel, Lucas Caron. – Laure afasta um cabelo inexistente do rosto. Tem a mão a tremer.

Está nervosa. Porquê?

– Ele não devia estar fora? – murmura Isaac.

Laura acena afirmativamente.

– Com a Cécile. Só deviam ter regressado daqui a uma semana.

Will ainda está a olhar para um dos homens, o louro, de barba.

– Então, este é que é o grande homem: Lucas Caron…

O seu olhar demora-se sobre o outro. Elin olha também e percebe o que lhe captou o interesse.

Lucas Caron é um homem que dá nas vistas. É evidente que se trata de alguém poderoso, importante. *Um manda-chuva*. É alto, de ar atlético, mas não é a sua estatura que emite essa vibração de poder: é a postura, de pernas afastadas, os gestos largos e expansivos. Só as pessoas que têm dinheiro e influência possuem essa convicção inata de que têm o direito de ocupar tanto espaço. As botas de caminhada, as roupas casuais e técnicas – camisola polar cinzenta, calças de escalada – só intensificam essa impressão, como um cartão de visita: *Sou importante, por isso não preciso de o mostrar*.

– Já ouviste falar dele? – pergunta Isaac.

– Há conversas no mundo da arquitetura… a rutura do seu estilo, da sua abordagem. – Will hesita. – Se não der muito trabalho, gostaria imenso de lhe ser apresentado enquanto aqui estivermos.

– Calculo que a Laure consiga tratar disso, mas se fosse a ti teria cuidado – diz Isaac em tom ligeiro. – Ele não tem tido muita sorte com os arquitetos.

– Isaac… – Laure lança-lhe um olhar de aviso.

– O Daniel Lemaitre? – pergunta Will muito depressa.

Isaac ergue uma sobrancelha.

– Sabes o que se passou?

Will sorri.

– O mundo da arquitetura é pequeno. Ainda não há notícias?

– Nada – responde Laure.

– O que aconteceu? – pergunta Elin, sem tirar os olhos de Lucas Caron.

– O Daniel era o arquiteto principal do hotel. Desapareceu na fase final do planeamento. Uma noite, nunca chegou a casa. Saiu daqui à tarde e ninguém o voltou a ver. O carro estava aqui, no parque de estacionamento, mas não encontraram sinais dele. Evaporou-se. – Isaac estala os dedos. – Nem pegadas, nada. Nunca encontraram a pasta dele, o telemóvel…

– O caso foi muito falado na altura – acrescenta Laure. – A Cécile e o Lucas

conheciam o Daniel muito bem. Eram todos amigos de infância. O Lucas ficou de rastos. O projeto descarrilou durante algum tempo, por causa disso… O hotel devia ter aberto em 2017, mas foi preciso adiar um ano.

– E ninguém sabe o que aconteceu ao Daniel? – pergunta Will.

– Havia teorias. Houve quem dissesse que ele estava com problemas no negócio. – Isaac encolhe os ombros. – Qualquer coisa relacionada com uma expansão demasiado rápida, questões de dinheiro…

– Pensam que ele fugiu?

– Ou isso, ou então…

– Isaac, chega. Basta. Ele ainda te ouve. – Laure muda o rumo da conversa. – Penso que é tudo quanto à visita guiada.

– Obrigada. Eu… – Elin interrompe-se quando os seus olhos pousam na porta ao lado de Laure. É totalmente diferente das outras portas do hotel: ornamentada, com uma decoração intrincada, relevos de abetos, picos montanhosos a contornar o perímetro.

– O que é isto?

Laure puxa o lenço que tem ao pescoço.

– Era um consultório. Está fechado, não é para utilização dos hóspedes.

– Está vazio?

– Não exatamente. – Mais uma vez, leva a mão ao lenço; puxa-o, ajeita-o. – É uma espécie de arquivo. Artefactos que foram guardados, do tempo em que isto era um sanatório. O plano original era organizar uma exposição permanente, para que os hóspedes pudessem saber mais sobre a história do hotel.

– Não a concluíram ainda?

– Foi adiada. – Laure hesita. Elin sente-a debater-se com qualquer coisa. Por fim, diz: – Se estiverem interessados, podem dar uma vista de olhos.

Isaac franze a testa.

– Laure, agora não. Eles devem querer ir desfazer as malas.

– Claro – concorda Laure. – Fica para outra altura.

– Não, gostava muito de ver. Adoro tudo o que seja histórico. – É verdade, mas consegue ouvir também uma inflexão desafiadora na sua voz. É isto que

Isaac traz ao de cima nela. Torna-a melindrosa, combativa.

Will fica tenso.

– Elin, acabámos de chegar. Quero ir ver o nosso quarto, instalar-me.

– Bom, vai andando com o Isaac. Nós não demoramos.

– Está bem – responde ele secamente. – Vemo-nos lá em cima.

Elin vê-os afastar-se com alguma inquietação. *Será mesmo boa ideia? Meter o nariz em coisas privadas?*

– Ouve, a sério que não precisas de…

– Não há problema. – Laure sorri. – Mas aviso-te já que está uma confusão. Tudo o que recolheram antes da remodelação foi despejado aqui. – Enfia uma chave na fechadura e abre a porta.

– Bem podes dizê-lo – murmura Elin.

A sala está atafulhada de equipamento médico: aspiradores, frascos, uma cadeira de rodas antiquada, estranhas engenhocas de vidro. Tudo coberto por uma fina camada de pó.

Não há qualquer indício de ordem. Algumas coisas estão encaixotadas, outras em montes no meio do chão. Pelo meio, detritos de material de escritório – caixas de cartão, armários de arquivo.

– Eu avisei-te. – Laure ergue uma sobrancelha.

– Não é assim tão mau. Já vi pior.

Como a minha casa. A desordem apoderara-se da sua vida – armários atafulhados, pilhas de livros. Roupas ainda penduradas num frágil varão metálico que de vez em quando cai por causa do excesso de peso. Não consegue reunir a energia nem a vontade necessárias para fazer alguma coisa.

– É interessante, não é? – Laure olha para ela. – Isto tudo. O que este lugar foi em tempos. – Algo se altera na sua atitude; a compostura resvala por um instante, revelando uma energia e entusiasmo familiares, um vislumbre da velha Laure.

De súbito, Elin ganha consciência não apenas da desarrumação, mas da sala propriamente dita. O ar parece denso, sufocante. Carregado de poeira. Imagina as partículas minúsculas de sujidade suspensas no ar. Força-se a olhar para a

prateleira à sua direita e pega numa pasta de cartolina. Um monte de papéis escorrega para o chão.

– Eu apanho-os. – Laure dá um passo na direção dela, mas escorrega. Elin salta e segura-lhe no braço para a apoiar.

– Ufa, foi por um triz. – Laure endireita-se.

– Estás bem?

– Sim, graças à tua reação rápida.

– É a prática. – Elin sorri. – O ano passado, a minha mãe fartava-se de cair. Costumava dizer, a brincar, que precisava de um colchão em vez de uma carpete. – Sente um nó na garganta, a voz falha-lhe e vira-se, horrorizada com as lágrimas que lhe enchem os olhos. A sua dor será para sempre assim? Tão crua, tão embaraçosa?

Laure observa-a.

– Tomaste conta dela?

– Sim. Mais ou menos a tempo inteiro nos últimos meses. Fiz uma pausa do trabalho, de qualquer maneira, por isso… – Consegue ouvir-se a dar explicações, a minimizar a situação, e corrige-se: – Eu quis ficar com ela. Tínhamos ajuda externa, também, mas a minha mãe gostava de me ter ali.

– Não sabia – diz Laure baixinho.

Elin encolhe os ombros.

– Estou feliz por o ter feito.

É verdade. Não consegue explicar melhor. Até acontecer, não sabia sequer que possuía essas capacidades – a paciência, o altruísmo –, mas surgiram-lhe naturalmente.

Um reflexo. Cuidar da mãe. Retribuir. Achara a natureza fixa das tarefas muito compensadora, de certa forma. Muito diferente da imprevisibilidade do trabalho policial, daquela sensação incomodativa de ter sempre qualquer coisa por acabar.

– Acho espantoso, fazer isso por alguém. – Laure hesita, com a voz a tremer um pouco. – Lamento muito, a sério. A tua mãe… era uma pessoa maravilhosa.

Elin pestaneja, surpreendida. Aí está, mais um vislumbre da velha Laure:

emoção fácil, tanto dada como recebida. Sem pedir nada em troca.

Abre a boca para responder, mas as palavras ficam-lhe presas na garganta. Os olhos de ambas encontram-se, e Elin afasta os seus.

Baixa-se e apanha os papéis caídos. Apercebe-se então de que, além dos papéis, há fotografias. A imagem em cima é macabra: uma fila de mulheres sentadas lá fora, no terraço. Magras, de ar doentio, com os olhos virados para a câmara. A fitarem-na diretamente.

Pacientes, pensa Elin, e estremece perante esta intrusão tangível do passado do hotel no seu presente, subitamente consciente do pouco que a separa do que aconteceu antes.

De repente sente a garganta apertada. Uma respiração não se segue à anterior como devia, mas esquiva-se, impossível de alcançar. O seu peito sobe e desce, como se os pulmões estivessem cheios de líquido.

Não entres em pânico. Não deixes que se apodere de ti. Aqui não. Não em frente de Laure.

Laure fita-a atentamente.

– Passa-se alguma coisa?

Elin procura no bolso e fecha a mão sobre a bomba.

– Está tudo bem. – Inala profundamente, inspirando o gás até aos pulmões. – Asma. Tenho estado pior, neste último ano. Acho que a altitude não ajuda. Nem a poeira aqui dentro.

Laure ainda está a olhar para ela.

É mentira. Não tem nada a ver com a asma. Já esteve em altitudes elevadas antes e não se lembra desta sensação.

É este lugar. O edifício.

O seu corpo está a reagir a algo aqui, algo que vive, que respira, algo entretecido no ADN do edifício, uma parte tão integrante dele como o chão e as paredes.

11

– Eles não vêm, pois não? – Will remexe os restos da *mousse* de limão com a colher e olha para ela.

Elin finge que não ouviu e enfia uma garfada de tarte de chocolate na boca. A massa esfarela-se, o chocolate é amargo, mas a textura é dececionante – espessa e enjoativa. Empurra o prato para o lado.

– Elin? – Will tenta captar-lhe o olhar.

Ela olha para a mesa. Entre eles têm duas velas baixas, a escorrer cera para pratos de loiça, com as chamas tremeluzentes a realçar o grão da madeira. Em cima da mesa estão os restos da refeição – copos de vinho meio vazios, um jarro de água gelada, húmido por causa da condensação, o obrigatório cesto de pão de que Will se recusa sempre a prescindir.

– El? Estás a ouvir?

– Combinámos mais ou menos às sete.

– Bem… – Will olha para o relógio – … e já passa as nove. Não me parece que…

Elin olha para o telemóvel. Não tem chamadas perdidas, nem mensagens.

Laure e Isaac pura e simplesmente não apareceram. No meio da irritação, ralha consigo própria: *Ele não mudou. Nunca mudará. O que me fez pensar o contrário?*

Com lágrimas de frustração e embaraço a arderem-lhe nos olhos, Elin vira a cabeça, fingindo admirar o restaurante. Está cheio, com quase todas as mesas ocupadas, o ar a vibrar com o zumbido de conversas. É menos desolador à noite, com o branco luminoso das paredes suavizado pela lareira, pela luz das velas, mas mesmo assim, *aquele vidro todo*. Elin odeia-o. Detesta como faz com que se sinta vulnerável. Mesmo à noite, as janelas dominam o espaço. Percorrem todo o comprimento da sala, como a boca de um palco, a escuridão lá fora a fundir-se com os reflexos sinistros e tremeluzentes das pessoas cá dentro.

Will entrelaça os dedos nos dela.

– Estás aborrecida, não estás? Esperavas algo… – hesita – … diferente.

Elin pega no jarro de água e deita um pouco no copo.

– Sim, mas não devia. É isto que ele faz. É uma jogada de poder. Retira algum prazer perverso de saber que eu vou ficar irritada. É isso que ele quer. Uma reação.

– Também reparei noutra reação – comenta Will em tom ligeiro. – A Laure. Nunca me contaste que a conhecias.

– Não pensei que fosse importante. – Elin olha para a vela, para o tremeluzir líquido da chama. – Foi há muito tempo. Éramos crianças. – Will espera que ela continue. – As nossas mães eram amigas do tempo de escola. A mãe dela casou com um suíço que conheceu quando dava aulas de inglês no Japão. Mudaram-se para aqui quando a Laure nasceu. – Elin encolhe os ombros. – Não nos visitavam muito. Vi-a, nem sei… umas três ou quatro vezes.

Está a minimizar a verdade. Desde o instante em que Laure e a mãe, Coralie, chegavam em agosto, carregadas de malas, Elin e Laure tornavam-se inseparáveis. Passavam horas a nadar, a andar de caiaque, a fazer piqueniques no bosque atrás da praia – baguetes com queijo macio, fatias grossas de bolo de gengibre. Quando Laure regressava a casa, para Elin isso significava o fim do verão. Passava horas a escrever à amiga, falavam ao telefone todos os sábados.

Mas Elin sabe por que motivo está a diluir as memórias de Laure; é porque estas trazem ao de cima memórias de si própria antes de Sam, e não consegue deixar de ver as diferenças entre quem foi e a pessoa que se tornou.

E há também mais qualquer coisa, algo que tentou ignorar desde que chegou: um sentimento de *culpa*. Culpa pela maneira como deixara as coisas com Laure, pela rapidez com que a amizade delas mirrara e morrera.

– Nunca a visitaste aqui?

Ela abana a cabeça.

– A minha mãe queria, mas não tínhamos muito dinheiro.

– E não mantiveram o contacto?

– Não – diz ela, bruscamente. – Depois de o Sam morrer, parou tudo.

Elin lembra-se das cartas que Laure lhe mandou. Depois, mais tarde, mensagens de texto. Mas Elin respondia sem vontade – uma vez, duas, e cada

vez mais espaçadamente, até as comunicações acabarem por cessar. Era mais fácil, de alguma forma, não manter o contacto. Não só por causa das memórias, mas porque parte dela sentia inveja. A vida de Laure não mudara. Ela podia seguir em frente.

– Sabes como é que ela e o Isaac se reencontraram?

– Nas redes sociais, acho eu. Ele veio para cá trabalhar… A universidade em Lausana não é longe de Sierre, onde a Laure vive. Ela ajudou-o a instalar-se. Parte de mim pensa que foi deliberado, porque ele sabia que isso me irritaria.

– Então, ignora-o. Diverte-te. Não lhe dês o que ele quer. Relaxa. – Will recosta-se na cadeira. – Isto… as férias… só resultarão se não te deixares afetar por essas coisas.

Elin perscruta a sala.

– Estou a tentar, mas este sítio… Há aqui qualquer coisa estranha, não achas? Sinistra.

– Sinistra? – Will sorri. – Só não gostas porque está fora da tua zona de conforto.

Está a brincar, mas não completamente. Nunca o disse abertamente antes, mas Elin sabe que a inflexibilidade dela o incomoda. Não a compreende, não consegue aceitá-la, por isso, transforma-a numa piada.

Elin força um sorriso.

– Zona de conforto? Vá lá, eu sou a Rainha da Espontaneidade, capaz de arrancar de casa de um minuto para o outro…

– *Eras* assim – diz Will, sério, e fita-a nos olhos. – Quando nos conhecemos.

Ela aperta o copo.

– Sabes bem o que aconteceu. – Tem a voz a tremer. – Sabes aquilo por que passei neste último ano.

– Eu sei, mas não podes permitir que isso te destrua. O caso Hayler, a tua mãe, o Sam, o que quer que seja esta coisa com o Isaac… deixaste que tudo isso crescesse até ao ponto de estar a engolir o resto da tua vida. O teu mundo… está a ficar cada vez mais pequeno. – Sorri, mas Elin vê que é um sorriso forçado. – Ainda estou à espera daquelas férias a acampar que me prometeste. Comprei

uma tenda e tudo…

– Para. – Elin empurra a cadeira para trás, horrorizada ao sentir o peito apertado. Vai começar a chorar outra vez. Aqui, no meio do restaurante, na presença de Will. Aquilo que ele está a dizer parece-lhe um aviso. Está a adverti-la de que ele, tal como o seu emprego, não ficará à espera para sempre.

Levanta-se. Não consegue enfrentar isto, a perspetiva de perder outra pessoa.

– Elin, vá lá, estava só a meter-me contigo…

– Não. – O calor sobe-lhe pelas costas, pelo pescoço. – Não consigo fazer isto, Will. Agora não. Aqui não.

12

Está de volta. Adele ouve o ritmo de passos arrastados, o som pesado da respiração.

Continua sentada, encostada à parede, e não se mexe. Não mudou de posição desde que aqui chegou.

Ouve. Aprende. Não desperdices energia.

Uma pressão súbita no braço. Um empurrão para o lado. Adele cai desamparada no chão e o choque lança-lhe vagas de dor pelo ombro e pelo pescoço.

Solta um grito e enrosca-se de lado, com as pernas debaixo do corpo.

Tem os olhos fechados com força.

Olhos fechados. Aconteça o que acontecer, olhos sempre fechados.

É o mantra que repete mentalmente. Não faz ideia de quem é esta pessoa, ou do que quer dela, mas sabe que a coisa monstruosa no seu rosto pretende assustá-la. Sabe que se estiver assustada se torna mais fraca, e não terá hipóteses de regressar para junto de Gabriel.

O pai explicou-lhe uma vez o que o medo fazia ao cérebro, uma reação primitiva que não conseguimos controlar. Como é que se chamava? Essa parte específica do cérebro? *Pensa.*… Mas tudo o que se lembra é que, quando essa pequena parte do cérebro sente uma ameaça, se sobrepõe ao pensamento consciente, de modo que o corpo possa direcionar toda a sua energia para enfrentar a ameaça. O grande problema é que o resto do cérebro praticamente se desliga: o córtex cerebral, o centro de raciocínio e discernimento do cérebro, fica comprometido, de tal forma que tentar pensar na melhor forma de agir durante uma crise é impossível.

Outro som.

Um silvo, pensa ela. Sons indistintos.

Adele engole em seco. O que estará o seu raptor a fazer?

Pensa, repete para si própria. *Pensa. Ainda há tempo. Desde que não olhes, consegues salvar-te desta situação.*…

Só quando sente as mãos em cima dela é que Adele percebe que fechar os olhos foi um erro; que, sem que tivesse conhecimento consciente disso, o seu raciocínio já está comprometido. Quando fechou os olhos, fez o trabalho do atacante: eliminou todas as possibilidades, por mais reduzidas que fossem, de escapar.

Sim. O medo fez os seus estragos.

Adele não o sente, ao princípio. O frio e o cansaço entorpeceram-lhe a pele.

Tudo o que sente é uma pressão. A pressão de um dedo na sua coxa direita.

Só quando a ponta aguçada e metálica de uma agulha desliza através do tecido subcutâneo, até ao músculo, é que percebe o que se passa.

Uma dor surda, pesada.

Adele tenta debater-se, gritar. Abre os olhos, mas não vê nada. A escuridão está já a abater-se sobre ela. Uma escuridão impenetrável que abafa tudo o resto.

13

– Por favor. – Will corre para a apanhar e segura-lhe na mão. – Volta.

– Não consigo. – Elin baloiça-se sobre os calcanhares e sente mais uma vez que está à beira do pânico.

– Elin. – Ele aperta-lhe mais a mão. – Se continuas a virar-me as costas de cada vez que conversamos, não vale a pena continuarmos juntos, pois não? Se não conseguimos partilhar o que nos acontece, não há nada que nos una. Nenhum elo de ligação real.

Olha para ele. Will está corado, zangado, mas o seu olhar, por trás dos óculos, é carinhoso. Sente uma pontada de culpa: ele preocupa-se, é só isso. Quer falar, o que é normal, não é? Num casal? *Normal* é o que ela tem de ser – de tentar ser – por Will.

Acena afirmativamente e regressa com ele para a mesa.

Depois de estarem sentados, Will toca-lhe ao de leve no braço.

– Queres falar sobre o assunto?

– Sim. – Elin hesita. Não quer atiçar de novo o conflito, mas as palavras saem-lhe antes que as consiga conter. – Will, o que estavas a dizer… estás enganado. Eu *estou* a tentar. Olha para nós…

– Estavas, mas paraste, nos últimos meses. O passado é como um obstáculo. Não gostas de sair de casa senão para correr, e já não gostas de socializar. – Faz uma pausa. – Ouvi-te na outra noite, sabes, na cama. Chamaste o Sam. Pensei que estavas a lidar com isso, Elin. Com a dor. Que estavas melhor.

Ela absorve as palavras. *Melhor?* Como pode estar melhor? A dor que sente por Sam está trancada dentro dela, em cada célula. Elin não sabe como a resolver. Como retirar alguém da sua vida, quando essa pessoa é o fio que une todas as partes de si própria.

Sabe que é difícil para Will – ele quer vê-la progredir, quer ver algum sinal de que ela conseguirá ultrapassar isto, mesmo que não seja já, mas em breve. Às vezes, Elin pensa que ele a considerou uma espécie de projeto quando se conheceram, como um dos seus velhos edifícios a precisar de uma remodelação.

Algumas alterações de *design*, mais um esforço, o conserto final, e ela ficará nova e reluzente. Mas a verdade é que isso ainda não aconteceu – ela está a ultrapassar o prazo previsto, o prazo dele, o que não agrada a Will.

– Assusta-me, Elin… pensar até onde isto pode chegar. – Will olha para ela. – O teu emprego… sabes que não estará à tua espera para sempre, não sabes?

Eu sei, é o que ela quer responder, *mas não sei se consigo continuar a ser detetive*.

Está sempre a dizer a si própria que descobrir a verdade sobre o que aconteceu no dia de morte de Sam será a solução para resolver tudo o resto, que depois conseguirá seguir em frente, mas… e se isso não acontecer? E se esta for a sua nova normalidade?

Tenta conter um soluço.

Will pousa a mão na dela e aperta-a.

– Ouve, eu não devia ter dito nada. Estamos os dois cansados. – Pega no copo. – Tens estado a tratar das coisas da tua mãe, passámos o dia em viagem, e agora isto.

Tem uma certa razão. Nas últimas duas noites, ela estivera até tarde a organizar os pertences da mãe. Cada objeto – livros, roupas, as fotografias desbotadas ainda nas molduras – trouxe ao de cima uma maré de memórias que a deixaram com uma estranha sensação de isolamento, à deriva. Já passaram mais de seis meses desde que a mãe morreu, mas a dor ainda é intensa.

Will bebe o resto do vinho e baixa a voz.

– É isso que me aborrece mais, sabes. O facto de o Isaac ter deixado tudo para ti: cuidar da vossa mãe, as burocracias, as coisas pessoais; e agora vieste até aqui, por ele, e ele põe-se a fazer joguinhos.

– Eu sei – responde Elin em tom seco. – Mas pensei que desta vez fosse diferente. – Will ergue uma sobrancelha. – Quer dizer, ele devia *querer* estar aqui, Will. Não devia ser assim tão difícil… e foi ele que o sugeriu, não foi? Ele é que propôs jantarmos juntos.

– Para com isso. – Will corta-lhe a palavra. – Estamos a cair na rasteira dele. O que estamos a fazer… a ficar enervados, a questionar, a analisar

obsessivamente… disseste que é isso que ele quer. Vamos só apreciar a nossa noite. – Pega na ementa das bebidas e estuda-a. – Um *cocktail*?

Elin hesita, tenta recompor-se.

– Tens razão. Vamos aproveitar ao máximo a nossa estada.

Will chama o empregado de mesa.

– Um destes. – Aponta para a ementa. – E este.

Quando os *cocktails* chegam, ele ri-se.

– Minimalistas, como tudo o resto.

Tem razão. As bebidas são discretas, contidas. Nada de azuis ou rosas vistosos, nada de decorações pirosas. O martíni de líchias de Elin é de um rosa-pálido e delicado, com uma líchia inteira na beira do copo. O dele quase não tem cor.

Elin bebe um gole. O sabor agridoce atinge-a de imediato. A *vodka* queima-lhe a garganta: um calor súbito. Não parece, mas é forte.

– Queres provar o meu? – Will empurra o copo para ela. Fita-a e sorri, mas é um sorriso esforçado. Agora está a fingir, mas mais algumas bebidas e será real.

Elin fecha a mão sobre o pé do copo e sente a tensão dissipar-se dos seus ombros. *Will tem razão.* Não se pode deixar afetar por Isaac. Além disso, pensa, não está aqui para construir pontes.

Está aqui para o fazer admitir aquilo que fez, de uma vez por todas.

14

Will abre a porta e entra no quarto a cambalear. Estica o braço e enfia desastradamente o cartão na ranhura na parede. Sem sucesso: o cartão de plástico dobra-se e desliza ao lado do alvo.

– Dá cá. – A rir, Elin tira-lhe o cartão da mão e enfia-o com cuidado na ranhura estreita. O quarto ilumina-se e os focos sobre a cabeça dela banham a divisão numa luz forte.

Ela reage de imediato, percorrida por um arrepio sinistro. Tudo neste quarto a incomoda, deixa-lhe os nervos em franja. Não que o quarto esteja vazio – há uma cama, um sofá, uma mesa e cadeiras –, mas não tem nenhum dos elementos decorativos habituais a que o olhar se prende: almofadas, cortinas, jarras. A cama está embutida na parede e projeta-se numa linha ininterrupta. O roupeiro também, com uma estranha abertura por trás. O sofá comprido e baixo está encostado à parede e a cobertura de linho branco é quase exatamente da mesma cor daquela.

Talvez este desconforto diga algo sobre ela. Lembra-se da sua última avaliação no trabalho: «A Elin tem dificuldade em se adaptar à mudança. Isto pode prejudicar as suas perspetivas de carreira…»

– O que se passa? – Will descalça-se e lança-lhe um sorriso descontraído. Tem as pálpebras pesadas. Está embriagado. Há muito tempo que Elin não o via neste estado.

Ele segura o telemóvel e ouvem o som de uma notificação. Elin percebe de imediato o que é – o grupo de WhatsApp de partilha intensiva de piadas. Alguns dos membros são amigos, outros, meros conhecidos ou amigos de amigos. O grupo de Will comunica de uma forma completamente diferente daquela que Elin usa com as amigas –não lhes é permitida qualquer interação para além da partilha da piada propriamente dita e uma breve reação. Nada de cumprimentos ou conversa de circunstância, apenas um bombardeamento de piadas.

Ele está a olhar para o ecrã com um sorriso.

– Olha. – E ergue o telemóvel.

Elin passa os olhos pelo ecrã. DEVE SER DIFÍCIL SER PROFESSOR DE NATAÇÃO… UMA PESSOA ENSINA, ENSINA, E O ALUNO NADA. Não consegue conter o riso. Embora nunca o admitisse, a maioria das piadas é bastante boa. Um humor básico, pueril – um humor que nem ela nem Will ultrapassaram com a idade adulta.

Olha para o seu telemóvel e suspira.

– O Isaac ainda não ligou. Nem deixou qualquer mensagem.

Atira o telemóvel para cima da cama e leva os dedos às têmporas. Começou a doer-lhe a cabeça, um latejar surdo na base do crânio. Pega num copo, enche-o de água e bebe. Não chega para eliminar o sabor dos *cocktails*: o ácido do álcool está a tornar-se azedo, um gosto metálico na garganta.

– Esquece. – Will sorri. – Não estragues a noite, agora que já conseguiste relaxar.

Elin fica tensa. Os efeitos do álcool começam a dissipar-se. Está outra vez irritada.

Will passa-lhe o braço pela cintura, puxa-a para si e segura-a pelas ancas.

– Podíamos ter uma primeira noite romântica…

Ela afasta-o.

– Talvez.

Mas não vai acontecer. Quanto mais tenta não pensar em Isaac, no jantar esquecido, mais a frustração cresce dentro dela. Está a transbordar: *A primeira noite, e ele deixou-nos sozinhos sem uma palavra. Nenhuma pessoa normal faria uma coisa dessas. Com certeza que não devia ser assim tão difícil. Um esforço igual de ambas as partes. Comunicação*.

Elin atravessa o quarto aos ziguezagues, abre a porta e sai para a varanda. Há redemoinhos de geada gelada sobre as tábuas de madeira.

Inspira uma golfada de ar puro e frio.

E outra.

Começa a ficar com a cabeça mais clara, o nevoeiro do álcool a desvanecer-se.

– Will, olha! – chama. – Até que enfim que se consegue ver a paisagem.

As nuvens estão a abrir, revelando faixas pálidas de céu. O semicírculo turvo da lua lança uma luz suave sobre os picos montanhosos à frente deles.

À primeira vista é magnífico, mas quanto mais olha, mais se apercebe de como as montanhas parecem sinistras: picos selvagens e aguçados. O mais alto é curvo, como uma garra.

Elin estremece. Pensa no que Isaac lhes contou sobre Daniel Lemaitre, o arquiteto desaparecido. *Nem corpo, nem provas.*

Não é difícil de imaginar, pensa, olhando para a frente, *este lugar a consumir alguém, a engolir uma pessoa inteira, de alguma forma*.

– É deslumbrante – diz Will da porta –, mas é melhor entrares. Essa camisola é fina. Já ouvi dizer que as pessoas, com o álcool, não sentem o frio. São encontradas no dia seguinte, meio despidas, mortas por hipotermia. – Olha para a cadeira de madeira ao lado dela, fascinado. – Essa cadeira reclinável… é igual às que usavam antigamente no sanatório…

– Palerma. – Elin sorri e depois cala-se e leva o dedo aos lábios. Ouviu alguma coisa: passos, o rangido suave da neve. O estalido de um isqueiro. Uma voz a falar num francês melódico.

Espreita sobre o corrimão e vê um vislumbre de cabelo preto, um lenço.

Sustém a respiração.

Laure.

Está a sair da receção, a caminhar sobre a neve em frente ao hotel. Veste um casaco acolchoado preto e brilhante, aberto. Ainda tem o lenço cinzento ao pescoço, mas agora solto, com as pontas caídas até à cintura. Para mesmo debaixo da varanda deles. Tem um cigarro na mão, o fumo a ondular no ar. Fala alto e depressa ao telefone, a gesticular, com a brasa incandescente do cigarro a dançar na noite como um pirilampo.

Elin fica imóvel, com medo de chamar a atenção para si própria com algum movimento.

Laure vira-se ligeiramente e a luz incide-lhe no rosto, realçando os ângulos pronunciados: o maxilar, o nariz, o sobrolho. Tem uma expressão feroz, de olhos semicerrados, um ligeiro esgar nos lábios.

Elin não compreende francês, mas o sentimento da voz de Laure é claro. Cortante. Zangado. Muito diferente da pessoa com quem estivera há poucas horas.

Observa-a, fascinada. E apercebe-se de que esta nova Laure é uma perfeita desconhecida para si.

15

Dia dois

É o cheiro que a atinge primeiro: pão acabado de fazer, café amargo, o aroma salgado de queijo.

Elin estuda a mesa: cestos de *croissants* brilhantes, baguetes, pãezinhos minúsculos salpicados com pedrinhas de sal. Um empregado de cabelo escuro, com uma grande pinça de madeira na mão, transfere *pains au chocolat* para um cesto vazio. Depois afasta-se e revela presunto, salame, salmão fumado, taças de loiça com iogurte cremoso.

O estômago de Elin ronca.

– Ora aí está o que eu chamo um pequeno-almoço. – Will esfrega as mãos.

Elin ri-se.

– Tens a certeza de que aguentas? – O apetite dele é lendário. Depois do *surf*, já houve quem o visse comer não uma, mas duas pizas familiares seguidas de uma quantidade industrial de gelado. E o pequeno-almoço é a sua refeição preferida, o grande reabastecimento.

Ele sorri e dá-lhe um leve encontrão.

– O que é que vais comer?

– Não tenho muita fome. – Elin pega no jarro de sumo de laranja e serve-se de um copo. A meio, falta-lhe a força no braço. – Merda. – Vê o sumo formar uma poça na toalha, como sol líquido, antes de ser absorvido.

– Fraquinha – murmura Will, tentando não se rir.

Elin sorri e tenta ignorar a dor de cabeça. É por causa destas coisas que não costuma beber. Esforçara-se demasiado, pensa. Tem noção de que a dada altura, ao fim de quatro *cocktails*, deixou de beber para se divertir e começou a beber para esquecer.

Ecos perigosos, pensa. A mãe fizera o mesmo depois da morte de Sam. Bebia para bloquear a realidade. Elin lembra-se de dias em que a mãe praticamente não saía de casa. Passava horas a olhar para a praia, com canecas de chá a arrefecer

entre os dedos.

O pai seguira a abordagem oposta, lançando-se numa espécie de atividade frenética e incessante. Limpou o quarto de Sam. Retirou todos os jornais da casa. Desligava resolutamente a televisão sempre que começava o noticiário. Elin sempre achou que a partida dele, poucos anos depois da morte de Sam, foi uma continuação natural disso mesmo. Começar outra vida no País de Gales, com uma nova mulher, uma nova família: a derradeira forma de seguir em frente. Apagar o passado para o encerrar.

Elin, contudo, não podia escapar-lhes – às palavras que o pai tanto se esforçava por evitar. Estavam por todo o lado – no quiosque da praia, nas notícias que passavam bem alto no restaurante: «Rapaz local morre afogado. A cidade ainda está de luto depois da morte trágica de Sam Warner, de oito anos de idade.»

Elin abana a cabeça para afastar esses pensamentos.

– Eles estão aqui? – Pega num prato e passa os olhos pela sala. Por mais que tente dar uma volta positiva à questão na sua cabeça, vai ser embaraçoso vê-los depois de terem faltado ao jantar e de ela ter avistado Laure, zangada e exposta, da varanda.

Will espreita por cima do ombro dela. As grossas rodelas de salsicha estão brilhantes de óleo, com pedacinhos de gordura branca no interior.

– Vou experimentar um pouco de pão. – Elin tira uma bolinha simples e coloca uma colher de compota escarlate no prato.

Escolhe uma mesa ao pé da janela e senta-se a beber pequenos goles de sumo de laranja. É espesso, fresco, a polpa fibrosa na sua língua.

Com a cabeça agora mais clara, olha para o exterior. A neve fresca acumula-se junto das janelas, impossivelmente branca contra o pano de fundo do céu azul. Pela primeira vez, o panorama parece mais convidativo do que sinistro. Talvez a sugestão de Will, de irem dar um passeio a pé, não seja má ideia.

Will aproxima-se dela com um prato cheio.

– Não olhes agora, mas o Isaac acabou de entrar. Está sozinho. – Senta-se e baixa a voz. – Ele vem para aqui.

Elin ergue os olhos quando o irmão se aproxima.

– Olá. – Cumprimenta-o em tom neutro, já a preparar palavras, frases inteligentes a formarem-se na sua cabeça, mas cala-se quando olha para a cara dele. *Passa-se alguma coisa*, pensa, observando o cabelo revolto de Isaac, a expressão angustiada no seu olhar.

– A Laure desapareceu – diz ele baixinho, e olha em volta para se certificar de que ninguém o consegue ouvir.

– O quê? – Elin sente o coração bater mais depressa.

– Desapareceu – repete Isaac. – Aconteceu-lhe alguma coisa.

16

Jérémie Bisset caminha com passo acelerado pelo trilho estreito atrás de Le Sommet, em direção às árvores. Assim que o trilho aberto penetra na densa floresta de pinheiros, o ar escurece imediatamente. No verão, o caminho é um trilho pedregoso, usado pelos caminhantes para aceder ao glaciar, mas agora está entupido de neve. Totalmente coberto.

Inclina a cabeça para trás. Durante a noite, o céu limpou. É agora de um azul pálido e leitoso, salpicado de farrapos de nuvens brancas. Não vai durar muito. A previsão para a próxima semana é desanimadora.

Poucos minutos depois, encontra o seu ritmo: um metrónomo regular de bastão e esqui. Uma vaga de euforia: adora isto, esta caminhada encosta acima. No inverno, fá-la todas as manhãs, antes do trabalho. Põe o alarme para bem cedo, antes do nascer do dia, e segue o trilho até Aminona.

É a única coisa que faz com alguma regularidade. Regra geral, detesta todo o tipo de rotina. Faz-lhe lembrar o hospital. Os últimos tempos com o pai. Cada dia um ciclo desolador, de uma regularidade frágil – as rondas às enfermarias, a medicação, apagar as luzes.

Jérémie esforça-se por afastar esse pensamento. Tem agora a respiração acelerada. Já sente os quadríceps e os jarretes a arder.

Não é uma subida fácil, mas é por isso que ele gosta. Parte de si pergunta-se se será psicológico – se a subida repetitiva será a sua maneira de pôr de lado a sensação de que está constantemente a falhar. A noite passada, mais uma vez, acordara de madrugada entre lençóis húmidos. Dor. Trabalho. A interminável batalha pela custódia do filho.

Vem-lhe à mente a imagem do rosto da ex-mulher, com o desdém claramente visível enquanto enfia Sebastien no carro.

Jérémie afasta também esse pensamento, mantém o ritmo.

Minutos depois, atravessou a floresta.

Uma luz súbita reflete-se na neve de forma ofuscante. As sombras da floresta deram lugar a uma reentrância aberta, acima da linha das árvores. Aqui não

cresce qualquer vegetação. A única coisa entre ele e o glaciar, mais acima, é uma muralha de calcário cinzento e rugoso, com as ondulações irregulares cobertas de neve.

Jérémie para e ouve a sua respiração, as expirações rápidas a formarem nuvens no ar frio. O suor escorre-lhe pelas costas por baixo da roupa térmica. Enquanto espera que a respiração acalme, olha para a frente. Consegue ver até ao fundo do vale. Os guindastes cortam a cidade ao meio, ângulos retos gigantescos sobre as formas quadradas da zona industrial. Uma geometria reta, criada por mão humana, muito diferente da natureza selvagem aqui em cima.

Uma rajada de vento puxa-lhe o casaco. Estremece e pensa na previsão meteorológica, na tempestade que se aproxima.

Com movimentos rápidos, tira as peles dos esquis, tiras finas que se colam à base para subir as encostas e que se retiram para descer a esquiar. A superfície especial permite-lhe deslizar para a frente na neve, mas não para trás. Habilmente, enrola-as e dobra-as de maneira que não se colem uma à outra. Arruma-as no saco. Corre o fecho e para.

Um barulho.

Passos?

Jérémie gira sobre si próprio e olha em volta. Nada. Nem sinais de vida.

De novo.

Desta vez, um som abafado.

Vira a cabeça e examina mais devagar a paisagem à sua volta. Não vê ninguém. Sustém a respiração, com os ouvidos a ecoarem no silêncio.

Outro som.

Talvez venha de cima…

Jérémie perscruta a encosta de rocha lisa acima dele. Está assustado, com o coração aos saltos. Quanto mais olha, mais a montanha se parece mover na sua direção. Com uma cobertura de neve tão alta como não se via ali há décadas, as cornijas e cumeeiras das montanhas já não lhe parecem familiares, mas sim sinistras, estranhas…

Jérémie afasta os olhos. Está cansado, pensa. Dormiu apenas quatro horas…

Isso afeta a cabeça.

Agacha-se, aperta melhor as botas, coloca os esquis em modo de descida. Dirige-se ao trilho que corre paralelamente à floresta. Deste lado do vale não há sistema de elevadores e a neve é espessa, intacta, uma extensão de branco puro e ininterrupto. Quando começa a virar-se, a adrenalina dispara. Os esquis levantam nuvens de neve no ar. Mais ou menos a meio da descida, abranda. Vê algo à sua frente: um brilho, um reflexo na neve que não devia lá estar.

Um pedaço de metal? É difícil perceber…

Quando o alcança, trava.

Uma pulseira.

Um arco liso de metal cor de bronze. Cobre.

É então que vê outra coisa, presa a um material qualquer. Algodão azul desbotado. Sustém a respiração quando os olhos veem o botão por baixo. O tecido… é roupa.

Jérémie descalça os esquis, com um arrepio. A cada passo, os pés enterram-se na neve funda quase até aos joelhos. Quando chega ao pé da pulseira, ajoelha-se. Fecha os dedos sobre a parte de cima e puxa. Não vai sair facilmente. Está presa, incrustada na neve e no gelo como se fosse cimento. Com as mãos, afasta o máximo de neve que consegue para tentar arranjar espaço e abanar a pulseira até esta se soltar.

Não se mexe.

Tem de ir mais fundo, soltar a neve comprimida dos lados também. Descalça a luva e usa os dedos para escavar e afastar a neve.

Não vale a pena.

Poucos segundos depois tem os dedos vermelhos, dormentes. Tira a mochila das costas e procura o canivete. Abre-o e começa a atacar a neve, cravando a lâmina na superfície dura, arrancando torrões densos e cristalinos.

Melhor.

Ao fim de alguns centímetros consegue ver melhor a pulseira, o tecido.

Segura de novo na parte de cima da pulseira e puxa com toda a força. Tomba para trás, com o material e a pulseira na mão, e mais qualquer coisa.

Jérémie olha, paralisado.

A bílis sobe-lhe à garganta. Larga a faca e a pulseira e vomita sobre a neve tudo o que tem no estômago.

17

– Isaac… – começa Elin, quebrando o estranho silêncio com as suas palavras. – Se isto é alguma piada doentia… – Ele fazia coisas destas quando era pequeno. Não havia nada que fosse proibido, para ele. Era capaz de tudo para obter uma reação.

– Não é. – Isaac fita-a nos olhos. – Quando acordei, ela não estava lá. – Está pálido, com olheiras escuras.

– Talvez tenha ido nadar, ou ao ginásio? – sugere Elin. – O hotel é enorme. Deve haver montes de sítios onde ela pode estar.

– Já procurei. Ninguém a viu. E desaparecer assim, sem dizer nada, não é coisa dela. – Puxa uma cadeira e senta-se. – E encontrei isto ao pé da nossa porta. – Tira uma coisa do bolso e coloca-a em cima da mesa, à frente dela.

Um fio de ouro.

Os elos delicados espalham-se sobre a mesa, num desenho líquido e sinuoso. Os olhos de Elin encontram o pequeno «L» de ouro no centro.

– Pode ter caído.

– Vê melhor – insiste Isaac. – O fio está partido. Aconteceu alguma coisa.

– O quê? – Uma frustração familiar: já se tinha esquecido disto. A necessidade constante de chamar a atenção, o saltar incessantemente de drama em drama.

– Não sei, mas ela com certeza teria sentido o fio a partir-se. Pararia para o apanhar, se pudesse. Foi a Coralie que lho deu. É especial. – Hesita. – Como o colar do Sam é especial para ti.

Elin levanta a mão e fecha-a sobre o fio, num gesto automático. A mãe mandou fazer o fio alguns anos depois de Sam morrer: o anzol de apanhar caranguejos que Sam acreditava dar-lhe sorte, incrustado em prata.

– Onde é que estás a querer chegar?

– É como se ela tivesse saído à pressa, não tivesse tido tempo de o apanhar, ou não pudesse…

– Talvez.

Um empregado aparece ao lado de Isaac.

– Café?

Isaac aceita com um aceno brusco.

– Simples, por favor.

– Talvez tenha ido dar um passeio? – sugere Will, sem parar de mastigar. – O tempo melhorou.

– Sim… Mas porque não deixaria um bilhete? Há algo errado. Tenho a certeza. Ela não desapareceria sem me dizer nada.

A ansiedade dele é contagiante. Elin sente o coração a bater mais depressa, embora tudo isto seja quase certamente uma reação excessiva da parte de Isaac. Porquê partir logo do princípio de que Laure desapareceu? Não passou assim tanto tempo. Há muitas explicações possíveis.

Depois recorda a cena a que assistiu na noite anterior – Laure a falar ao telefone, a expressão irada e violenta do seu rosto.

– Quando a viste pela última vez?

– Ontem à noite. Estivemos a ler na cama. Apagámos a luz por volta das onze.

– Não ouviste nada durante a noite? Nenhuma agitação?

Will fita-a com ar espantado. Nunca a viu assim, pensa Elin. *Em modo de trabalho*. Ela também está surpreendida. Há um ano que deixou a polícia, mas ainda ali está, o reflexo: fazer perguntas, recolher informação.

– Nada – responde Isaac.

O empregado regressa com uma cafeteira de café que coloca na mesa. O vapor ergue-se numa espiral irregular em direção ao teto.

– Ouve – diz Elin –, no trabalho estamos sempre a ver casos destes. As pessoas entram em pânico porque alguém desapareceu, preocupam-se porque não é uma atitude habitual, mas geralmente há uma explicação: uma emergência qualquer, um amigo que precisa de ajuda…

– Sem deixar um bilhete? Sem ligar? – questiona Isaac, em tom desdenhoso e cortante. – Vá lá, vocês acabaram de chegar. Tínhamos planos para hoje.

Elin lembra-se mais uma vez de Laure a andar de um lado para o outro lá

fora enquanto falava ao telefone, a ponta brilhante do cigarro a dançar na escuridão da noite.

– Então não fazes ideia de onde ela poderá estar?

O rosto de Isaac ensombra-se.

– Não. – Serve-se de café. O líquido escuro transborda da chávena para a mesa.

– O telemóvel dela também desapareceu? Deste por falta de alguma das coisas dela? – Se fosse um caso de pessoa desaparecida, pensa Elin, essas seriam as primeiras coisas que tentaria determinar. *Foi algo espontâneo ou planeado?*

– Nada. Nem o telemóvel, nem a mala. – Isaac pega num guardanapo e limpa o café da toalha. – Elin, as roupas dela estão lá todas, os artigos de *toilette*… ela não levou nada. Uma pessoa não deixaria tudo para trás se tivesse planeado desaparecer, pois não?

– Ouve – diz ela, em tom cauteloso. – Às vezes as pessoas pura e simplesmente vão-se embora e deixam tudo. A Laure não seria a primeira. – Hesita, sem saber bem como formular a pergunta. – Isaac, aconteceu alguma coisa ontem à noite?

– Não.

Algo no tom de voz dele a deixa tensa. *Está a esconder-lhe alguma coisa*.

– Isaac, por favor. Tens de ser honesto.

O último canto do guardanapo fica ensopado, tingido de um castanho pálido.

Isaac faz que sim com a cabeça.

– Ontem à noite a Laure estava perturbada. Nervosa. Presumi que fosse *stress* por te voltar a ver, mas agora penso que era outra coisa qualquer. – Franze a testa. – Parecia distraída, preocupada. Eu estava a preparar-me para o jantar e ela saiu do duche e anunciou que não ia. Que tinha surgido um imprevisto. Fiquei zangado, pedi-lhe que adiasse o que quer que fosse, porque tínhamos combinado encontrar-nos com vocês.

– Então estavas a planear vir jantar connosco? – Elin usa um tom neutro, mas repara que o irmão não pediu desculpa.

– Sim, mas queria que a Laure também fosse. – Esfrega os olhos. – Não sei,

se calhar devia ter-lhe dito que ia sozinho, mas era a vossa primeira noite. Começámos a discutir e a discussão ficou feia. A Laure é teimosa. Quando mete uma coisa na cabeça…

– E ela não te disse o que tinha de fazer para não poder ir jantar?

– Não. Foi isso que me irritou. Tudo o que disse foi que estava relacionado com o hotel.

– Trabalho?

– Nos últimos meses… tem trabalhado sem parar. – Bebe o resto do café e levanta-se. Tem o corpo tenso. – Vou ligar para os amigos dela, a família, os vizinhos em Sierre. Se existe a possibilidade de ela ter partido sem levar nada, vale a pena tentar.

– Tens a certeza de que não queres comer primeiro?

Sem responder, ele afasta-se.

Will espera até Isaac estar fora do alcance da sua voz e depois olha para ela.

– Tu bem disseste que esta viagem não iam ser umas simples férias. – As palavras são despreocupadas, mas ela sente-lhe a tensão na voz. Will parte o salmão que tem no prato. Elin força um sorriso.

– O mais certo é ela estar no hotel. Discutiram, e se calhar ela está a beber café escondida num canto qualquer.

– Era o que farias se fosse comigo? – Will enfia um pedaço de salmão cor-de-rosa na boca, com uma expressão neutra. – Escondias-te para me castigar?

– Will, não brinques.

Ele sorri.

– Desculpa. – Segue-se uma longa pausa. – Só acho que é demasiado cedo, não é? Para ele estar a afirmar que aconteceu alguma coisa.

– E aquilo que vimos ontem à noite? A Laure, a falar ao telefone por baixo do nosso quarto? Se ela estiver desaparecida, pode ser relevante.

As palavras ficam suspensas no ar. Elin arrepende-se de imediato de as ter dito. Não passam de uma suposição. Eles não sabem nada. Mais uma vez, recorda-se do motivo de não estar a trabalhar. Ainda não está pronta, pois não? Os palpites, as conclusões precipitadas… não é assim que as coisas se fazem.

– Elin, ele já te deixou com os nervos em franja. – Will morde o lábio.

– Então, o que sugeres que eu faça? Que o ignore? – Elin aperta com força o copo de sumo de laranja, até ficar com os nós dos dedos brancos.

– Não; mas para que fique registado, eu acho que é treta. Eles chatearam-se e tu é que estás a pagar as favas.

Ela não responde. Ergue a cabeça e vê Isaac à porta. Vê-o sair, estudando a sua silhueta, o passo largo, as pernas ligeiramente arqueadas. É tão familiar que magoa. Pestaneja. As memórias vêm ao de cima, como bolhas a subir até à superfície da água.

O céu. As nuvens a correr. O voo dos pássaros escuros.

Depois sangue, sempre sangue.

Will olha para ela.

– Não sei se te apercebes disso, mas ficas sempre com um certo ar quando o vês.

– Um certo ar? – Elin ouve o coração a latejar nos ouvidos.

– Assustada. – Will afasta o prato. – Sempre que o vês, ficas com um ar assustado.

18

Jérémie limpa a boca com as costas da mão e vira-se. Obriga-se a olhar para a neve, para a descoberta macabra. A bílis ainda lhe arde na garganta como ácido.

Por baixo da pulseira há osso. Osso contorcido num ângulo desumano.

Muda de posição, quase sem conseguir respirar. O suor humedece-lhe a testa.

Tem havido algumas descobertas como esta nos últimos anos, à medida que o aquecimento global força o recuo dos glaciares e revela cadáveres desaparecidos há décadas. Ainda há alguns anos encontraram um casal num glaciar perto de Chandolin, mais de setenta e cinco anos depois do seu desaparecimento. Tinham caído numa fenda profunda. Durante dias houve fotografias nos jornais e *online*: gráficas e intrusivas, apesar da passagem do tempo. Uma bolsa de cabedal maltratada, uma garrafa de vinho. Botas de salto pretas, com as solas antiquadas cravejadas de pregos.

Jérémie ficara fascinado, não só por aquilo que as imagens revelavam de um modo de vida esquecido, mas pela magnitude do que representavam: um ponto final. Imaginou que a família, os descendentes, poderiam finalmente fazer o luto.

Baixa um pouco mais os olhos. Por baixo da pulseira, um relógio. É caro, vê-se bem: largo, com bracelete de ouro, mostrador vistoso, decorado com diamantes minúsculos.

Há palavras no interior da bracelete do relógio – uma gravação. Aproxima-se para ver melhor.

Daniel Lemaitre.

Jérémie recua bruscamente. *O arquiteto desaparecido*.

Abre o bolso, tira o telemóvel e marca o número dos serviços de emergência, com novas gotas de suor a brotarem-lhe na testa.

19

– Isaac. – Elin bate à porta. – Isaac, sou eu. – Sente picadas de calor no peito, pois a camisola de merino que vestiu é indicada para o exterior, não para o interior.

A porta abre-se. Isaac tem o rosto salpicado de manchas avermelhadas.

– Desculpa não ter ligado primeiro – pede Elin, hesitante. – O Will quis ir dar um passeio a pé depois do pequeno-almoço. – Força um sorriso. – Não fomos longe. A neve está muito alta.

Algo passa brevemente pelo rosto de Isaac – um vislumbre fugaz de emoção –, mas desaparece tão depressa que ela não consegue identificá-lo. Acontecia o mesmo quando eram pequenos. Elin sempre atrapalhada, em desvantagem, sem saber o que ele estava a pensar. Isaac vira-se.

– Posso entrar? – É ridícula a pergunta, mas não consegue perceber se a sua presença é ou não indesejada.

– Podes – responde ele em tom brusco.

Elin entra e vê as botas de caminhada de Isaac no chão. Estão molhadas, os atacadores pretos desapertados e ensopados, as botas cobertas de fragmentos de gelo.

– Também estiveste lá fora?

Isaac passa pela janela.

– Acabei de chegar.

Elin não responde, surpreendida pela rapidez com que ele fala. Está elétrico, vê-se. Os movimentos frenéticos, o rosto corado.

Está a entrar em pânico.

– O que foste fazer?

– Procurá-la. No caminho que vai para a floresta. Pensei que talvez ela tivesse saído e caído. – Tem as feições tensas. – Já tentei tudo o resto. Procurei pelo hotel todo, no resto da propriedade. Liguei para amigos, família, vizinhos. Ninguém a viu, ninguém teve notícias dela.

Elin olha para Isaac e abate-se sobre ela um sentimento esmagador, como se

as roupas estivessem a apertá-la. Os movimentos do irmão, que caminha de um lado para o outro, de súbito parecem-lhe exagerados.

– E?…

– Não encontrei nada. Não há sinais dela. Por aqui também ninguém a viu. Acabei de ligar para a polícia.

– Já? – Tenta manter uma expressão neutra.

Ele assente com um aceno.

– Não adiantou. Disseram que ela não está desaparecida há tempo suficiente para justificar uma investigação. Informaram-me de que, se não há indícios de que ela tenha saído para uma caminhada ou para esquiar, e se nada aponta para que esteja metida em sarilhos, temos de esperar, por enquanto. Eu sei que ela não desapareceu há muito tempo, mas não me agrada. Se estivesse tudo bem, já teria ligado, não achas?

– Não sei. – Elin avança mais alguns passos. – Pode haver… – Cala-se abruptamente.

O vidro.

Mais uma vez, é esmagador. O quarto de Isaac está virado para a floresta. O terreno é selvagem: uma massa densa de abetos cobertos de neve, que sobe em direção às montanhas.

Os olhos dela perscrutam as árvores. Embora os ramos estejam cobertos de neve, a impressão geral é de algo sombrio, impenetrável.

Sente o coração bater mais depressa. Engole em seco, consciente de que não consegue controlar-se.

Porque está a reagir assim? Esta reação visceral, cada célula do seu corpo repelida por aquilo que tem à frente.

Isaac segue o olhar dela, impassível.

– A Laure odeia a floresta. Está sempre a dizer que é o esconderijo perfeito para quem quiser espiar-nos. Nós não conseguimos ver ninguém, mas eles veem-nos. Estas janelas, as luzes… qualquer pessoa teria uma visão perfeita.

– Chega. – Quanto mais olha, mais distorcida fica a imagem, como se as árvores estivessem a duplicar à sua frente.

– Estás bem? – Isaac ainda está a estudá-la.

– Sim.

– Já não tens ataques de pânic…?

– Não – responde ela, cortando-lhe a palavra. – Não tenho. – Boceja exageradamente, para disfarçar, e olha para a divisão. A disposição é semelhante à do quarto dela, mas o quadro na parede é maior, mais complexo, e as mobílias de um tom cinzento mais leitoso. Os seus olhos prendem-se nos detalhes: computador portátil, televisão, garrafas de água fechadas. Roupas e sapatos espalhados pelo chão. O calçado de Laure: um par de ténis *New Balance* azul-escuros, botas de caminhada coçadas, mocassins de camurça.

Na verdade, a maior parte das coisas pertence a Laure. As joias na mesa de cabeceira, um cachecol cor de musgo pendurado na porta do roupeiro, um frasco de creme facial aberto.

Elin olha para a cama. Aqui vê-se a influência de Isaac – a leve marca do seu corpo sobre os lençóis, o edredão enrolado numa bola. Já em criança dormia assim. Ambos dormiam assim. Como se a cama não conseguisse conter a sua energia. Elin já não dorme assim. A energia abandonou-a há muitos meses.

O seu olhar vira-se para uma pilha de livros numa das mesas de cabeceira. Em francês. Um deles está aberto, virado para baixo, com a lombada dobrada no meio. Isaac tem razão, apercebe-se. Há aqui uma sensação de animação suspensa, como se Laure tivesse simplesmente descido para tomar o pequeno-almoço. Não parece ter havido uma decisão deliberada de partir.

– Onde está o telemóvel dela?

– O telemóvel? – pergunta Isaac em tom cortante.

Elin fica tensa. Algo no tom de voz do irmão a irrita.

– Estou só a tentar ajudar.

Ele força-se a sorrir, mas lá está de novo: a sombra de uma expressão, que desaparece antes que ela consiga compreendê-la.

– Aqui está. – Isaac tira um telemóvel do bolso, introduz o código e estende-o a Elin. – Já estive a dar uma vista de olhos, não encontrei nada de estranho.

Elin olha para o ecrã. Está com a bateria quase no máximo, ligado à mesma

rede que o telemóvel dela encontrara ao aterrar em Genebra, a Swisscom. Abre o registo de chamadas. A última foi na véspera. Para um tal de Joseph. Como era possível? Ela ouvira Laure ao telefone depois de jantar – com certeza que essa chamada ficara registada.

Isaac olha por cima do ombro dela e Elin sente a sua respiração quente no pescoço.

– É o primo dela.

– E conheces todas as outras pessoas com quem ela falou?

– Claro que sim. Amigos, como já disse. E também não há nada fora do normal no *e-mail* dela. – Recua e um rubor invade-lhe o rosto. – Não queria estar a bisbilhotar, mas…

– E o computador?

– Nada. – Pega-lhe e estende-o à irmã. – Está sincronizado com o telemóvel. O *e-mail* é o mesmo. O resto parece ser tudo coisas de trabalho.

Elin senta-se na beira da cama e dá uma vista de olhos rápida ao computador: os documentos guardados, o histórico da Internet. Ele tem razão – parece tudo relacionado com trabalho. Não há nada que seja obviamente preocupante.

Volta a colocar o computador na secretária e dirige-se à casa de banho, seguida por Isaac. Vê maquilhagem espalhada junto do lavatório – pó, hidratantes. Várias toalhas pelo chão. Uma bolsa branca de artigos de *toilette*, aberta, na prateleira sobre o lavatório. Remexe no conteúdo desta e encontra uma pinça cor-de-rosa, tiras de cera fria, um pincel de *blush* e uma embalagem de pó, hidratante com cor, rímel. Numa bolsa lateral, tampões e uma cartela de ibuprofeno, alguns anti-histamínicos.

Fecha a bolsa e sente a inquietação crescer dentro de si. *Ela não deixaria isto para trás*. Se Laure estivesse a planear ir a algum lado, pelo menos se fosse como Elin, aquela bolsa seria um conforto. Parte da sua armadura diária.

Vira-se para falar e é então que vê, no reflexo do espelho: Isaac a tirar qualquer coisa da prateleira e a enfiá-la no bolso.

Observa-o, imóvel. Ele vira-se e sorri – não percebeu que ela o viu. Foi rápido, mas não o suficiente. *Ele tirou alguma coisa. Escondeu-a. Devia estar*

preocupado com o desaparecimento da namorada, mas já está a tentar enganar-me.

Aperta os dedos, com um nó na garganta, revoltada. Como pôde ser tão estúpida? Quase caíra na armadilha – as palavras, a emoção fingida –, mas as pessoas não mudam, pois não? A capacidade de mentir, de enganar, está tão entranhada que é impossível de extirpar, de remover. Quando eram crianças, Isaac mentia constantemente. Odiava o facto de ser o irmão do meio – dois anos mais novo do que Elin, dois anos mais velho do que Sam –, e mentir tornou-se normal para ele: uma maneira de chamar a atenção, de se aproveitar, de colocar os irmãos no seu devido lugar.

Elin lembra-se de quando Sam chegou a casa com o seu primeiro troféu de natação, todo orgulhoso, e da expressão mal disfarçada de agonia no rosto de Isaac enquanto os pais cobriam de elogios o filho mais novo. Duas semanas depois, um sulco fundo apareceu na base de madeira do troféu; mais do que um arranhão – um corte. Algo que nunca poderia passar por acidental.

Isaac negou, mas todos sabiam que tinha sido ele. Todos sabiam aquilo de que ele era capaz.

– Isto deve ser como estar de volta ao trabalho, para ti. – Apanha uma das toalhas do chão e coloca-a no suporte. – Sabes, nunca teria imaginado. Tu, na polícia este tempo todo.

– Eu sei.

– Nunca chegaste a contar-me porque decidiste seguir essa carreira – continua ele. – Quando éramos pequenos, querias ser engenheira.

Elin olha para Isaac e sente as palavras a crescerem, a debaterem-se por sair. Podia simplesmente dizê-lo de uma vez, não podia?

Escolhi essa carreira por tua causa, Isaac. Por causa daquilo que tu fizeste.

20

– Em que estás a trabalhar neste momento? – As palavras de Isaac despertam-na dos seus pensamentos.

Seria fácil mentir, mas Elin não consegue. Não é capaz de acrescentar mais uma camada a algo que já é demasiado complexo.

– Não estou a trabalhar… Estou de licença – responde, e volta para o quarto.

– Licença? – Isaac segue-a e param junto da janela.

– Houve um caso… um caso importante. – Hesita e sente o calor subir-lhe pelo pescoço. – E cometi um erro.

As imagens sucedem-se na sua mente: *Dedos abertos à frente do rosto dela. Veios cinzentos e pretos nas rochas. A água. Sempre a água.*

– O que aconteceu?

– Não posso falar sobre o assunto…

– Elin, vá lá. Não vou contar a ninguém.

– Era um caso de elevada visibilidade. O meu primeiro como detetive. O assassínio de duas raparigas, ambas com quinze anos. O tipo tinha amarrado os corpos a um barco e deixou a hélice fazer o trabalho sujo. – Elin fica tensa, ao recordar. – Não tínhamos nada. O barco era roubado. Não havia impressões digitais. As câmaras no porto estavam estragadas, por isso, não havia vídeo. Acabámos por ter de emitir um apelo na comunicação social: *online*, nos jornais. Fizemos uma conferência de imprensa com os pais. – Pigarreia. – Um mês depois, conseguimos fazer algum progresso. Uma dica anónima deu-nos um nome… Mark Hayler. Encontrámo-lo na base de dados. Tinha detenções anteriores por posse de drogas duras, e uma condenação por tráfico de GHB.

– Uma pista a sério. – Isaac coça o canto do olho, onde a pele parece irritada e dorida.

Elin acena afirmativamente.

– Fomos a casa dele, mas alguém o avisara de que andávamos à sua procura. Encontrámo-lo em casa da ex-mulher. Ele apanhou-nos de surpresa e correu em direção à praia. Separámo-nos. Eu avistei-o, tentei chamar reforços, mas o meu

rádio não funcionou. Nem pensei; limitei-me a segui-lo pela praia, até às grutas. Entrei, mas perdi-o. Quando saí, a maré subira, a água dava-me pelo pescoço. Comecei a nadar, mas ele estava na água, à minha espera. E bateu-me com uma pedra. – Toca no lábio. – Foi assim que fiquei com esta cicatriz.

– Já tinha reparado.

– Ele puxou-me para baixo de água, uma e outra vez, e por fim eu… eu fiquei paralisada. Como se o meu corpo… tivesse deixado de funcionar. A dada altura, afundei-me e não voltei à superfície. – Solta uma risada estranha, aguda. – Acho que ele partiu do princípio de que eu estava morta, e deixou-me ali.

Elin não conta como, enquanto estava debaixo de água, parte dela quase se deixou ir. Fora tão forte, esse desejo de desistir. De parar de lutar. Mas a sua vontade de viver levou a melhor. A vontade de saber a verdade sobre o que acontecera a Sam.

Esse pensamento, mais uma vez, deixa-a alerta. Recorda-lhe o motivo pelo qual aqui está.

– Meti algum tempo de baixa, depois prolongou-se para uma licença sem vencimento, e aqui estou eu. Oficiosamente desempregada.

– Não queres voltar?

– Não é que não queira. Mas sinto que não consigo. Não tenho energia. Os erros que cometi… não parei para pensar, não esperei por reforços… fizeram-me questionar o meu discernimento, a minha capacidade. E o facto de ficar paralisada dentro de água fez-me chegar à conclusão de que não tinha ainda lidado com certas questões que pensava já ter resolvido.

Isaac fita-a nos olhos.

– Não sabia. Lamento muito.

Elin devolve-lhe finalmente o olhar. Primeiro, com desconfiança, logo substituída por raiva, um sentimento que é mais confortável, mais familiar. Mais fácil de controlar.

– Porque não conversámos, Isaac. É por isso que não sabes. Praticamente não falámos desde que te vieste embora.

– Eu sei – admite ele, com a voz embargada. – Mas na altura não sabia o que

ia acontecer.

– Estás a falar do cancro da mãe. – O seu tom de voz é frio.

Isaac baixa a cabeça.

– Sim. Não sabia como voltar, nem sequer se devia. Não queria causar mais complicações. Agitar as águas. – A sua expressão é grave.

Elin fita-o, incrédula, assolada por uma fúria incandescente.

Ele não percebe.

Mesmo agora, ele não percebe. Não compreende o que a sua ausência fez, como destruiu a mãe.

– Agitar as águas? A mãe queria ver-te, Isaac. Não queria só telefonemas, ou um *e-mail* com palavras de circunstância. – Sente que está a tremer. – Nem sequer foste ao funeral dela. Fazes ideia de como isso me fez sentir? Do aspeto que deu?

– Para ti é só isso que interessa, não é? – Ele fica tenso. – As *aparências*.

Elin encolhe-se. *Aí está outra vez, a vir ao de cima: o verdadeiro Isaac.* Palavras afiadas, como dardos venenosos.

– Não tentes virar a conversa para mim. Estamos a falar de ti.

– Não podia deixar o trabalho. Eu expliquei-te.

– Tretas. Isso não passa de uma desculpa.

Isaac leva a mão ao olho e esfrega a pálpebra.

– Nem sequer vais tentar justificar-te?

Silêncio, e por fim:

– Está bem – responde ele secamente. – Queres saber a verdade? Eu sentia-me horrível, Elin. Culpado. Por não ter voltado, por não ligar tanto como devia. Culpado pela maneira como deixei as coisas.

Os pensamentos dela dão um solavanco.

– Então, pensaste nisso?

– Estava sempre a pensar que devia voltar, fazer uma visita, mas parte de mim sabia que estar perto dela acabaria por ter o efeito oposto. Que a magoaria.

– Que a magoaria? A mãe estava em sofrimento há anos. Desde o que aconteceu ao Sam.

Isaac encolhe-se visivelmente ao ouvir o nome. Apodera-se de Elin um desejo súbito de perguntar: *Pensas no Sam, Isaac? Pensas?*

Porque ela pensa. Constantemente: Sam a saltar do caiaque, o corpo magro a fazer formas no ar. Sam nas Downs, o seu papagaio de papel a cortar o céu em fragmentos de azul. Sam a dar-lhe a mão quando Isaac gritava. Sussurros doces e quentes ao seu ouvido: *Eu não te largo.*

– O Sam… o que lhe aconteceu… destruiu a mãe. Sabes muito bem. Naquele dia, o dia em que o encontrámos… – As palavras saem-lhe depressa, demasiado depressa. Tem medo de não as conseguir controlar, de não conseguir impedir-se de perguntar diretamente.

Foste tu, Isaac? Foste tu que o fizeste?

O pânico brilha nos olhos dele.

– Não vamos falar sobre isso agora. Querias saber por que razão eu não voltei.

Elin hesita. Ainda podia perguntar-lhe, mas tem receio de o assustar ao ponto de o afastar de vez. E depois não terá nada.

Por fim, acena afirmativamente.

– A mãe… estava melhor. – Isaac hesita. – Contigo, mais para a frente, encontrou um… um equilíbrio. Sempre foste muito melhor com ela do que eu. Quando ela adoeceu, eu sabia que, se me visse, ficaria pior. Começaria a preocupar-se por eu estar a viver ali, e por não ter emprego…

Elin olha para ele, com as faces a arder, sem querer acreditar no que Isaac está a fazer: a tentar justificar o seu egoísmo. Abre a boca, prestes a retaliar, quando algo lhe chama a atenção do outro lado da janela. Um helicóptero a pairar no céu. Está pintado de vermelho e branco, com estrelas cadentes de lado.

– O que é aquilo? – Já consegue ouvir o ritmo surdo da hélice.

– Um helicóptero da Air Zermatt. – Ele segue com os olhos o aparelho, que se desloca na direção da floresta.

– O que estará aqui a fazer? – Elin semicerra os olhos. A hélice mexe-se tão depressa que as pás não se veem.

– Não sei. Geralmente são usados para transporte: materiais de construção,

defesas contra avalanches. É a forma mais barata de fazer chegar alguma coisa à montanha.

Ela vê outro movimento: dois veículos todo-o-terreno, a subir a estrada sinuosa até ao hotel, com os pneus a levantarem uma fina nuvem de neve.

O primeiro veículo tem luzes de emergência no tejadilho e faixas de um laranja berrante e fluorescente no *capot*. De lado, estrelas brancas e laranja formam uma bandeira. Junto a esta, uma única palavra, em letras pretas, minúsculas: «polícia».

Os carros param perto da entrada do hotel. Elin vê dois grupos saírem das viaturas. Seis pessoas, sete. O par que sai do primeiro carro veste calças azul-escuras, blusões azuis de dois tons, com a palavra «polícia» estampada nas costas. Os do segundo grupo trazem vestuário mais técnico – roupas polares, com coletes sem mangas por cima.

Há uma urgência nos seus movimentos quando se dirigem ao porta-bagagens do todo-o-terreno, de onde retiram várias peças de equipamento. Apoiando-se no para-choques, descalçam os sapatos e trocam-nos por botas de esqui. Como que em uníssono, colocam arneses pretos. Prendem ao corpo vários mosquetões, roldanas e correias, que ficam a baloiçar sobre o peito enquanto trabalham.

Um arrepio percorre Elin, uma pontada gelada de medo.

– Quem são?

– O *groupe d'intervention* – responde Isaac com a voz tensa. – São como as forças especiais da polícia. Estão treinados para lidar com o mesmo tipo de situações. Reféns. Terrorismo. Alguns, como estes, trabalham nas montanhas.

– Porque estarão aqui?

Com o maxilar contraído, ele olha para o helicóptero, que voa a baixa altitude sobre a montanha.

– Não sei.

O grupo no terreno coloca às costas grandes mochilas. Ela e Isaac veem-nos pôr capacetes, tirar esquis do carro. Caminham rapidamente em direção ao trilho que leva à montanha. Pela primeira vez, Elin repara num homem familiar, de casaco cinzento, a conversar com o primeiro grupo de polícias e a apontar para a

floresta.

– Lucas Caron – murmura Isaac.

– Tens razão – responde ela.

É então que vê: no tapete, sob os seus pés.

Sangue.

Quase invisível, exceto para quem saiba aquilo que está a ver, para quem já o viu antes.

Um padrão de salpicos indistinto, em pequenos círculos irregulares.

21

Adele está a tremer. Tem os membros dormentes.

Quanto tempo terá dormido? Horas? A noite toda? É impossível dizer: o mundo real parece ter-se dissolvido à sua volta. Onde quer que esteja, está escuro. *Não,* corrige-se – não é escuridão. Tem qualquer coisa a tapar-lhe os olhos – um tecido áspero, grosseiro, onde as pestanas ficam presas quando tenta abrir os olhos.

O pânico trespassa-a. Dominada por uma claustrofobia súbita e incontrolável, debate-se, tenta esticar os braços e as pernas, mas estes não se mexem.

Para. Acalma-te. Tenta perceber o que se passa.

Desta vez, Adele abranda, isolando os movimentos. Mexe os dedos, as mãos, e percebe que estas estão presas, atadas atrás das costas. E os tornozelos também.

Ainda está sentada no chão, encostada a uma parede.

Continua, pensa. Se estiver sozinha, e parece-lhe que sim, tem de se orientar. Perceber onde está.

Adele fica perfeitamente imóvel, à escuta. Tudo o que consegue ouvir é um gotejar constante. Estará algures no hotel? Com certeza que não poderiam deslocá-la para muito longe. Pelo menos sem que ninguém desse por isso.

E se gritar? Se tentar chamar a atenção de alguém?

É então que sente um sabor na boca: metálico, salgado. Demora um instante a perceber o que é.

Sangue.

Adele tenta passar a língua pelos dentes, perceber de onde vem o sangue, mas não consegue. Tem qualquer coisa na boca… uma mordaça. Está tão entorpecida que nem tinha dado por isso.

Os pensamentos fogem-lhe, desgovernados: *Vais morrer aqui, não vais? Nunca conseguirás sair disto viva. Não te consegues mexer, não consegues gritar. Ninguém te encontrará.*

Respira fundo. *Para.* Tem de sobreviver a isto. Por Gabriel.

Pensa.

Está em boa forma devido às exigências físicas do trabalho. É capaz de fazer alguma coisa.

Uma ideia começa a formar-se: talvez esta pessoa, quem quer que seja, não volte tão depressa e ela possa aproveitar esse facto. Pode ser tempo suficiente para ter uma noção do espaço onde se encontra, do que pode usar para se libertar…

Não há outra maneira, pensa, ainda a tentar conter o pânico dentro de si. Ninguém dará pela sua falta. Gabriel só voltará do pai dentro de uma semana. Não achará estranho se ela não ligar durante alguns dias. Stéphane gosta que a semana dele com o filho seja apenas para os dois. Para dizer a verdade, Adele nunca se importou muito com isso. Não gosta de ouvir a voz aguda e demasiado entusiasmada de Lise, a namorada de Stéphane, em fundo durante as chamadas. No trabalho também não darão o alarme. Só era suposto voltar a entrar ao serviço dentro de alguns dias.

Adele fica tensa. Ouviu passos. Os seus planos…

É tarde de mais.

O seu captor voltou, está perto. Adele consegue sentir-lhe o cheiro: algo químico, cáustico, o odor a goma e lixívia dos hospitais.

E mais qualquer coisa, suspensa no ar, pesada. O cheiro de algo primitivo – excitação, adrenalina, antecipação.

Quer fazer-te mal.

Outro som: uma respiração, pesada e ofegante.

Está mesmo ao teu lado.

Com o terror a crescer, tenta mexer-se, mas tem os pulsos a latejar, a corda a cortar-lhe a pele.

De súbito, sente dedos a tocarem-lhe no rosto. A venda é arrancada com tanta força que lhe puxa a pele das bochechas, deixando-a a latejar. As lágrimas ardem-lhe nos olhos, mas força-se a contê-las.

O feixe de luz de uma lanterna, com movimentos abruptos, faz ricochete no

chão, no teto, de novo no chão. Por fim, incide-lhe no rosto e cega-a com o brilho forte. Adele pestaneja; quer levantar a mão, proteger os olhos da ferocidade incandescente da luz, mas não consegue. A luz baixa por um instante e desliza pelo chão.

Adele aproveita e levanta os olhos, com a adrenalina a percorrer-lhe o corpo. Não consegue ver muito; ainda está a ajustar-se à claridade. De cada vez que mexe a cabeça, a cena sombria à sua frente parece rodar, mas consegue ver uma coisa, acima de tudo o resto: os contornos de uma máscara.

A figura, indistinta e amorfa, agacha-se. Com as roupas largas e a máscara, é impossível perceber se é um homem ou uma mulher. Posiciona a lanterna no chão, com o feixe virado para a parede dos fundos. Depois começa a remexer num saco ali pousado.

O que estará a fazer?

Espera: silêncio.

Há um estranho momento de suspensão; uma pausa. Adele toma uma decisão: se ele se aproximar, usará a única arma que tem, a força do corpo. Saltará para a frente, atingindo-o com todo o peso da cabeça. Tentará causar o máximo de danos possível. Não lhe facilitará a vida.

Mas a pessoa não se aproxima mais. Em vez disso, estende a mão, com um pedaço de papel entre os dedos. Está apenas a centímetros do rosto dela, tão perto que a imagem no papel fica desfocada, as formas e cores misturam-se. A pessoa afasta-se um pouco. A imagem torna-se nítida.

Adele reconhece imediatamente o que é – a fotografia do corpo de um homem. Sem vida. Mutilado. Ensanguentado.

Sabe agora que não se trata de um erro de identificação. Não foi um ataque aleatório. Isto foi planeado, meticulosamente preparado.

Vingança.

Sente o estômago às voltas. Quer vomitar, mas sabe que não pode. Com a mordaça na boca, sufocaria. Em vez disso, tenta concentrar-se na respiração. Em trazer ar para os pulmões.

Não mexas um músculo. Não reajas. Não o deixes saber que está a afetar-te.

Obriga-se a pensar em Gabriel. Sobrepor imagens felizes à força bruta desta imagem macabra: pensa nos dedinhos dos pés dele, quando era bebé, a mexerem-se enquanto mamava. As mãos gorduchas a segurar pedaços de pepino. O azul-esverdeado dos seus olhos.

Mas a visão de Gabriel dissolve-se: a imagem em frente dela é substituída por outra.

Um grande plano.

A fotografia cai para o chão. Sente movimento atrás de si. Uma mão na sua nuca, no cabelo. Sente a mordaça a alargar. O captor retira-a. *Talvez seja só isto*, pensa ela. Talvez as fotografias fossem o objetivo. Queria que ela as visse, e agora vai libertá-la. É então que vê: outra máscara, diretamente à sua frente, com pequenas fendas na borracha, como feridas.

Adele pergunta a si própria se está a ver a dobrar ou se há outra pessoa na sala.

Mas quando a máscara se mexe, se aproxima, percebe que não é outra pessoa, afinal.

A máscara é para ela.

22

Isaac segue a direção do olhar dela e arregala os olhos.

– Merda, não tinha reparado…

– Não tinhas reparado – indica Elin em tom calmo – que o tapete está sujo de sangue?

– Não, mas também não é quase nada, pois não? – Isaac agacha-se e baloiça-se sobre os calcanhares. – Além disso, como sabes que é sangue? Pode ser qualquer coisa; uma nódoa…

– É sangue. – Fecha a mão com força.

– Bom, se é, provavelmente já aí está há que tempos. – Gotículas de suor surgem-lhe no lábio superior.

Elin abana a cabeça.

– Não me parece. Os padrões de limpeza são muito elevados num hotel destes. Este tipo de mancha… já a teriam limpado, ou substituído o tapete.

O seu tom é seco, profissional, mas por dentro está num turbilhão: *Ele tem respostas para tudo, não é? Nada o deixa desconcertado.*

Isaac endireita-se e afasta o cabelo do rosto.

– Achas que é da Laure?

– Parece recente, portanto, parto do princípio de que é teu ou dela. Algum dos dois se magoou desde que chegaram? Um corte ou…

O alívio invade o rosto de Isaac.

– Já sei o que foi. A Laure cortou-se com a lâmina a fazer a depilação uma destas noites. Foi um corte fundo, nunca mais estancava. Tive de ir lá abaixo pedir um penso rápido. Ela deve ter passado pelo tapete.

Elin processa a informação: *Laure cortou-se a fazer a depilação.* É a explicação mais provável.

Mas há outro pensamento que insiste em se intrometer. *Ele já o fez antes. É capaz disso.*

Os olhos de Elin fixam-se na jarra ao canto, o vidro a refletir um pequeno prisma do quarto, a pairar em frente dela. Parece-lhe que tem a cabeça prestes a

explodir. Não sabe o que há de sentir.

Já está a ser sugada, pensa, virada de um lado para o outro, sem saber onde é em cima e onde é em baixo. Tinha-se esquecido disto – de como tudo é tão volátil quando está com Isaac.

Tentar estudá-lo… é como olhar através de água. Num minuto, a visibilidade é perfeita e conseguimos ver até ao fundo; segundos depois, a água agita-se e fica turva.

Isaac toca-lhe no braço.

– Elin, sentes-te bem?

Hesita um pouco mais do que devia.

– Sim.

Sorri com algum esforço, mas os seus olhos encontram mais sangue.

Mais salpicos cor de ferrugem nas fibras macias do tapete.

***

Quando regressa ao quarto, Elin fecha a porta e encosta-se a ela enquanto espera que a náusea passe.

Will deixou-lhe um bilhete na mesa de cabeceira: *Vou dar umas braçadas. Queres vir ter comigo?* Ela descalça-se e aproxima-se da janela. O tempo mudou; os céus azuis de há poucas horas estão agora totalmente cobertos por nuvens cinzentas e densas. Neva com intensidade. A paisagem é de um branco puro e perfeito. A neve cobre tudo: os carros estacionados ao lado do hotel, os sinais, as luzes exteriores.

E, contudo, de cada vez que pestaneja, não é branco que vê, mas sim vermelho. Vermelho-sangue.

Sangue no tapete. Gotículas muito pequenas.

Os seus pensamentos saltam para o que Isaac fez quando ela estava na casa de banho: escondeu qualquer coisa. Enfiou algo no bolso.

As perguntas rodopiam-lhe na cabeça.

O que seria? E de que forma está relacionado com Laure?

Elin abre as portadas da varanda. Enquanto o ar frio invade o quarto, tenta organizar os pensamentos: a lógica diz que a explicação que Isaac deu para a presença do sangue faz sentido, que o que ele guardou no bolso pode ser alguma coisa privada, em nada relacionada com o desaparecimento de Laure; apesar disso, porém, a dúvida não a larga: *Se ele é capaz de a enganar desta maneira, de que mais será capaz?*

A verdade é que não faz ideia. Elin não sabe nada sobre ele, sobre a relação dele com Laure. Nos últimos anos, nunca foi além da superfície da vida do irmão – fragmentos de informação filtrados e incompletos que ele lhe fornecia de longe a longe.

A vida de Isaac antes de deixar o Reino Unido é mais clara – a licenciatura em Informática em Exeter, o ano que tirou para fazer a formação de instrutor de esqui. Voltou para o Reino Unido, fez uma pós-graduação no ano seguinte. Depois de concluir a sua investigação, trabalhou na universidade. Deu aulas durante alguns anos e mudou-se para a Suíça em 2016.

Mas depois disso?

Uma série de lacunas. Grandes partes da sua vida são-lhe totalmente desconhecidas.

Elin tira o seu *MacBook* da mala. Pousa-o na secretária e abre-o.

Senta-se e introduz algumas palavras-chave no Google. ISAAC WARNER. SUÍÇA. Os resultados aparecem. Algumas linhas mais abaixo, algo interessante: uma escola de esqui, em Crans-Montana, com o nome de Isaac na lista de pessoal. Elin abre a página. Em poucos segundos surge no ecrã uma fotografia do irmão. Mostra apenas o rosto, muito bronzeado, com óculos para a neve. Algumas linhas de informação: instrutor em *part-time*, classificado pela Associação Britânica de Instrutores de Desportos de Neve como de Nível 2. Especializado em ensinar crianças e principiantes.

Muito bem, um emprego em *part-time*; mas onde estava o trabalho como professor universitário?

Volta à página inicial de busca e escreve expressões mais específicas: ISAAC

WARNER, INFORMÁTICA, UNIVERSIDADE DE LAUSANA. Elin prende o cabelo atrás da orelha e estuda os primeiros resultados. Não há qualquer referência à universidade. Terá percebido mal o nome da instituição? Não lhe parece, ele mencionou-a várias vezes. *Então, porque é que não aparece nada?*

Os alarmes disparam na sua cabeça, mas silencia-os. Não deve formar juízos de valor. Não pode tirar conclusões precipitadas.

Elin tenta de novo. Desta vez, vai diretamente ao *website* da Universidade de Lausana. Clica em *link* após *link* e, por fim, encontra a página do Departamento de Informática.

Corpo docente: uma lista de nomes. Mais fotografias.

Nenhuma de Isaac.

Foca os olhos, estuda-as melhor. *Nada*.

Elin afasta os olhos do ecrã e pega no telemóvel com uma sensação de temor, consciente de ter colocado algo em movimento, de uma coisa a levar a outra, de algo a ganhar impulso.

O que pretende com esta pesquisa? Não é correto: é uma invasão da privacidade de Isaac com base numa ideia infundada, mas tem de saber. Descobrir se o que ele fez no quarto foi apenas uma aberração, um incidente isolado, ou se Isaac ainda é como antes.

Se Isaac ainda mente.

Enquanto aguarda que seja estabelecida a ligação ao Departamento de Informática, os nervos apertam-lhe o estômago.

Do outro lado da linha, música, uma melodia estrangeira e desconhecida. A meio de um compasso, a música interrompe-se.

– *Bonjour*. Marianne Pavet.

Elin não estava preparada e demora um instante à procura das palavras certas.

– Estou, sim, daqui fala… Rachel Marshall. Tenho comigo o currículo do senhor Isaac Warner. Gostava de saber se há alguém no departamento que me possa fornecer referências dele?

Marianne interrompe-a com um sotaque francês carregado.

– Não, referências não. Não posso dar referências.

Segue-se uma pausa embaraçosa.

– Mas ele menciona aqui o vosso departamento.

Um suspiro.

– Oiça, não sei por que razão o senhor Warner colocaria o nosso nome como referência. Foi despedido o ano passado.

Elin sustém a respiração.

– Despedido? Tem a certeza de que estamos a falar da mesma pessoa? Isaac Warner?

– Sim, foi despedido. – A voz é agora brusca, impaciente.

– Posso saber porquê? – Tem o coração aos saltos.

Outra mentira: afinal, o emprego fora a desculpa que dera para não ir ao funeral da mãe, não fora? Do outro lado da linha, um silêncio pesado.

– Por assediar outros membros do pessoal. Lamento muito, é tudo o que posso dizer.

Um estalido e a ligação cai.

Elin pousa o telemóvel na secretária. *O que há de fazer agora?*

Tem de perceber se há mais alguma coisa por detrás disto, e, se Isaac não lhe diz a verdade, terá de perguntar a outra pessoa.

Mas a quem? Quem aqui conhece Isaac e Laure?

Os seus pensamentos recuam até à conversa murmurada e risonha que Laure teve com Margot, a rececionista do *spa*. Pareciam bastante amigas… Mas a perspetiva de falar com ela nas costas de Isaac causa-lhe uma pontada gelada de medo.

Fecha os olhos e ouve o eco de ameaças.

«Só os bebés fazem queixinhas, e tu és uma bebé. Se contares a alguém, és uma mariquinhas.»

Sente a cabeça a latejar.

«Se voltares a fazer isso, mato-te.»

23

– Vem fazer a visita guiada completa? O seu companheiro já está despachado. – Margot sorri, com o resto meio escondido pelo grande ecrã de computador à sua frente. – E tem a piscina só para ele.

– Não propriamente – responde Elin, enquanto a porta do *spa* se fecha atrás dela com um baque suave. – Gostava de falar consigo.

Margot abre muito os olhos e forma um «O» de surpresa com os lábios. Faz lembrar Laure, de certa forma: moderna, com aquele estilo europeu sóbrio que deixa sempre Elin a sentir-se um bocadinho inadequada. Cabelo curto, unhas pintadas de cinzento, maquilhagem minimalista: um toque artístico de *eyeliner*, a sombra de um batom mate. Ganchos prateados, decorados com estrelas minúsculas, enfeitam-lhe a parte da frente do cabelo.

Contudo, quanto mais Elin se aproxima, mais a ilusão se desfaz. As unhas de Margot estão roídas e têm o verniz estalado; o batom escorreu para as rugas finas aos cantos da boca. Quando se acerca do balcão, Elin vê um *croissant* meio comido na prateleira por trás.

– É por causa da Laure? – Margot ainda tem pedacinhos de massa folhada presos aos lábios. – Ela ainda não voltou?

Puxa a camisola escura, alargando-a mais sobre a barriga. Não está à vontade. Escondeu rapidamente o *croissant*, está a tentar esconder o corpo… é mais cheiinha do que gostaria e tem consciência disso. E também é alta, pensa Elin, ao olhar para as pernas compridas, dobradas debaixo da secretária.

– Não, eu… – Elin hesita e sente uma vaga de pânico. Talvez esteja a cometer um erro. Talvez esteja a deixar-se levar pela imaginação. Afinal, Laure só desapareceu há algumas horas…

Tarde de mais. Agora já aqui está.

– Ela não esteve aqui hoje?

– Não. – Margot olha de relance para a porta, como se quase estivesse à espera de a ver aparecer. – Estou aqui desde que o *spa* abriu. Ela deve estar a trabalhar.

– Não está. O Isaac procurou-a. Ninguém a viu.

– Acha mesmo que ela desapareceu? Que isto é alguma coisa séria? – Uma sombra passa pelo rosto de Margot. Elin apercebe-se de um brilho prateado nas suas orelhas, pequenas setas estriadas a apontar para o chão.

– Não sabemos; mas devia ser a celebração do noivado deles, portanto, o facto de ela ter desaparecido… O Isaac acha que a Laure não faria uma coisa dessas.

– Tem razão – concordou Margot. – A Laure nunca preocuparia as pessoas. Pelo menos deliberadamente.

Elin pensa nisso em silêncio. Tem de pesar muito bem as palavras seguintes.

– A Laure não lhe disse nada? Não mencionou alguma preocupação que pudesse explicar porque partiria tão subitamente? – Força um sorriso. – Tentei perguntar ao Isaac, mas…

Uma pausa constrangida. Mais uma vez, Margot leva a mão à cintura e alarga a camisola.

– Bom, isto é embaraçoso – diz, muito corada. – Ele é seu irmão.

– Não faz mal – tranquiliza-a Elin, em tom suave. – Só quero ter a certeza de que está tudo bem.

– Acho que eles têm tido… problemas. A Laure… – Margot morde o lábio. – Ultimamente, ela tem-se sentido um pouco… como dizer? Claustrofóbica… na relação.

Elin repara no ritmo curioso do discurso dela. Não é só o sotaque alemão, é o facto de deixar sempre uma pausa demasiado longa entre as palavras.

– Desde que ficaram noivos?

– Não. Antes também. – Margot debruça-se para a frente e arranca pedacinhos de verniz das unhas, que caem sobre a secretária.

– Mas porque ficaria noiva se está com dúvidas?

– A Laure achou que talvez o compromisso ajudasse, que se estivessem noivos o Isaac se sentiria mais seguro. – Margot sacode os pedacinhos de verniz e, ao fazê-lo, derruba a mala. Esta cai para o chão e o conteúdo espalha-se. Ganchos de cabelo, verniz, um livro, um envelope. Margot baixa-se para apanhar

as coisas.

– E resultou?

Ela encolhe os ombros, corada.

– Não sei bem como hei de dizer isto. Ela mencionou que ultimamente o Isaac tem andado… agressivo. Que nem parece ele.

– Agressivo? – Elin tenta manter uma expressão neutra.

– Ela não deu mais pormenores. Bem, quem me oiça falar há de dizer que eles não eram felizes, e não é bem assim. A Laure preocupa-se… é normal, acho eu. Quando uma pessoa está prestes a assumir um compromisso. – Hesita. – Não sei se ela estava mesmo a falar a sério.

Elin tenta dominar a inquietação crescente.

– E ela mencionou mais algum motivo de preocupação? Amigos, família?

– Não.

– E o trabalho? O Isaac diz que ela tem trabalhado muito nos últimos tempos.

Algo passa pelo rosto de Margot, uma expressão tão fugaz que Elin não sabe se a terá imaginado.

– Sim, mas não há qualquer pressão anormal. A Laure adora o trabalho.

Elin acena com a cabeça.

– Oiça, se calhar já falei de mais. – Margot pigarreia. – Eles têm os seus problemas, mas, como disse, não me parece que sejam assim tão sérios.

Nesse caso, porquê mencioná-los? Porque falaria a rececionista de tudo aquilo se a sua mente não tivesse feito automaticamente uma ligação? Margot podia não ter a intenção consciente de estabelecer uma conexão entre as preocupações com o relacionamento e o desaparecimento de Laure, mas fora o que fizera.

– Compreendo. – Elin respira fundo. – Só mais uma coisa… Por acaso sabe o que a polícia está aqui a fazer?

– Não tem nada a ver com a Laure – diz Margot muito depressa –, se é isso que está a pensar.

– Então, o que se passa?

Ela fica ainda mais vermelha.

– Acho que não é suposto eu saber…

– Por favor.

Uma pausa. Elin sustém a respiração. *Conta-me. Vamos.*

– Encontraram um corpo. Um cadáver. – Margot baixa a voz. – Para lá da floresta. Acham que é o arquiteto que desenhou o hotel. Estava desaparecido.

Daniel Lemaitre. O alívio percorre-lhe o corpo. *Não é a Laure*.

– O Isaac falou-nos nele, ontem – diz Elin. – Pensava-se que ele tinha problemas de negócios, não era?

– Essa é uma das teorias.

– Havia mais?

– Bom, para ser franca… A remodelação do hotel despertou, como dizer?… Maus sentimentos. – O seu tom é agora mais agudo. – Penso que há quem acredite que o desaparecimento dele estava relacionado com isso.

– Maus sentimentos? Como assim?

Margot franze os lábios.

– Alguns dos habitantes locais não queriam um hotel aqui. Houve manifestações, petições. As objeções foram tantas que o hotel demorou anos a ultrapassar a fase de licenciamento.

– Porquê?

– Os motivos habituais. – Margot encolhe os ombros. – O *design* era demasiado moderno, preocupações ambientais, já há hotéis mais do que suficientes na área… – Hesita. – Para ser franca, acho que algumas dessas razões eram desculpas para aquilo que as pessoas não queriam dizer.

– E o que era?

– A verdade é que as pessoas não queriam que nada fosse construído aqui. – A sua voz é pouco mais do que um murmúrio. – Fosse o que fosse, penso eu. Quer construíssem um hotel, um parque ou uma fábrica… não teriam gostado, de qualquer maneira.

– Porquê? – Elin faz a pergunta, mas já sabe qual é a resposta, porque ela também o sente, desde que saiu do autocarro: aquela sensação sinistra de algo sombrio, ameaçador.

– Este sítio… as pessoas não gostam dele. Por ter sido um sanatório. Superstição, suponho – avança, com uma expressão grave. – E acho que o Daniel foi quem pagou por isso.

Elin vacila. O que Margot está a insinuar é que a morte de Daniel não foi um acidente.

– Acha que alguém lhe fez mal por causa do seu envolvimento no hotel?

– Não me surpreenderia. Por mais que goste do meu emprego, às vezes este lugar… parece que tem algo errado.

– Errado? – pergunta, com um aperto no estômago.

– Não consigo descrevê-lo de outra maneira. Apenas errado.

Elin força um sorriso, mas um arrepio percorre-a enquanto processa as palavras de Margot. A parte lógica do seu cérebro diz-lhe que é apenas um evento antigo. Potencialmente, um crime passado, em nada relacionado com o desaparecimento de Laure; mas há algo que está a incomodá-la.

Entra na área da piscina para procurar Will e sente outra pontada de inquietação: o desaparecimento de Laure aconteceu ao mesmo tempo que a descoberta do corpo de Daniel. Os dois eventos em colisão… parece um mau augúrio.

24

Will está a fazer piscinas, a cortar a água tremeluzente em braçadas rápidas e eficientes. Não é uma representação; ele está mesmo à vontade na água. Confortável.

Elin fixa o olhar nele e segue os movimentos rítmicos. Ao fundo da piscina ele dá meia-volta, muda de direção. Ela vira a cabeça e pestaneja.

Demasiada claridade.

Os holofotes no teto refletem-se na água, finas faixas de luz que fazem ricochete na superfície como lâminas.

Tonta, respira fundo. *Controla-o. Não deixes que te controle*. Continua a respirar. Inspira, expira. Repetir.

– Will – chama, aproximando-se da beira da piscina.

Ele não a ouve.

– Will – repete, mais alto.

Desta vez ele dá por ela e abranda; os movimentos fluidos tornam-se entrecortados. Nada até à beira e iça-se para fora da piscina sobre os braços.

– Estavas a observar-me, era? – Will sorri. – Não te tomava por uma *voyeur*… – Exagera a entoação em *voyeur* e ergue uma sobrancelha.

– Não faz mal nenhum uma pessoa babar-se um bocadinho. – Elin sorri, mas é um sorriso fugaz, a mente já concentrada em Isaac, naquilo que ficou a saber.

– O que se passa? – Gotas grossas de água caem dos ombros de Will sobre os azulejos. – Por mais que gostasse de acreditar que admiras muito as minhas capacidades superiores de natação, já percebi que há algo errado.

– É o Isaac. – Elin leva a mão à boca e morde a unha do polegar. – Estive a falar com ele.

Will sai completamente da piscina e fica em pé ao lado dela, ainda a escorrer água, ofegante.

– Deixa-me adivinhar. A Laure voltou?

Elin observa os músculos definidos dos braços dele, o peito largo, os ombros fortes salpicados de pequenas sardas. Tem trinta e quatro anos e já não é seco

como um adolescente, mas ainda está em excelente forma: nada de flacidez, nada de barriga. Esta boa forma foi uma das características que a atraiu nele quando se conheceram. Tranquilizava-a: era uma prova visível de que ele era alguém motivado, disciplinado, forte, tanto física como mentalmente. Não precisaria de se apoiar nela.

– Não… – Elin tem dificuldade em formar as palavras. – Encontrei sangue. No tapete do quarto deles. Parece ser fresco.

Will sorri, com os olhos avermelhados do cloro.

– Elin, vá lá, não podes estar a pensar…

– Não, claro que não – responde em tom ligeiro. – Ele disse que a Laure se cortou com a lâmina, a fazer a depilação.

– Provavelmente foi o que aconteceu, então.

– Mas não é só isso. Quando eu estava a dar uma vista de olhos na casa de banho, o Isaac escondeu qualquer coisa no bolso.

– Escondeu qualquer coisa no bolso? – repete Will, de olhos postos nela. Sem os óculos, a cor dos seus olhos parece mais vívida.

– Sim. Antes que eu conseguisse ver o que era.

– Podia ser qualquer coisa. Algo privado. Preservativos, comprimidos…

– Talvez.

Ele entrelaça os dedos e estica os braços. Parece um gesto relaxado, descontraído, mas é ilusório: Will está irritado. Frustrado.

Não percebe por que motivo ela está a insistir nisto.

Will nunca pensa demasiado nas coisas. É de família. Elin já ouviu a irmã dele dizê-lo – é o lema não oficial da família. Lidar com a situação. Seguir em frente.

Nunca conheceu uma família como a dele. Will é o filho do meio – tem um irmão mais velho e uma irmã mais nova – e todos, incluindo os pais, são pessoas saudáveis e bem-dispostas, que nunca se aborrecem muito com nada. Não de uma forma estoica, como quem varre os problemas para debaixo do tapete – não, eles têm apenas uma abordagem forense. Se surge uma questão, discutem-na de modo minucioso e exaustivo, e depois lidam com ela. Formulam um plano e

põem-no em prática. E pronto. Sem olhar para trás, sem arrependimentos. E isso só é possível porque são todos tão abertos, conscientes das suas emoções, íntimos uns dos outros – almoçam juntos todos os domingos, conversam muito, têm piadas privadas. Passam férias em família todos os anos. Por vezes, Elin pergunta-se se Will tomará todo esse amor e afeto como garantidos.

Não consegue deixar de sentir alguma inveja, não só da proximidade deles, mas de como parece tudo tão fácil – não há silêncios constrangidos nem segredos, ninguém faz joguinhos. Uma vida familiar completamente oposta a tudo o que ela alguma vez conheceu.

– Sabes – começa Will –, estás a pensar demasiado em tudo isto. É estranho. Ela só desapareceu há uma manhã. Tal como já disse, parece-me uma reação estupidamente exagerada da parte do Isaac. Não te deixes arrastar pela paranoia dele. Este drama todo é deliberado. Ela vai aparecer e tu desperdiçaste o primeiro dia do que deviam ser umas férias…

Não termina a frase. Elin sabe o que ele ia dizer, mas percebe que Will se conteve. Mesmo agora, ainda é cuidadoso com as palavras. Tem dificuldade em ser completamente franco.

– … a pensar nestas coisas todas – termina ele. – Vamos só apreciar isto. Nós os dois. – Sorri. – Conseguimos fazê-lo ontem à noite, não foi?

– Mas há outra coisa. Acabei de falar com a rececionista, a Margot. Ela contou-me que a Laure e o Isaac têm discutido, que a Laure estava preocupada com o noivado.

Will encolhe os ombros.

– É normal, não é? Um compromisso desses é um grande passo.

– Mas eu acho que o Isaac tem estado a mentir. Descobri que ele foi despedido do emprego na universidade. Por assédio. E ele disse-me que ainda trabalha lá.

– E como sabes isso tudo? – O seu tom de voz é perigosamente calmo.

– Eu… – Hesita, atrapalhada, pois sabe o que ele vai pensar da resposta. – Liguei para a Universidade de Lausana.

Will recua, com uma expressão de desespero a cruzar-lhe o rosto.

– Tens andado a recolher informações sobre ele? – Elin vê um músculo a palpitar na sua face. – Elin, isto devia ser uma oportunidade para te afastares de tudo o que te atormenta em casa, mas… estás a desfazer todo o trabalho que fizeste até aqui.

– E se aconteceu mesmo alguma coisa à Laure? – Sente os olhos a arder.

– Por amor de Deus! – A voz de Will sobe uma oitava. – Não lhe aconteceu nada.

– Não é só isso. Quando eu estava a falar com o Isaac, apareceu a polícia. – Sabe que não está a ser lógica, mas por que raio não consegue ele ver o que ela vê? Como todas as peças se encaixam? – Encontraram um corpo para lá da floresta. A Margot diz que pensam ser o arquiteto desaparecido.

– O Daniel Lemaitre?

– Sim.

– E achas que isso tem alguma coisa a ver com a Laure? – Passa a mão pelo cabelo e gotas de água deslizam-lhe pelo rosto.

– Não sei, mas sinto que há algo errado. A Laure ter desaparecido, agora isto…

– Elin, ouve; mesmo que haja algo errado, mesmo que tenha acontecido alguma coisa à Laure, não é responsabilidade tua. – Will está a falar devagar, cuidadosamente. – Eu sei que é complicado, uma situação destas, mas tu já não és… – Will cala-se e cora.

Ela pestaneja. Sabe o que ele ia dizer.

Tu já não és detetive.

As palavras magoam, mas ele tem razão. Ela não é uma agente policial e este caso não lhe pertence. Nem sequer é um caso. Mesmo assim, dói. É a primeira vez que alguém o diz em voz alta.

Ela já não é detetive.

Em que momento deixou de o ser? E quando é que os outros deixaram de acreditar nela? Quando os três meses de licença se transformaram em seis? Em nove? É horrível, não parece natural. O seu trabalho sempre a definiu. Depois da morte de Sam, soube que isso era tudo o que queria fazer. Encontrar a verdade.

Obter respostas. Se já não pode fazê-lo, o que é ela? *Quem* é ela?

Não consegue disfarçar o tremor na voz.

– Ele é meu irmão. Estou a tentar ajudar.

– Estás a ir muito para além da ajuda e, se queres que seja franco, nem percebo porquê. Onde estava ele quando tu precisaste? Quando a tua mãe estava doente? – Will fita-a com ar sério. – Na minha opinião, estás mais disposta a esforçar-te por ele do que por nós.

– Will, vá lá. Não é uma competição, tu contra o Isaac…

– Não tem nada a ver com isso. Estou a falar a sério, Elin. – O seu tom de voz é calmo. – Já vi mais emoção em ti relativamente a isto, ao Isaac, do que ao progresso da nossa relação.

– Progresso? – repete Elin. Estratégias dilatórias. Sabe o que ele quer dizer. No mês passado, Will largou um monte de revistas em cima da mesinha de café. Revistas de decoração. Falou sobre cores de tinta, soluções de arrumação. Perguntou-lhe se preferia uma casa ou um apartamento.

– Sabes bem ao que me refiro. A irmos viver juntos. Quase três anos, e ainda moramos em apartamentos separados. – Baixa os olhos. – Quero que estejamos juntos, Elin, sempre. Quero partilhar as coisas do dia a dia. Ser um casal.

– Eu sei, mas é difícil dar esse passo enquanto ainda estou a lidar com tudo o resto.

– Não acho que seja isso. Sei que provavelmente pareço um idiota pouco compreensivo, mas penso que tu tens uma escolha a fazer. Podes ser corajosa, Elin, e optar por não deixar que o passado se apodere da tua vida.

– Uma escolha? – A voz treme-lhe. – Nunca teria escolhido isto…

– Tens uma escolha, sim – insiste Will. – Olha para o meu pai. A degeneração macular forçou-o a alterar toda a sua vida para se adaptar à condição, mas nunca se queixou. Fez uma escolha, Elin. Decidiu não deixar que isso o deitasse abaixo, que arruinasse a sua vida. E tu podes fazer o mesmo.

– Nem todos podemos ser como tu e a tua família – responde ela, tensa. – Sempre tão fortes. Tens sorte, Will, por serem todos tão próximos. Ajuda ter essa rede de apoio, pessoas com quem falar sem juízos de valor. Quando essa base

existe é mais fácil correr riscos, tomar decisões.

– Eu sei. – Parece cansado. – Mas tu e eu temos oportunidade de construir o mesmo tipo de família… a nossa família. E a única forma de lá chegarmos é se tu derrubares estas barreiras que construíste entre nós. Não consigo perceber porque estás a dar o teu melhor com isto, com o Isaac, mas connosco…

O instinto de Elin é ripostar, defender-se, mas ele tem razão. Ela ergueu barreiras entre ambos. Não foi intencional, mas fê-lo.

– É só que o Isaac, ele… – Cala-se. Parte dela quer desabafar com Will, partilhar com ele a única coisa que o fará compreender aquilo que realmente está a fazer aqui. Explicar-lhe que, embora esteja desesperada por seguir em frente, não pode até saber a verdade sobre o que aconteceu a Sam naquele dia; mas as palavras ficam-lhe presas na garganta.

É sempre a mesma coisa – está prestes a contar-lhe, mas não consegue. Parece-lhe que é ir um passo longe de mais, que não estará apenas a expor-se a si própria, mas também a uma parte da sua família, uma intimidade que a assusta.

Will olha para ela.

– Sabes, se continuares com isto, quando a Laure aparecer mais logo… e não tenho dúvidas de que ela voltará… acho que devíamos conversar e perceber se ficar aqui mais tempo… será uma boa ideia.

– Queres ir-te embora? – repete Elin, apanhada de surpresa, com o pânico a percorrê-la, pequenos dardos a espicaçarem-lhe os nervos.

Não podem ir-se embora. Ainda não. Se partirem agora, toda esta viagem terá sido em vão. Ela não está sequer perto de conseguir as respostas que procura.

Will acena afirmativamente.

– Não quero continuar a ver-te assim. Não gosto desta tua reação. Estás stressada, Elin. Não me parece que seja bom para ti estar aqui, com ele. Não… não estás a ser tu própria.

Elin quer protestar, mas ele está certo. Não está a ser ela própria. Os seus pensamentos não estão calmos; são acrobáticos, redemoinhantes, e não consegue encontrar neles qualquer sentido.

Will abre a boca para dizer mais qualquer coisa, mas pensa melhor. Cuidadosamente, volta a entrar na piscina.

25

Enquanto abre a porta para os balneários, Elin tem as palavras de Will às voltas na cabeça: «Não estás a ser tu própria.»

Com as lágrimas a arderem-lhe nos olhos, enfia os pés nos sapatos, baixa-se, pega na mala. Quando se endireita, estaca.

Um som: uma porta, a abrir e a fechar.

Elin vira-se, à espera de ver uma pessoa sair de um dos cubículos, de cabelo molhado, saco de natação na mão.

Silêncio.

Ninguém é assim tão silencioso, com certeza? Mudar de roupa implica ruído: o raspar do tecido sobre a pele molhada, os grunhidos de frustração quando os botões se prendem ao cabelo molhado ou as alças ficam ao contrário.

No entanto, ali está de novo: o estalido de uma porta.

Elin espera, ainda convencida de que vai aparecer alguém, mas nada.

O silêncio prolonga-se, amplificando o martelar da pulsação nos seus ouvidos. Com todos os sentidos em alerta, vira-se e inspeciona o espaço.

Está tudo calmo. Silencioso.

Dirige-se à porta que dá para a receção. *Não sejas estúpida*, diz a si própria. *Não é nada*.

Mas não é verdade.

Ouviu qualquer coisa. Não foi imaginação sua.

Elin passa lentamente pelos cubículos fechados.

É uma experiência estranha: não se tinha apercebido antes de como era peculiar a disposição dos balneários. Cada porta funde-se com a seguinte, criando o efeito de um corredor interior que corta o espaço ao meio. Um túnel deserto e estéril.

E não é só isso: nenhuma das portas tem maçanetas.

Como é que abrem?

Elin empurra com hesitação a porta mais perto de si. A pressão da sua mão faz algo: a porta abre-se para dentro com um estalido.

Estuda o interior do cubículo. Um banco estreito encostado à parede do lado esquerdo. Tem uma aba, dobrada para cima para permitir a abertura da porta. É evidente que, depois de a aba ser baixada, o banco terá uma largura normal e, ao mesmo tempo, impedirá a porta de se abrir.

Conforme percorre o corredor, Elin vai empurrando as portas de todos os cubículos.

Clique.

Clique.

Clique.

Mas não está ali mais ninguém.

Quando a última porta se abre, Elin entra no cubículo.

Poderia a pessoa ter saído por outro lado?

Encosta a mão à parede do fundo e pressiona.

Sim: o último cubículo abre-se para o outro lado dos balneários e, portanto, as pessoas podem entrar e sair por ambos os lados.

Uma inquietação crescente invade-a. É possível que ali tivesse estado alguém, que saíra por outro lado. Não pode ter sido pela receção, porque Elin estivera sempre virada para essa porta, mas podia ter ido para a piscina…

Então, onde estará agora?

Só há uma forma de saber. Elin descalça-se e regressa à zona da piscina.

Um aperto no estômago.

Só lá está Will, a cortar a água. Elin fica um instante paralisada, depois regressa aos balneários e sai para a receção do *spa*.

Estava ali alguém. De certeza. A observá-la.

Margot ergue o rosto e sorri:

– Ele ainda está a nadar?

– Sim. E a tentar bater um recorde qualquer, ao que parece. – Força uma descontração que não sente. – Entrou alguém depois de mim?

– Não, hoje está muito calmo. Acho que as pessoas aproveitaram o bom tempo para sair. Agora que está outra vez a nevar, vamos ter mais movimento.

Elin acena com a cabeça, aperta os dedos sobre a alça da mala.

Parte dela quer acreditar que aquilo que ouviu não passou de fruto da sua imaginação, outro som qualquer, mas outra parte tem a certeza: quem lá estava, estava a vigiá-la.

À espera.

26

Elin sente que precisa de limpar as ideias e sai do hotel pelas traseiras. Sobe o curto caminho até à floresta, no sentido oposto do passeio que deu com Will nessa manhã.

A sua mente não consegue deixar de pensar no que aconteceu nos balneários da piscina.

Estará a permitir que a sua imaginação leve a melhor?

Não tem a certeza.

Porém, apesar da sua confusão, a cada passo que dá sente-se mais forte, mais controlada.

É sempre assim: nunca as suas capacidades de resolução de problemas são melhores do que quando está a fazer exercício físico – a mente revê questões não resolvidas dos seus casos, pensamentos sobre Sam, Isaac, a mãe.

Mas caminhar na neve é difícil. Por baixo da camada espessa de neve seca acabada de cair, há uma camada mais antiga, mais compacta.

Elin para ao cimo do caminho, antes de entrar na floresta, ofegante. A neve pousa-lhe no blusão, fica presa nas rugas do tecido. Quando expira, o seu hálito gelado forma uma nuvem. Parou de nevar, mas o céu ainda está escuro, pesado. Elin percebe que irá cair mais neve.

Embora agora esteja parada, tem o coração acelerado e o suor ensopa-lhe a roupa térmica. É a altitude – o corpo ainda não se ambientou.

Aperta a bomba da asma no bolso do blusão, roça com os dedos na aresta do bocal. O ar frio não ajuda. Em casa, quando faz exercício, o ar é quente, húmido. Desde que faça a bomba por prevenção e não exagere, corre tudo bem. Mas aqui em cima o ar é mais frio, mais rarefeito: tem de ter cuidado. Estar atenta.

Fecha os olhos, respira fundo uma, duas vezes, e nesse momento, quando está com a guarda em baixo, a sua mente tropeça e dispara.

Uma sucessão rápida de instantâneos.

Uma brisa a cortar a superfície da água, tornando as rochas por baixo numa mancha indistinta.

Uma mão a pegar-lhe no braço.

Sangue a espalhar-se pela água como fumo.

O medo forma um nó desagradável no seu peito. Nunca sentiu isto antes. A intromissão de *flashbacks* na sua consciência, esta sobreposição à vida real. Normalmente surgem-lhe na fase de transição, quando está a adormecer ou a acordar. Nunca atravessaram essa barreira antes.

Desconcertada, respira fundo e continua a subir. A neve cobre tudo: o chão, as árvores, os ramos curvados sob o peso. As botas estão a magoá-la na parte de trás do calcanhar. Apesar das meias grossas, os pés deslizam a cada passo. O empregado da loja avisara-a de que eram demasiado grandes, mas ela ignorou-o. Nunca gostou de nada muito apertado. É o legado da asma. É estranho, pensa; como, para ela, a claustrofobia não existe apenas em espaços exteriores, mas também dentro de si.

Aquela sensação horrível de estar presa dentro do próprio corpo.

Uma das primeiras coisas que fez quando comprou o apartamento foi mandar deitar abaixo a parede que separava as duas divisões principais. Quando a última secção caiu, numa nuvem de estuque e poeira, deixando a luz invadir o espaço, o seu alívio foi quase palpável.

Elin vira-se e estuda a paisagem. O peso cinzento do céu estende-se num manto interminável, cortado apenas pelo horizonte de picos irregulares. Nas encostas há grupos de chalés, impossivelmente pequenos. Deste lado do vale, a estrada sinuosa que leva à cidade, do seu lado direito, quase não se vê entre os bancos de neve acumulada de ambos os lados. A cidade propriamente dita está oculta por um pequeno cume. Elin consegue ver apenas a infraestrutura metálica do sistema de elevadores, pilares que sobem a encosta e desaparecem na neblina. À sua esquerda, vê o hotel, mais abaixo. Os raios fracos do sol, que se escapam por uma abertura entre as nuvens, refletem-se na vasta extensão de vidros, com a neve acumulada contra as janelas.

Este é o panorama que ela queria ver, a perspetiva de que precisava; no entanto, quanto mais olha, mais confusa fica.

Uma pergunta repete-se na sua mente: *Se Laure partiu por vontade própria,*

para onde poderia ter ido?

O hotel é isolado, uma entidade fechada. Não há nenhum lugar nas imediações onde Laure pudesse estar. Não há local nenhum onde conseguisse ficar em segurança, quente.

Com certeza que não teria subido, pensa Elin, olhando na direção da floresta. Isaac dissera-lhe que não há cabanas lá em cima, não há qualquer abrigo. Depois das árvores há apenas a montanha, o glaciar. Olha para cima agora e vê que ambos estão envoltos numa neblina densa, agitada pelo vento, com fiapos a rastejarem sobre as rochas como dedos.

A imagem arrepia-a. Afasta o olhar.

É perfeitamente possível que Laure tivesse descido, quer até à cidade, quer de regresso ao vale, a Sierre, mas isso fica a mais de vinte quilómetros.

Então, como?

Caminhar era quase impossível nestas condições, e não podia ter chamado um táxi: não tinha nem a mala, nem o telemóvel.

Elin sabe que a única forma de obter respostas é descobrir o *motivo* que ela poderia ter tido para partir. A razão para sentir que precisava de ir. Pessoal, profissional – tem de haver pistas, Elin está certa disso.

Portanto, precisa de saber mais, descobrir o que move Laure. Tira o telemóvel do bolso e começa a abrir as várias redes sociais. Embora esteja registada na maioria delas, Elin nunca publica nada. Sempre se sentiu demasiado constrangida para impingir os seus pensamentos aleatórios ao resto do mundo.

A maior parte das contas de Laure são privadas, exceto uma: no Instagram.

Elin clica no *feed* de Laure. Não sabe o que encontrará, mas dificilmente será a verdadeira Laure. Uma das primeiras coisas que aprendeu na polícia foi o quanto as pessoas editam as suas vidas. Em currículos, em diários. Em conversas com amigos. Em *e-mails*.

E o mais fácil de manipular? As redes sociais. A colega extrovertida a almoçar com o seu «gangue» podia na verdade estar a comer sozinha, a ler um livro. A imagem artística daquele livro galardoado? Posto de lado depois da primeira página. Contudo, o facto de não dizer tudo é, em si mesmo, revelador.

Essa edição cuidadosa – a pessoa que estão a *fingir* ser – pode significar muito: uma perspetiva dos desejos e das inseguranças dessa pessoa.

Elin começa a passar imagens. O Instagram de Laure faz-lhe lembrar o de Will: pensado, filtrado de forma subtil, como se a exposição das fotos fosse demasiado longa. Paisagens. Arquitetura. Pelo meio, algumas fotografias dela com Isaac, com amigos. Um bar, *cocktails*. Um clube do livro num apartamento elegante. Poses exageradas para a câmara.

Olha para os comentários autodepreciativos de Laure: A ESFORÇAR-ME PARA NÃO ME ESFORÇAR DEMASIADO.

Não há imagens mundanas, do dia a dia. Não há citações «motivacionais», nem familiares mais velhos a posarem com relutância para a foto. Nada nestas imagens revela um lado mais suave, ou alguma vulnerabilidade. Ela quer ser vista como uma pessoa séria, criativa, controlada.

Isso é revelador: a total ausência de defeitos, ou da capacidade de se mostrar a si própria a viver uma vida menos do que perfeita, são indicativos de insegurança. Laure não tem confiança suficiente de que as pessoas gostariam do seu verdadeiro eu, portanto, tem de mostrar uma fachada.

No geral, aquele é o Instagram de alguém que está a esforçar-se muito.

Ainda assim, também não há sinais de instabilidade, de nada seriamente errado. Para descobrir isso, Elin terá de procurar num sítio real. Um lugar onde Laure não estivesse tão consciente de terceiros, onde os amigos não a conseguissem ver, julgar.

O escritório dela.

Enquanto começa a descer o caminho, em direção ao hotel, o olhar de Elin é mais uma vez atraído para a imensa vastidão branca que se estende abaixo dela.

Ocorre-lhe um pensamento: *E se Laure* queria *perder-se aqui? E se tudo isto foi planeado?*

Quase consegue compreender, pensa, o desejo de mergulhar neste vazio.

Um esquecimento perfeito, interminável.

Depois, vem-lhe à mente a imagem dos salpicos de sangue no tapete.

Pequenos pontinhos cor de ferrugem. Uma constelação.

27

O seu captor tirou-a do chão.

Adele está agora deitada numa cama, ou coisa do género. É uma superfície mais macia, mais confortável.

Pestaneja e abre os olhos, mas as formas e cores à sua volta estão desfocadas. Demora alguns minutos a conseguir encontrar sentido naquilo que tem à frente.

Uma parede: rugosa, estriada, molhada de humidade.

Adele tenta analisar isto, perceber onde estará, mas está distraída. Sente a cara a arder. Com um sobressalto, lembra-se: *a máscara*. O pânico fervilha dentro dela, e o suor brota entre a pele e a camada de borracha grossa.

Freneticamente, tenta arrancá-la do rosto, mas as suas mãos não se mexem.

O que aconteceu?

Adele inclina a cabeça para a frente, para tentar ver melhor, mas o movimento deixa-a tonta, como se o seu cérebro estivesse três passos atrasado em relação ao crânio.

Tenta de novo, rodando o tronco para a direita, mas quando a cabeça roda, o tubo em forma de C preso à máscara bloqueia-lhe a visão, uma curva negra e grotesca.

Adele tenta esticar o pescoço, inclinar a cabeça para a direita o suficiente para conseguir ver para além do tubo.

Funciona: um vislumbre da sua mão direita. Está presa à cama pelo pulso. Ao lado, a pouca distância, uma mesa. É feita de metal, semelhante às que se usam em campismo – dobrável, portátil. No centro da mesa, uma pequena bandeja metálica. Nesta, muito bem alinhados, instrumentos cirúrgicos: bisturis, uma faca, uma tesoura de bicos finos.

O coração de Adele falha, salta um batimento.

É então que ouve. Um som que a trespassa: o estranho som de sucção de ar a ser inalado, o assobio agudo da expiração.

O som da máscara da outra pessoa. Diferente do dela: mais alto.

Mesmo contra vontade, inclina mais a cabeça e consegue vê-la.

Tem qualquer coisa na mão – um telemóvel. *O meu telemóvel*, pensa ela, reconhecendo a capa azul esfolada.

Os dedos movem-se rapidamente sobre o ecrã.

Passam alguns segundos e depois Adele ouve um som familiar. Demora um instante a processar o significado do mesmo: *Mandou uma mensagem. Do meu telemóvel*.

Segundos depois, outro som. Um *bip* baixo.

Alguém respondera.

É então que percebe: *Mandou uma mensagem a fazer-se passar por mim*.

Sente o estômago apertado: agora ninguém saberá que ela desapareceu. Receberão a mensagem e pensarão que está tudo bem.

Ninguém vai procurar-te. Ninguém perceberá que aconteceu alguma coisa.

Adele tenta gritar, mas o som por trás da máscara é abafado, patético.

A figura vira-se e fita-a durante alguns minutos, como se estivesse a pensar em qualquer coisa.

Depois a voz:

– Pronta?

Um compasso de espera: os ouvidos absorvem o som antes de o cérebro o registar. Depois Adele encolhe-se, desesperada.

A voz. Reconhece-a.

Abre a boca, mas não sai qualquer som. Um turbilhão dentro dela: a pouca esperança que lhe restava desaparece.

Nunca conseguirá sair daqui.

De certa forma, sempre soube que este momento chegaria. O que aconteceu nunca desapareceu. Ela empurrou-o para os recantos mais distantes da sua mente, mas o conhecimento esteve sempre lá – como um coágulo pacientemente instalado numa veia, à espera do momento certo para se soltar e causar uma catástrofe.

Adele fica deitada, perfeitamente imóvel, à espera. A única coisa que ouve é a sua própria respiração.

A qualquer momento. A qualquer momento.

O feixe de luz da lanterna dá um solavanco, desloca-se de novo. O seu captor, dobrado pela cintura, remexe dentro de um pequeno saco preto no chão e tira uma seringa.

Uma picada no braço antes de tudo escurecer, mas não depressa o suficiente para que ela não oiça o som da pequena mesa metálica a ser arrastada sobre o chão em direção a ela, o ruído dos instrumentos metálicos a baterem uns nos outros.

28

– Ela ainda não voltou?

A diretora-geral do hotel fica tensa, com os papéis apertados na mão, a pressão a amachucá-los entre os dedos. Elin examina a placa presa à camisa escura, onde se lê: «Cécile Caron. Diretora-geral.» É a mulher que viu na piscina no dia anterior, a irmã do proprietário.

Há sem dúvida uma semelhança: a mesma estatura, o corpo musculado, o cabelo louro, embora o de Cécile seja mais curto, ainda mais curto do que o de Elin, revelando os traços afilados, as maçãs do rosto salientes. As suas feições são fortes, bem definidas. Não usa qualquer maquilhagem, mas não precisa. Por alguma razão, qualquer adorno pareceria disparatado nela. Supérfluo.

Elin abana a cabeça.

– Não. O Isaac não teve notícias dela. Ninguém teve.

Uma sombra passa pelo rosto de Cécile.

– Tem a certeza de que ele falou com toda a gente?

– Sim, toda. Amigos, família, vizinhos. Todos pensavam que ela estava aqui, com o Isaac. – Elin faz uma pausa. – Não sei se a Laure lhe disse, mas estamos aqui para a festa de noivado deles.

– Ela contou-me. – Cécile sai de trás do balcão da receção, ainda com os papéis apertados na mão. – Também mencionou que a Elin é polícia no Reino Unido. – A sua expressão é ilegível. Elin sente-se imediatamente desconfortável.

– Sim. – Cora. Devia tê-la corrigido: *Porque não dizer a verdade? Porquê reivindicar uma autoridade que não merece?* – Sim, o Isaac… é meu irmão. Ele ligou para a polícia. Tomaram nota do desaparecimento, mas acham que é demasiado cedo para justificar uma investigação. Entretanto, eu ofereci-me para fazer algumas perguntas.

Com um aceno brusco, Cécile murmura algo à rececionista e depois vira-se de novo para Elin.

– Vamos para o meu escritório. É melhor falarmos lá.

Elin segue-a para o corredor principal, quase a correr para conseguir

acompanhar o passo rápido e eficiente de Cécile. As calças da outra mulher esticam um pouco quando ela anda, como se ficassem presas nas pernas, nos músculos visíveis das suas coxas. É o primeiro elemento do pessoal do hotel que Elin encontra a quem o uniforme não assenta bem, por algum motivo. Parece um peixe fora de água. O estilo escandinavo sóbrio – camisa preta, calças justas e afuniladas, sapatos cinzentos de salto alto – não se adequa ao corpo dela. Os ombros largos, os membros sólidos esticam o tecido, alterando subtilmente o corte das peças. Tal como Elin, provavelmente sente-se mais confortável em roupa de exercício.

Cécile entra na primeira porta à direita. Percorrem mais um curto corredor. Os escritórios ficam ao fundo, do lado esquerdo. Cécile abre uma porta e afasta-se para a deixar passar.

– Entre, por favor. Sente-se.

Pela primeira vez, Elin ouve o sotaque americano no inglês de Cécile. Ou estudou lá, ou viveu lá tempo suficiente para o adotar.

No escritório, depara-se mais uma vez com uma parede de vidro, mas a vista das montanhas está agora obscurecida pelas nuvens inchadas e negras. Recomeçou a nevar com uma intensidade estonteante, grandes flocos pesados a tombarem no chão.

A secretária de Cécile está posicionada no centro do escritório, mesmo em frente do vidro. Como um alvo, pensa Elin, estremecendo. Em plena vista.

Quando se sentam, o seu olhar percorre o resto do espaço: dois ecrãs de computador lado a lado em cima da secretária, uma pilha de papéis, uma caneca de café reutilizável. Diretamente viradas para ela, em cima da secretária, algumas fotografias. Elin reconhece logo Cécile: com um troféu na mão, uma medalha ao peito. Numa das fotos está numa piscina, com a touca de natação numa mão, a outra fechada num punho vitorioso.

Cécile segue o olhar de Elin.

– Fui nadadora de competição. – Uma risada seca. – Noutros tempos.

Elin cora, embaraçada por ter sido apanhada a olhar.

– Foi uma mudança de carreira radical.

– Não estava à altura. – Ela sorri. – Sabe como é. A competição torna-se cada vez mais feroz à medida que progredimos.

Um sonho por realizar, pensa Elin, e vê os olhos de Cécile virarem-se rapidamente para a fotografia e depois afastarem-se. Um sonho que foi importante o suficiente para ela ter uma fotografia na secretária, por mais penoso que seja pensar nisso.

Na verdade, quem não tem esse tipo de sonhos? Quem nunca pensou: *E se a vida tivesse seguido um rumo diferente?*

Muda de assunto.

– Então, não viu a Laure?

– Desde ontem, quando estava a almoçar no salão, que não a vejo. – Cécile franze a testa. – Tem a certeza de que ela não ligou a ninguém?

– Tenho.

– Ninguém a veio buscar? Alguém que o Isaac não conheça?

– É possível; mas, mesmo assim, isso não explica porque é que ela não disse nada a ninguém e não levou as suas coisas. O telemóvel, a mala, a carteira… está tudo aqui.

– E de certeza que não foi para casa?

– Não. O vizinho tem uma chave, foi lá confirmar. Não estava ninguém.

– Mas com certeza que é possível que ela tenha ido por vontade própria, e não quisesse que ninguém soubesse. Talvez dúvidas de última hora em relação ao noivado? – Cécile encolhe os ombros. – Sei como é; passei por isso.

Elin olha para a mão de Cécile. *Não tem aliança*.

Cécile apercebe-se do olhar.

– Divorciada.

Elin ouve o tom desafiador e compreende a frieza implícita. As pessoas fazem perguntas, e Cécile deve querer evitar os lugares-comuns que se seguem: «Hás de encontrar a pessoa certa.» «Não te preocupes, ainda não é demasiado tarde.» Elin tem apenas trinta e dois anos, mas, antes de conhecer Will, ouviu-os a todos. A partir do final da casa dos vinte, as pessoas sentem necessidade de categorizar os outros, de os arrumar em caixinhas.

Caso contrário, são considerados uma ameaça. *Indefinível*.

– Sim – admite, retomando o assunto de Laure. – As pessoas fogem; acontece mais frequentemente do que se pensa. A família começa a entrar em pânico e acabam por descobrir que foi tudo planeado. Às vezes, as pessoas não querem ter de se explicar, por isso partem sem dizer nada a ninguém. – Inclina-se para a frente. – Então não tem conhecimento de nenhum problema? Alguma razão para ela partir?

– Não. A Laure sempre foi uma funcionária excecional. Pontual. Inteligente. – Cécile brinca com uma caneta em cima da secretária. – Oiça, provavelmente não sou a melhor pessoa com quem pode falar. Tínhamos uma relação cordial, mas apenas profissional. A Laure é… reservada. Nunca partilhava coisas pessoais, a menos que fosse mesmo necessário.

– Importa-se que eu dê uma vista de olhos à secretária dela? Para ver se deixou lá alguma coisa. Indicações de viagem, algo desse género. – Elin mantém deliberadamente um tom ligeiro.

– A secretária dela? – Algo que Elin não consegue decifrar passa pelo rosto de Cécile.

– Pode vir comigo – acrescenta Elin. – Não estou interessada em nada que tenha a ver com o trabalho.

Cécile relaxa e empurra o vidro fumado da parede do lado direito.

– Claro. É por aqui. – A porta abre-se com um suave estalido.

Do outro lado, um escritório semelhante ao de Cécile, mas com metade do tamanho. A diretora-geral fica à porta, a olhar para o telemóvel.

Elin passa os olhos pela superfície da secretária. Está arrumada: computador portátil, suporte de canetas, telemóvel, uma pequena planta suculenta num vaso verde-lima. A ponta de um carregador de telemóvel pendurada de um dos lados. É inócuo. Impessoal. Não revela nada.

Baixa-se e puxa a gaveta do lado direito. Está destrancada, abre facilmente. Não contém muito: uma apresentação, apontamentos de reuniões, uma pasta. Passa rapidamente os olhos pelos papéis e coloca-os de lado. Depois pega na pasta de cartão azul. Lá dentro, vários papéis dobrados. Um artigo impresso de

um *website*. O cabeçalho está em francês: *Dépression*. Preso com um clipe ao canto direito superior da folha, um cartão de visita.

Amélie Frances
Psicoterapia | Psicologia
24, rue de Lausanne

Elin olha de relance para Cécile, que está agora a falar ao telefone.

Enfia o cartão no bolso e abre a gaveta da esquerda. Está vazia, tirando uma pasta roxa. Contas mensais de telemóvel dos últimos doze meses. Em nome de Laure, mas endereçadas ao hotel.

– Encontrou alguma coisa? – Cécile ergue os olhos.

– Não sei. – Elin hesita. – Têm telemóveis só para o trabalho?

– Não. Quaisquer chamadas de trabalho feitas dos telemóveis pessoais podem ser reembolsadas, mas essencialmente usamos os nossos telefones. – Aponta para o telefone fixo em cima da secretária.

Então estas contas seriam do telemóvel pessoal de Laure, não? Mas porquê guardar as faturas aqui? É então que Elin repara numa coisa. A rede é Orange. O telemóvel que Isaac lhe mostrara não era da Swisscom?

Isso significa que Laure tem outro telemóvel.

Pega na conta mais recente e passa os olhos pela página. Um número aparece repetidamente tanto no registo de chamadas como nas mensagens. Deve ser o de Isaac, pensa, e pega no seu telemóvel para confirmar.

Não é. Quem quer que seja a pessoa para quem Laure liga com frequência, não é Isaac. Na verdade, pensa Elin, continuando a estudar o registo, o número de Isaac não aparece sequer nesta lista. O seu corpo fica tenso. Há qualquer coisa que não lhe agrada.

Porquê guardar as faturas aqui?

Elin sabe a resposta: *Porque não quer que Isaac as veja.* A sua mente dá o passo lógico seguinte: *Laure estaria envolvida com outra pessoa? Terá Isaac descoberto?* Recorda-se do telefonema a que assistiu na noite anterior: Laure

talvez estivesse a usar o telemóvel a que se referem estas faturas. E este pode ser o número da pessoa com quem ela estava a falar, o número que não encontrara no outro telemóvel dela.

O seu telemóvel vibra. Olha para o ecrã. Uma mensagem de Will: ESTÃO A FALAR DO TEMPO NAS NOTÍCIAS. VÃO EVACUAR OS HOTÉIS DO OUTRO LADO DO VALE.

– Já tem tudo aquilo de que precisa?

Elin arranca os olhos do ecrã e repara na impaciência no rosto de Cécile. *Está farta. Quer voltar ao trabalho*.

– Sim. – Aponta para a pasta com as contas de telemóvel. – Há problema se eu levar isto?

– Claro que não – responde Cécile. – E se eu puder ajudar em mais alguma coisa, diga-me. – A sua voz é sincera, mas a expressão do rosto, curiosamente opaca. Elin não consegue perceber se as palavras são sentidas ou mera cortesia profissional. – Estou a falar a sério – acrescenta Cécile, como se lhe lesse os pensamentos. – O que for preciso. A Laure é um membro muito estimado do pessoal… – Interrompe-se, de olhos postos na janela.

Elin segue o olhar dela até ao parque de estacionamento lá fora. Um dos todo-o-terreno da polícia que viu antes está a arrancar, a toda a velocidade, com as rodas a levantarem neve.

Quando se vira de novo para Cécile, a expressão desta sobressalta-a. O seu rosto é uma máscara de preocupação.

Depois lembra-se de Laure ter mencionado que os Carons tinham crescido com Daniel Lemaitre.

Abre a boca para dizer que lamenta muito, mas contém-se: ao olhar para Cécile, não lhe parece que a reação dela fosse muito boa.

29

– Um artigo tirado da Internet? – A voz de Isaac é demasiado alta, tensa, mas não importa. O salão está cheio e as suas palavras perdem-se no meio do zumbido de conversas, do ruído de loiças e talheres. Há uma música ambiente baixa: *jazz* contemporâneo, algo adequado à hora do dia.

Ninguém arrisca sair com este tempo, pensa Elin, olhando para o exterior. O céu está negro e o vento puxa e empurra grandes flocos de neve em todas as direções.

Ela acena com a cabeça.

– Estava na secretária da Laure.

– Então foi por isso que mandaste o Will embora. Para poderes confrontar-me.

Elin fica ofendida.

– Não o *mandei* embora. Ele já tinha acabado de almoçar e queria ir ver os *e-mails*.

Isaac larga o garfo e empurra o prato. Mal tocou na salada de frango, com as folhas de alface empilhadas de um dos lados do prato.

Está de rastos, pensa Elin, olhando para a barba por fazer do irmão, as suas roupas amarrotadas.

– E então, é sobre quê? – pergunta ele bruscamente.

– Sobre depressão. Tinha um cartão de visita preso à folha, de uma psicóloga.

Elin passa o dedo pela beira do copo e olha para a lareira. As chamas altas lambem o vidro.

– Uma psicóloga? – Isaac abre muito os olhos antes de se recompor. – Bom, isso faria… sentido. – Olha para ela, sondando-a, como se estivesse a tentar adivinhar a sua reação. – A Laure tem andado deprimida, ultimamente. Piorou bastante nos últimos meses. A medicação dela… foi o que eu tirei da prateleira. Não tinha a certeza se tinhas visto.

– Vi. – Fita-o nos olhos. – Porque é que a escondeste?

– Não queria estar a discutir um assunto tão privado sem o conhecimento dela. Pensei que ela voltaria e não seria preciso… – Abana a cabeça e olha para o chão. – Mas isso é para esquecer, não é? – Pigarreia. – Já cancelei a festa, sabes. Liguei aos amigos da Laure, aos meus. Mesmo que o tempo não esteja tão mau como se prevê, não faz sentido virem.

– Tens a certeza?

– Não seria uma grande festa de noivado sem a noiva, pois não?

Elin apercebe-se da entoação de raiva na voz dele e muda de assunto.

– Então há quanto tempo dura a depressão dela?

– Há anos. Umas alturas melhores, outras piores… desde que a Coralie morreu. Não ajudou nada o facto de o pai não estar presente. Assim que a Laure fez dezoito anos, ele regressou ao Japão.

– A Coralie *morreu*? – pergunta Elin com a voz a tremer. Recorda o rosto estreito, os olhos inclinados e felinos. Coralie era especial, uma agitadora, com tanta energia que é difícil imaginar que tenha partido.

– Foi atropelada em Genebra. Perto do lago. O condutor fugiu.

– A Laure não me contou nada. – Porque será que não o mencionou, pergunta-se Elin, magoada, mas no fundo, sabe: porque haveria Laure de lhe confiar uma coisa dessas depois de Elin ter desaparecido da sua vida?

– Ela está a tentar ser corajosa, mas, por detrás daquela fachada, está a lutar para se aguentar. Principalmente aqui. Não se pode dar ao luxo de perder outro emprego.

– *Outro*?

– No último trabalho, praticamente pediram-lhe que se despedisse. Deram-lhe boas referências porque ela aceitou sem levantar problemas, mas mesmo assim…

– O que aconteceu?

– Os horários, a carga de trabalho… foi demasiado para ela. Não andava a dormir bem, fartou-se de meter baixa, começou a responder mal aos colegas, aos hóspedes.

Elin tenta encaixar essa informação naquilo que sabe sobre Laure. É

impossível, como se Isaac estivesse a falar de duas pessoas diferentes. Debate consigo própria o que há de dizer a seguir.

– Eu… também encontrei uma fatura de telemóvel, Isaac. Não é do telemóvel que me mostraste. Acho que ela tem outro.

– Outro? Acho que saberia se… – Um rubor sobe pelo pescoço de Isaac.

– É a verdade. Está em nome dela. As contas vinham para o hotel. – Elin pega num pedaço de pão e volta a pousá-lo. A sopa, as gotas de azeite suspensas no líquido fumegante… é pouco apetitoso. Não consegue.

– Bom, se tinha outro telemóvel, não devia usá-lo muito.

– Há muitas chamadas, Isaac, e também mensagens. E um número para o qual ela ligou repetidamente nos últimos meses. Um número suíço.

Isaac passa a língua sobre os dentes, agitado.

– Tens a fatura contigo?

Elin enfia a mão na mala e passa-lhe a mais recente. Ele perscruta a folha com uma lentidão agonizante. *Não está a reconhecer o número.*

– Vou ligar. – Isaac tira o telemóvel do bolso. O cabelo cai-lhe sobre a testa, ensombrando-lhe o rosto.

– Para onde?

– Para o outro telemóvel da Laure. O número está no cabeçalho da folha.

Enquanto ele marca o número, Elin rói uma unha, com uma terrível sensação de trepidação a apoderar-se dela. Os seus olhos pousam no enorme candelabro por cima deles. Tem um *design* abstrato – feito com centenas de fragmentos aguçados de vidro, suspensos a várias alturas. À primeira vista, é lindo, mas a complexidade e a falta de simetria tornam-no excessivo. É uma peça central demasiado agressiva. Isaac afasta o telemóvel do ouvido.

– Vai diretamente para o gravador de mensagens. Uma voz automática. – Pega de novo na fatura, apertando-a com tanta força que amachuca o papel. – Vou experimentar o número para o qual ela ligava mais.

Segundos depois, alguém atende.

– Estou? – Uma hesitação. – Estou? – repete Isaac. – Está aí alguém?

Depois afasta o telemóvel do ouvido e coloca-o em cima da mesa. A única

coisa que Elin vê nos seus olhos é confusão. Não raiva, apenas uma devastação silenciosa.

Laure mentiu-lhe e ele não fazia ideia.

Sensibilizada, Elin olha para as mãos. Isaac não quer certamente que ela demonstre pena dele. Nunca gostou disso.

– Alguém atendeu e desligou depois de eu falar.

– Tenta de novo.

Mas desta vez, assim que leva o telemóvel ao ouvido, volta a pousá-lo na mesa.

– Agora nem sequer toca.

– Deve ter sido desligado. Isaac, não interessa. Se aconteceu alguma coisa, podemos pedir à polícia que procure melhor. Nos dois telemóveis. A operadora pode entregar uma lista de todos os números marcados e chamadas recebidas nos últimos seis meses…

Isaac tamborila com os dedos na mesa, silencioso. Elin nem tem a certeza se ele a ouviu.

Uma empregada de cabelo escuro limpa a mesa ao lado da deles com um pano. Elin sente o cheiro ácido a limão do produto de limpeza. Quando acaba, vira-se para eles com um sorriso.

– Desejam mais alguma coisa?

Elin abre a boca para responder, mas Isaac antecipa-se.

– Não – diz, secamente. – De qualquer modo, a comida é uma porcaria.

– Isaac… – Elin sorri à empregada como que a pedir desculpa.

– O que foi? Estou a dizer a verdade.

A empregada endireita-se, ruborizada.

– Posso trazer-lhe outra coisa, se assim desejar, senhor, e naturalmente transmitirei as suas queixas à equipa.

– Não, está tudo bem. – Elin lança um olhar de aviso a Isaac. – Obrigada, não precisamos de mais nada. – Quando a empregada se afasta, franze a testa. – Porque é que tens sempre de fazer isso? Ser agressivo? Ela não tem culpa de que a Laure tenha desaparecido.

Sempre foi a atitude habitual do irmão: descarregar em cima dos outros. Elin lembra-se de uma vez em que ele perdeu um brinquedo que o pai lhe dera por ter tido boas notas, um robô metálico de pernas altas que falava quando se carregava na antena: «Estou às tuas ordens, mas trata-me com cuidado!» E foi Sam o alvo da fúria dele – desarrumou-lhe o quarto todo, tirou-lhe um pirata da *Playmobil* em retaliação.

Depois disso, Sam andou semanas colado a Elin. Tornaram-se o escudo humano um do outro: de cada vez que Isaac perdia a cabeça, procuravam a proteção do outro.

O silêncio constrangedor prolonga-se; Isaac esfrega a nuca.

– Tens razão – diz, por fim –, mas não gosto disto. Parece-me… errado. Se ela não aparecer até logo à noite, vou ligar outra vez para a polícia.

– Talvez ela já tenha voltado nessa altura – responde Elin sem convicção. – Tudo isto pode não ser nada.

– Talvez mudes de ideia depois de veres isto. – Enfia a mão na pasta e tira um monte de fotografias, que atira para cima da mesa. – Olha para elas e diz-me que não é nada.

Elin puxa-as para si e sente a respiração acelerada. As fotografias são diferentes, mas todas da mesma pessoa.

Lucas Caron.

– O proprietário do hotel… Onde é que encontraste estas fotos? – Um arrepio gelado percorre-a. *Isto não é bom*.

Isaac fita-a atentamente, com o rosto pálido, exangue. Tamborila com o pé no chão.

– Encontrei-as dentro do saco de esqui da Laure. Olha bem para elas.

Lucas a caminhar na direção do hotel, com o gorro puxado para baixo, a olhar para o telemóvel. Lucas a falar com um dos funcionários à entrada do salão. Lucas sentado no terraço com um grupo de pessoas, a beber vinho.

Parece uma operação de vigilância. Como se Laure estivesse a segui-lo. A vigiá-lo.

– É estranho, não é? – pergunta Isaac. O pé move-se agora mais depressa. O

joelho bate na parte de baixo da mesa. – Diz-me que não achas estranho. Não são instantâneos de férias, pois não? Não me parece que ele saiba que está a ser fotografado.

Elin respira fundo.

– Sem um contexto, é difícil dizer. Pode haver uma explicação. – Mas agita-se pouco à vontade na cadeira e sabe que as suas palavras não são convincentes.

Que explicação poderia haver? Porque é que Laure tinha estas fotografias?

– Como por exemplo? – indaga Isaac, com ar duro. Coça furiosamente a pálpebra.

Elin segura-lhe na mão, palma com palma. É um gesto automático, instintivo. A mão dele relaxa sob a dela.

O tempo curva-se sobre si próprio. Ela é de novo criança e Isaac está a ajudá-la a adormecer depois de um pesadelo. Partilharam um quarto durante anos por causa disso. Ele esticava o braço e dava-lhe a mão. E fazia o mesmo por Sam quando ele era pequeno. Durante algum tempo, Sam teve pesadelos ainda piores do que os de Elin, e a culpa era dela. Passaram por uma fase de se mascararem e brincarem ao faz de conta: Sam era soldado, cavaleiro e, por vezes, quando Elin o conseguia persuadir, ovelha, usando um fato de lã branca improvisado – a interpretação «criativa» que Elin fazia da Natividade. Mas depois Sam começou a ter pesadelos com as máscaras – imaginava-as a ganhar vida e a dançarem sozinhas, sem cabeça, pelo quarto. Elin lembra-se de a mãe guardar discretamente os fatos e murmurar que era melhor «não brincarem com isto durante uns tempos».

Sam.

O pensamento sobressalta-a. Elin retira a mão, sentindo-se horrivelmente inquieta. Está outra vez a cair, não está? A deixar-se levar.

Tudo o que Isaac lhe mostrou, tudo o que lhe disse – não passa de palavras, nada mais. Elin pega no copo de água e pestaneja, zangada consigo própria. Apesar de tudo, baixou a guarda. Devia ter tido mais cuidado.

Esqueceu-se de como é fácil perder alguém de vista. A soma das suas partes.

30

A fadiga abate-se sobre ela assim que entra no quarto. Elin esfrega os olhos. Sente o início de uma dor de cabeça: um latejar surdo e constante na nuca.

Pega na garrafa de água, abre-a. O gás sai com um silvo rápido e as bolhas sobem pelo gargalo. Serve-se de um copo e bebe com avidez. Precisa de descansar, mas não consegue afastar da cabeça aquilo que Isaac lhe mostrou.

O que significará?

Deixa-se cair na cadeira de cabedal ao pé da janela e pega no telemóvel. Introduz o nome de Lucas Caron no Google. Porém, antes de conseguir ver os resultados, repara que tem um *e-mail* de Anna, a sua superior.

ELIN,

QUERIA SÓ SABER COMO ESTÁS, Já QUE NÃO RESPONDESTE AO MEU ÚLTIMO *E-MAIL*. NÃO QUERO PRESSIONAR-TE, MAS PRECISAMOS MESMO DE UMA DECISÃO ATÉ AO FIM DO MÊS. LIGA-ME SE PRECISARES DE FALAR.

Os seus olhos perseguem as palavras no ecrã várias vezes antes de minimizar a janela do correio eletrónico e regressar ao navegador Safari e a Lucas Caron.

Uma série de artigos apareceram nos resultados da busca: uma biografia na Wikipédia, inúmeros artigos na imprensa especializada de negócios e da área da hospitalidade. Elin avança para a página seguinte. Mais artigos. Entre estes, resultados desportivos, com os tempos dele em maratonas e provas de esqui a corta-mato.

Pelos vistos, é tão entusiástico em relação ao desporto como à carreira, pensa Elin; e essa, a julgar pelos cabeçalhos, está sem dúvida bem lançada: «Por detrás da marca: ao longo da última década, Lucas Caron destacou-se como o homem a ter em atenção no mundo da hotelaria suíça.» «O princípio de um império: como Lucas Caron reinventou o minimalismo e está a transformar a paisagem dos hotéis de luxo.» «O hoteleiro *hippie*: como a prática diária do ioga ajuda Lucas Caron a estar no seu melhor.»

E mais recentemente: «Le Sommet: o adeus ao estilo chalé. Um estudo no novo minimalismo.» «O motivo pelo qual Lucas Caron gosta de procurar inspiração no passado.»

Elin clica nesse segundo artigo. Uma fotografia domina o ecrã: Lucas sentado de pernas cruzadas num dos sofás no salão de Le Sommet. Não há o menor indício de desconforto – o seu sorriso é aberto, natural. Contudo, mesmo nesta fotografia mais formal, ele parece mais alguém que surgiria na capa de uma revista de escalada ou de caminhada do que um empresário do ramo imobiliário. Veste um par de calças de ganga desbotadas, uma camisola polar cinzenta que realça o corpo musculado. O cabelo louro escuro cai descuidadamente sobre o rosto e tem a barba por fazer.

Elin baloiça o pé. Não faz sentido, pois não? A vibração relaxada não se adequa ao hotel, a este *design*. Passa os olhos pelo texto por baixo da imagem e algumas passagens saltam-lhe à vista: «Sempre optei por trabalhar com edifícios que têm história, edifícios que me pedem para continuar a contar a sua história. O facto de a história de Le Sommet ter começado com a visão do meu bisavô para um sanatório faz com que este empreendimento seja especial para mim. Sempre tive o sonho de reinventar o edifício; quando era criança, costumava olhar para a estrutura e imaginá-la renascida, algo novo.»

O artigo continua: «Lucas começou a fazer edifícios aos nove anos de idade, com tudo o que conseguia encontrar. “Legos, paus, a comida que me traziam no hospital. Na verdade, acho que esse hospital foi onde começou o meu amor por edifícios… pela arquitetura. Jurei que, quando estivesse melhor, espremeria o máximo de cada dia.”»

Hospital?

Lê rapidamente o resto do artigo e encontra um parágrafo explicativo: «Lucas nasceu com um problema cardíaco congénito chamado CIA (comunicação interatrial), um buraco no coração. Foi tratado com êxito e fechado por via cirúrgica, mas a operação e várias complicações obrigaram-no a passar longas temporadas no hospital quando era criança.»

Lucas começa agora a fazer sentido para Elin: é um homem com algo a

provar, mental e fisicamente. É também alguém que quer romper com a tradição. Uma frase em particular reflete isso mesmo – «espremer o máximo de cada dia».

Elin compreende que Laure tenha ficado intrigada por essa mistura de homem de negócios e boémio, mas de qualquer modo isso não explica as fotografias, o motivo de as ter tirado.

Regressa à página de pesquisa e percorre com os olhos os restantes resultados. Ao fundo da página, repara num blogue. É em inglês e tem um *post* com um título provocador: «Como os empresários imobiliários da Suíça estão a destruir as suas próprias cidades.»

Elin abre-o. O conteúdo reflete o título – comentários sobre vários grandes empresários da construção, incluindo Lucas. Na secção de comentários, ao fundo da página, chamam-lhe a atenção as observações venenosas sobre Lucas Caron e Le Sommet – insultos ao *design* proposto, à personalidade dele. «É o tipo de pessoa que espezinha os outros.» «Um daqueles tipos que pensa: "Vou fazer o que quiser, e para o diabo com quem tentar atravessar-se no meu caminho"»… Fala-se sobre o desaparecimento de Daniel, sobre a sua relação pessoal e profissional com Lucas. Mexericos, basicamente: acusações de nepotismo, rumores de que Lucas ia afastá-lo do projeto.

Ainda intrigada, procura Lucas no Twitter. É um choque: o nome dele surge em centenas de *tweets*, na sua grande maioria negativos.

Ouve o estalido da porta. *Will*.

– O que estás a ver? – Ele aproxima-se e pousa o telemóvel na mesa.

– A ler um artigo sobre o construtor, Lucas Caron. O Isaac mostrou-me umas fotografias que a Laure tinha dele.

– E?…

– Parece que ele não sabia que estava a ser fotografado.

– Elin, nada disto é da tua conta. Acho que se ela não regressar hoje, devias deixar o Isaac voltar a ligar para a polícia, deixar o assunto com eles.

Há uma entoação estranha na sua voz: uma espécie de frieza resignada. E além disso, os olhos dele… estão vazios, pensa ela, em pânico. Apagados. Will está a afastar-se e a culpa é dela. O pior é que sabe que conseguiria resolver o

problema dizendo-lhe o que ele quer ouvir, que está pronta para dar os passos que ele espera que dê; mas seria mentira.

Não está pronta.

A sua vida está suspensa até obter respostas sobre o que aconteceu a Sam. Algo dentro dela, uma parte importante, está parada. Deixou de funcionar no dia em que ele morreu, e é como a lã de uma camisola presa num ramo, que a impede de avançar.

Will abre o roupeiro e tira uma camisola, que enfia pela cabeça.

– Sabes, quando estava a mudar de roupa, estive a pensar sobre aquilo que te disse antes… Por favor, Elin, quero ir-me embora.

– Mas…

– Assim que for possível. E ainda por cima isto… – Will pega no telemóvel. – Não quero ficar aqui encurralado mais tempo do que o necessário. Aproxima-se uma tempestade enorme.

Elin olha para o ecrã.

APROXIMA-SE DOS ALPES UMA TEMPESTADE DE MAGNITUDE SEM PRECEDENTES. A ESTÂNCIA ITALIANA DE CERVINIA ENCERROU TODOS OS ELEVADORES DEPOIS DE OS VENTOS FORTES AGITAREM DESCONTROLADAMENTE AS CABINAS. PREVEEM-SE MAIS DE DOIS METROS DE NEVE NAS PRÓXIMAS QUARENTA E OITO HORAS.

– Não posso ir, Will. Ainda não.

– Não podes? Ou não queres? – Will senta-se na cama. Olha para ela com uma expressão desconfiada nos olhos semicerrados. – Elin, acho que não estás a ouvir o que eu te estou a dizer.

O pânico espalha-se dentro dela. Tem de lhe contar, não tem? Explicar-lhe por que razão está realmente aqui, ou corre o risco de o perder.

– Não posso. – Larga o copo. – Não é só para me reaproximar do Isaac que vim. É para descobrir a verdade.

– A verdade? O que queres dizer? O que é que estás a esconder-me?

– Tem a ver com o Isaac – continua ela, em voz trémula. – Acho que foi ele que matou o Sam. É por isso que estou preocupada com a Laure. Sei aquilo de que ele é capaz.

31

– O quê? – Will fita-a. – Julguei que tinha sido um acidente.

Elin senta-se na cama ao lado dele, com a boca seca.

– Esse foi o veredicto oficial. Partiram do princípio de que o Sam caiu na água, bateu com a cabeça numa rocha e se afogou. E coincide com aquilo de que eu me lembro, mas… Depois, algumas semanas mais tarde, comecei a ter… *flashbacks*.

– Daquilo que aconteceu?

– Não, e a questão é mesmo essa. O que eu me lembrava e que contei aos meus pais e à polícia… é diferente daquilo que via. – As suas memórias desse dia são de facto claras, reduzidas às imagens mais importantes: aspetos que explora em busca de pormenores, que vira e revira, sondando-os em busca da verdade; no entanto, a estrutura está sempre lá. A verdade, ou aquilo que pensava ser a verdade.

– Então, o que é que disseste à polícia?

Elin fecha os olhos.

– Estávamos a mergulhar numa piscina entre as rochas, os três. – Consegue visualizar a cena claramente: o sol forte de junho, bem alto, a queimar-lhes a pele. O pescoço vermelho de Sam, com a pele a cair, a *T-shirt* cinzenta de Isaac, salpicada de água salgada. – A fazer um concurso para ver quem conseguia apanhar mais caranguejos. Tínhamos uma tabela presa na parede da cabana de praia. – Esfrega os pés um no outro. – Os rapazes levavam aquilo muito a sério. Para eles, tudo era uma competição.

– Eu também era assim com o meu irmão.

– Mas isto… era estranho. A intensidade. O prazer que retiravam dos fracassos do outro. Nunca fez sentido… eles nem sequer eram parecidos. O Sam era o oposto do Isaac. Um livro aberto. A minha mãe sempre comentou que ele era como ela, o filho que dava menos trabalho.

Até fisicamente era parecido com a mãe, recorda Elin – pele clara, cabelo louro tão fino que, quando o molhava, se via o couro cabeludo pálido por baixo.

– E tu, davas trabalho? – Will ergue uma sobrancelha.

– Mais do que o Sam. Toda a gente diz que o mais novo é o mais feliz, e é verdade. Era sempre ele que nos fazia rir, que acalmava as nossas discussões. Olhando para trás, hoje, acho que ele tinha as partes melhores de mim e do Isaac. Era enérgico como eu, mas conseguia ter a concentração inabalável do Isaac. Era capaz de se dedicar a qualquer coisa de uma maneira que eu nunca consegui… quer fossem legos, os trabalhos de casa, um livro. Nada parecia abalá-lo… exceto o Isaac. Ele sabia como atingir os pontos mais sensíveis do Sam.

– E fazia-o muitas vezes?

– Sim. O Isaac era diferente de mim e do Sam. Tinha um… um lado selvagem. A minha mãe, normalmente, era imperturbável, mas o Isaac deixava-a nervosa, às vezes. – Elin aperta a colcha entre os dedos. – Eu também o sentia. Ele era imprevisível. Penso que, em parte, por ser extremamente inteligente. Gostava de brincar com as pessoas, com as situações, para compreender porque reagiam de determinada forma.

– Parece muito frio.

– Sim, podia ser. E às vezes parecia não reagir às coisas como as outras pessoas. Como se uma parte dele tivesse percebido que as emoções não ajudavam muito, a longo prazo, e estivesse acima delas.

Will olha para ela.

– Ou talvez ele sentisse que o Sam era o preferido da tua mãe? Talvez se tenha fechado por causa disso. Autodefesa.

– Mas eu nunca disse isso. – Elin fica surpreendida com o tom cortante da própria voz. – Nunca disse que o Sam era o preferido dela.

– Bem, da maneira como falaste, pareceu-me que… – Will cala-se e encolhe os ombros. – Não interessa. O que aconteceu a seguir?

– O Isaac estava zangado porque o Sam estava a ganhar. Eu já estava farta, deixei-os continuar e fui para outra piscina nas rochas. Poucos minutos depois ouvi gritos. Virei-me e vi o balde do Sam, tombado. – Elin pestaneja. – Os caranguejos dele estavam a escapar-se de novo para a água. O Sam estava a gritar, a dar murros no Isaac. A situação parecia estar a ficar descontrolada, por

isso fui ter com eles e mandei-os parar.

– A apaziguadora.

– Eles fizeram as pazes. O Isaac pediu desculpa. Parecia estar tudo bem, por isso afastei-me um pouco mais, em direção à falésia. Pensei que eles tinham resolvido o assunto. – Hesita, a memória ainda afiada como uma faca na sua mente. – Não sei quanto tempo passou, ao certo, talvez uns quinze, vinte minutos, quando ouvi o Isaac a gritar. Corri para eles.

Ainda consegue sentir o pânico a disparar dentro dela, como uma sirene.

– Encontrei o Isaac na piscina das rochas, com água pelos ombros. Ao lado… – As palavras ficam-lhe presas na garganta. – Ao lado do Sam. Estava a segurá-lo pelas axilas e a tentar puxá-lo para fora, mas não conseguia apoiar os pés. Gritava: «Nós podemos ajudá-lo, nós podemos ajudá-lo!», mas eu vi logo que ele estava morto. A cor do seu rosto… – Continua, com a voz embargada: – Tentámos, continuámos a tentar até os paramédicos chegarem, mas em vão.

Will pega-lhe na mão, aperta-a.

– Onde estava o Isaac quando isso aconteceu?

– Ele disse que tinha ido à casa de banho e, quando voltou, encontrou o Sam na água. Presumiu que ele tivesse escorregado e batido com a cabeça numa rocha.

– Sem ninguém dar por isso?

– As piscinas eram isoladas, ao fundo da praia. Ninguém daria por nada, a menos que estivesse mesmo ali.

Will franze a testa numa expressão concentrada.

– E porque achas que foi o Isaac o responsável? – Acaricia-lhe as costas da mão com o polegar.

– Alguns meses depois, comecei a ter estes *flashbacks*.

– Memórias?

– Não propriamente. A única maneira que encontro de os descrever é como os sonhos. Assim que acordamos, é tudo claro, mas minutos depois não conseguimos agarrar a memória. Fica apenas um instantâneo, o contorno de algo que ainda não consegui preencher. A maior parte desvanece-se, até acontecer

outra vez.

O psicoterapeuta que consultou no ano passado explicou-lhe que não é invulgar, que é a sua mente consciente a proteger-se a si própria. A protegê-la a ela.

– E lembras-te claramente de alguma coisa desses *flashbacks*?

– Só uma. Há uma imagem que não consigo tirar da cabeça. O Isaac ao pé da falésia. E as mãos dele… – É difícil soltar as palavras. – As mãos dele estão cobertas de sangue.

Will muda de posição na cama.

– Mas com certeza que isso é impossível. Encontraste-o dentro de água, a tentar tirar o Sam. Viste algum sangue nele nessa altura?

– Não. É isso que não consigo perceber.

– Já falaste com alguém sobre o assunto? – Will torce o tronco para pegar na garrafa de água na mesa atrás deles. – Sobre o que te lembras?

– Tirando o psicoterapeuta, não. Os meus pais… perderam o Sam. Isto… seria como perder também o Isaac. Não fui capaz de lhes fazer uma coisa dessas.

– E nunca falaste disso com o Isaac?

– Não. Sei o que aconteceria. Ele ficaria na defensiva, pensaria que eu o estava a acusar de fazer mal ao Sam.

– Bom, e estás, não estás? – Will abre a garrafa e bebe um gole de água, sem tirar os olhos dela.

Elin hesita.

– Mas…

– Elin, vá lá. É isso que estás a sugerir.

Ela não responde. *É verdade; porque lhe custa tanto admiti-lo?*

– A única coisa que não compreendo é porque nunca me contaste nada disto antes. – Will força um sorriso, mas a mágoa nos seus olhos é óbvia. – É um grande segredo para esconderes de mim.

Elin morde o lábio.

– Admite, quererias envolver-te comigo se soubesses? Se eu te tivesse dito no primeiro encontro: «Will, acho que um dos meus irmãos matou o outro, e se

calhar eu vi, mas o meu cérebro reprimiu essa memória.» É um bocado pesado.

– Devias ter-me dito. Eu não faria juízos de valor.

– Não podia correr esse risco. Gostava de ti, Will. Desde que te conheci, consegui imaginar um futuro contigo. – A sua voz fraqueja. Ele *tem* de compreender, de saber que ela não o enganou deliberadamente. – Tu nunca passaste por nada assim. És normal, tens uma família normal. – Sorri, tenta aligeirar o ambiente. – A tua irmã às vezes é um pouco chata, mas tirando isso…

Will devolve o sorriso.

– Mas porque estás tão convencida de que conseguirás descobrir a verdade se o confrontares agora?

– Agora que a minha mãe já cá não está, é a altura certa. Não posso continuar assim para sempre.

– Vais dizer-lhe aquilo de que te lembras?

– Não sei. Não tenho propriamente um plano. Pensei que se falássemos sobre o Sam, sobre a nossa mãe, ele deixaria escapar alguma coisa.

Will esfrega os nós dos dedos.

– Sabes, se tiveres razão, se esses *flashbacks* derivarem de uma memória real, então o desaparecimento da Laure…

Elin acena afirmativamente. Nenhum deles precisa de o dizer em voz alta.

– É por isso que não posso ir-me embora agora. – Lembra-se de Laure na véspera, das palavras de empatia pela morte da mãe dela. E a recordação traz uma pontada de sentimento de culpa: *Devo isto a Laure*.

Afasta os olhos do ecrã de computador e leva a mão à testa.

– Como te sentes? – Will observa-a atentamente, com uma expressão preocupada.

– Cansada, só isso. Estou a ficar com uma dor de cabeça.

Ele remexe no saco e atira-lhe uma embalagem de ibuprofeno.

– Toma isto e depois vamos ao *spa*. Ainda falta uma hora para o jantar.

Elin aquiesce, obediente. Qualquer coisa para aliviar a pressão na sua cabeça.

Quando pousa o telemóvel na mesa, sente-os – os pensamentos, as perguntas sem resposta – a pesarem-lhe na mente, como pedras.

32

– Els, vamos.

– Dá-me só um minuto. – Elin desloca o peso de um pé para o outro. O terraço está gelado, as tábuas do chão cobertas de uma fina camada de neve. O vento sopra em rajadas, pressionando-lhe o fato de banho fino contra o corpo. Estremece.

A neve que continua a cair acumula-se em volta das duas piscinas exteriores, das cadeiras e espreguiçadeiras. Nuvens de vapor erguem-se da maior das duas piscinas, a que está mais perto dela, fundindo-se com a neve para criar um nevoeiro quente e húmido. Veem-se apenas pequenos quadrados de água, como ilhas de um azul sombrio e tremeluzente.

Will pega-lhe na mão e puxa-a na direção da piscina principal.

– Já o fizeste antes. É só uma piscina de água quente, não é funda. – Tem a pele toda arrepiada.

Ele desaparece atrás de uns painéis de madeira. Elin segue-o, ansiosa ao ver as tábuas de madeira clara que formam um círculo em torno da piscina.

Will entra e mergulha o corpo na água quente. Olha para ela, com expressão desafiadora.

– Vens?

Sem óculos, os seus olhos parecem mais escuros.

Elin fita-o. O vapor ergue-se da superfície da água numa nuvem densa, fazendo a escuridão estremecer e ondular. Surgem-lhe na mente imagens indesejadas: *Um rosto oculto pelas sombras. Água a bater nas paredes das grutas. Uma pontada súbita de pânico no seu peito.*

Pestaneja e bloqueia as imagens enquanto sobe os degraus para a piscina aquecida. Senta-se ao lado de Will, consciente do ângulo das suas ancas encostadas a ele, mas ele não parece reparar. Passa o braço à volta da cintura dela e aperta levemente.

– Estás bem?

Ela faz que sim com a cabeça. A água está tão quente que é quase doloroso,

mas sente de imediato o calor a dissolver-lhe a tensão dos membros, a relaxá-la.

Will tem razão. Devia relaxar. Descomprimir.

– Era mesmo disto que estava a precisar – observa, e encosta-se a ele.

– Bem te disse. – Will pressiona um botão atrás dela. Ouve-se um ruído surdo e a água começa a ondular. Segundos depois, parece fervilhar, massajando-lhe as costas e coxas. – Tens de aprender a relaxar. Toda a gente precisa de tempo de repouso.

Elin estuda-lhe o rosto. Os seus olhos escuros fitam-na com carinho; tem a pele bronzeada salpicada de gotículas de água minúsculas. *Tenho muita sorte*, pensa ela. *Ele preocupa-se e não tem medo de o demonstrar. Não devia tomar isso como garantido*.

– Queres chegar-te mais a mim? – Will lança-lhe o habitual olhar malicioso, e passa-lhe a mão pela coxa. Aproxima o rosto e beija-a. A sua boca é quente, macia, mas ela afasta-se quando um ruído lhe chama a atenção.

Com o barulho do vento e da água, é difícil perceber o que é. Um baque? Passos?

Subitamente inquieta, vira-se e olha em volta. Mais uma vez, a escuridão parece deslocar-se, mudar; uma escuridão silenciosa e vigilante.

Uma sensação de desconforto apodera-se dela. Tal como nos balneários, antes, tem a impressão horrível de estar a ser observada.

Olha para o outro lado. Vê apenas os painéis de madeira: pálidos, lisos, salpicados de neve.

Não está ali ninguém.

– Ouviste aquilo? – Elin vira-se para Will. – Parecia que estava alguém atrás de nós.

– Não.

Ao detetar a tensão na voz dele, não diz mais nada. Ficam sentados num silêncio desconfortável. Elin sente as bolhas a rebentarem contra o corpo.

A tensão emana agora de Will, que está rígido ao lado dela.

Elin ralha consigo própria. Estragou tudo, não foi? *Outra vez*. Deviam estar a divertir-se, a relaxar, e ao invés ela tornou a atmosfera constrangedora. Sempre

teve essa capacidade. De ser uma desmancha-prazeres.

A mãe dizia que era o medo de se soltar, de perder o controlo das emoções que se sentia confortável a exprimir.

«Fazias isso nos aniversários das pessoas. Acho que nunca tinhas a intenção de os estragar, mas havia sempre alguma coisa que corria mal. Ou caías, ou entornavas um copo… Uma vez, no aniversário do Isaac, comeste demasiado bolo e vomitaste no vestido.»

Alguns minutos depois, Will levanta-se, com bolhinhas de água presas à pele.

– Ouve, tinhas razão – diz em tom seco. – Se calhar isto não foi boa ideia. – Não a fita nos olhos. – Vou experimentar a outra piscina. Queres que te acompanhe até lá dentro primeiro?

– Não é preciso. Encontramo-nos no quarto – responde ela baixinho. Não gosta disto, desta frieza invulgar nas palavras dele, no seu tom de voz.

Will sai e Elin segue-o em direção à piscina interior. Segundos depois, assim que o vento forte dissipa todo o calor que trazia da água quente, está novamente a tremer.

Alguns metros mais à frente, hesita. O caminho divide-se e segue em duas direções: em frente, de regresso ao *spa*, por onde ela e Will vieram, ou para a esquerda, em direção a um pequeno quadrado de água.

É a única secção de água que não está a fumegar, pensa Elin, curiosa. Em vez disso, a superfície reflete as luzes por cima – um brilho escuro, fosco.

Gelo.

Elin aproxima-se e para a alguns passos da beira. Tem apenas um metro de largura, com uma escada estreita de lado.

Uma piscina de imersão.

Há muitos anos que não via uma piscina destas. A última vez fora num fim de semana na Cornualha, com Laure e a mãe desta; num hotelzinho na costa, perto de Newquay. Essa era ainda mais pequena, estreita e funda, quase como um poço. Ela e Laure tinham-se desafiado uma à outra: «Eu salto se tu saltares.»

Elin olha para a água com um nó de medo a crescer dentro dela, o mesmo

medo que sentira na altura: as dimensões reduzidas; se não tivesse os braços encostados ao corpo, bateria nas paredes.

No entanto, há uma grande diferença: na altura, ela fizera-o. Fizera-o porque Laure a desafiara. Porque queria provar a si própria que era capaz.

Mas isso foi antes do que aconteceu a Sam. Antes de tudo ter mudado.

Está prestes a afastar-se quando sente uma presença atrás de si. *Will.*

– Estou a olhar, mas não me atrevo. Podes saltar tu por mim.

Não obtém resposta, não ouve qualquer risada, não sente a mão dele no braço. Em vez disso, ouve uma respiração e o som suave de passos na madeira. Elin fica paralisada.

Não é Will, apercebe-se, com um aperto no estômago. Começa a virar-se, mas de repente sente uma pressão nas costas, uma força súbita mesmo ao fundo da coluna.

O seu coração dá um salto.

Tomba para a frente, com os dedos dos pés encolhidos a tentarem ganhar tração, mas o chão de tábuas está escorregadio com a neve e o gelo.

Enquanto atira o peso para trás, Elin tenta agarrar-se a alguma coisa – qualquer coisa –, mas não há nada. Os seus braços giram no ar, em vão.

Acaba tudo em segundos. Elin cai e a fina camada de gelo na superfície da água cede com um estalo.

33

Não tem tempo de gritar; é engolida pela água gelada, com os pulmões a contraírem-se como dois punhos fechados. Sente os ouvidos a arder, a boca e os olhos enchem-se de água.

Está a afundar-se.

Para baixo, cada vez mais para baixo.

Elin força-se a abrir os olhos, mas a água é negra, impenetrável. Os seus pulmões estão paralisados, a arder com o choque.

Começa a mexer-te. Faz alguma coisa.

Mexe os pés e pedala contra a água. Quase instantaneamente, o movimento descendente inverte-se e começa a subir.

Quando a sua cabeça finalmente rompe a superfície, engole desesperadamente golfadas de ar.

Elin sobe as escadas, a mão apertada sobre o metal gelado, içando-se para o degrau mais próximo. Os pés dormentes escorregam a cada passo.

Não tem tempo de olhar para cima, de ver se a pessoa que a empurrou ainda ali está, o que poderá tentar a seguir. Os seus instintos levam a melhor: *tem de sair da água*.

O refrão é-lhe familiar: as mesmas palavras que repetiu uma e outra vez, há um ano, enquanto lutava para sair da gruta onde Hayler a apanhara, a agredira, enquanto tomava a decisão de escapar à subida da maré.

Tenho de sair da água. Tenho de sair da água.

Depois de sair, corre em piloto automático na direção da piscina principal.

– Will! – grita, parando no caminho à esquerda da piscina.

Não consegue ver nada. A água está praticamente escondida pelo vapor quente que cobre a superfície em nuvens irregulares, agitadas pelo vento.

– Will, estás aí?

Com uma rajada mais forte, o vento dissipa o vapor. Elin vê um casal jovem de pé do outro lado da piscina, a olhar para ela, mas mal repara neles.

Ali está Will, a caminhar junto à beira da piscina, em direção a ela.

– O que se passa?

– Alguém me empurrou para a piscina de imersão. – A sua voz parece desligada. Estranha. – Pensei que eras tu e depois… – As palavras ficam-lhe presas na garganta. – Alguém me empurrou.

Will parece inseguro.

– Tens a certeza? O chão está escorregadio por causa da neve. Podes ter tropeçado.

Elin pisca os olhos e as palavras fazem ricochete na sua mente, cada uma delas uma traição. *Ele estará mesmo a fazer isto? A pôr em dúvida o que ela disse? A pôr em dúvida o que aconteceu?*

– Não – diz em tom seco, com as lágrimas a arderem-lhe nos olhos. – Alguém me empurrou deliberadamente, tentou assustar-me.

E conseguiu. Naquela água, todos os medos que ela nunca conseguira nomear tinham vindo ao de cima: medo de estar submersa, de mergulhar até algum lugar inalcançável abaixo da superfície. Sozinha.

Sozinha como Sam está agora.

É o que está sempre por detrás de tudo, não é? Sempre Sam.

Will está a olhar para ela. Abre a boca para falar, mas em vez disso pega-lhe na mão. Instantes depois as palavras finalmente saem, mas Elin percebe que não são as que ele tencionara dizer. São termos neutros, com as arestas cortantes previamente limadas dentro da cabeça dele.

– Não vamos tirar conclusões precipitadas. Temos de te levar para dentro. Estás a tremer.

Não se demoram muito tempo nos balneários. Elin veste rapidamente roupas secas e reúne-se a Will na receção.

Depois de voltarem para o quarto, Will enfia-a na cama e tapa-a com o edredão e mais algumas mantas. Elin recosta-se na almofada, mas a inatividade súbita, a calma absoluta, só a fazem reparar mais no bater irregular do coração dentro do peito.

Ele passa-lhe uma caneca de café fumegante e senta-se na cama ao lado dela.

– Descafeinado. Não me parece que precises de mais estimulantes antes do

jantar. Como te sentes agora?

– Melhor. – Elin bebe um gole de café. Está demasiado quente, mas a distração é bem-vinda. – Foi o choque… sei que parece uma estupidez, mas juro-te que pensei que não conseguiria voltar à superfície. – Tem a voz a tremer. – Parte de mim pensou, a mesma coisa que aconteceu o ano passado…

Will pousa a mão na dela e aperta-a.

– Não é só isso. – Elin torce a colcha entre os dedos. – Antes, quando tu estavas a nadar, alguém estava a observar-me nos balneários. Ouvi uma porta abrir e fechar, mas não vi ninguém.

Ele fica tenso.

– A observar-te? Achas que era a mesma pessoa?

– Talvez.

Uma sombra passa pelo rosto de Will. Está a pensar no mesmo, não está? Depois do que ela lhe contou.

Isaac.

Will pigarreia.

– Elin, acho mesmo que devíamos ir embora – diz, em tom vacilante. – Compreendo o que me contaste sobre o Sam, o motivo para estares aqui, mas depois do que acabou de acontecer, parece-me que não vale a pena correr esse risco. Não podes continuar com isto.

Ele tem razão. Estar aqui, perto de Isaac, ser sugada para o que está a acontecer, o que quer que seja… não está preparada. Aquilo de que veio à procura terá de esperar.

– Acho que tens… – Interrompe-se ao ver um movimento junto da porta. – Will, estão a enfiar qualquer coisa por baixo da porta.

Ele aproxima-se, agacha-se e pega num pedaço de papel.

Desdobra-o e começa a ler.

– O que é?

– Vão evacuar o hotel. Temos de ir embora amanhã.

34

Dia três

Onze da manhã. O terceiro e penúltimo autocarro está pronto para partir.

Sentada no salão, Elin vê os funcionários numa azáfama no átrio, a arrastar malas e sacos, a gritar instruções.

A maioria dos hóspedes já desceu a montanha, mas ainda restam alguns, sentados em silêncio, em pequenos grupos, atarantados pelo barulho e pelo caos.

– Temos de ir, Elin – insiste Will, com a preocupação estampada no rosto. – Não podemos esperar mais.

– Eu sei, mas queria falar com o Isaac primeiro. – Serve-se de café, adiciona um pouco de leite, vê-o formar uma espiral no líquido escuro.

São os últimos a tomar o pequeno-almoço. A sala parece abandonada. No *buffet*, tudo o que resta são alguns *croissants* num cesto, umas fatias de presunto local, chá, café e jarros de sumo meio vazios.

– Olha lá para fora. – Will não tira os olhos das janelas. – Temos de apanhar o próximo autocarro, Elin.

Ela segue o olhar dele. Mal se percebe que é de dia: o céu está encoberto, negro, a receção iluminada por uma claridade prateada. As janelas estão enfeitadas com gelo, mas ainda se consegue ver a neve – flocos gelados que se precipitam com força sobre o solo. O parque de estacionamento, as árvores, está tudo soterrado – montes ondulantes de neve que crescem de minuto para minuto.

É como se o hotel estivesse a ser invadido, como se a própria montanha o atacasse.

Enquanto bebe o café, o silêncio abate-se sobre a sala. Elin olha para o átrio lá fora. A maior parte dos funcionários desapareceu. O autocarro deve ter partido.

– Olha. – Will estende-lhe o telemóvel. – Estamos nas notícias.

Ela lê rapidamente o artigo.

AVALANCHE LEVA A EVACUAÇÃO DE HOTEL SUÍÇO

Mais de duzentos turistas e funcionários estão hoje a ser evacuados de autocarro de um hotel de cinco estrelas numa encosta Suíça, enquanto fortes nevões causam perturbações generalizadas na região dos Alpes.

Le Sommet, localizado a dois mil e duzentos metros de altitude, fica numa área de risco elevado de avalanches, segundo Katherine Leon, da polícia de Valais, em Sion.

«O risco de avalanche está neste momento no nível máximo, e a parte principal da tempestade ainda não chegou. embora alguns hóspedes não quisessem sair, o presidente da câmara, em conjunto com as comunas, ordenou agora a evacuação obrigatória», disse Leon. «O risco de avalanche é elevadíssimo.»

A evacuação terá lugar no domingo de manhã, com autocarros a transportar cinquenta pessoas de cada vez para outros hotéis na região próxima de Crans-Montana.

Cécile Caron, a diretora-geral do hotel, disse que os evacuados estão calmos.

– Pensei que vos encontraria aqui.

Elin levanta a cabeça.

Isaac.

Está com um ar desarranjado. Tem o cabelo oleoso, os caracóis acachapados contra o couro cabeludo. A pele por cima do olho esquerdo está vermelha, inflamada.

Olha para as malas deles.

– Prontos para partir? – O seu tom é inexpressivo, gelado.

– Temos de ir, Isaac. Não há alternativa. – Elin troca um olhar com Will. – Mesmo que não fôssemos evacuados, não há nada que eu possa fazer aqui.

– Eu não vou – diz ele abruptamente. – Liguei à polícia logo de manhã. Prometeram que viriam cá acima hoje. Vou ficar à espera deles.

– Tens a certeza de que vêm mesmo? Depois das ordens de evacuação?

– Não sei, mas não posso sair daqui. – Isaac olha para a irmã, sem pestanejar. – E se ela estiver lá fora, com este tempo? Ferida? Se eu for, podem passar-se dias antes que alguém volte cá para cima.

– Não te deixarão ficar indefinidamente. Tens de deixar o assunto nas mãos da polícia.

– A polícia? – Isaac solta uma gargalhada oca. – O que achas que eles vão

fazer? Se a tempestade piorar, não vão arriscar a vida para a encontrar. É assim que as coisas funcionam em situações destas, Elin… sabes muito bem. Pesam os riscos e tomam uma decisão.

– Ouve, o mais provável é que as coisas acalmem dentro de poucos dias. Podes voltar então… – Ambos sabem como isso é improvável. Se a tempestade corresponder às previsões, as estradas ficarão fechadas durante muitos dias. Nessa altura, seria tarde de mais. – Isaac, não vamos para longe. Ficaremos na cidade. Assim que o tempo melhorar, podemos voltar.

– Vais mesmo deixar-me, não vais? – O rosto dele contrai-se. – És igual ao pai. Quando as coisas se complicam, foges.

Elin pisca os olhos perante a força das palavras. Sem dizer mais nada, Isaac vira-se e afasta-se, sem olhar para trás.

A raiva acende-se dentro de Elin – contra ele, contra si própria. Empurra a cadeira para trás e levanta-se.

Will pousa-lhe a mão no braço.

– Deixa-o acalmar-se. Ele só precisa de…

Mas não consegue terminar a frase.

Gritos.

O som é surdo, abafado, como se viesse de um túnel.

Depois aparece um rosto à janela, distorcido numa expressão de terror absoluto.

35

Elin deixa cair a chávena sobre o prato. O café espalha-se pela mesa numa mancha estreita e comprida.

Um homem – *um funcionário*, pensa Elin, ao ver o uniforme, o blusão cinzento acolchoado com a designação *le sommet* – está aos murros na janela, com tanta força que o vidro abana. A neve soprada de lado pelo vento obscurece-lhe o rosto. A única coisa que ela consegue ver é o cabelo escuro e curto, as feições pesadas.

Bum. Bum.

O seu coração acelera para o dobro da velocidade.

Will levanta-se e aproxima-se da janela, seguido de perto por Elin.

O rosto do homem torna-se mais claro. Tem as feições contorcidas; os olhos muito abertos, as pupilas dilatadas.

Está a dizer qualquer coisa.

– *La piscine…* – O resto das palavras perde-se no vento, abafadas pelo vidro grosso. – *La piscine…* – repete o homem, desta vez mais alto, e ela consegue agora ouvi-lo através do vidro. *A piscina*.

– Vou chamar alguém – diz Will, em voz rouca.

Ela acena sem dizer nada. A adrenalina percorre-lhe o corpo e procura a maçaneta da porta que dá para o terraço. Quando a encontra, empurra com força.

A porta não abre.

Elin volta a empurrar. Com mais força.

Finalmente, a porta cede. O ar gelado e flocos de neve atingem-lhe o rosto.

O homem dirige-se a ela, com o corpo a tremer.

– *La piscine…* – Tem a voz aguda, trémula, à beira da histeria. Repete a mesma palavra uma e outra vez, a última sílaba colada à primeira. Aponta na direção do *spa*.

Elin sai para o terraço e olha na direção que ele apontou, mas não vê nada. O *spa* fica do lado esquerdo, mas está oculto por uma estrutura complexa de cercas e plantas.

– Por favor, deixe-me…

Elin reconhece imediatamente a voz de Cécile Caron. Will vem atrás dela.

– Deixe-me passar. – Cécile já está a vestir o casaco. O seu tom de voz é calmo, autoritário, mas Elin sente as inflexões que ela tenta disfarçar: medo, pânico.

– Axel, mostre-me. – Antes de o seguir, Cécile vira-se para Elin. – Por favor, volte para dentro.

Elin fica onde está e vê Axel começar a afastar-se pelo terraço. Os seus movimentos são descontrolados, descoordenados, os pés a escorregarem no gelo e na neve compacta.

– Tenho de ir com eles.

– Não. – Will pousa-lhe a mão no braço. – Não sabes o que se passa.

Ela ouve as palavras, mas não as absorve.

E se for Laure?

Volta a entrar, pega na mala e tira o casaco das costas da cadeira. Veste-o e sai. Cécile e o homem desaparecem por uns degraus ao fundo do terraço. Elin segue-os. Apesar do grosso casaco polar, o vento atravessa o tecido e corta-lhe o peito, a garganta. Quando chega aos degraus, vê que são altos e estão cobertos de gelo. Segura-se ao corrimão e move-se com cautela e precisão.

Ao fundo, uma cerca de madeira separa os terrenos do *spa*. Quando Axel empurra o portão, consegue-se ver o *spa*. O vapor ergue-se das piscinas, em redemoinhos que se misturam com a neve. Acelera o passo até estar mais perto deles e sente as tábuas a vibrar debaixo dos seus pés. Axel também acelera e contorna a piscina maior até chegarem à mais pequena, num nível mais baixo. Para.

– *Ici*. – O seu braço treme ao apontar para a piscina. *Aqui*.

Com a silhueta de Axel a bloquear-lhe a visão da água, Elin tem de se desviar. Uma luz pisca por cima deles, mergulhando a cena numa escuridão intermitente.

Uma súbita rajada de vento dissipa o vapor, dissolve-o em nada. A piscina fica visível, com a cobertura puxada até cerca de um terço, a neve a acumular-se

sobre ela.

É então que Elin vê: a forma prostrada e inerte de um corpo sem vida no fundo da piscina. Os holofotes submersos lançam um brilho baço, que ilumina o cabelo a pairar na água.

Cabelo comprido e escuro.

Uma mulher, pensa Elin, com a bílis a subir-lhe à garganta. Um refrão repete-se na sua mente: *É ela? É ela?*

Aproxima-se mais um passo. Olha de novo. É ela. Reconhece-a de imediato. Casaco acolchoado preto. Calças de ganga escuras.

Laure.

36

Os músculos de Elin ficam paralisados e a cena que a rodeia parece estranhamente distante, desfocada.

– Temos de a tirar da água. Tentar ressuscitá-la.

Demora um instante a perceber que é a sua própria voz. Em piloto automático. Calma. Controlada. Muito diferente de como se sente por dentro.

Mas, antes de conseguir mover-se, uma mão puxa-lhe o braço. Alguém se interpõe bruscamente entre ela e Cécile. Os seus passos levantam a neve num arco.

– É ela, não é? – A voz é aguda, fina. Em pânico.

Isaac.

– Sai da frente… sai. – Ainda tem a mão no braço dela, a empurrá-la. – Quero ver se é ela.

Passa por Elin, com expressão desvairada, as faces vermelhas.

Elin precipita-se para ele, tenta segurá-lo.

– Isaac, não…

Mas é tarde de mais. A sua mão mal roça no blusão do irmão e fecha-se sobre o ar. Ele aproxima-se da piscina, com os pés a escorregar na neve de tantos em tantos passos. Está apenas a metros da água.

– Isaac, por favor…

Ele ignora-a; despe o casaco, descalça atabalhoadamente os sapatos e atira-os para longe. Lança-se para a piscina, rompendo a superfície com estrondo. A água espalha-se para todos os lados.

Por cima deles, a luz continua a piscar.

Luz, escuridão.

Escuridão, luz.

Elin vê apenas vislumbres: a silhueta indistinta de Isaac, obscenamente ampliada pela distorção da água, a impelir-se até ao fundo da piscina.

Mal consegue respirar; o pânico aperta-lhe a garganta e ameaça dominá-la.

Ao fim do que parecem ser poucos segundos, Isaac está a romper de novo a

superfície, de costas, com os braços fechados sobre o corpo de Laure.

Por favor, faz com que ela esteja bem. Por favor, faz com que ela esteja bem.

Isaac tem o cabelo colado à testa em madeixas escuras. O seu peito sobe e desce violentamente enquanto tenta respirar.

– Eu ajudo – diz Will, atrás dela. Elin nem tinha reparado que ele estava ali.

Will ajoelha-se à beira de água, debruça-se e puxa Laure dos braços de Isaac, içando-a para as tábuas ao lado de Elin.

É a primeira vez que vê o corpo de rosto para cima.

Elin encolhe-se, uma reação visceral, de todo o corpo.

Laure tem uma máscara de gás preta presa ao rosto.

Não, não é uma máscara de gás. Não tem filtro. No seu lugar, um tubo grosso, estriado, que liga o nariz à boca.

Will agacha-se ao lado do corpo e arranca a máscara, virando Laure de lado. Os seus movimentos são precisos, mas têm uma urgência desesperada.

A máscara saiu.

Elin olha para o rosto exposto, com a água a escorrer sobre a pele pálida. Sustém a respiração.

Não é ela.

A mulher, quem quer que seja, tem cabelo parecido, a mesma estatura e as mesmas roupas, mas não é Laure.

Will começa a posicioná-la para fazer a manobra de reanimação, mas Elin percebe, sem margem para dúvidas, que é tarde de mais.

A mulher tem os olhos verdes abertos num olhar sem vida, a boca entreaberta.

Mesmo assim, inclina-se e procura-lhe a pulsação no pescoço. Não a encontra.

– Will – diz, baixinho. – Ela está morta.

No entanto, tem a certeza de que não morreu há muito tempo – a rigidez cadavérica geralmente instala-se duas a seis horas depois da morte, e isso ainda não aconteceu.

Elin não é especialista, mas sabe que a temperatura elevada da água pode até

encurtar ainda mais esse período – o seu palpite é que ela estará morta há uma ou duas horas, no máximo.

Isaac não se mexeu. Encharcado, continua agachado ao lado do corpo sem vida.

Elin absorve a reação dele. Pensou mesmo que fosse Laure. Seria impossível fingir aquela resposta.

A implicação é evidente: ele não sabe mesmo onde Laure está. Portanto, não pode estar envolvido no desaparecimento dela.

O seu olhar desloca-se para os pulsos da mulher. Estão presos com uma corda fina.

Ela foi amarrada.

Depois os seus olhos apercebem-se de outra coisa: faltam-lhe alguns dedos. Um na mão esquerda. Dois na direita. Estremece involuntariamente.

Will segue o olhar dela, com os olhos vidrados.

– Vou levar o Isaac para dentro, para secar.

Elin está prestes a responder quando ouve uma voz.

– É a Adele. – A voz de Cécile, atrás dela. Inexpressiva. Sem qualquer emoção. – Uma das empregadas de limpeza.

Elin olha para trás por cima do ombro e vê que o grupo de pessoas inclui agora quatro ou cinco funcionários. Uma delas está a chorar, os restantes falam em voz baixa, lançando olhares ao corpo.

Tenho de fazer alguma coisa. Tenho de assumir o controlo.

Isto… provavelmente é uma cena de crime e ficou completamente contaminada. A neve em volta da piscina cheia de pegadas, algumas desfeitas, outras já cobertas por uma nova camada de neve.

Vira-se de novo para o corpo. A neve começa a acumular-se no rosto da mulher, nas roupas, na máscara ao seu lado. A imagem rouba-lhe mais uma vez o ar. É como se estivesse em pausa, todas as fibras do seu ser em estase.

Parte dela quer fugir, bloquear a imagem, mas sabe que este momento é decisivo. *Agora ou nunca*. Se não conseguir ajudar agora, numa situação tão desesperada, quando não há mais ninguém com qualificações para o fazer, então

o mais certo é que nunca mais consiga.

Vira-se e olha para o pequeno grupo de pessoas atrás de si.

– Eu posso ajudar. Sou polícia – diz, com alguma hesitação.

O grupo não reage.

Elin faz uma breve pausa para organizar os pensamentos.

Depois pigarreia e levanta a voz.

– Sou agente da polícia. Por favor, afastem-se. Isto pode ser uma cena de crime. Não queremos destruir qualquer prova.

37

– Já chamei a polícia. Vêm a caminho. Eu… – Cécile interrompe-se e olha para o corpo. Franze o rosto. – Não consigo deixar de pensar que se calhar devíamos ter tentado ressuscitá-la. Parece errado, nem sequer…

– Não havia nada que pudéssemos fazer – diz Elin em voz suave. Pensa que é ainda mais evidente agora que olha melhor para o corpo de Adele, para o pescoço e maxilares rígidos, a tonalidade azulada das suas feições.

Baixa-se e examina-a mais de perto. A mulher tem a mesma idade de Laure, talvez ligeiramente mais nova. O blusão preto acolchoado está aberto e a *t-shirt* subiu, revelando um tronco magro, mas musculado.

A sua teoria inicial está certa – a rigidez cadavérica ainda não se instalou definitivamente, portanto, o corpo não pode estar dentro de água há muito tempo.

Tem o cabelo escuro colado, com a água já a congelar em estilhaços translúcidos, e também salpicado pela neve. Uma espuma esbranquiçada, que começa igualmente a arrefecer e a solidificar, escorre-lhe pelo canto da boca.

Elin sabe o que isso significa: a espuma é uma mistura de muco, ar e água que se combinam durante a respiração. A sua presença é suficiente para indicar que ela foi submersa quando ainda respirava, embora não seja suficiente para provar de forma conclusiva que morreu por afogamento.

Quando observa os olhos, vê que parecem naturais, ainda brilhantes. Nada indica que tenham sido expostos ao ar depois da morte.

O seu olhar vira-se então para a máscara no chão, e um arrepio percorre-a. A borracha preta já está salpicada de neve, mas isso em nada suaviza a forma grotesca.

O que é?

Elin sempre detestou todo o tipo de máscaras: cirúrgicas, de Halloween. A ocultação horroriza-a. Não saber o que se esconde por trás.

– Essa máscara… – Cécile segue o olhar dela. – Reconheço-a dos arquivos. Era usada aqui, no sanatório. Um auxiliar respiratório. – Leva a mão à boca e

começa a roer as unhas.

Elin acena com a cabeça. *O que significará? Algum jogo que correu mal? Qualquer coisa sexual?*

Olha de novo para as mãos de Adele. A corda que lhe prende os pulsos sugere que ela esteve amarrada, possivelmente presa em algum lado durante algum tempo. Tempo suficiente para lhe amputarem os dedos, pensa, observando os pequenos cotos que restam, cerca de meio centímetro acima da articulação.

No entanto, ainda não há qualquer indicação de como ela foi parar à água e do que aconteceu enquanto lá estava.

Todos os sinais apontam para que se tenha afogado, mas porque terá isso passado despercebido? Se estava viva quando a lançaram à água, porque é que ninguém ouviu nada? Mesmo com as mãos atadas atrás das costas ela conseguiria boiar, manter-se à tona, ganhar algum tempo para gritar a pedir ajuda. Chapinhado…

Mesmo que alguém a segurasse, o que não parecia muito provável, uma vez que não havia sinais de ferimentos, haveria barulho; porque é que ninguém ouvira nada?

É então que Elin vê: uma pequena sombra escura no fundo da piscina, a poucos metros de onde tinham encontrado o corpo de Adele. Com uma inquietação crescente, levanta-se e aponta o feixe da lanterna para a água.

Um saco de areia.

Elin sustém a respiração. *Adele tinha um peso a puxá-la para baixo.*

Foi por isso que ninguém ouviu nada. Alguém a quisera matar depressa. De forma eficiente.

Quaisquer dúvidas que ainda lhe restassem dissipam-se e uma certeza súbita trespassa-lhe as entranhas.

Não foi um acidente. Ela foi assassinada.

Isto é um assassínio.

Uma bolha de horror cresce dentro de si.

Elin sente uma dor física perante esta vida levada de forma tão violenta. Mil outras maneiras teriam sido mais rápidas, com menos sofrimento. O objetivo era

fazê-la sofrer.

Olha de novo para o rosto de Adele, e a expressão naquele rosto, nos seus olhos, assume novo significado. Medo, pensa. Um terror abjeto.

Adele estava assustada porque sabia o que estava prestes a acontecer-lhe.

Terá sentido o peso do saco de areia a puxá-la para baixo, a água a fechar-se sobre a máscara, a infiltrar-se por baixo da borracha, a chegar-lhe à boca e aos olhos. Ter-se-á agitado furiosamente no fundo da piscina, com o pouco ar que lhe restava, para se tentar libertar. Com a respiração presa até não conseguir aguentar mais, inalando involuntariamente a água até esta, gota a gota, substituir o ar nos seus pulmões.

Elin afasta-se, com as pernas um pouco inseguras, e tenta organizar os pensamentos.

Quem faria uma coisa destas, e porquê? Teria de haver um motivo bastante forte.

A sua mente começa a trabalhar, a planear os próximos passos. Com quem tem de falar. Que perguntas deve fazer. Mas depois a realidade atinge-a. Tem de recordar a si própria: *Este caso não te pertence*. A polícia chegará em breve. Terá de deixar o assunto nas mãos deles.

Elin ouve alguém atrás de si pigarrear.

– Por favor – pede, de forma automática. – Não se aproxime. Não podemos contaminar a cena.

Mas os passos continuam a aproximar-se.

Vira-se, preparada para ser mais firme.

Lucas Caron.

As palavras irritadas do aviso desvanecem-se sob o escrutínio daquele olhar.

Ele é mais alto do que parece nas fotografias. O blusão preto está esticado sobre os ombros largos, mas não é corpulento. É um homem em forma devido às horas passadas ao ar livre, a praticar desporto, e não a levantar pesos num ginásio. Mais uma vez, imagina-o na encosta de uma montanha. A escalar uma falésia.

Através das madeixas de cabelo revolto, ele olha para o corpo e as suas

feições contraem-se. Passa a mão pela barba salpicada de neve. A esta distância, a sua ligação a Cécile é inconfundível. A semelhança física é inquietante.

– Lucas Caron – apresenta-se ele, estendendo a mão.

Elin aperta-a. A palma é áspera, calejada.

– Elin Warner. – Aponta para o chão. – Desculpe, mas não devia mesmo estar a caminhar aqui. Estou a tentar conservar a cena do crime para a polícia.

Os olhos cinzentos de Lucas fixam-se nos dela.

– Era sobre isso que queria falar consigo. A polícia… não vem. – O tom de voz é agora baixo e urgente. – Houve uma avalanche. A estrada está bloqueada. Não conseguem passar.

38

– A avalanche deu-se cerca de um quilómetro mais abaixo. Um dos motoristas foi dar uma vista de olhos e diz que tem uns cinco metros de altura. Conseguirão limpá-la, mas vai demorar uns dias. – Lucas puxa o capuz do casaco para a cabeça. O movimento obscurece-lhe momentaneamente o rosto, mas Elin já viu o brilho de pânico nos seus olhos.

– Não conseguem desimpedir a estrada mais depressa?

– Não é fácil. – A expressão dele é grave. – É uma avalanche seca. Não é apenas neve. Desfez literalmente a montanha… árvores, rochas, vegetação. É um bloqueio monstruoso.

– Porque é que é tão difícil de limpar?

– Estas avalanches… são muito violentas. A força da queda age como uma trituradora e divide a neve em partículas cada vez mais pequenas. Quando para, a neve está compactada com tal densidade em volta dos detritos que não se pode usar um soprador de neve. Fica presa na máquina. – Pigarreia. – E é o movimento, também. A avalanche aquece uma pequena camada de neve e cria um líquido que depois congela, portanto, mais do que compacta, parece betão.

– E não há outra maneira de chegar à cidade?

– Não. A única outra forma é de helicóptero, mas o vento está demasiado forte. Não voarão com este tempo. Não é seguro.

Elin digere as palavras, e o impacto do que ele está a dizer atinge-a finalmente. *Estão isolados, por sua conta*.

Olha de novo para o corpo, com um frémito de trepidação.

– Pode ajudar? Até eles chegarem? – Lucas desloca o peso de um pé para o outro. – Só ficaram alguns hóspedes, mas temos também muitos funcionários. Não posso correr riscos.

Elin sente-o a avaliar a situação, a avaliá-la a *ela*. Pela primeira vez apercebe-se da confiança inata, própria de um homem de negócios, que emana dele, uma astúcia que choca com a sua aparência descontraída. *Está habituado a ter o controlo*, pensa, observando-o. A dar ordens.

– Não posso. Não tenho qualquer jurisdição aqui.

Nem em casa, pensa Elin, e morde o lábio, já arrependida da mentira que disse.

– Mas com certeza que pode ajudar? Enquanto esperamos por eles? – Lucas olha em volta, com uma expressão determinada; demasiado determinada, como se estivesse a disfarçar o pânico. – Isto… não é algo que alguém aqui possa… – Interrompe-se, como se não conseguisse lidar com a magnitude daquilo que enfrenta.

Elin sente pena dele; Lucas está fora do seu elemento. Um possível assassínio no seu hotel, quando está aberto há tão pouco tempo… a reputação do empreendimento está em jogo. Quer fazer as coisas como deve ser. Limitar os danos.

– Francamente, não sei o que posso fazer. A Suíça tem procedimentos e protocolos diferentes…

– Não deve ser assim tão diferente – declara ele, em tom cortante. – Pelo menos, nos aspetos básicos.

Elin hesita.

– Deixe-me ligar para a polícia – sugere, por fim. – Se não se importarem com o meu envolvimento, verei o que posso fazer nestas circunstâncias.

Ele assente com um aceno.

– Tem de marcar o 117, o número geral da polícia. Todas as chamadas têm de passar por aí.

Ela tira o telemóvel da mala e faz o que ele disse. A chamada é atendida quase imediatamente.

– *Bonjour, police. Comment vous appelez-vous? Grüezi, Polizei, Wie isch Ihre name bitte?* – É uma voz masculina, formal.

O calor sobe-lhe às faces e o medo juvenil de falar noutra língua vem ao de cima.

– Estou, sim? Eu…

– Sim, eu falo inglês – interrompe o homem. – Em que posso ajudar?

– O meu nome é Elin Warner. Estou no hotel Le Sommet, perto de Crans-

Montana. Penso que já falaram com o proprietário sobre a situação que temos aqui. Gostaria de saber se posso ajudar.

– Ajudar? – repete ele em tom seco e desconfiado.

– Sim. Sou detetive na força policial do Reino Unido. O senhor Caron pediu-me para ajudar, uma vez que a polícia não consegue chegar até nós. Estou preocupada porque a cena do eventual crime está a deteriorar-se rapidamente. Não sei se conseguirei salvar muitas provas, mas gostaria de tentar.

Uma pausa antes de ele falar de novo.

– Muito bem, um momento.

Lucas franze a testa e olha para ela.

– O que estão a dizer?

Elin afasta o telemóvel do ouvido.

– Ainda nada. Estou à espera.

– Madame Warner, está aí? – O agente da polícia volta.

Ela encosta o telemóvel ao ouvido.

– Sim.

– Transmiti ao meu sargento o seu interesse em ajudar. Precisamos de discutir o assunto e voltaremos a ligar.

Elin despede-se e guarda o telemóvel.

– Vão entrar em contacto mais tarde. De qualquer maneira, o meu instinto diz-me que precisamos de fazer qualquer coisa já. Não me parece que interfira com o trabalho policial.

O tempo é importante, mesmo quando a vítima está morta – a neve elimina as provas, fibras, cabelos. As memórias começam a desvanecer-se.

– A primeira prioridade é preservar tanto quanto possível o local. É essencial que se proteja qualquer prova.

Parece mais confiante do que se sente. Olha para as profundezas da piscina com uma sensação de desespero. Vai ser uma batalha constante, a pior cena de crime que poderiam ter; o movimento contínuo por causa do vento, a neve a acumular-se em cima de outra neve e a eclipsar potenciais provas; uma série de pessoas já tinha espezinhado o local em torno da piscina.

– De que precisa? – pergunta Lucas.

Elin lança-lhe um olhar de esguelha e vê-o fitar de novo o corpo da mulher. Desta vez, nota uma nova emoção passar-lhe fugazmente pelas feições, uma emoção que não consegue decifrar.

Embaraço?

É possível. A triste realidade da morte afeta as pessoas de variadíssimas formas.

– Precisamos de corda para isolar de alguma forma um perímetro em torno da piscina. Sei que conseguiram evacuar a maioria dos hóspedes, mas serve de lembrete aos funcionários. – A mente de Elin começa a recordar o protocolo. – Posso usar o meu telemóvel para tirar fotografias, e depois tenho de passar a área a pente fino e recolher quaisquer provas. – Hesita. – Se tiver luvas descartáveis, sacos de plástico com fecho, equipamento estéril, como pinças, seria útil.

– Estou certo de que conseguiremos arranjar a maior parte do que precisa. Talvez seja rudimentar, mas… – Lucas chama vários funcionários com um gesto.

– Preciso também de uma lista completa de quem ainda está no hotel. Hóspedes, pessoal.

– Não há problema – responde Lucas. – Está tudo registado.

Elin pega no telemóvel. Por onde há de começar a tirar fotografias?

Pelo corpo de Adele.

O vento já está a alterar a cena, a depositar-lhe neve no rosto, a puxar-lhe as roupas. Contudo, antes que consiga começar, ouve-se uma voz, quase indistinta sob o barulho do vento.

– Encontrei uma coisa.

39

Elin vira-se na direção da voz e vê uma funcionária a alguns metros, com a mão a tremer no ar.

Elin pega na mala e contorna cuidadosamente a piscina. À medida que se aproxima da outra mulher, vê que ela é jovem – vinte e poucos anos, no máximo. Tem o cabelo penteado para trás, revelando olhos castanhos e assustados.

Quando Elin para junto dela, a funcionária baixa a mão e aponta para o chão.

Elin inclina a cabeça e repara de imediato na caixa de vidro ao seu lado, meio escondida pelas pernas de uma cadeira.

Uma súbita sensação de temor. Sabe, pela expressão da funcionária, que seja isto o que for… não é bom.

– Reparei quando me virei para ir para dentro. – Tem a voz trémula e leva a mão à boca.

Elin pousa a mala a alguns metros e agacha-se para examinar a caixa. Não é muito diferente das caixas de exposição espalhadas pelo hotel: totalmente em vidro, com cerca de cinquenta centímetros de lado. Uma fina camada de neve cobre a superfície, mas uma secção do vidro já foi limpa, provavelmente pela funcionária que a encontrou – veem-se marcas de dedos entre a neve.

Elin sente o coração dar um salto ao entrever o conteúdo, e o seu estômago contrai-se.

Dedos. Três dedos.

A pele é de um branco acinzentado horrível, com manchas escuras de sangue.

Sente as mãos a tremer.

Respira fundo, diz a si própria, sentindo os olhares dos outros sobre ela. Recompõe-se, agacha-se mais e sopra cuidadosamente o resto da neve do vidro.

Consegue agora ver tudo: os pormenores, os detalhes. Tal como é suposto, pensa, repugnada. Este vidro… foi pensado para satisfazer olhares curiosos.

Os dedos estão presos ao fundo da caixa por pregos finos. E cada um está rodeado por uma fina pulseira de cobre.

Três dedos. Três pulseiras.

Inclina a cabeça. Consegue distinguir qualquer coisa gravada no interior de uma das pulseiras. *Números?*

Aproxima-se mais da caixa e vê que tem razão: uma fila de números minúsculos: 87499… O seu olhar vira-se para a pulseira seguinte. A mesma coisa: 87534.

Tira uma fotografia enquanto o seu cérebro tenta processar o que está a ver. *Alguém amputou os dedos de Adele e depois afixou-os nesta caixa com as pulseiras à volta*.

Isso significa que não foi um crime de impulso. Foi planeado. Premeditado. Todos os elementos – as cordas, a amputação, o saco de areia, *isto*… – cuidadosamente pensados como parte de uma narrativa. Porque é disso que se trata, pensa, com uma vaga de náusea: *uma história*. Alguém está a tentar transmitir alguma coisa. O que, por sua vez, implica um crime organizado. Um assassino organizado.

Trata-se de alguém inteligente, que sabe como a polícia trabalha. O que provavelmente significa que haverá poucas provas no local. Uma pessoa difícil de encontrar.

Elin sente o suor debaixo dos braços. *Isto está para além da sua capacidade*. Não está no seu país e metade do que está a fazer não é a sua área.

Quando olha de novo para a caixa, é como se a sua própria insuficiência a provocasse, e as memórias de erros passados agigantam-se.

Sente o peito apertado, a visão desfocada e, quando pestaneja, apercebe-se de que o conteúdo da caixa mudou. Os dedos estão a inchar, a ficar maiores, mais ensanguentados. O sangue já não está seco; escorre das pontas dos dedos, desliza para fora da caixa, para a neve.

Sangue.

Tanto sangue que abre canais na neve, quase a chegar à ponta da sua bota…

Horrorizada, Elin recua, enquanto luta para respirar.

Arranca os olhos da caixa, tira a bomba da asma do bolso, faz duas, três inalações.

– Está tudo bem?

Ergue os olhos e vê Lucas Caron ao seu lado, com uma expressão impassível. O vento agita-lhe o casaco, franze o tecido em pregas finas.

– Sim. – Guarda a bomba no bolso e respira fundo algumas vezes até sentir a respiração a normalizar.

– Tenho algumas das coisas que pediu. – Lucas estende-lhe uma pequena caixa. – Luvas, sacos. O resto do equipamento vem a caminho. Um dos funcionários está a certificar-se de que é tudo estéril.

– Obrigada. – Elin tira um par de luvas e um saco. Pega na mala e guarda o resto lá dentro.

Olha de lado para a caixa de vidro e vê que o sangue e os dedos inchados desapareceram. Está como era quando a viu pela primeira vez.

Mas o terror permanece, um terror que é único de uma situação como esta.

Aquilo que aconteceu aqui não é lógico, não é racional, não é algo que se possa explicar. Elin sabe que por detrás há algo sombrio, tão sombrio que quase lhe consegue tocar.

40

Elin entra nos balneários do *spa* e tira as luvas de borracha. Esfrega vigorosamente as mãos. Estão frias e tem as pontas dos dedos vermelhas, mas não estão geladas.

É um dos benefícios dos seus treinos obsessivos, das horas passadas a correr pela estrada costeira, pelas colinas de Dartmoor, em condições inclementes – o seu corpo é forte, habituado a estar em ambientes desconfortáveis.

Olha para o relógio. Quatro e meia da tarde. Passaram mais de cinco horas desde que descobriram o corpo de Adele. Está agora uma escuridão de breu lá fora e as condições deterioraram-se ainda mais – a neve esvoaça furiosamente em redemoinhos, como se estivesse numa centrifugadora, flocos brancos e grandes iluminados pelas luzes contra o céu escuro.

De vez em quando, o vento levanta a neve do chão e lança-a numa dança assustadora antes de a largar noutro lado qualquer. Se isto tivesse acontecido no Reino Unido, os investigadores forenses estariam furiosos. Elin imagina o rosto do colega Tim, de sobrolho franzido, calcula as imprecações que ele estaria a murmurar entre dentes.

Não pode fazer muito mais – tirou centenas de fotografias e recolheu metodicamente todas as possíveis provas, que eram poucas e dispersas. O seu instinto inicial estava certo: a pessoa que fizera aquilo era muito organizada. Não tem praticamente nada nos sacos de provas improvisados: alguns cabelos, vários pacotes de açúcar vazios, algumas beatas de cigarro. A parte de baixo de um biquíni que encontrou, amachucado, meio enterrado na neve. Recolheu tudo, mas não está muito esperançosa.

Quando começa a arrumar as coisas, o telemóvel vibra no seu bolso. Olha para o ecrã. Não reconhece o número, parece estrangeiro.

– Estou?

– Boa tarde. Posso falar com a Elin Warner? – Uma voz de homem, num inglês com sotaque forte. Não o melodioso sotaque francês, mas alemão. Seco, gutural.

– É a própria.

– Daqui inspetor Ueli Berndt, da Police Judiciaire, Valais. – Pigarreia. – Fui informado de que deseja falar com alguém relativamente à possibilidade de auxiliar com a situação em curso em Le Sommet.

Elin hesita, momentaneamente abalada pela formalidade do tom, pelas palavras diretas.

– Sim. Quer que eu lhe faça um breve relatório verbal dos detalhes?

– Monsieur Caron já contou ao meu agente o que aconteceu, mas sim, por favor, gostaria de ouvir a sua perspetiva.

Escuta em silêncio enquanto Elin lhe relata os factos e as suas observações em tom algo hesitante. Ouve-o tirar apontamentos, o som da caneta no papel, a sua respiração lenta e rítmica, e não consegue deixar de estar consciente de como está enferrujada na transmissão da informação – a linguagem imprecisa, a falta de convicção no tom de voz.

Termina, mas ele não responde logo. Ainda consegue ouvi-lo a escrever, e murmúrios de vozes em fundo.

Quando por fim o inspetor fala, é em tom ponderado.

– Muito bem. Então temos aqui uma situação invulgar. Normalmente, teríamos de estar presentes, de comparecer na cena do crime, ver provas do incidente, antes de abrirmos uma investigação formal junto do promotor de justiça.

– Compreendo. – Com o telemóvel encostado ao ouvido, Elin começa a percorrer os balneários. – E não há maneira de mandarem alguém?

– Não. – O tom de Berndt é profissional e prático. – Já falei com a *gendarmerie*, a polícia local em Crans-Montana, mas também não conseguem fazer chegar aí ninguém.

– Então onde é que isso nos deixa? – Elin dá meia-volta e começa a andar em sentido contrário. Sente-se a aquecer, não por causa do movimento, mas por causa do medo que cresce dentro dela à medida que regista o significado das palavras do inspetor.

Estão mesmo sozinhos. Completamente isolados.

– É isso que temos estado aqui a discutir. Esta situação é… delicada, algo com que nunca tivemos de lidar antes. Criámos uma *task force* para decidir os próximos passos: eu próprio como agente investigador, a *gendarmerie* a representar Crans-Montana, um promotor de justiça e o *groupe d'intervention*.

– E chegaram a alguma conclusão? – Elin ouve o uivo do vento lá fora, o ribombar ensurdecedor de um trovão.

– Sim. A Constituição Suíça é clara: mesmo na sua qualidade de agente policial do Reino Unido, a senhora não tem qualquer autoridade aqui. Contudo, após discussão, o promotor de justiça declarou que não tem objeções a que execute algumas instruções específicas. – A voz de Berndt suaviza-se um pouco. – Nestas circunstâncias, penso que seríamos estúpidos se não aproveitássemos a sua experiência. – Hesita. – Mas primeiro há algo que temos de confirmar. O senhor Caron não se opõe ao seu envolvimento?

– Não. Foi ele que me pediu para ajudar. Podem contactá-lo e pedir-lhe que confirme…

– Muito bem – responde Berndt. – Pode dizer-me então quantas pessoas ficaram no hotel?

– Quarenta e cinco, no total. O senhor Caron já partilhou comigo o registo.

– Quantos hóspedes e funcionários?

– Oito hóspedes e trinta e sete funcionários. A maioria das pessoas já tinha sido evacuada quando a avalanche aconteceu. O último autocarro, que não chegou a partir, levaria todos os restantes.

– É melhor do que eu pensava. É um número controlável. Muito bem. Como certamente concorda, a primeira prioridade é a segurança. Por favor, recorra aos procedimentos habituais para tentar conter a situação. Preciso que mantenha todas as pessoas juntas, tanto quanto possível. Se isso não for viável, tem de se certificar de que sabe onde toda a gente está.

– Certo. – Até aqui, nada que ela não esperasse.

– Depois vamos precisar de todas as fotografias que tirou da cena e das provas. Pode enviá-las diretamente para mim. – Pigarreia. – A prioridade seguinte é fazer uma lista completa de nomes, datas de nascimento e moradas de

todos os presentes, e determinar onde se encontravam esta manhã.

– Quer que eu fale com a pessoa que a encontrou, ou com alguma das outras testemunhas? – Elin senta-se no banco atrás de si, subitamente esgotada, com a tensão das últimas horas finalmente a dar sinais.

Berndt faz uma pausa.

– Sim. Claro que não poderá ser classificado como um interrogatório oficial, admissível na investigação, mas será útil de qualquer maneira.

– Faz sentido – responde Elin; mas sabe que, em termos de conteúdo, terão de ser interrogatórios completos. Não podem dar-se ao luxo de não ser minuciosa, nesta fase. Hesita quando lhe ocorre outro pensamento: *Laure*. Tem de informar o inspetor do desaparecimento dela.

– Mais uma coisa – começa. – Desapareceu uma pessoa do hotel. É uma das funcionárias, mas estava aqui para a sua festa de noivado. O meu irmão Isaac participou o desaparecimento dela à polícia ontem.

– Fui informado – responde Berndt em tom seco. – Chama-se Laure Strehl, correto?

– Exato.

– Pode fazer-me um resumo das circunstâncias, por favor?

Elin transmite-lhe aquilo que sabe, embora tenha consciência de que é muito pouco. Ninguém a viu sair e só tem a palavra de Isaac quanto aos últimos movimentos de Laure.

– É possível que ela tenha partido por vontade própria? – pergunta Berndt quando ela termina.

– Sim, mas parece-me pouco provável, dadas as condições, e ela não levou sequer a mala. E não esteve em casa. Já verifiquei.

– Podemos rever as filmagens das câmaras de vídeo da estação em Crans, Sierre. – Berndt murmura qualquer coisa para outra pessoa. – Ver se ela passou por lá. – Uma pausa. – E não há decididamente sinais de violência, de sequestro?

– Não. Mas depois de descobrirmos a Adele, estou preocupada…

– É compreensível. – Respira fundo. – E encontrou alguma coisa até agora que possa ajudar-nos a determinar o que lhe terá acontecido?

– Nada concreto, mas há algumas coisas que talvez valha a pena analisar melhor. Encontrei um cartão da psicóloga dela no escritório. O meu irmão diz que ela estava com uma depressão. Talvez no consultório possam dar-lhe alguma pista sobre o seu estado de espírito recente.

– Mais alguma coisa?

– Descobri que ela tem um segundo telemóvel. Não está relacionado com o trabalho e o meu irmão desconhecia a sua existência. Na noite antes de ela desaparecer, ouvi-a a falar ao telefone lá fora. Não compreendi a conversa porque estava a falar em francês, mas pareceu-me evidente que ela estava agitada. Zangada.

– Acha que o telefonema terá sido feito deste segundo telemóvel?

– Possivelmente, ou do aparelho que temos aqui.

– Vou pedir às respetivas operadoras os registos de chamadas de ambos e contactaremos também a psicóloga. Se me enviar os detalhes…

Elin põe o telemóvel em alta-voz enquanto ele lhe dita o seu endereço de *e-mail*, e regista-o nos contactos.

– Obrigado – diz Berndt – e, por favor, mantenha-nos informados se a situação se alterar. Vamos tentar atualizá-los quanto ao estado do tempo, e avisaremos se conseguirmos mandar alguém ou se soubermos mais alguma coisa através das informações que nos forneceu.

Falam mais alguns minutos e depois Elin despede-se. Apesar de estar exausta, sente também uma pontinha de orgulho: *conseguiu*.

Por várias vezes sentira-o, como uma sombra atrás de si – a claustrofobia de um ataque a aproximar-se –, mas superara-o e afastara o medo.

No entanto, essa centelha de euforia é sol de pouca dura.

O que aconteceu a Adele torna ainda mais urgente que encontrem Laure. Se ambas as situações estiverem relacionadas e o assassino tiver Laure em seu poder, como tivera Adele, é apenas uma questão de tempo antes que lhe aconteça alguma coisa.

Tal como o de Adele, o rapto de Laure foi premeditado; e depois de ver o corpo de Adele, Elin faz uma boa ideia do que se seguirá.

41

Elin encontra Axel no salão, sentado a uma mesa, afastado do grupo de outros funcionários na mesa do lado, a olhar para o céu escuro, para os flocos de neve iluminados pelas luzes exteriores. Não parece ter tocado no café que tem à frente, na superfície do qual se formou já uma película.

Está pálido, com o rosto inexpressivo, e parece indiferente à atmosfera de pânico contido na sala, ao murmúrio das conversas; mas Elin já viu aquela expressão vezes suficientes para saber o que é.

Choque.

Toca-lhe suavemente no braço.

– Axel?

– *Oui?* – responde ele, quase sem erguer os olhos. Quando finalmente levanta a cabeça, Elin repara que estes estão injetados de sangue e inchados.

– Chamo-me Elin Warner – começa, mas as suas palavras são abafadas por um trovão, e um relâmpago bifurcado rompe a escuridão.

Tenta de novo.

– Axel, sou hóspede neste hotel, mas sou também agente da polícia no Reino Unido. O senhor Caron pediu-me que tentasse fazer algumas perguntas sobre a morte da Adele enquanto esperamos que a polícia chegue. Consegue falar em inglês?

– Sim, pode ser. – Tem as mãos no colo, os dedos entrelaçados.

– Gostava de saber se pode contar-me o que aconteceu antes de encontrar a Adele. É importante que registemos os pormenores enquanto as memórias são frescas, para podermos partilhá-los com a polícia mais tarde.

– Vou tentar – diz ele em tom hesitante, e puxa uma cadeira ao seu lado.

Elin senta-se e tira da mala o bloco de notas.

– Se puder começar por alguns momentos antes, o que estava a fazer lá fora…

– Ia verificar as piscinas – começa ele, ainda de olhos colados na janela. – Certificar-me de que estavam tapadas. A evacuação estava quase terminada… A

gerência queria a zona das piscinas arrumada e fechada.

Elin acena de forma encorajadora.

– Tinha acabado de tratar da piscina principal e estava a começar com a segunda. Foi então que a vi. – A voz de Axel é trémula. – Tinha começado a fechar a cobertura. É eletrónica, automática. Ia para aí a um terço quando uma rajada de vento afastou o vapor. – Os seus dedos tremem. – Ao princípio nem pensei que fosse uma pessoa, mas depois vi o cabelo dela. A flutuar na água.

Segue-se um silêncio pesado.

– Foi então que fugi. – Axel para e leva as mãos ao rosto. – Sei o que vai dizer: porque é que não saltei para a água para a tirar? Não paro de fazer essa pergunta a mim próprio, de reviver o momento. Se eu tivesse saltado logo para a piscina, talvez houvesse alguma hipótese…

Elin pousa-lhe a mão no braço e ignora os olhares da mesa do lado.

– Axel, as pessoas nem sempre reagem todas da mesma maneira – diz gentilmente, baixando a voz. – Não há uma maneira certa de lidar com uma situação destas e, de qualquer maneira, não acredito que pudesse ter feito alguma coisa. Estou certa de que ela já estava morta quando a encontrou.

Pela expressão no seu rosto, Elin percebe que ele não acredita. Viverá com isto para sempre. Reviverá a situação na sua cabeça mil vezes por dia. *E se, e se, e se?*

– E nos momentos antes de a encontrar, viu alguma coisa suspeita na zona das piscinas?

– Não, mas não estive lá muito tempo. Estava a ajudar nos autocarros. Havia problemas no parque de estacionamento, por causa da neve.

– Não viu mais ninguém? Outro funcionário, algum hóspede?

– Não. Já estavam muito poucos hóspedes no hotel e os funcionários restantes estavam a ajudar com a evacuação.

O desânimo apodera-se de Elin. *Não há testemunhas*. É pouco provável que alguém tenha visto alguma coisa. O assassino provavelmente aproveitou-se do facto de o hotel estar a ser evacuado. Não havia hóspedes lá fora e o pessoal estava reduzido ao mínimo. *O momento ideal*.

Vira a página do bloco de notas.

– Conhecia bem a Adele?

– Nem por isso. De a cumprimentar, apenas. – Axel encolhe os ombros. – Tenho família. Três filhos. Não socializo com ninguém daqui fora do trabalho.

– Nesse caso, não imagina se ela tinha alguns problemas?

– Não, mas ela deve saber mais do que eu. – Aponta para uma mulher de cabelo escuro na mesa do lado. – É a Felisa, a responsável pela área da manutenção. A Adele trabalhava para ela.

– Muito bem, obrigada. – Elin levanta-se e pega na mala. – Se se lembrar de mais alguma coisa, por pequena que lhe pareça, diga-me.

– Espere. – Axel franze a testa. – Há uma coisa, sim. Se calhar não é relevante, mas a Adele… vi-a a discutir com alguém.

Curiosa, Elin volta a sentar-se.

– Recentemente?

– A semana passada. Eu tinha estado no *spa*, na piscina principal, a limpar água do chão. A Adele estava ao fundo do edifício. Quando virei a esquina ouvi vozes elevadas. Era uma discussão… acalorada. Lembro-me de pensar que estavam tão absorvidas que mal deram por mim.

– E ouviu o que estavam a dizer?

– Não. Passei e entrei. – Abre um sorriso triste. – Como estou sempre a dizer, não me envolvo em situações destas no trabalho. Não me meto.

Elin digere as palavras.

– Reconheceu a pessoa com quem ela estava a discutir?

– Sim. Era a diretora-adjunta. Chama-se Laure. Laure Strehl.

42

Uma ligação, pensa Elin, enquanto se dirige a Felisa. Uma ligação entre Laure e Adele. Era evidente que se conheciam bem o suficiente para estarem a discutir sobre alguma coisa.

Poderia estar relacionado com aquilo que aconteceu?

Afasta esse pensamento e para a cerca de um metro da mesa.

– Felisa?

Felisa olha para Elin e para o bloco de notas que esta tem na mão. É uma mulher magra, com feições delicadas, sobrancelhas num arco perfeito, que estreitam e terminam em duas pontas finas. O cabelo escuro está preso numa trança complexa. É muito morena. Espanhola, talvez? Portuguesa?

– É por causa da Adele?

Elin acena afirmativamente.

– Podemos sentar-nos ali, para falarmos mais à vontade? – Aponta para uma mesa vazia.

– Claro. – Felisa pega no copo de água, levanta-se e olha melhor para Elin, avaliando-a. Os seus olhos inspecionam o cabelo louro e curto preso atrás das orelhas, o *piercing* na orelha. Ouviu dizer que ela é polícia, não foi? Estava à espera de algo… diferente.

Elin está habituada a isso – tem perfeita consciência daquilo que as pessoas dizem nas suas costas. *Masculina. Demasiado preocupada com a carreira para se preocupar com a aparência*. Seja lá o que for que isso significa. Não se importa; sempre teve dificuldades com essa coisa da «feminilidade». Mesmo quando era pequena, sabia que havia um mundo que estava para além dela – uma tribo de mulheres de cabelo brilhante e dedos hábeis que sabiam como torcer e esticar madeixas em penteados complexos. Mulheres que viam vídeos no YouTube sobre como dominar a técnica exata de sombreado para realçar as maçãs do rosto. A sua amiga Helen, também detetive, era uma delas. Uma vez mostrara um desses vídeos a Elin, enquanto comiam caril e bebiam vinho. Um vídeo sobre «contornos». E mostrou-o de novo, como se ao vê-lo várias vezes

Elin conseguisse compreendê-lo melhor; no entanto, continuava a parecer-lhe uma língua estrangeira, um instrumento que nunca saberia tocar.

Elin dirige-se à cadeira em frente de Felisa, mas, antes que consiga sentar-se, uma hóspede aproxima-se delas. Tem trinta e muitos anos, é pequena e curvilínea, com o cabelo escuro preso num carrapito largo. Tem no rosto uma expressão tensa, ansiosa. Elin fita-a, desconfiada.

A mulher aproxima-se, demasiado, invadindo o espaço pessoal de Elin.

– Desculpe, a senhora é que é a polícia, não é? – Fala com um forte sotaque, italiano, talvez.

– Sim, eu…

– Estamos preocupados – interrompe a mulher, e olha de relance para a mesa atrás dela, à esquerda. – Os meus pais… já são idosos, eles… – Hesita e franze a testa, como se estivesse a debater-se para encontrar a palavra certa. – Estão a ter dificuldades. Estão assustados. Acho que precisamos de mais informação.

Elin acena e pigarreia.

– Por favor, compreendo que a situação é um bocadinho assustadora, mas está tudo sob controlo. Já houve muitas conversas com a polícia local e há um plano implementado. Eu… – Sente que não está a dizer nada de concreto e cala-se.

A outra mulher franze a testa e Elin vê algo novo na sua expressão. *Fúria*, pensa. Uma reação normal quando alguém se sente assustado e impotente, mas que a deixa sempre preocupada.

A fúria pode ser imprevisível, um obstáculo à ordem.

– Sob controlo – repete a mulher, e une as mãos. O seu tom de voz é agora mais alto, agudo. – Não sei se é bem assim. As pessoas estão assustadas. Não só os hóspedes, os funcionários também. Ouvi um grupo de pessoas a falar, ali. – Aponta na direção deles. – Sobre o tempo que vai demorar até que alguém possa vir buscar-nos. – Tem as faces vermelhas, às manchas. – Se eles trabalham aqui e estão assustados, como esperam que os hóspedes se sintam?

Elin troca um olhar com Felisa.

– Vou falar com todos daqui a alguns minutos – responde em tom calmo. –

Vamos implementar protocolos claros para controlar a situação. Esta noite, transferiremos toda a gente para quartos nos pisos inferiores, os que são normalmente reservados para os funcionários. Os empregados vigiarão todos os espaços públicos.

– Como seguranças?

– Sim. Em todos os corredores. Estamos a fazer tudo o que podemos para garantir a tranquilidade das pessoas.

Segue-se um silêncio aparentemente interminável enquanto a mulher absorve as palavras de Elin.

Por fim, os seus ombros relaxam. Para alívio de Elin, diz:

– Vou dizer-lhes. – Aponta de novo para a mesa onde os pais estão sentados. – Mas ainda acho que precisa de passar melhor a informação. Manter as pessoas a par de qualquer alteração.

– Com certeza.

Elin espera que a mulher se afaste e depois senta-se.

– Desculpe – murmura.

– Não há problema – responde Felisa. – É natural, não é? As pessoas estão preocupadas.

Elin pousa o bloco em cima da mesa.

– Bom, estou a tentar ter uma ideia de como foram os últimos dias da Adele, perceber o que pode ter causado este ataque.

Felisa bebe um gole de água.

– Ela saiu do turno na sexta-feira e só devia voltar na terça-feira da próxima semana.

– Então viu-a na sexta-feira, antes de ela sair? – Elin escreve furiosamente. A sua caligrafia é pouco mais do que um rabisco, mas não consegue fazer melhor. A fadiga que sentiu nos balneários domina-a agora por completo, e todos os seus movimentos são lentos, frouxos, como se estivesse a tentar mexer-se dentro de lama.

Precisa de comer.

– Por breves instantes. Ela estava com pressa. Queria chegar a casa antes de

o filho sair para passar a semana com o pai.

– Não estão juntos?

Felisa abana a cabeça.

– Mas não é uma coisa recente. Nunca estiveram realmente juntos. Acho que ainda tentaram durante algum tempo, pelo menino, mas…

– E como é que ela lhe pareceu?

– Bem. Stressada, porque não queria atrasar-se, mas… – Interrompe-se. – Acha que… acha que ela conseguiu sequer chegar a casa? – pergunta, em tom hesitante.

– Não sei. Imagino que a polícia irá verificar.

Pessoalmente, tem a certeza de que Adele não chegou a ir a casa. Como sabe que ela estava amarrada, o seu palpite é que terá estado presa no hotel, ou nas imediações, até ser morta.

Felisa aperta o copo entre as mãos e os nós dos dedos ficam brancos com a força.

– Quem faria uma coisa destas? Não faz sentido.

Elin insiste.

– Está a par de algum problema que a Adele tivesse, na vida pessoal ou profissional?

– Não, mas a Adele é suíça. Sei que pode parecer estranho, mas existe mesmo uma certa… reserva nos suíços. – Sorri debilmente. – Quando eu vivia em Genebra, foram precisos dois anos para a minha vizinha progredir de *Bonjour* para *Bonjour, ça va?* – Felisa hesita, como se estivesse a debater se deve ou não dizer alguma coisa. – Não era só isso. Como pessoa, a Adele era por vezes… distante.

– De que forma?

– Era invulgar, para quem trabalha numa equipa de manutenção. A rotação de pessoal neste género de emprego é elevada. Há sempre muitos estrangeiros. O facto de a Adele ser suíça é raro. Acho que ela gostava do trabalho, mas sempre tive a sensação de que ela se considerava superior e, por isso, nunca se envolvia. Mantinha a distância. – Felisa sorri. – E acho que provavelmente tinha razão. É

uma rapariga inteligente. Fiquei surpreendida por a ver sequer num emprego como este.

– E sabe porque trabalhava aqui?

– Uma vez perguntei-lhe. Disse-me que não tinha alternativa. Não acabou o curso e tinha de cuidar do filho.

Elin reflete sobre o que ela disse. *Há qualquer coisa errada na situação de Adele. Qualquer coisa que não bate certo.*

– Mais uma coisa. Queria falar-lhe sobre a Laure Strehl. Sabe que ela está desaparecida?

– Sim. – Felisa apoia os cotovelos na mesa. – Acha que… a pessoa que fez isto à Adele… – Engole em seco.

– Não sabemos. É por isso que precisamos de perceber se havia alguma ligação entre elas. Diria que a Adele e a Laure eram amigas?

– Sim – responde ela, e algo que Elin não consegue decifrar passa-lhe rapidamente pelo rosto.

Ela sabe alguma coisa, não sabe? Sabe alguma coisa, mas não tem a certeza se deve contar-me.

– E eram próximas? – insiste Elin.

Felisa suspira.

– Até há alguns meses, sim. Via-as sempre juntas, mas depois parou. Parti do princípio de que se teriam desentendido por alguma coisa sem importância, mas há umas semanas eu estava com a Adele e a Laure passou e nem sequer disse olá. – Franze a testa. – Foi estranho. O rosto da Adele, a seguir, a expressão dela… parecia assustada, é a única forma que encontro de o descrever.

– Com medo da Laure?

– Sim – afirma sem hesitar. – Não me surpreendeu. A Laure… não me entenda mal, mas a Laure por vezes é demasiado… intensa. Leva-se a si própria demasiado a sério. Nas reuniões, é sempre aquela pessoa que nunca sorri, que escreve todos os pormenorzinhos. – Baixa a voz. – A Cécile, a diretora-geral, é igual. – Franze a testa. – Mas no caso dela acho que é por motivos diferentes: a Cécile não tem família nem um companheiro, por isso entrega-se completamente

ao hotel. Até de mais, diria eu.

Elin acena com a cabeça e reflete sobre as palavras de Felisa. Há uma coisa em particular que a incomoda: o motivo da zanga entre Laure e Adele.

Quando falar com Cécile, tem de lhe perguntar se estava a par do sucedido, se as outras pessoas se terão apercebido.

O seu receio é que isso confunda ainda mais as coisas. Sempre que alguém fala sobre Laure, a imagem que Elin tem dela altera-se ligeiramente. Começou por ser muito clara, mas agora está turva.

Indefinível.

43

– Nenhum dos empregados viu nada? – Lucas despe o casaco polar e coloca-o nas costas da cadeira. As mangas arregaçadas revelam antebraços bronzeados e fortes, com duas pulseiras de algodão esgaçadas no pulso direito. Uma verde-lima, a outra azul.

– Não. Falei com toda a gente. Estavam a ajudar na evacuação. Os restantes hóspedes estavam no átrio, a preparar-se para partir. Todos têm um… – Elin hesita; não quer usar a palavra «álibi». – Sabemos onde estavam todos. – *Absolutamente todos*, pensa, recordando as conversas. Todos os funcionários com álibis plausíveis e passíveis de confirmação. E os hóspedes também.

Como é possível?

Pega no café e bebe um gole. O líquido amargo e quente queima-lhe a garganta, mas sabe-lhe bem. A cafeína dissipa o nevoeiro na sua mente.

– Escolheram o momento certo. – Cécile esfrega o nariz com um lenço de papel amachucado. Está pálida, com olheiras.

– Muito bem. Agora que determinámos que ninguém viu nada, temos de verificar as câmaras de segurança. Há câmaras na piscina e área circundante?

– Sim. Vou falar com o diretor de segurança. Não vai demorar muito tempo. – Cécile faz uma pausa, como se fosse dizer mais alguma coisa, mas muda de ideias.

Lucas aproxima-se da janela.

– Se precisar de qualquer coisa, peça. Quero apanhar a pessoa que fez isto, quem quer que seja… e depressa. Aquilo que aconteceu à Adele…

Elin vê-o contrair o maxilar. Uma expressão genuína de revolta. A tensão irradia dele. Tem manchas escuras de suor debaixo dos braços, ao fundo das costas. Está claramente stressado, mas, apesar disso, Elin consegue encaixar as últimas peças da imagem que tem dele. Aquilo que observou, que vislumbrou… é sincero.

O escritório, este seu espaço privado, reflete ambos os lados de Lucas, as contradições de que Elin já se apercebera antes – o homem de negócios e o atleta

descontraído. A divisão é discreta: paredes claras, uma secretária de madeira envernizada. Uma máquina de café cromada ao canto. Por cima, numa prateleira, uma fila de livros – sobre escalada e alpinismo de um lado, sobre *design* e arquitetura do outro. A parede do lado direito está ocupada por obras de arte: desenhos anatómicos antiquados do coração, com molduras brancas. Esboços precisos e gráficos.

A mente de Elin recorda o artigo que leu, sobre o tempo que ele passou no hospital em criança.

Tudo encaixa, mas, apesar disso, Elin sente algum incómodo com esta contradição visível. De certa forma, ele seria mais fácil de explicar se um dos lados *não* fosse real. Esse pensamento é desconcertante.

Cécile brinca com a caneca de café vazia, passa o dedo pela borda.

– Sabe dizer exatamente quando é que a Adele foi morta? – As palavras saem-lhe demasiado depressa, tingidas de pânico. – Para conseguirmos perceber se a pessoa que fez isto ainda aqui está, ou se era alguém que partiu num dos autocarros.

– Não posso afirmá-lo com certeza – diz Elin calmamente. – Temos de esperar pela autópsia.

– Mas deve fazer uma ideia. – A voz de Cécile sobe de tom. – No seu emprego, deve saber ver quando uma pessoa morreu.

– Cécile… – adverte Lucas em tom cortante, aproximando-se dela.

– O que foi? – Cécile está à beira da histeria. – É verdade, não é? Pelo menos há de ter uma ideia!

Lucas olha para a irmã e pressiona os lábios. Elin percebe que ele está embaraçado por esta demonstração de emoção.

– Por favor. – A mão no braço dela. Outro olhar de aviso. – Temos de manter a calma.

Elin repara na intimidade do gesto e também no tom de voz dele, ligeiramente condescendente. Percebe que esta troca de palavras faz parte de um padrão de comportamento familiar; estão habituados a estes papéis, ao modo como a conversa se desenrola.

A atitude de Lucas faz-lhe lembrar Isaac, em momentos como este: deliberadamente benevolente, o que em vez de acalmar a situação serve apenas para a intensificar.

– Calmos? – Cécile fita-o, de queixo erguido. – Lucas, uma das tuas funcionárias foi assassinada. No *teu* hotel! No teu lugar, eu não estaria calma, estaria aterrorizada. É bem provável que o assassino ainda esteja aqui, a preparar-se para atacar outra pessoa qualquer…

Elin pigarreia.

– Oiçam – começa –, não temos qualquer prova de que o assassino, mesmo que esteja entre nós, queira fazer mal a mais alguém. Não conhecemos as circunstâncias pessoais da Adele. Uma coisa destas, regra geral, é feita por alguém próximo da vítima, com um motivo concreto. Um companheiro, amigo, familiar…

– Então e a Laure? – Cécile tamborila com o pé no chão. Um ritmo errático. – Ainda está desaparecida. A pessoa que fez isto à Adele pode tê-la apanhado também, não pode?

– Ela ainda está desaparecida? – As feições de Lucas ficam tensas antes de as relaxar numa expressão neutra.

Elin viu a reação dele, que lhe desperta a curiosidade.

– Conhece bem a Laure?

Lucas senta-se e agita-se na cadeira, pouco à vontade. Remexe nos papéis que tem em cima da secretária, como se estivesse a ganhar tempo para se recompor.

Está a esconder alguma coisa.

– Tão bem como aos outros funcionários – responde ele, por fim.

Elin decide ser direta.

– Pergunto porque encontrámos umas fotografias suas entre as coisas da Laure.

– Fotografias? – repete Lucas, com a voz trémula. Pega numa caneta e começa a virá-la entre os dedos.

– Sim. Fotografias. E não me parece que o senhor soubesse que estava a ser

fotografado. – Elin hesita. – Faz alguma ideia do motivo pelo qual ela as teria?

Lucas fica em silêncio um minuto, e depois ergue para ela o rosto resignado.

– A Laure e eu… estivemos envolvidos.

– Uma relação amorosa? – Elin apercebe-se de que soltou uma exclamação abafada e do choque que, na realidade, não devia estar a sentir. Era a única explicação racional para as fotos, mas agarrara-se à esperança de que não fosse verdade.

– Não o descreveria dessa forma. Não foi nada sério.

Cécile solta uma risada seca.

– Não pensei que fosses tão previsível.

Elin olha para ela de lado, curiosa com o seu tom.

– Quando é que isso aconteceu? – pergunta a Lucas.

Ele ainda está a rodar a caneta entre os dedos.

– Foi logo depois da abertura. Uma estupidez. Sei muito bem que não é boa ideia relacionarmo-nos com uma funcionária, mas aconteceu. Houve um evento, envolvemo-nos… Sei que deixei que a situação se prolongasse quando não o devia ter feito. Dormimos juntos algumas vezes e, por fim, eu acabei com a relação. Ela ficou aborrecida, mas… – Larga a caneta ruidosamente em cima da secretária. – Foi só isso, pelo menos da minha parte. E estou certo de que da parte dela também.

Há dezoito meses. Elin revira as palavras na mente. Laure já estava com Isaac nessa altura, sem qualquer dúvida, portanto, é evidente que o traiu. Pensa em Isaac, no que lhe dirá, qual será a reação dele.

– Disse que a Laure ficou aborrecida quando a relação terminou?

– Sim. Apareceu no meu escritório poucas semanas depois e confrontou-me. Disse que eu a tinha usado, que lhe dera a ideia errada. – A expressão dele é de remorso. – Foi uma complicação, mas eu não queria que ela se sentisse constrangida, que tivesse de se despedir por causa disso… Portanto, pedi-lhe desculpa e disse que lamentava muito se de alguma forma a iludira.

– E foi tudo? O último contacto que tiveram?

– Além do trabalho, sim. – Lucas fica tenso. – Oiça, não me parece que isto,

o que aconteceu entre nós… não pode estar relacionado com o desaparecimento dela. Já foi há algum tempo. É evidente que ela seguiu em frente, com o seu irmão.

Elin sente o desconforto dele e muda de assunto.

– A outra coisa que queria perguntar-vos era em relação à Laure e a Adele. A Felisa mencionou que elas eram amigas, mas que se tinham desentendido recentemente. Sabem de alguma coisa?

– Não – responde Lucas.

Ela vira-se para Cécile.

– Não, nada.

– E houve mais algum problema com o hotel? Algum conflito recente com outro funcionário, qualquer tipo de queixas?

Nenhum deles responde. O silêncio prolonga-se até se tornar constrangedor.

Elin apercebe-se do olhar fugaz, quase impercetível, de Lucas na direção de Cécile.

O que é que não me estão a contar?

44

– Há uma coisa – começa Lucas. Baixa-se e abre uma gaveta. Tira uma folha de papel e empurra-a na direção de Elin sobre o tampo da secretária. – Comecei a receber estes bilhetes há uns meses.

IL FAUT BONNE MÉMOIRE APRÈS QU'ON A MENTI.

– «Um mentiroso deve ter boa memória» – traduz Lucas, com a voz ligeiramente trémula. – Ao princípio não liguei, mas agora, depois do que aconteceu…

– Sabe ao que se refere? – Elin examina o bilhete com a boca seca. As palavras estão impressas em letras grandes, ocupando a maior parte da folha.

Isto é uma ameaça. Não havia outra forma de o percecionar.

– Presumi que tivesse a ver com o hotel. Tivemos um número enorme de queixas antes de a construção começar. Ao princípio apenas dos habitantes locais, e depois de grupos ambientais. Começou por ser pouca coisa, mas viralizou *online*. Começaram a aparecer grupos maiores. Não só suíços, mas também franceses.

– Manifestantes pagos?

– Mais ou menos. E tornou-se pessoal. – Olha para as mãos, ruborizado. – Vingativo. Parecia ir para além do hotel. Uma desculpa para destilar ódio, para causar problemas.

– E os outros bilhetes? – pergunta Elin, ainda a examinar o papel. O texto não é particularmente nítido, o que implica uma impressora a jato de tinta e não a laser. Isso significa que foi quase de certeza feito numa impressora doméstica normal, pelo que as probabilidades de determinar quem o enviou são mínimas. Terá de esperar pela polícia.

– Já só tenho mais este, desculpe. – Enfia a mão de novo na gaveta e estende-lhe outra folha de papel. – Havia um outro, o primeiro, mas deitei-o fora. Pensei que fosse uma situação isolada. Dizia algo sobre vingança… mais do mesmo.

Elin olha para o segundo papel.

CHASSEZ LE NATUREL, IL REVIENT AU GALOP.

Desta vez, é Cécile que traduz.

– «Se expulsarmos o que é natural, este regressa a galope.»

– O que significa?

Lucas passa a mão pelo cabelo.

– É uma expressão. Significa que… não podemos apagar ou afastar aquilo que realmente somos.

Elin acena com a cabeça.

– Como é que os recebeu?

– Foram-me enviados diretamente. – Atrás dele, a neve atinge a janela numa saraivada violenta e todos se viram para olhar.

– E além dos manifestantes, não faz ideia de quem os poderia ter enviado?

– Não. – A confusão de Lucas parece genuína. Aponta para as missivas. – Acha que têm alguma ligação com o que aconteceu?

– É demasiado cedo para saber. – Elin ainda está a arrumar a informação na sua mente.

Se houver alguma ligação… como? O que é que a morte de Adele poderá ter a ver com isto?

– Importa-se que os leve?

Ele abana a cabeça e o cabelo que tinha preso atrás da orelha solta-se e esconde-lhe brevemente as feições.

Elin guarda os bilhetes e levanta-se.

– Uma última coisa. Ontem soube que foi encontrado um corpo na montanha. – Faz uma pausa deliberada, à espera da reação deles.

– Sim. – Lucas fica tenso. – Mas ainda não sabemos quem é. Pelo que a polícia disse, não parece ser recente.

Elin absorve as palavras e sente os braços arrepiados.

– Então não fazem ideia de quem será? – Faz questão de não mencionar

aquilo que ouviu dizer. Quer saber até onde ele irá.

A pergunta fica suspensa no ar. Lucas hesita, abre e fecha a boca e por fim responde:

– Não.

Elin arquiva a informação. *Porque é que Margot saberia, mas Lucas não? Com certeza que a polícia o terá informado*.

Só pode estar a mentir. Afinal de contas, foi um amigo de infância seu que foi encontrado, alguém com quem tinha um envolvimento profissional, um amigo tão próximo que o seu desaparecimento fizera derrapar a data da abertura do hotel.

Porquê mentir? O que estaria exatamente Lucas a tentar esconder?

***

O seu telemóvel toca quando está a sair do escritório de Lucas.

– Elin, é Berndt. Pode falar?

– Sim, posso. Estou sozinha. – Percorre o corredor em direção aos elevadores. – Descobriu alguma coisa? – Encolhe-se ao perceber a hesitação no seu tom de voz; é como se estivesse a questionar-se a si própria.

O que é que se passa consigo?

Mas sabe qual é a resposta: a mentira de Lucas… abalou-a. Não consegue perceber o que significa, quais são as implicações.

– Não propriamente. – O inspetor parece cansado. – Fizemos uma busca minuciosa dos nomes que nos forneceu na RIPOL, a nossa base de dados, mas não surgiu nada de particular interesse, pelo menos em Valais.

– O que é que isso significa? – Elin desloca o peso de um pé para o outro, confusa: estará ele a referir-se a uma informação do passado? A alguma investigação ativa ou encerrada?

– Não posso dizer mais por causa da lei de proteção de dados, mas quero que saiba que não encontrámos nada que me leve a pensar que alguém ainda no hotel represente um risco para a senhora ou qualquer outra pessoa. Contudo… – faz

uma breve pausa – tenho outro pedido. Na Suíça, o protocolo para procurar pessoas é mais complexo do que no Reino Unido. Temos uma base de dados central, mas só lhe podemos aceder por cantão.

– Por cantão? – Confusa, Elin cora e sente a mão que segura o telemóvel húmida de suor. A insegurança cresce dentro dela, uma voz negativa e trocista na sua mente. *Amadora. Estás fora de serviço há demasiado tempo. Impostora*.

– Sim – responde Berndt. – O que significa que uma pessoa pode ter cadastro criminal no cantão ou condado do lado, em Vaud, por exemplo, mas não teríamos acesso a isso aqui em Valais. – Berndt hesita. Elin ouve um telemóvel tocar atrás dele. – Posso fazer um pedido para cada cantão, mas tem de ser um pedido concreto de informação específica sobre uma pessoa de interesse para esta investigação.

Elin para a alguns metros do elevador, para processar o que ele está a dizer.

– Então tenho primeiro de identificar as pessoas que possam ser significativas para a investigação, e só depois é que pode pedir mais informações?

– Sim; mesmo assim, cada pedido tem de ser posteriormente aprovado pelo promotor de justiça. Vou tentar apressar as coisas, mas é capaz de demorar algum tempo.

– Está bem. E a Laure? As filmagens de segurança? Registos telefónicos? – Tenta disfarçar a impaciência. Não gosta desta sensação de impotência, de não estar em controlo, de não saber exatamente o que se passa.

– Verificámos as câmaras da estação. Não houve ninguém que correspondesse à descrição dela a sair de um autocarro ou a entrar no funicular, nem nessa noite nem no dia seguinte. Falámos também com as companhias de táxi locais e há mais de um mês que não vão buscar ninguém ao hotel. Ainda estamos à espera de resposta das operadoras telefónicas.

– E a psicóloga?

– Deixámos mensagens. Devemos ter uma resposta em breve.

– Muito bem. – Elin adota o tom mais confiante que consegue, mas parte dela sente-se à deriva. De momento não tem nada relacionado com o

desaparecimento de Laure ou a morte de Adele.

Nem provas. Nem testemunhas. Nem motivo. Está às escuras.

Enquanto se despede do inspetor, recebe uma mensagem de Will, a avisá-la que ele e Isaac estão a jantar no salão.

Elin fita a distância e, enquanto a sua visão se desfoca, surgem-lhe na mente imagens mais definidas.

Imagens de Adele.

A única coisa em que consegue pensar é na expressão de horror nos olhos dela. Como deve ter sido afundar-se na água e saber que nunca mais viria ao de cima.

45

– A Laure… e o Lucas? – Os olhos de Isaac ensombram-se. – Estiveram envolvidos?

– Sim. Pouco depois de o hotel abrir. – Elin muda de posição na cadeira, pega no garfo e leva um pedacinho de batata à boca. Embora seja hora de jantar e saiba que devia ter fome, está a fazer um esforço para comer. O seu apetite desapareceu.

Percorre o salão com o olhar. Os poucos hóspedes restantes estão reunidos à volta das mesas, a beber, a conversar. *Estão nervosos*, pensa, observando os gestos largos, as gargalhadas forçadas, demasiado sonoras. Sabe pelo seu trabalho que é uma reação comum. *Fingir que não aconteceu nada. Se fingirmos com muita convicção, talvez se torne verdade*.

Mas a ilusão depressa se estilhaça: vê um membro do pessoal de pé, junto à porta, a olhar em volta. Segurança, como ela recomendou.

O alívio espalha-se pelo rosto de Isaac.

– Foi quando estivemos separados. Andávamos a discutir por coisas estúpidas… – Bebe um longo trago de cerveja e afasta o prato. É um prato de *pasta*, no qual não tocou, com o molho pálido e cremoso já a secar e coagular.

Apesar da confiança nas palavras dele, Elin vê-o engolir em seco. *Está abalado pelo que acabou de descobrir. Não sabia*.

– Separados? – repete ela, e o seu olhar cruza-se com o de Will, enquanto sente um aperto no estômago. Afinal, Laure e o irmão não eram propriamente o casal feliz que ela pensava.

Se calhar Isaac nunca me contaria sobre a separação se isto não tivesse acontecido.

Não tem como saber, e esse pensamento magoa-a: tempos houve em que sabia tudo sobre ele. Sabia exatamente qual dos carros de brincar era o seu preferido. A forma exata do sinal de nascença entre os seus dedos dos pés. Quantas colheres cheias de chocolate *Nesquik* ele gostava de pôr no leite.

Elin sente uma súbita pontada de melancolia por aquilo que podiam ter tido:

uma vida, ligados. Costumavam falar nisso quando eram pequenos – as casas coladas, as refeições de família animadas, os filhos a brincarem juntos, a crescerem como amigos.

Mas tudo isso foi há muito tempo. Pigarreia para afastar o nó na garganta. Pega na água e bebe um gole.

Isaac esfrega a pálpebra. O eczema espalhou-se. Um pequeno continente a caminho do olho.

– E se houver mais alguma coisa?

– Como assim?

– Aquelas fotografias que ela tinha dele. Não é normal, pois não? – Ele tamborila com os dedos na mesa, com expressão grave. – E se aconteceu alguma coisa entre eles que desconhecemos?

– Como por exemplo? – Will puxa o cesto do pão para si e tira uma fatia de baguete integral com sementes.

– Não sei. Talvez as coisas se tenham complicado ou…

Elin pigarreia.

– Isaac, não podemos presumir nada. Ainda não. Tirar conclusões precipitadas é o pior que podemos fazer. Temos de nos limitar aos factos. A Adele foi morta e a Laure desapareceu. É tudo o que sabemos.

– Isaac, ela tem razão – corrobora Will, partindo o pão em pedacinhos. – Não comeces já a pensar o pior, quando ainda não dispomos de toda a informação.

Elin olha para ele e sorri, grata pelo apoio – outra coisa em que Will é fantástico. *Construir pontes*. Serenar os ânimos.

– Céus, sinto-me tão inútil. Encontrar aquela mulher, assim… – A voz de Isaac falha. – Elin, a Laure está em perigo, não está? Cada minuto que não fazemos nada, há uma possibilidade de ela…

Elin sente a pressão das palavras dele; um peso que a puxa para baixo. Tem o coração acelerado.

– E se a polícia não conseguir chegar cá acima hoje, nem amanhã? Tens de fazer alguma coisa. Encontrá-la. – Olha para a janela, para o forte nevão iluminado pelas luzes exteriores. – Olha para aquilo.

– Isaac, estou a fazer tudo o que posso. Estou em contacto com a polícia, mas aquilo que consigo fazer sem o apoio de uma equipa é muito limitado. Não é seguro…

Ele interrompe-a.

– E se fosse o Will? – Inclina a cabeça na direção dele. – Quererias encontrá-lo, certo? Depois de saberes o que aconteceu? – Semicerra os olhos e fita-a como se estivesse a pô-la à prova.

Elin pisca os olhos, surpreendida pela força da reação dele.

– Tal como já referi, nem sequer sabemos se ambas as situações estão relacionadas.

Isaac fita-a, incrédulo.

– Achas mesmo que aquilo que aconteceu à Adele é um incidente isolado? Que não está ligado ao desaparecimento da Laure? Não pode ser coincidência. Ambas trabalhavam aqui, eram amigas…

Elin hesita antes de responder. Na verdade, concorda com ele. Depois de falar com Lucas, ficou ainda mais convencida de que os dois casos estão relacionados.

– Ouve, eu…

– O que é? – Isaac inclina-se sobre a mesa, com os olhos a faiscar. – Sabes alguma coisa, não sabes?

Elin encolhe-se um pouco ao sentir o cheiro a cerveja no hálito do irmão, o leve odor azedo de suor. A expressão nos olhos dele… assusta-a. Faz-lhe lembrar os momentos antes de ele perder a cabeça e se descontrolar, atirar coisas pelos ares como *confetti*. Ainda hoje Elin recorda a cara da mãe quando isso acontecia: a expressão mal contida de choque, de desilusão, estranhamente não com Isaac, mas consigo própria, como se fosse dela a culpa do comportamento do filho.

Poucos meses depois da morte da mãe, Elin encontrou uma caixa de cartão empoeirada no sótão, repleta de livros de psicologia popular, artigos recortados, todos sobre o mesmo tema: *Como o estilo de parentalidade afeta os seus filhos. Como fazer com que o seu filho se abra*.

A descoberta deixara-a indescritivelmente triste: a mãe optara por se culpar a

si própria. A derradeira desculpa para um rapaz problemático.

– Ia agora contar-te – diz, afastando esses pensamentos. – Falei com a chefe da Adele, a Felisa. Ela diz que a Adele e a Laure se tinham zangado. Ela comentou alguma coisa contigo?

Isaac abana a cabeça, com os caracóis escuros a caírem-lhe sobre o rosto.

– Não. Tanto quanto sei, continuavam a ser amigas.

Elin morde o lábio, frustrada. Como conseguirá descobrir o que se passava entre as duas? De súbito, ocorre-lhe uma ideia – o computador portátil de Laure. Não parecera revelar grande coisa à primeira vista, mas não o explorara de forma meticulosa, pois na altura ainda não estava convencida de que Laure tivesse de facto desaparecido.

– Vamos dar mais uma vista de olhos ao computador dela. – Vira-se para Isaac. – Talvez haja alguma coisa que nos passou despercebida e que possa ser relevante à luz daquilo que sabemos agora.

Ele concorda com um aceno e levanta-se.

– Vou buscá-lo.

Assim que ele se afasta, Will olha para ela.

– Achas mesmo que vais encontrar alguma coisa no computador?

– Não sei, mas vale a pena tentar. Vou dar também mais uma vista de olhos às redes sociais dela, ver se me escapou alguma coisa.

– Sabes, acho que isto tudo… acabou por te forçar a tomar a decisão, não foi?

– O que queres dizer?

– De regressar ao trabalho. Para alguém que não tinha a certeza, pareces estar bastante determinada. – A sua expressão é séria. – Começares a envolver-te com toda esta situação parece ter-te feito voltar à vida, Elin.

– Pediram-me ajuda.

– Podias ter recusado. Explicado por que motivo não o podias fazer.

Elin encolhe os ombros.

– Talvez. – Não sabe como responder porque ele tem razão: parte dela sente-se realmente viva, mas ainda há uma grande diferença entre estar a ajudar aqui e

regressar ao trabalho. A sua decisão não está definitivamente tomada. Pensa nos *e-mails* de Anna. Os que ignorou resolutamente.

Recosta-se na cadeira, pega no telemóvel e abre de novo o Instagram de Laure.

Desta vez, à luz do que descobriu entretanto, procura por qualquer prova que a relacione com Adele.

Começa a passar imagens. Não vê nada de especial, o que coincide com a teoria de Felisa de que se teriam zangado. Tem de recuar dois ou três meses antes de encontrar Adele, o que faz crer que o problema entre elas foi recente.

A primeira imagem de ambas: Laure num bar, vestida com um *top* leve, de alças finas, o braço sobre os ombros nus de Adele. A segunda é num restaurante mal iluminado, onde estão integradas num grupo maior. Alguém tirou uma fotografia da mesa toda.

Elin continua a recuar. Quatro meses mais atrás há uma imagem em particular que lhe chama a atenção. Foi tirada no salão do hotel. Reconhece o candelabro grande e futurista no centro da fotografia, os fragmentos de vidro abstratos a refletir a luz e a desfocar a imagem em certos pontos.

– Olha para isto. – Mostra o telemóvel a Will.

Laure está em primeiro plano, com um homem. Tem na mão um copo de vinho *rosé*, erguido para a câmara, a cabeça inclinada para trás numa gargalhada. O copo está salpicado de condensação. Em segundo plano, sentadas a uma das mesas, Elin consegue distinguir duas pessoas de cabeças inclinadas, separadas apenas por centímetros.

Estão imersas numa conversa, com expressões graves.

Embora estejam desfocados, ela consegue perceber exatamente de quem se trata.

Adele e Lucas.

46

A linguagem corporal íntima, a postura de ambos – parece algo mais do que uma conversa casual.

– A Adele e o Lucas também se conheciam a nível social – diz Will devagar.

Elin sente uma inquietação crescente: não há dúvida de que eles se conheciam, bem melhor do que Lucas dera a entender.

Poderia a zanga entre Adele e Laure estar relacionada com ele?

O pensamento, a sua previsibilidade deprimente, desaponta-a.

– O que estás a ver?

É Isaac. Espreita por cima do ombro dela e, mais uma vez, Elin sente o cheiro amargo a cerveja no seu hálito.

– Encontrei isto. – Inclina o ecrã do telemóvel para ele ver. – O Lucas e a Adele, juntos.

Isaac senta-se ao lado dela. Tira-lhe o telemóvel da mão e amplia a imagem.

– Parecem muito íntimos, não parecem? – Solta uma risada seca e uma intensidade familiar ilumina-lhe os olhos. – Talvez andasse metido com ela também?

– Não temos forma de saber – responde Elin em tom neutro.

Isaac continua a estudar o Instagram de Laure. A velocidade dos seus movimentos, os gestos erráticos… estão a incomodar Elin. Pega-lhe na mão.

– Isaac, chega. Vamos lá ver o computador.

Ele abre a boca para protestar, mas volta a fechá-la.

Elin puxa o computador para si e abre-o. Desta vez decide trabalhar metodicamente, começando pelo ambiente de trabalho, pelas pastas arrumadas em filas ordenadas no ecrã.

Olha com desânimo para a quantidade de ícones, as semelhanças nas datas, nos nomes. A maioria parece estar relacionada com trabalho – SAÚDE E SEGURANÇA, FORMAÇÕES, VIAGENS. Mesmo assim, abre-os a todos.

A meio da lista de pastas encontra uma com um nome mais genérico: TRABALHO.

Quando a abre, em vez de uma série de ficheiros, encontra outra pasta com o mesmo nome. Elin coloca o rato sobre o ícone e clica de novo.

Mais uma pasta, mas desta vez o conteúdo é diferente.

O seu coração bate mais depressa.

Uma lista de ficheiros.

Percebe de imediato, pelos nomes, que estão encriptados.

Porquê? Porquê encriptar ficheiros num computador pessoal?

– O que encontraste? – Will inclina-se sobre a mesa.

– Alguns dos ficheiros estão encriptados.

– Não os consegues abrir? – Isaac espreita para o ecrã.

– Não, mas conheço uma pessoa que consegue. Um antigo colega, o Noah.

Noah, chefe da equipa digital do laboratório forense, fora peça essencial em vários casos importantes em que Elin trabalhara, primeiro como agente, e no seu último caso como detetive, após a promoção.

– Vou mandar-lhe uma mensagem para ver se me pode ajudar.

Pega no telemóvel e escreve: FICHEIROS ENCRIPTADOS… PODES FAZER A TUA MAGIA? PRECISAVA DISTO COM ALGUMA URGÊNCIA.

Três pontinhos aparecem no canto inferior esquerdo do ecrã. Ele está a responder.

PRESUMO QUE NãO SEJA UM PEDIDO OFICIAL?

NÃO, MAS ACHAS QUE PODES?…

Uma pausa. Elin olha para o ecrã, pensa que se calhar foi longe de mais: porque havia Noah de a querer ajudar, tendo em conta que não falam há meses?

Por fim, uma resposta.

ESTÁ BEM, CONFIO EM TI. MAS ESTOU CURIOSO: ESTÁS A TRABALHAR OU ABANDONASTE-NOS POR COISA MELHOR?

É UMA LONGA HISTÓRIA. VOU ENVIÁ-LOS PARA O TEU *E-MAIL* PESSOAL.

Reencaminha os ficheiros para Noah e vira-se para Isaac.

– Depois de os termos aberto… – Cala-se ao ver Cécile aproximar-se. Tem o cabelo curto despenteado, os olhos vermelhos e inchados. Parece cansada.

– Desculpe incomodar, mas já temos as filmagens das câmaras de segurança, se quiser vê-las.

Elin lança um olhar apologético a Isaac.

– Desculpa, importas-te que vá?

Ele semicerra os olhos, mas cede.

– Claro que não.

Elin levanta-se e aperta a mão de Will.

– Vemo-nos mais logo.

Ele sorri, mas parece inquieto. Olha em volta, com ar preocupado, e detém-se na porta aberta.

Elin sabe que provavelmente devia estar a sentir o mesmo, mas enquanto segue Cécile sente o coração bater mais depressa.

Não é o medo que está a causar esta reação, mas sim algo igualmente primitivo.

Excitação: uma súbita vaga de adrenalina.

Will tem razão quando diz que ela ganhou vida nova. Já se tinha esquecido disto – de fazer *parte* da vida em vez de se limitar a deixá-la acontecer. Da sensação de mudar o rumo de algo. De agir.

47

– Antes de vermos as imagens – Cécile aponta para o *tablet* em cima da secretária –, queria falar consigo sobre o Lucas. Sobre o que ele disse há pouco em relação à Laure. Não quero que fique com a ideia errada. – Parece embaraçada e afasta os olhos de Elin.

– Ideia errada sobre o quê? – O perfume de Cécile está suspenso no ar: uma fragrância leve, cítrica, surpreendentemente feminina.

– Sobre o que aconteceu entre eles. – Cécile prende uma madeixa de cabelo atrás da orelha. – Não sei se sabe, mas o Lucas é meu irmão.

– Calculei que sim. O apelido assim dá a entender.

– Claro. – Cécile sorri e puxa a cadeira do outro lado da secretária de modo a ficar ao lado de Elin. – O que ele disse, o que insinuou, é uma fachada que ergueu para se proteger a si próprio. – As palavras saem-lhe apressadamente. – O Lucas não teve uma vida fácil. O seu casamento acabou mal. Não voltou a ter uma relação a sério desde então. Estas aventuras breves… é porque ele tem medo.

– De quê?

– De se abrir. De ser vulnerável. – Cécile morde o lábio e puxa a bainha da camisa. As palavras são casuais, mas a emoção é percetível na sua voz. – Como passou muito tempo no hospital quando era criança, as outras pessoas… em especial os nossos pais… tratavam-no como se fosse muito frágil. Penso que sempre teve a sensação de que tem algo a provar. Quando a Helene, a mulher, o deixou, esses sentimentos de inferioridade intensificaram-se.

– Uma separação pode desestabilizar uma pessoa – responde Elin, pensando na relação que mantivera antes de Will, como a afetara profundamente e a fizera questionar tudo.

– Sim, aconteceu o mesmo comigo depois do meu divórcio. Não conseguimos deixar de analisar tudo uma e outra vez, de nos culparmos a nós próprios. – O olhar de Cécile é agora distante, vidrado. – Eu tinha uma data de planos, como o Lucas. Filhos. Uma vida familiar… e nada disso aconteceu. É

preciso algum tempo para nos reajustarmos mentalmente.

– Suponho que o que aconteceu ao Daniel Lemaitre não ajudou, o facto de ele ter desaparecido antes mesmo de o hotel abrir… Deve ter sido complicado.

– Foi. Colocou ainda mais pressão sobre tudo. Finanças, relações-públicas… tudo. Atrasou as obras quase um ano. – Hesita. – Mas o *stress* para o Lucas não foi só financeiro. O Daniel e ele eram muito próximos.

– Também o conhecia, imagino? – pergunta Elin.

– Não tão bem como o Lucas, mas sim. Os nossos pais eram amigos. Costumávamos ir esquiar juntos quase todos os fins de semana, e quando crescemos havia jantares, festas… – Uma expressão que Elin não consegue decifrar passa pelo rosto de Cécile, antes de este se abrir num sorriso. – Mas ele era mais amigo do Lucas, que tinha tendência para dominar todas as nossas amizades de grupo. Tem um irmão, deve saber como é.

Elin pensa nas semelhanças entre elas. Duas mulheres fortes, ainda definidas pela dinâmica fraternal, a lutar por oxigénio com irmãos alfa.

Cécile pega no *tablet* e solta uma breve risada.

– Seja como for, o Lucas provavelmente não gostaria nada de saber que estou para aqui a falar da vida privada dele. – Cora, embaraçada. Elin fica sensibilizada. Não só pela atitude protetora dela em relação ao irmão, mas pela sua atrapalhação. Mais um aspeto de si própria que reconhece em Cécile: a dificuldade em verbalizar tópicos difíceis, em mostrar emoção.

Cécile foge ao olhar dela e introduz um código no ecrã do *tablet*.

– O nosso sistema de segurança… é topo de gama. Um sistema IP comercial. Significa que podemos transmitir as imagens em direto para qualquer um dos nossos aparelhos. – As luzes do teto captam as marcas de impressões digitais no fundo do ecrã. – Este ecrã inicial mostra todas as câmaras, as imagens em direto. Só tem de selecionar a câmara que quer e depois procurar o intervalo de tempo que pretende ver. E o vídeo tem som.

– Muito bem. – Elin pousa o braço na mesa. – Faça a primeira para me mostrar como é.

– Por onde quer começar?

– Pode ser pelo *spa*? Há alguma câmara lá fora?

Cécile faz uma careta.

– Há, mas não sei se as imagens terão muita qualidade, com o vapor e a tempestade… – Começa à procura e seleciona uma das imagens. – Aqui está. Isto foi em direto.

Ela tem razão, pensa Elin consternada, ao olhar para a imagem. A câmara mostra os contornos vagos da área das piscinas, mas o vapor e a neve obscurecem a maior parte da cena. A imagem transmite uma sensação etérea, líquida.

– Não é o ideal – admite Cécile –, mas talvez a imagem noutra altura do dia estivesse melhor. Que horas procuramos, exatamente?

– Tudo desde esta manhã até o Axel encontrar o corpo.

Cécile anda para trás nas imagens.

– Então vamos regressar às nove horas da manhã. – Porém, antes de conseguir terminar a frase, o ecrã fica negro, pouco antes das cinco da tarde. – Deve haver aqui algum erro – murmura. Franze a testa e repete a instrução. – Está vazio. Toda a manhã e toda a tarde desapareceram.

– Tem a certeza? – Uma vaga de inquietação percorre-a.

Cécile tenta de novo, desta vez mais devagar, mas o resultado é o mesmo: as filmagens desapareceram. Ergue os olhos para Elin.

– Alguém as apagou.

– Ou as apagou, ou certificou-se de que nem sequer eram gravadas – diz Elin, com a certeza angustiante de que isto faz parte de um plano. *Está um passo à nossa frente*, pensa, e olha para a escuridão do outro lado da janela. A sua teoria, de que se trata de um assassino organizado, parece cada vez mais sólida, e isso assusta-a. Inclina-se para a frente na cadeira, movida por uma súbita urgência.

– É possível apagar as imagens sem que o sistema envie notificações?

– Calculo que sim. Há sempre maneira de aceder à maior parte das coisas para quem saiba o que está a fazer, não é?

– Quem tem acesso ao sistema?

– O diretor de segurança, alguns funcionários diretamente sob as ordens dele…

Os quais têm todos álibis, pensa Elin, desconcertada, a rever mentalmente os seus apontamentos.

– Vamos experimentar outra câmara. Há alguma na entrada do *spa*?

– Sim, no corredor, penso eu. – Cécile toca de novo no ecrã com movimentos nervosos e assustados. – É esta.

A câmara está virada para o corredor, apanhando-o na sua totalidade – o chão de betão polido, o branco das paredes.

Desta vez, é Elin que recua nas imagens. Mais uma vez, pouco antes das cinco da tarde, o ecrã fica negro.

As imagens anteriores disponíveis são da véspera. Sentada em silêncio por um momento, a semente de uma ideia começa a germinar-lhe na mente.

– Posso ver as filmagens de ontem?

– Claro.

Elin recua com as imagens e encontra facilmente a hora aproximada que procura. Poucos minutos depois vê-se a si mesma no ecrã, a caminhar pelo corredor em direção ao *spa*, quando foi ter com Will à piscina.

Continua a avançar com as imagens e tenta calcular quanto tempo terá demorado no *spa*.

Cinco, dez minutos a falar com Margot? O mesmo com Will?

Revê as imagens até se ver a sair do *spa* e a percorrer o corredor em sentido contrário, na direção do átrio. E enquanto olha para o ecrã percebe que Margot estava certa. Ninguém entrou no *spa* até ela sair. Se estava alguém nos balneários com ela, teria de ter saído por outro lado.

Vira-se para Cécile.

– Há mais alguma entrada no *spa*? Através dos balneários?

– Sim. Há uma porta nas traseiras. É usada para ter acesso à zona de manutenção, onde estão os geradores e as bombas. Dá para os balneários, mas só é usada pelas equipas de manutenção. – Hesita. – É preciso ter o tipo de passe de acesso correto para a abrir.

– E as câmaras cobrem essa porta?

Cécile morde o lábio e cora, o rubor a subir-lhe pelo pescoço, até às faces.

– Há uma câmara no exterior, no telhado em frente da porta. Os empregados… não sabem que está lá. – Hesita. – Oiça, há câmaras por todo o lado. Houve vários roubos entre o pessoal num dos hotéis do Lucas em Zurique.

– Pode verificar essa câmara? – Não está preocupada com a moralidade do uso de câmaras ocultas. Quer apenas ver o que captaram.

– Só alguns de nós têm acesso, por isso está num sistema diferente. – Cécile pega no *tablet*, fecha a janela do sistema de segurança e abre outra, depois de introduzir uma palavra-passe. Devolve o *tablet* a Elin. – Aqui tem.

Depois de ver as imagens da outra câmara, Elin já sabe a moldura temporal aproximada que procura: eram cerca de três e meia quando acabou de falar com Will.

Quando encontra a hora certa, pressiona *play*. Não acontece nada durante alguns minutos. A imagem é estática, a câmara fixa na porta. O único movimento é a neve a passar pelo ecrã. Todos os sons estão abafados pelo vento.

Elin sustém a respiração e tamborila com os dedos na mesa, rezando para que o seu palpite esteja certo.

Ao lado dela, Cécile observa atentamente o ecrã.

Ainda nada de movimento.

Elin solta a respiração, frustrada. Quem quer que fosse, só podia ter usado esta porta para aceder aos balneários – a menos que tivessem entrado antes de ela…

– Há algum… – começa, mas interrompe-se abruptamente.

Um movimento.

Uma pessoa no canto inferior esquerdo da imagem.

A figura é alta, bem constituída. Veste um blusão impermeável preto, com o capuz puxado para o rosto, calças escuras e largas.

Elin fica sem ar. Tinha razão.

Estava lá alguém. A observá-la.

Concentra-se na figura; é evidente que a pessoa não está consciente da

existência da câmara. Nem um olhar na sua direção. Dirige-se à porta com passo determinado.

Quem é? Quem é que estava a observá-la?

É impossível dizer com certeza. A menos que a pessoa se vire, nunca conseguirá identificá-la por estas imagens. As roupas disformes, o capuz – é o disfarce perfeito. Nem sequer consegue perceber se é homem ou mulher.

Elin olha para o ecrã e vê a pessoa encostar um dispositivo eletrónico ao painel na porta e começar a empurrá-la.

Vira-te, suplica Elin, *vira-te*.

Depois, como se a tivesse ouvido, a pessoa olha em volta, na direção da câmara, claramente a verificar se não há ninguém por perto.

Elin está a olhar tão fixamente para o ecrã que sente os olhos a arder e a encherem-se de lágrimas. A imagem desfoca-se. Pestaneja uma vez, duas, mas a imagem fica na mesma.

Levanta a mão e põe o vídeo em pausa. A imagem fica imobilizada.

Com a mão a tremer, Elin toca com os dedos no ecrã e abre-os, ampliando a imagem o máximo possível. A imagem aumenta, e a qualidade é tão boa que quase consegue ver os poros no rosto da pessoa.

O sangue troa-lhe nos ouvidos de forma ensurdecedora.

Sabe quem é. Sabe exatamente quem estava a vigiá-la.

48

– É a Laure – diz Elin, com a boca seca. – Não há dúvidas de que é ela. – Pigarreia e vira-se para Cécile. – Ontem, quando estive no *spa*, nos balneários, senti alguém a observar-me. Ouvi a porta de um dos cubículos abrir e fechar, mas não vi ninguém. Abri todas as portas, mas estavam todos vazios. Agora faz sentido. Qualquer pessoa podia entrar por esta porta lateral.

A mão de Cécile hesita sobre o ecrã.

– Acha que ela estava a vigiá-la?

– Como não há câmaras nos balneários, não posso afirmá-lo com certeza absoluta; mas que outro motivo teria ela para estar a entrar por ali? – Avança as imagens mais alguns minutos, com um aperto de apreensão no estômago.

Tal como espera, é Laure que volta a sair.

A imagem é outro murro no estômago.

Um alívio instintivo por Laure estar viva, por estar bem, imediatamente desfeito por uma mágoa imensa. Desilusão.

Porque faria ela uma coisa destas?

Depois a sua mente dá o passo seguinte.

– Há outra coisa que tenho de verificar. Ontem, alguém me empurrou para a piscina de imersão.

Uma sombra passa pelo rosto de Cécile.

– Acha que foi a Laure?

– Não sei. – Vira-se de novo para o ecrã. – Há alguma câmara lá perto?

– Oficialmente não, mas… Sim. Na cerca do lado esquerdo. – Cécile procura-a.

Devido à humidade na lente é difícil distinguir rostos; apenas vislumbres passageiros de corpos, formas seminuas, braços enrolados ao corpo.

Elin não vê nenhuma das piscinas principais, apenas a piscina de imersão e uma pequena secção do caminho de tábuas. Durante alguns minutos não há movimento. Depois aparece um grupo de pessoas – cinco, seis –, que saem da imagem em direção à piscina interior.

Mas ainda não vê sinais dela.

A imagem no ecrã fica de novo parada; a única coisa em movimento são as nuvens de vapor que se erguem no ar.

Mais dois minutos.

Por fim vê-se a si própria, vinda do fundo da imagem, a percorrer o caminho de tábuas. Vê-se virar à esquerda, o cabelo uma seta clara na sua nuca, a apontar para as costas.

Sente um arrepio; é estranho. Ver-se a si própria assim, meio despida, vulnerável. Na sua mente, é forte, tão fisicamente infalível como qualquer homem, mas nesta imagem parece tudo menos isso.

Vê-se a parar junto da piscina de mergulhos. A câmara está demasiado baixa para lhe captar a cabeça; tudo o que vê é um perfil segmentado do seu tronco.

Não há sinais de mais ninguém. Ninguém a passar perto da piscina.

Elin morde o lábio, frustrada. *Não pode estar enganada. Com certeza que…*

Mas depois vê um movimento súbito atrás de si.

Uma figura indistinta nas suas costas.

Elin sustém a respiração. Quer gritar a si própria: *Mexe-te! Vira-te! Foge!*

Mas não pode fazer nada a não ser assistir ao desenrolar da cena.

Vê-se a cair para a frente. Embora na altura lhe tenha parecido tudo demasiado rápido, aqui parece quase obscenamente lento.

Instantâneos individuais de movimento.

Encolhe-se quando se vê a cair na piscina, com a água a erguer-se no ar.

Só então consegue ver quem a empurrou, com um aperto agonizante no estômago.

Laure.

Vê outra vez, diz a si própria. Tem de ter a certeza.

Recua as imagens e desta vez faz *zoom* na pessoa.

Veste exatamente as mesmas roupas, tem o mesmo capuz na cabeça. O rosto não é tão nítido como na imagem da câmara à entrada da sala dos geradores, mas tem a certeza de que é Laure.

Olha para Cécile, com a mão a tremer sobre a secretária.

– É a Laure. – Tem a boca seca. – Foi a Laure que me empurrou.

Sabe que este é um daqueles momentos de que não há retorno. Um daqueles instantes em que o conhecimento é tão poderoso que apaga tudo o resto que veio antes.

Elin não consegue acreditar. Não quer acreditar, mas sabe que é verdade.

Era Laure que a estava a observar. Fora Laure que a empurrara.

Esse pensamento – frio, perturbador – leva a outro: afinal de contas, Laure pode muito bem não ser uma vítima. Pode estar envolvida nisto tudo. Ser a predadora e não a presa.

49

O elevador para no piso do seu quarto e as portas abrem-se.

Elin sai para o corredor, com as pernas bambas. Não consegue pensar como deve ser. Imaginara tudo menos isto: Laure não estava aprisionada pelo assassino de Adele, Laure empurrara-a. Empurrara-a para aquela piscina.

Os seus pensamentos, gelados e confusos, regressam sempre ao mesmo: *Porquê empurrá-la? Porquê causar a Isaac o sofrimento de «desaparecer» se não fosse por um motivo sinistro?*

Embora queira ignorá-la, a conclusão mais óbvia é a de que Laure está envolvida nisto.

Que ela é capaz de matar alguém.

É para onde tudo parece apontar: tudo o que descobriu até agora, esta nova informação…

Imagens passam-lhe rapidamente pela mente: Laure a caminhar pela praia, com a prancha de *skimboard* debaixo do braço. Laure a ler, com o lábio inferior projetado para fora numa expressão de concentração. Laure a atirar-se dos degraus da falésia para o mar.

Não, é impossível! Mas…

Como é que Isaac não vira os sinais? Os colegas dela, os amigos?

Não é nada que esteja fora do reino das possibilidades. Lembra-se de um caso, há três anos: uma mulher na casa dos quarenta, condenada pelo assassínio da nova companheira do ex-marido. Um apunhalamento brutal e violento: dezassete vezes na cabeça, pescoço, peito. Uma vizinha encontrou-a a sangrar ao lado da casinha de brincar do filho no jardim.

A suspeita trabalhava num banco em Exeter, no departamento de hipotecas. Colegas, amigos, todos a descreviam da mesma maneira. *Calma. Simples. Simpática*.

Elin e a sua equipa descobriram que ela andava a planear o crime há mais de dois anos. O departamento de informática encontrou no computador dela páginas e páginas de pesquisa sobre como matar alguém e evitar ser apanhada. O que

mais impressionou Elin foi que ninguém fazia ideia: ela dava-se bem com a vítima; tinham ido de férias juntas poucos meses antes. Num dia estavam a beber *cocktails*, no outro assassinara-a a sangue-frio.

Estaria igualmente equivocada em relação a Laure?

Quando abre a porta do quarto, a sua mente vira-se para outro lado. Talvez esteja a tirar conclusões precipitadas. Empurrá-la para a piscina pode não significar necessariamente que Laure esteja envolvida na morte de Adele. Ainda assim, o pensamento não a larga: *Que outro motivo teria?*

Senta-se em frente da secretária e pega no bloco de notas. A única forma de organizar as ideias na sua cabeça é escrevê-las. Com mão hesitante, faz um resumo daquilo que descobriu até aqui.

• Os problemas de saúde mental de Laure, o artigo, o cartão da psicóloga.
• Relação com Lucas/fotografias dele.
• Segundo telemóvel de Laure/telefonemas repetidos para número desconhecido.
• Telefonema irado na noite em que Laure desapareceu.
• Discussão de Laure com Adele.
• Possíveis cartas de chantagem para Lucas – alguma relação?

Elin absorve as palavras, incapaz de evitar a imagem óbvia que delas emerge: tudo aponta para uma pessoa imprevisível. Instável. Mas será o suficiente para concluir que Laure é capaz de estar envolvida na morte de alguém? E uma pergunta ainda maior não a deixa em paz: *porquê?*

Porque havia Laure de querer fazer mal a Adele?

Os pensamentos de Elin viram-se para *como* Adele foi morta: o saco de areia, a máscara, a caixa de vidro, os dedos. Tudo muito extremo – nada disto seria necessário para a matar, o que sugeria fortemente que não se tratara de um ataque aleatório. Significava alguma coisa: talvez algo profundamente pessoal.

Mas o quê? Sabe que Adele e Laure se tinham zangado – será possível que a discussão, qualquer que fosse o motivo, tenha sido razão suficiente para Laure

matar?

E nada disto explica o corpo de Daniel Lemaitre. Estarão as duas mortes relacionadas? E se sim, como?

O seu telemóvel começa a tocar. Tira-o do bolso e vê que é Noah.

Os ficheiros.

50

– Quando disse que era urgente – começa Elin, surpreendida ao ver que a mão com que segura o telemóvel está a tremer – não esperava… principalmente a estas horas. – Olha para o relógio. Oito e dez da noite.

– Eu trabalho sempre até tarde, sabes muito bem.

– Sabia – diz ela baixinho. É estranho estar a falar novamente com Noah, e sabe que a culpa deste constrangimento é dela. Durante a sua licença não viu ninguém do trabalho e trocou apenas mensagens com alguns colegas. Bloqueou-os, compartimentou-os.

Noah ri-se. Um som familiar: grave, ligeiramente rouco. Passam uns segundos.

– Warner, senti falta da tua voz melodiosa.

– Igualmente – responde Elin, com uma súbita e inesperada vaga de saudades de casa. *Não*, corrige-se; de casa não, do trabalho. Por mais que o negasse a Will, sentiu falta disto: não só de comunicar, mas da azáfama do escritório, das reuniões. Dos interrogatórios. De viver para além do espaço da sua cabeça.

– Tens a certeza? – responde Noah. – Por aquilo que ouvi dizer, estás muito satisfeita com a reforma. – As palavras são ligeiras, mas Elin reparou na mudança de tom, de brincalhão para sério.

– Não é fácil, Noah. – A sua voz vacila. – Decidir se vou voltar. Não quero desiludir as pessoas.

– Mas sabes que todos te apoiamos, certo? Em relação ao que aconteceu? Nenhum de nós acha que a culpa foi tua. Agiste por instinto. Todos faríamos o mesmo.

Uma longa pausa.

Elin apercebe-se de que está a bater com o pé no chão, a mão ainda a tremer em volta do telemóvel. Sente a garganta apertada e tem de fazer um esforço para falar.

– Eu sei.

Noah muda de assunto.

– Bom, em relação aos ficheiros… depois podes analisá-los melhor, mas são basicamente cópias de *e-mails*, algumas cartas. Já tos mandei.

– Então a encriptação não era muito complicada?

– Não. Bastante básica. Uma chave de dezasseis *bits*. Na verdade, poderia mesmo dizer «aviltante» para uma pessoa das minhas capacidades…

Ela ri-se.

– Obrigada por teres feito isto tão depressa, Noah.

– Estou habituado. Sempre foste muito exigente.

– É necessária alguma recompensa?

– Um almoço, quando voltares.

– Combinado. – Elin despede-se, já a abrir o computador.

O primeiro ficheiro que ele lhe mandou é um documento Word, informação copiada e colada em francês e em inglês. Um artigo impresso, semelhante ao que encontrou na gaveta de Laure na véspera.

O cabeçalho é em francês: *Dépression psychotique*.

Fácil de traduzir: «depressão psicótica». Os seus olhos procuram o texto em inglês: «Leia sobre depressão psicótica, uma forma grave de depressão em que as pessoas sentem os sintomas habituais de uma depressão, e ainda alucinações e delírios.»

Elin reflete sobre a informação. *Seria relativa a Laure?* Estaria ela preocupada, consciente de que havia algo errado consigo, uma degradação do seu estado mental? Talvez estivesse a pesquisar sobre o assunto?

O ficheiro seguinte é outro documento Word. Na primeira página, uma linha de texto. As palavras estão em francês, mas Elin reconhece-as de imediato.

É a carta anónima enviada a Lucas. Elin solta uma exclamação e afasta os olhos do ecrã.

Foi Laure que enviou as cartas.

Uma coisa é ter um palpite, mas isto é uma prova. Prova de que Laure tinha alguma obsessão perturbadora por Lucas Caron.

Olha de novo para o ecrã e abre outro ficheiro.

Mais uma vez, um documento Word; este tem várias páginas e contêm cópias

de *e-mails* trocados entre Laure e uma mulher chamada Claire. Não aparecem os endereços, apenas o texto das mensagens.

Elin lê-as.

LAURE,

TAL COMO FALÁMOS, SEGUE EM ANEXO CÓPIA DO RASCUNHO DO ARTIGO. É IMPORTANTE QUE ESTA INFORMAÇÃO NÃO POSSA SER LIGADA A MIM.

CLAIRE

Um hotel construído sobre alicerces de corrupção?

Estão a ser abertas as primeiras fundações da vasta remodelação e expansão daquilo que foi em tempos o Sanatorium du Plumachit e que será em breve um hotel de luxo chamado Le Sommet.

Lucas Caron, bisneto do proprietário original, enterrou milhões nesta renovação. Resultado de nove anos de planeamento, quando estiver terminada a estância incluirá um novo centro de conferências e um spa alpino com 7000 metros quadrados.

No entanto, as obras têm sido atormentadas por problemas; os planos originais atraíram a feroz oposição de grupos ambientais preocupados com a construção numa zona que pertence a um parque natural. As leis sobre construção nestas áreas são particularmente rígidas na Suíça, e a oposição formal prolongou-se durante anos.

Uma campanha e petição online obteve mais de 20 000 assinaturas, e grupos ambientais levaram a cabo várias ações de protesto in loco.

Um médico local, Pierre Delane, opôs-se ao projeto desde o início. «Não se integra na paisagem. A fachada… é demasiado moderna, uma alteração brutal ao edifício original», disse.

Mais importante ainda, há receios quanto à segurança dos hóspedes. Stefan Schmid, guia de montanha, avisou as autoridades municipais em 2013 de que a área por cima da estrada de acesso ao hotel era suscetível a avalanches.

Após examinarem a área, professores de Geologia da Universidade de Lausana repararam em algo que o construtor original do sanatório não mencionou: a estrada de acesso ao hotel fica localizada na base de um desfiladeiro, diretamente no trajeto de um canal natural para a neve que caía do Mont Bella Lui.

Estas preocupações levaram a acusações de subornos, e questionou-se a forma como o senhor Caron conseguiu obter a autorização de planeamento para a expansão do hotel, apesar da problemática quanto à segurança. No entanto, as acusações foram arquivadas por falta de provas.

Outro residente local comentou: «Este projeto tresanda a corrupção.»

Elin olha para o ecrã.

Esta «Claire» é claramente uma jornalista, mas porque quereria Laure cópias do artigo? O facto de a jornalista mencionar que é um rascunho e lhe pedir para garantir que a informação não será ligada a ela sugere que o artigo não chegou a ser publicado. Então porquê colá-lo num documento Word e encriptá-lo?

Agita-se na cadeira e continua a ler. Mais um *e-mail.*

> LAURE,
>
> SEGUEM MAIS DOCUMENTOS E PESQUISA. CERTAS FONTES NÃO QUISERAM SER IDENTIFICADAS, MAS ACREDITAMOS SEREM FIÁVEIS.
>
> CLAIRE

O primeiro anexo contém um artigo mais curto, referente a um protesto no local, e o segundo, a cópia de um documento de planeamento, proveniente das autoridades locais.

O francês de Elin não é perfeito, mas o ficheiro parece conter uma lista de objeções à licença de planeamento.

Elin espreme os miolos em busca de uma explicação.

O que estaria Laure a planear fazer com esta informação?

A sua mente regressa às cartas que Lucas recebeu. Será a isto que se referem? Seriam uma espécie de chantagem?

O artigo é perturbador – as acusações de subornos, corrupção. É a primeira vez que ouve falar nisso, o que a incomoda. Uma coisa dessas… com certeza que teria surgido quando procurou informações sobre Lucas *online*, não?

Mas não em inglês, pensa. Quaisquer artigos que houvesse, o mais provável era que estivessem em francês. Com a ajuda do Google Tradutor, faz nova pesquisa usando as expressões em francês: LE SOMMET. CORRUPTION.

Não aparece nada. Nem um único artigo. Estava certa, então. Ou o artigo nunca estivera *online*, daí não haver registos dele, ou não chegara a ser publicado. Fosse qual fosse a história, fora silenciada.

Mas é mais um elo de ligação entre Laure, o hotel e Lucas Caron.

Teria Laure algum tipo de obsessão? Haverá alguma relação com a morte de

Adele?

De qualquer maneira, por mais difícil que seja de admitir, Laure é agora uma pessoa de interesse. Elin tem de informar Berndt de que suspeita do envolvimento dela.

51

– Laure Strehl? – repete Berndt. – A mulher que está desaparecida?

– Sim. – Elin brinca com o canto do bloco de notas, quase desejando que ele não perceba o que lhe está a dizer, para não ter de ser ela a fazer isto, a implicar Laure.

– Um segundo, deixe-me pô-la em alta-voz; o resto da *task force* está aqui. Ficámos a trabalhar até mais tarde. – Ouve-o carregar em botões, alguma estática e um zumbido. – Consegue ouvir-me bem?

– Sim. Perfeitamente. – *Respira fundo*, diz a si própria. Recosta-se na cadeira. *Por mais difícil que seja, por mais errado que pareça, tens de fazer isto. Descobrir a verdade*.

– Elin, gostava que me explicasse exatamente o que precisa. – Berndt fala em tom lento e deliberado. – Se há alguma questão em particular relativa à menina Strehl.

Sente as faces quentes ao ouvir o tom oficial com que ele diz o nome de Laure.

Pigarreia e força-se a falar.

– A principal questão que gostaria de ver esclarecida é se há alguma coisa nos registos dela que possa ser relevante para o caso.

– Muito bem; mas primeiro temos aqui uma atualização da psicóloga. – Ouve-o mexer em papéis. – A Laure não era paciente dela. Não há qualquer registo de que alguma vez tenha sequer estado no consultório.

Elin processa as palavras. *Se assim é, porque teria o cartão dela na gaveta? E o artigo no computador?* Reflete sobre o assunto: é possível que se tenha decidido por outro terapeuta, ou que não tenha chegado a ligar.

– Muito bem – responde. – Assim sendo, penso que devíamos analisar os registos dela. Tanto o criminal como o clínico.

Vozes abafadas em fundo.

– Elin, fala o promotor de justiça, Hugo Tapparel. Há um certo nível de provas que é necessário para podermos aceder às bases de dados e procurar essas

informações. – A sua voz encerra uma autoridade fria que a perturba. – Importa-se de nos explicar o que tem para que possamos determinar se cumpre esses mínimos?

Atrapalhada, Elin relata-lhes o que descobriu, constrangida, consciente de que muito provavelmente ultrapassou os limites da sua autoridade naquilo que fez e disse para obter as informações sobre Laure. Mas que alternativa havia?

Após uns instantes de silêncio, é Berndt que fala primeiro.

– Deixe-me então esclarecer… os ficheiros encriptados implicam o envolvimento da Laure na tentativa de chantagem a Lucas Caron, e contêm também *e-mails* para uma jornalista relacionados com uma denúncia de corrupção.

– Sim, eu…

O promotor de justiça interrompe-a.

– Elin, pode confirmar quem é que lhe pediu que examinasse o computador? Não me parece que tenha sido uma ordem desta *task force*… – A implicação é clara: acha que ela foi longe de mais.

Elin fica tensa. Estavam a causar-lhe mais dificuldades do que as necessárias. Porquê levantar tantas barreiras?

Berndt intervém, em tom mais apaziguador.

– Penso que o melhor, na sequência do que o Hugo disse, é enviar-nos os ficheiros, por favor. Veremos o que conseguimos descobrir.

– Obrigada. – Elin desliga e bebe um longo gole de água do copo que tem ao seu lado. Parece que tudo neste caso tem de ser arrancado a ferros. Mas sabe que nada se compara com o que tem de fazer a seguir.

Falar com Isaac sobre Laure. Sobre as suas suspeitas.

Esfrega os olhos; estão doridos, ardem-lhe, tem as pálpebras pesadas. Recosta-se na cadeira e fecha-os. Ouve o vento lá fora, a força bruta das rajadas a baterem no edifício.

Depois outro som: uma voz, a ecoar. Tão nítida que é como se estivesse no quarto com ela.

A voz de Isaac.

Urgente, a gritar: «Temos de o tirar! Temos de o tirar!»

Seguida de um grito primitivo, cru, um lamento grave e gutural.

O som de água, um chapinhar frenético.

O seu campo de visão reduz-se a um ponto: Sam. A bainha da sua *T-shirt* a ser agitada pela água. A camisola já não parece parte dele, mas algo exterior, como se Sam já tivesse partido e não tivesse o direito de a reivindicar como sua.

52

Elin abre os olhos, sobressaltada, despertada por uma forte pancada na porta.

Teria adormecido?

Vê as horas no telemóvel e percebe que sim: está a dormir há mais de meia hora.

Ouve bater de novo, agora mais alto, de modo mais insistente.

Will? *Não*. Porque havia ele de bater? Tem a chave do quarto.

– Elin?

Dirige-se à porta e abre-a. Do outro lado está Margot, vestida com calças de ganga escuras, uma camisola branca de decote à barco, larga. Mais uma vez, Elin repara na postura inclinada e encolhida da outra mulher, na curva dos seus ombros abatidos.

Nunca ninguém lhe disse para se orgulhar de ser alta, pensa com uma pontada de simpatia, e imagina a troça na escola, os insultos, as provocações.

– Está tudo bem?

– Queria perguntar-lhe se sabe mais alguma coisa sobre a Laure? – Margot alisa o cabelo. Está oleoso, colado à cabeça, preso por vários ganchos com estrelas. Faz com que as suas feições pareçam aduncas, mais pronunciadas.

Elin hesita e apercebe-se de imediato do seu erro.

Margot recua com expressão chocada.

– Oh, meu Deus. – O seu tom de voz é agudo. – Ela está morta, não está?

– Não… – Elin esforça-se por falar, como se tivesse a língua colada ao céu da boca. – Não, mas continua desaparecida. Ainda não sabemos mais nada.

Os olhos de Margot estão brilhantes.

– Pensei… – começa, com a voz embargada. – Já desapareceu há tanto tempo…

– Entre – convida Elin em tom amável. – Não devíamos estar a falar aqui no corredor.

Margot entra no quarto atrás dela, com o rosto pálido e contraído. Olha para o ecrã do telemóvel e depois revira-o entre os dedos.

Seguem-se uns momentos de silêncio.

Elin respira fundo e olha para a janela. Mais neve, a acumular-se junto ao vidro, cada vez mais alta.

Quando se vira, Margot está a olhar para ela.

– Peço desculpa por tudo isto.

– Não faz mal. Sei que é uma situação assustadora. É fácil tirar conclusões precipitadas.

Margot continua a revirar o telemóvel entre as mãos.

Outro silêncio pesado.

Quando por fim pousa o telemóvel na secretária, Margot começa a raspar as unhas. Pequenos fragmentos de verniz cinzento caem para o chão.

Passa-se alguma coisa, pensa Elin, de olhos postos nela. *Não é só por causa de Laure. Outra coisa qualquer*.

– Margot… Está tudo bem?

Uma pausa, seguida de um aceno afirmativo.

– Tenho estado a pensar… Antes, quando conversámos, não fui completamente honesta.

– Sobre o quê?

– Acerca da relação da Laure e do Isaac. Depois do que aconteceu à Adele, acho que há algo que devo dizer-lhe. O motivo pelo qual não mencionei o assunto antes, é por envolver quem envolve. – Afasta o olhar por um instante, e depois fita novamente Elin.

– Continue – pede ela.

– O Lucas Caron. Ele e a Laure estiveram envolvidos, há algum tempo.

– Eu sei. O Lucas contou-me.

Margot parece ficar surpreendida.

– E ele mencionou alguma coisa sobre o recomeço da relação?

– Só disse que tinha terminado. Que fora uma aventura de curta duração, quando ela e o Isaac estavam zangados. – Elin olha para Margot. – Acha que não terminou?

– Acho. Vi-os juntos, há algumas semanas, no corredor para o *spa*. Nas

filmagens de segurança. A Laure vinha ter comigo para almoçar.

– E aconteceu alguma coisa? – incentiva Elin.

– Sim. Parecia que a Laure ia passar por ele, mas o Lucas deteve-a, segurou-lhe no braço. – Margot inclina-se sobre a secretária, com os lábios a tremer. – A cara dela… era como se estivesse assustada. Tentou libertar-se, mas ele não a largou.

– E depois?

– Falaram alguns minutos e depois o Lucas afastou-se.

Elin tenta manter o rosto inexpressivo, mas a sua mente é um turbilhão.

Lucas não lhe contara nada sobre isto.

– E a Laure prosseguiu em direção ao *spa*?

– Sim, mas foi estranho. Não me contou o que acontecera. Nem sequer uma alusão passageira. Foi isso que me fez pensar que talvez tivessem recomeçado a encontrar-se… e que ela não me quisesse dizer nada porque estava noiva do Isaac…

– E ela pareceu-lhe preocupada? – pergunta Elin. – Ansiosa?

– Nem por isso. – Margot morde o lábio. – Quem me dera ter dito alguma coisa, ter-lhe perguntado o que aconteceu.

– Mas ela foi aberta consigo quanto à relação, inicialmente?

– Da primeira vez, sim; mas nessa altura não era comprometida, ela e o Isaac estavam separados. Para ser franca, ao princípio pensei que fosse só uma aventura para se distrair, mas quando acabou tive dúvidas. Ela ficou bastante abalada. – Margot encolhe os ombros, um gesto indiferente que contradiz a intensidade no seu olhar. – Mas é razoável, não é? Quando alguém nos põe de lado como se fôssemos lixo? Ninguém gosta de se sentir usado.

– Foi isso que ela lhe disse que tinha acontecido? – indaga Elin, consciente da sua respiração irregular. Não lhe agradava nada esta informação, aquilo que sugeria.

– Sim. O Lucas deixou-a. Penso que ela ficara com a impressão de que havia algo mais sério entre eles, percebe?

Elin acena e pensa no que isto significa. De certa forma, confirma a imagem

que tem de Lucas: que é um mentiroso. Negar que sabia que o corpo encontrado na montanha era de Daniel, a fotografia dele com Adele, que sugeria que a conhecia melhor do que admitira, e agora isto.

Lucas declara explicitamente que não tivera qualquer contacto com Laure desde o fim da relação.

Porquê mentir?

Mas Elin sabe a resposta: Lucas só mentiria se tivesse alguma coisa a esconder.

53

Encontra Isaac sentado no salão, com Will, numa mesa pequena junto da janela.

Estão calados – Will de cabeça inclinada sobre o telemóvel e Isaac a fitar a escuridão do outro lado do vidro.

Elin puxa uma cadeira e senta-se entre eles.

Tem o coração aos saltos. Aquilo que está prestes a fazer… é horrível. Nunca foi boa a dar más notícias, a suavizar o golpe. As palavras parecem-lhe sempre desastradas, erradas.

Will ergue o rosto, com uma expressão empedernida.

– Demoraste muito tempo. Já é tarde, Elin. Nove e meia.

– Não foi assim tanto tempo.

– Mandei-te uma mensagem. Fui ver se estavas no quarto. Quando não te encontrei, voltei e encontrei o Isaac. – O seu tom é acusador, invulgarmente crítico. – Pensei que ele quisesse companhia.

– Devemo-nos ter desencontrado – responde ela, ignorando o comentário. – Estive a ver as imagens de segurança com a Cécile e depois voltei para o quarto e estive a falar com o Noah. Ele já me enviou os ficheiros encriptados.

– Tão depressa? – Isaac olha para ela pela primeira vez desde que a irmã se sentou.

– Sim. – Com alguma hesitação, conta-lhes aquilo que descobriu. Quando termina de falar, sente o olhar de Isaac fixo nela. Sem pestanejar.

Um silêncio pesado, horrível.

Elin não consegue fitá-lo nos olhos. Em vez disso, estuda a sala, olha para as outras mesas ocupadas. Um grupo a comer; noutra mesa, alguns funcionários a jogarem às cartas.

Por fim, Isaac debruça-se sobre a mesa, com os antebraços apoiados na madeira.

– Pensas mesmo que a Laure está envolvida nisto? Perdeste o juízo?

O tom cortante apanha-a desprevenida.

– Bom, sabemos que ela não está presa em qualquer lado, pelo menos. Ninguém a sequestrou, como pensaste. Sabemos pelas imagens de segurança que tem estado sempre aqui. E se assim é, porque não falou com ninguém? Porque não te disse que estava bem?

Isaac fica rígido.

– Não sei, mas tem de haver outra explicação, não achas?

Elin não responde logo. Apercebe-se da respiração acelerada de Isaac.

Hesita um pouco, debatendo-se com o que vai dizer a seguir.

– A Laure falou contigo sobre a depressão dela?

– Não muito. Apenas por alto – responde Isaac com expressão fechada, defensiva.

– O computador da Laure, os ficheiros encriptados… um deles era sobre depressão psicótica. – Tropeça nas palavras. – É quando a depressão é tão grave que pode resultar em episódios psicóticos.

Isaac cora; está a ficar furioso.

– Sabias?

– Não – responde secamente. – Ela nunca me falou sobre isso.

Elin estende a mão e pousa-a no braço do irmão, mas ele afasta-se.

– Isaac, é possível que ela não quisesse falar no assunto. Talvez tivesse medo da tua reação…

– Da *minha* reação? Elin, nós vamos casar. – Fecha o punho com força. – Não fazem sentido, estas mentiras, nesta altura.

– Nem fariam sentido; o problema é precisamente esse. Quando uma pessoa tem um destes episódios, perde a noção da realidade. Tem falsas perceções, convicções erradas… pode levar a comportamentos paranoicos e delirantes.

Isaac semicerra os olhos.

– Isto tudo… – diz baixinho. – Estás a tentar preparar-me, não é? Achas mesmo que ela tem alguma coisa a ver com o que aconteceu.

Elin sente-se corar.

– Ainda não temos a certeza de nada. Só queria…

– Não. Estás a remexer nas coisas erradas, a insistir numa teoria equivocada,

quando devias estar à procura dela. A Laure não está envolvida nisto, Elin. Tenho a certeza. – Olha para as mãos e cruza os dedos. – Pensa no que aconteceu à Adele. Achas mesmo que a Laure seria capaz de tal coisa? – Morde o lábio. – Por amor de Deus, Elin. Vocês eram *amigas*.

Will lança-lhe um olhar preocupado e dá-lhe um toque no pé por baixo da mesa. Elin percebe que está a pedir-lhe para parar, mas ela não pode. Isaac tem de enfrentar isto. Se Laure está envolvida, ele tem de saber.

– Isaac, ninguém está a dizer nada com certeza absoluta, mas acho que sim, tens de estar preparado. A Laure mentiu. Repetidamente.

Ele abana a cabeça.

– Não é tão simples como isso, pois não, Elin? Todos nós mentimos. É o que as pessoas fazem. Omitimos as partes mais desagradáveis, as partes feias, as que nos deixam mal vistos. – Vira-se para ela. – Olha para ti… também não foste honesta, pois não? Em relação ao que se passa na tua vida, a esta licença do trabalho? – Fica tenso. – Nem sequer disseste ao Lucas e à Cécile que não estás no ativo, pois não?

Elin respira fundo e tenta responder, mas as palavras não saem. Não sabe explicar por que razão não lhes contou. É demasiado complexo, mesmo na sua cabeça. Um emaranhado de razões: um reflexo; a recusa em admitir, até para si, que já não é detetive e que pode nunca mais voltar a sê-lo; e a mais embaraçosa de todas, por orgulho. O desejo de ainda ser vista como uma pessoa importante.

Isaac olha para ela com uma expressão triunfante.

– Isso não significa que tenhas feito alguma coisa errada.

Elin apoia as mãos na mesa e sente algo dentro de si quebrar-se: um fio invisível, esticado há demasiado tempo.

– Está bem, eu digo-lhes. É isso que queres? Que eu despeje todos os pormenores?

– Não – responde Isaac em tom duro. – Não o faças, se não é isso que queres fazer. Só quero que compreendas que ninguém é perfeito. Todos temos falhas. Até tu. E a Laure pode ter feito disparates, ter sido insensata, mas isso não significa que esteja envolvida num assassínio.

– Eu sei, mas…

– Mas o quê? – Isaac empurra a cadeira para trás e levanta-se. Tem as faces vermelhas. – Estás a ouvir-te a ti própria, Elin? És como a mãe, com as palas nos olhos. Pensas que o mundo é preto e branco, que há uma resposta perfeita para tudo. O facto de a Laure ter feito uma coisa não significa automaticamente que fez outra. As coisas são complicadas, nem sempre há explicações.

– Nunca disse isso. – Fala baixo, em voz abafada. Sente o suor a escorrer-lhe debaixo dos braços.

– Sei que não disseste, mas todos o sentimos. – Vira-se para Will. – Não me digas que não sentiste? A *desaprovação* dela?

Elin pisca os olhos, chocada com o veneno nas palavras do irmão.

– Alguém tem de o dizer, Elin. Porque achas que eu me afastei? Porque é esgotante estar contigo. Queres tudo feito exatamente da forma certa, tudo no sítio. Isso entristece-me. É uma das razões pelas quais me vim embora e deixei a mãe também.

– Isaac, por favor…

– Não, é verdade. Devias estar a tentar encontrar a Laure, e transformaste isto em algo completamente diferente. – Os seus olhos faíscam. – Desde que chegaste, percebi logo que não ia ser uma visita divertida. Vinhas com alguma coisa para provar.

– O que queres dizer com isso? – indigna-se ela.

– Sempre foste assim. Sempre com uma missão.

– Missão?

– Salvar as pessoas. Ser a heroína. Sempre. Isto, o teu emprego… O padrão é sempre o mesmo. Constantemente.

Will levanta-se e pousa a mão no braço de Isaac, com o maxilar contraído.

– Ouve, não achas que devias parar? Estamos todos cansados…

Isaac liberta o braço com um safanão brusco.

– Não. Ela precisa de saber.

Elin sente as faces a arder e uma raiva incandescente a espalhar-se dentro de si.

O que é que se passa com ele? Será que não consegue ver?

Se ela é assim, o único motivo é o que aconteceu a Sam.

Aquilo que *ele* fez.

– Isaac – começa, com a voz trémula. – Digas o que disseres, as respostas são importantes. A verdade é importante. Como podemos seguir em frente sem ela? Vê o que aconteceu ao Sam. A minha mente está presa num círculo vicioso por causa disso. Revivo aquele dia uma e outra vez, e isso é porque não *temos* as respostas. Não sabemos o que aconteceu.

Isaac fica paralisado e um rubor sobe-lhe pelas faces. Abre a boca para falar e volta a fechá-la.

Um silêncio pesado estende-se entre eles, dizendo a Elin tudo o que precisa de saber.

Sente a mão a tremer no colo.

– Não queres falar sobre isso?

Isaac baixa a cabeça e recusa-se a encará-la.

– Vá lá, Isaac. Quero saber o que tens a dizer. Passaste anos a evitar o assunto. Preciso de respostas.

– Elin, chega. – Will pousa a mão na dela.

Isaac ergue o rosto e fita-a com os olhos turvos de emoção.

Culpa, pensa Elin, olhando para ele. Está atormentado pela culpa.

Isaac vira-se.

– Vou-me deitar. Não quero fazer isto aqui. Nem agora. – Continua a evitar o olhar dela.

– Claro – comenta Elin enquanto ele se afasta. – Quem é que está a fugir agora?

Depois de Isaac desaparecer, ela e Will ficam sentados em silêncio. O facto de o irmão lhe ter virado as costas desta maneira… é como uma bofetada. Como se a estivesse a enganar outra vez.

Will olha para ela com uma expressão estranha no rosto.

– E se formos para o quarto? Descansar um pouco. Acho que estás cansada.

– Cansada? Não estou…

– Bom, pareces-me exausta. Aquilo que disseste, foi… – Abana a cabeça.

Elin olha em volta: o pequeno grupo de funcionários ainda a jogar às cartas, a neve que cai lá fora sem parar. É tudo demasiado. Sente a cabeça a explodir.

– O quê? – lança, por fim. – O que é que ias dizer?

Will tamborila com os dedos na mesa.

– Como começaste a conversa, o teu tom; não sei se terá sido a melhor maneira…

– A *melhor* maneira? Não há outra. Ele tinha de saber o que a Laure fez, Will.

Porém, assim que diz as palavras, percebe que ele tem razão. Lidou mal com a situação. Foi demasiado bruta. Pressionou Isaac sem necessidade. Ainda não tem qualquer prova definitiva do envolvimento de Laure.

Um pensamento horrível e indesejado infiltra-se na sua mente: *Terá sido deliberado, de alguma forma? A maneira como o dissera?* Estaria uma parte do seu subconsciente a punir Isaac por causa de Sam?

– E não foi só isso – acrescenta Will. – Confrontá-lo daquela forma, agora, em relação ao Sam.

– Como assim?

– Foste longe de mais, especialmente depois do que lhe tinhas dito sobre a Laure. – Vê um músculo estremecer no maxilar dele. – Sabes, não consigo deixar de pensar no que o Isaac disse.

– Que parte? – pergunta ela com uma risada forçada. – Ele disse tanta coisa. – Puxa a garrafa de água para si e serve-se de um copo.

– Sobre a obsessão em encontrares respostas. Em seres a heroína. – Olha para ela. – Achas que é isso que estás a fazer agora, com este caso? A tentar provar alguma coisa?

– A quem?

– A ti própria. – Um rubor invade-lhe o rosto. – Estás a tentar provar algo a ti própria. Como não conseguiste salvar o Sam, está a tentar salvar outra pessoa. A exorcizar os teus fantasmas.

Elin fita-o, com o sangue a latejar-lhe nos ouvidos.

– Achas que é isso que se passa? Que eu não quero saber do que aconteceu à Adele, à Laure? – Bebe um gole de água demasiado grande e tem dificuldade em engolir.

– O que eu sei é que ao mergulhares de cabeça neste caso, parece não sobrar espaço para mais ninguém. Para os sentimentos dos outros. – Hesita e fica ainda mais vermelho. – O que está a acontecer aqui, tal como já te disse… não faz sentido estares tão envolvida. Tens de pensar também nas outras pessoas, nos efeitos que as tuas decisões têm.

Elin não responde. Não por não querer, mas porque não tem resposta.

Provavelmente Will tem razão, mas ela não sabe *como* parar. Tudo o que sabe é que, desde que Sam morreu, sente que anda à procura de alguma coisa. Como se estivesse a correr, a tentar encontrar a meta, e o fim estivesse sempre fora do seu alcance.

54

Dia quatro

Elin acorda com o som agudo de uma notificação de mensagem. Entreabre os olhos na escuridão do quarto e olha para o brilho luminoso do telemóvel na mesa de cabeceira.

As horas, em grandes números: 06h02. Estende a mão para o telemóvel, mas acerta ao lado.

Tenta de novo, com uma estática ensurdecedora a rugir-lhe na cabeça.

A razão da sua desorientação é óbvia: falta de sono. Já passava das três da manhã quando adormeceu. Sentia-se elétrica – o cérebro continuava a pensar no que descobrira sobre Laure, na discussão com Isaac e com Will.

Esfrega os olhos e olha para o ecrã. Uma mensagem de um número desconhecido. Abre-a e lê: QUERO EXPLICAR. POR FAVOR, VEM TER COMIGO À *PENTHOUSE*. ÀS NOVE HORAS. HÁ UM ELEVADOR SEPARADO PARA NINGUÉM TE VER. NÃO DIGAS NADA A NINGUÉM E VEM SOZINHA. DESCULPA. LAURE.

Laure.

Sustém a respiração. Certamente a mensagem foi enviada do segundo telemóvel dela. Debruça-se sobre a beira da cama e puxa a mala para si. Procura a fatura de telemóvel e confirma o número da mensagem. Sim: é o outro telemóvel de Laure. Mas estava desligado quando Isaac tentou ligar-lhe. Ela devia tê-lo voltado a ligar.

Elin olha para o ecrã e os seus olhos separam as palavras uma a uma antes de voltarem a juntá-las.

Algumas destacam-se: *Quero explicar. Desculpa*.

Analisa a mensagem. «Explicar» significa que há alguma coisa a esclarecer. E quanto ao pedido de desculpas, a conclusão é a mesma.

Uma gota gelada de confirmação no peito: *Laure está mesmo envolvida nisto*.

Agora não restam dúvidas.

Elin encosta-se à almofada e tenta encaixar tudo – factos, suposições –, mas está agitada, nervosa. O seu cérebro não funciona como devia.

Levanta-se da cama e aproxima-se da janela.

Tem a mente alvoraçada, mas tudo a leva sempre à mesma conclusão: *só tem duas opções*.

A primeira é partilhar a informação com Cécile e Lucas e ir ao encontro de Laure com apoio. A outra é ir sozinha e falar com Laure cara a cara, apenas as duas.

Nenhuma das opções é ideal.

Com a primeira, corre o risco de espantar Laure, talvez até de a levar a agir. Se Laure estiver a ser sincera, pode vê-lo como uma traição, uma prova de que Elin não confia nela. Se estiver dominada por algum tipo de delírio, se já se sentir injustiçada de alguma forma, pode ser perigoso.

E a terceira possibilidade, a que lhe está a custar aceitar, é que isto seja alguma espécie de armadilha. Existe esse risco, ou não? É impossível ignorá-lo. Afinal de contas, Laure empurrou-a. Tentou assustá-la. Mas com certeza que se quisesse mesmo fazer-lhe mal tê-lo-ia feito na altura, no *spa*?

Com a mente a saltitar entre os diferentes cenários, Elin percorre o quarto de um lado para o outro. Lá fora, o vento levanta a neve e sopra-a para aqui e para ali. O terraço está agora coberto de montes brancos.

Sabe que devia acordar Will, pedir-lhe a opinião; no entanto, depois da última conversa, não é difícil calcular qual seria a resposta dele: *Não te metas nisso. Mantém a distância*.

Os seus olhos percorrem os pequenos montes de neve junto da janela.

Vem-lhe à cabeça uma memória: as cartas de Laure.

As cartas que Laure lhe escrevia e que chegavam todas as semanas, depois da morte de Sam. Cartas a oferecer apoio – cheias de compreensão e simpatia, ao princípio, e depois divertidas. A amiga contava-lhe episódios engraçados sobre a escola, os rapazes, sobre a mãe dela, Coralie. Para tentar trazer Elin à tona de água, para tentar retomar a ligação entre ambas. Cartas que Elin optou por ignorar porque tinha inveja, por não conseguir lidar com o facto de Laure não

estar a sofrer tanto como ela.

As lágrimas ardem-lhe nos olhos. Tem de ir falar com Laure. Tem de lhe dar o benefício da dúvida.

Desta vez, tem de a ouvir.

55

São 08h45. Elin relê o nome gravado na placa de vidro na parede. *Suite Plaine Morte.* Só pode ser esta – consultou o *website* do hotel e sabe que é a única *penthouse*.

Porém, ao olhar através da porta de vidro, é evidente que a *suite* não fica do outro lado. A porta dá para um corredor mais curto, que leva a uma porta de elevador do lado esquerdo, ao fundo. Laure estava certa: a *suite* tem o seu próprio corredor de acesso e um elevador privado.

Quando encosta a mão à porta, sente o telemóvel a vibrar no bolso. Aliviada por o ter silenciado, Elin tira-o do bolso e olha para o ecrã.

Será Laure?

Não, é um número diferente. Berndt. BUSCA NA RIPOL MOSTRA QUE TEMOS INFORMAÇÕES SOBRE LAURE STREHL – NO CANTÃO DE REFERÊNCIA DE VAUD. PEDI AUTORIZAÇÃO PARA PARTILHAR CONSIGO OS DETALHES ASSIM QUE POSSÍVEL.

«Informações»? O que quereria dizer com isso? Elin pensa se deve ligar-lhe. Olha de novo para o ecrã. 08h48. Não tem tempo. Terá de ficar para depois.

Guarda de novo o telemóvel no bolso e passa pela porta do vidro.

Começa a sentir-se nervosa e dá por si a andar demasiado depressa. Apesar da camisola fina, sente o suor a escorrer entre as omoplatas.

O espaço do corredor é inquietante; um dos poucos sítios do hotel onde não há vidros. As paredes são de mármore creme, com veios rosados a dançar sobre a superfície. Apesar da privacidade que o mármore dá, torna o espaço demasiado compacto. Sufocante.

A meio do corredor, repara noutra coisa: há pequenos quadros nas paredes. São esboços a tinta, com molduras quadradas negras – um emaranhado confuso de linhas. Os seus olhos demoram um instante a encontrar sentido na confusão de formas, mas quando por fim compreende o que está a ver, recua.

Pessoas, pensa, levando a mão à boca.

Partes de pessoas: rostos, pernas, joelhos.

O efeito é brutal. Parecem imagens de amputações. Desmembramentos.

Enquanto passa por elas, o silêncio é ensurdecedor: Elin tem consciência de todos os sons que está a fazer. Cada respiração. Cada passo.

Como explicará a sua presença se encontrar alguém? O que dirá? E depois há as filmagens das câmaras de segurança. E se alguém a vir a subir? Cécile ou Lucas?

A parede do fundo é um espelho enorme. Elin não consegue deixar de ver a sua própria aproximação – cabelo sem vida, calças de ganga largas nas pernas. O colar de Sam na base da garganta, a acompanhar a linha da gola da camisola. A cicatriz por cima do lábio superior, iluminada pela luz no teto, a traçar uma leve linha prateada da boca ao nariz.

Mais alguns passos. Está quase no elevador que deve levá-la diretamente à *suite*.

Pelo canto do olho vê um movimento no espelho. Uma sombra fugaz.

Elin estaca, convencida de que viu uma silhueta, mas quando volta a olhar, esta desapareceu. Sabe que é apenas um reflexo – uma distorção das luzes a fazer eco dos seus próprios movimentos –, mas isso não afasta a pontada gelada de medo no seu peito.

Será louca por estar a fazer isto sozinha? A correr este risco?

Enquanto percorre os últimos passos até ao elevador, respira fundo e repreende-se a si própria: *Não percas a coragem agora. Estás prestes a obter respostas.*

***

Momentos depois, Elin sai do elevador para a entrada da *penthouse*. Os seus olhos perscrutam o espaço mais amplo: sala de estar, lareira, enormes janelas de vidro.

Vê as horas. 08h50. Está dez minutos adiantada.

Laure já estará aqui?

Olha em volta. Não vê ninguém, mas não pode excluir a possibilidade de Laure estar escondida à sua espera, para se certificar de que Elin veio mesmo

sozinha.

Avança e, de súbito, imobiliza-se. Não sabia o que esperava, mas não era nada a esta escala. A vista. O espaço é envidraçado a toda a volta, revelando exatamente a quantidade de neve que caiu – a paisagem é agora um manto liso de branco puro, todos os pontos de referência soterrados.

Depois de pousar a mala no sofá, Elin dá uma volta à sala para se orientar. A zona de sala de estar e jantar da *suite* é aberta, mas dividida em secções. No lado direito, ao fundo, há uma pequena cozinha, e em frente mais um espaço com mesa e cadeiras. Um corredor abre-se para a direita, e presume que os quartos serão desse lado.

A sala de estar principal, onde se encontra, tem uma lareira e três grandes sofás modernos em volta de uma mesinha de café.

Um pouco mais abaixo, ao fundo de alguns degraus, há uma sala de jantar. A peça central é uma grande mesa de carvalho, e uma enorme obra de arte domina a parede à direita. É mais uma daquelas imagens estranhas e desmembradas – em tons de azul forte, a escurecer para preto –, e representa segmentos esquartejados de membros.

É tudo simples, de uma crueza quase abrupta, desprovido de todas as ostentações habituais neste tipo de espaços. Não há decorações brilhantes, tecidos felpudos, nem dourados ou grandes jarras de flores. Em vez disso, as linhas são simples, as cores suaves, elegantes.

O luxo está nos acabamentos, nos detalhes – as paredes de mármore, a poltrona de cabedal, várias peças de mobiliário de ar caro, a grande carpete branca no chão.

Não te deixes distrair por estas coisas, pensa.

Laure pode estar aqui, numa das outras divisões. Sem levantar demasiado a voz, chama:

– Laure?

Aguarda, perfeitamente imóvel, mas não ouve nada; apenas silêncio e a sua própria voz a ecoar-lhe na cabeça.

Elin dirige-se ao corredor à direita, com todos os sentidos alerta a qualquer

movimento ou som. A primeira divisão onde entra é uma biblioteca-sala de jogos: a segunda, em frente, é uma pequena sala. Ambos os espaços têm varandas à volta.

Inspeciona rapidamente as duas divisões, mas não há sinais de vida. Está tudo arrumado, intacto.

Apesar disso, enquanto se dirige ao que julga serem os quartos, tem a camisola húmida de suor, o tecido a roçar de forma desconfortável na pele das costas.

Ela pode estar em qualquer lado. Escondida.

Cuidadosamente, entra no primeiro quarto. *O quarto principal*, pensa, ao ver a grande cama encostada à parede, a piscina privada no terraço, o *jacuzzi*.

Não está aqui ninguém.

Depois de inspecionar os outros três quartos e os encontrar também vazios, regressa à sala principal, com os membros tensos. Tudo o que quer é acabar com isto de uma vez.

Olha de novo para o relógio: 08h57. Faltam três minutos.

É então que ouve um som: o ruído de algo a raspar, ou a arrastar, como alguma coisa a ser empurrada, deslocada.

Vira-se, com a sua própria respiração a ecoar-lhe nos ouvidos. Na janela, vê o seu reflexo e algo mais.

Uma silhueta?

Tal como nos balneários da piscina, tem a inconfundível sensação de que alguém está a observá-la, a estudá-la.

Com uma sensação crescente de pânico, olha de novo em volta.

Nada.

Tudo o que ouve é o bater do seu coração a latejar-lhe nos ouvidos.

Vê as horas: faltam dois minutos. O tempo arrasta-se com uma lentidão penosa.

Por fim, um som.

Algo mais familiar: o zumbido metálico do elevador, rapidamente abafado pelo som das portas a abrirem-se. Elin sente a respiração mais acelerada e

encosta os cotovelos ao corpo: um gesto automático de defesa.

Calma. Respira fundo. Não entres em pânico.

As portas do elevador estão agora completamente abertas, mas ninguém sai.

Está vazio.

A única coisa que Elin ouve é o zumbido mecânico do mecanismo.

Hesita e algo a faz baixar os olhos. Está ali qualquer coisa, no chão do elevador.

Sente as pernas fraquejarem e dobrarem-se debaixo dela.

56

É Laure. Laure está morta.

As palavras repetem-se na sua cabeça; uma afirmação que é empurrada de um lado para o outro, de um lado para o outro, enquanto a mente se recusa a aceitá-la, a absorvê-la.

O elevador está a fazer ruídos, ruídos horríveis. Os sensores das portas, dando pela sua presença, abrem e fecham repetidamente, quase ao ritmo do seu coração, que Elin sente a bater nas têmporas.

Um horror mecânico, que reflete a cena que tem à sua frente.

É como se tivesse sido o próprio elevador a infligir os danos, as portas como incisivos que a tivessem mastigado e cuspido depois.

Laure está caída no canto esquerdo da cabina, com a cabeça inclinada para a direita num ângulo pouco natural, o cabelo escuro tombado sobre o rosto.

Tem uma máscara na cara.

A mesma máscara de borracha preta que Adele tinha quando a encontraram. Oculta-lhe o rosto, as feições, mas Elin percebe que é ela. O cabelo, a estatura delicada. Os mesmos sapatos que calçava no outro dia. A *T-shirt* cinzenta está ensopada de sangue, concentrado em torno do pescoço.

Elin baixa mais o olhar. Logo abaixo da máscara há uma incisão profunda no pescoço de Laure. Parece ter sido feita por trás; a cabeça puxada para cima, a faca a deslizar da esquerda para a direita.

A garganta aberta, como quem degola um animal.

Elin dá um passo em frente para a examinar. O ferimento é mais fundo do lado esquerdo, mais superficial do lado direito. Começa debaixo da orelha e desce numa linha oblíqua que cruza o meio do pescoço.

Uma pessoa dextra.

Muito provavelmente, o golpe cortou a artéria carótida e a veia jugular. A perda de sangue seria brutal. Fatal. Ainda assim, Laure teria tempo de se aperceber do que lhe estava a acontecer, de sentir o sangue, a vida a escoar-se.

Elin engole em seco e sente a bílis ao fundo da garganta.

Como é que alguém conseguia fazer uma coisa destas?

Apesar do trauma óbvio, encosta os dedos trémulos do outro lado do pescoço de Laure, à procura da pulsação. Não a encontra: a pele está fria. Já morreu há algum tempo, mas não muito – ainda não há sinais de rigidez cadavérica.

Com a cabeça a andar à roda, Elin apercebe-se do que isso significa: quem a matou não pode estar longe.

Respira, diz a si própria. *Respira*.

Força-se a virar-se e a concentrar-se na cadeira de madeira ao lado do elevador. Foca-se num pormenor: a curva côncava do encosto para a cabeça, o padrão em espiral no grão da madeira. Segue-o com os olhos e inspira através da adrenalina, à espera que a tontura passe. Quando a respiração normaliza, vira-se de novo. Todas as células do seu corpo gritam para que não seja real, para que seja apenas alguma projeção distorcida da sua imaginação. Mas não é: o corpo de Laure, a brutalidade desumana, são reais.

Elin sabe que desta vez não pode permitir que o medo leve a melhor. Tem de olhar como deve ser, captar aquelas primeiras impressões cruciais.

As portas do elevador ainda estão em movimento, a abrir e a fechar enquanto ela se move entre os sensores. Precisa de qualquer coisa pesada para as segurar. Perscruta freneticamente o espaço no exterior do elevador e os seus olhos pousam na cadeira. Pega-lhe e sopesa-a. É sólida: serve para este fim. Coloca-a na entrada do elevador, encostada ao lado esquerdo. As portas param.

Elin volta a entrar na cabina e agacha-se ao lado do corpo. Inclina a cabeça para o lado e olha para as mãos de Laure. Partes dos seus dedos foram removidas: o dedo do meio e o indicador da mão direita. Não consegue ver a esquerda sem deslocar o corpo. Os dedos em falta parecem ter sido cortados com um instrumento afiado: um alicate, ou uma tesoura. Ao contrário das amputações de Adele, há sangue nas feridas, nas costas da mão.

Ergue de novo o olhar para o sangue que ensopa a camisola de Laure. Muito sangue, mas não o suficiente…

Elin examina o resto do elevador. Além de uma mancha na parede, transferida do corpo, está limpo – não há sangue no chão, nem salpicos nas

paredes ou teto.

Não foi aqui que ela foi morta.

O corpo de Laure foi transferido da cena do crime e colocado no elevador poucos minutos depois de Elin o ter apanhado, ao que parece. Quem a matou carregou no botão deste piso e saiu rapidamente do elevador. Elin endireita-se, com a cabeça à roda – não por causa da cena macabra, mas pela sua própria ingenuidade e incompetência.

Todas as teorias, todas as suas ideias, estavam erradas. Ou Laure tentara avisá-la, ou isto fora uma armadilha montada pelo assassino.

Tira o telemóvel do bolso e escreve uma mensagem para Will. ENCONTREI A LAURE NA *PENTHOUSE*. ELA ESTÁ… A mão treme-lhe sobre o teclado e escreve uma palavra ininteligível. Respira fundo, para se recompor, apaga algumas letras e continua: ESTÁ MORTA.

Envia a mensagem e sai do elevador. Desta vez, o salto do seu sapato prende-se em alguma coisa. O som – um baque oco, um ligeiro movimento – apanha-a de surpresa. Tropeça e agarra-se à parede para se equilibrar. Depois olha para o chão, para ver onde bateu.

Uma caixa de vidro.

Sente uma pontada de trepidação, mas não é o conteúdo da caixa que a abala; é sim perceber que ela não estava ali minutos antes.

Quando colocou a cadeira a segurar a porta do elevador, não havia nada no chão.

Isso só pode significar uma coisa. O assassino esteve na *suite* enquanto ela examinava o corpo de Laure. Poucos passos atrás dela.

De alguma forma, entrou na *penthouse* e colocou a caixa ali.

É então que ouve um som: algo estranho, que não lhe é familiar. Não é uma respiração, é mais um assobio, e depois uma inalação pesada, esforçada.

Elin gira sobre si própria e tem um vislumbre de alguém atrás de si.

Não sabe quem é porque a pessoa não tem rosto. Tudo o que vê é a máscara.

57

Elin pisca os olhos, com o medo a apertar-lhe o estômago.

A sua primeira impressão confusa é de que está a imaginar coisas – alguma alucinação desencadeada pelo choque de encontrar o corpo de Laure –, mas o som proveniente da máscara afasta-lhe esse pensamento da cabeça.

A respiração distorcida é amplificada, grotesca.

Paralisada, passa-lhe pela mente um turbilhão de pensamentos: sobre o que acontecerá a seguir; sobre os ferimentos horripilantes infligidos a Laure e Adele.

O que lhe fará a ela?

As imagens macabras e sinistras no seu cérebro imobilizam-na. Tenta colocar os membros em posição defensiva, mas é como se estivesse a tentar mexer-se dentro de lama. Cada movimento é lento, arrastado. Só quando a adrenalina se começa a fazer sentir é que o corpo faz alguma coisa: um movimento súbito com a perna direita, um pontapé alto.

Ela é capaz de fazer isto. Está cansada, sim, mas é forte – está em boa forma. Está preparada.

Porém, é tarde de mais.

O seu atacante é mais forte. Mais rápido. E tem a vantagem de saber o que vai fazer a seguir. *Um plano*.

Agarra-a e vira-a de modo a ficar por trás dela. O pulso direito de Elin é puxado para as costas, rodado até ela ter o braço preso atrás de si. Uma mão tapa-lhe a boca e dobra-lhe o pescoço para trás.

Com um olhar de viés, Elin consegue ver a máscara. Está apenas a centímetros do seu rosto, os detalhes em grande plano: rachas minúsculas na borracha, finos riscos esbranquiçados. É então que sente o terror absoluto instalar-se, algo tão primitivo que só o sentiu uma vez: no caso Hayler, com ele, naquele dia, dentro de água.

A memória enfurece-a, dá-lhe uma nova vaga de energia. Faz força com os calcanhares no chão de madeira e dobra-se para a frente. Levanta a perna esquerda e atinge a coxa do atacante. Parece resultar: a força com que a segura

afrouxa. Elin sente uma hesitação.

E depois um som distante – o baque de uma porta a bater.

Vem aí alguém. Will?

De repente, o atacante larga-a e empurra-a com força.

Elin cai e bate com a cabeça no chão, com um impacto que vibra através de todo o corpo. Grita. A dor é lancinante: o baque é tão violento que fica com a visão turva, estrelas brancas a piscar sobre um pano de fundo negro.

Segundos depois, sente mãos no seu rosto, dedos a apertarem, a empurrarem-lhe o rosto contra o soalho. A esta distância, sente o cheiro da outra pessoa: suor, sabão misturado com mais qualquer coisa. Algo familiar que não consegue identificar.

Um objeto roça-lhe no rosto. É áspero, parece plástico.

A máscara.

Em pânico, levanta a mão para a tentar afastar, mas apanha apenas ar.

Outro baque. Ouve uma voz chamar o seu nome.

Will.

Silêncio: uma hesitação mais longa. A mão no seu rosto afasta-se bruscamente.

Elin espera, os olhos presos na caixa de vidro a poucos centímetros, nas pulseiras que reluzem sob as luzes. Tem o corpo tenso, preparado para o que vier a seguir, mas tudo o que sente é movimento: uma deslocação de ar.

Já não há ninguém a segurá-la.

Inclina a cabeça e tenta ver se a pessoa de máscara ainda ali está, mas não vê ninguém. Passos pesados, a correr. Baques surdos e rítmicos.

Foi-se embora.

Elin senta-se. Ainda tem a cabeça e as costas a latejar da queda. O coração bate-lhe com força no peito, ecoa nos seus ouvidos. Os seus olhos enchem-se de lágrimas: lágrimas de vergonha, por se ver mais uma vez humilhada pela sua ingenuidade.

Como pode ter-se enganado tanto? Como pode ter imaginado que Laure podia ser responsável por isto?

Não se trata de um crime de paixão, de vingança por uma aventura amorosa que acabou mal. Isto vai além de Laure. Muito além, e agora Elin está de regresso ao ponto de partida.

58

– De certeza que não tens dores? – Will inclina-se para a frente e pega-lhe na mão. Tem a testa húmida de suor, os olhos velados com a emoção.

– Estou bem. Não teve hipótese de me fazer… – Para e reformula a frase. – Deve ter-te ouvido a chegar. – Mas as palavras parecem-lhe flutuar, desligadas. Não consegue deixar de varrer a sala com o olhar. Apesar da presença de Will, o espaço amplo ainda parece repleto de perigos.

Esconderijos por todo o lado.

O movimento frenético da neve lá fora não ajuda nada – setas aguçadas e brancas que colidem com o vidro, eclipsadas apenas por redemoinhos turvos de nevoeiro.

Elin vê a expressão assustada no rosto de Will e aperta-lhe a mão, apreciando o calor dos dedos dele sobre os seus. Não consegue deixar de pensar no que podia ter acontecido: *Podia ter perdido tudo isto. Ela e Will… Se o assassino tivesse conseguido concretizar as suas intenções…*

– A sério, estou bem. – Mas quando se encosta ao sofá sente o coração a bater muito depressa. Fecha os olhos por um instante. Mais uma vez, vê-a: a máscara, com a mangueira de borracha do nariz à boca.

Não. Não pode deixar a sua mente ir por aí. Não pode perder o autocontrolo, não agora que Laure está morta. Tem de descobrir quem é que a matou.

– Bebe – urge Will, passando-lhe uma garrafa de água, enquanto empurra os óculos para cima com o indicador da mão livre.

Elin bebe um pouco, com as mãos a tremer, e a garrafa bate-lhe nos dentes, instável contra os seus lábios. Involuntariamente, o seu olhar vira-se para o elevador. Ao ver o corpo de Laure, a realidade abate-se de novo sobre ela: *Laure morreu. Isto é real.* Ainda que desta vez, quando olha, não seja o corpo ferido e torcido de Laure que vê, mas a Laure do passado. A Laure criança. As memórias invadem-lhe a mente: as finas rugas nos cotovelos dela, as contas coloridas com que Coralie lhe entrançava o cabelo, a forma desengonçada como caminhava

sobre a areia.

As lágrimas ardem-lhe nos olhos.

– Elin, não faz mal, sabes… sentir… – Will não termina a frase.

Nenhum dos dois fala durante alguns momentos.

– É o choque, só isso – diz ela por fim. Força-se a olhar para ele, mas as lágrimas não desapareceram; simplesmente, mudaram de sítio. Elin engoliu-as e formam agora um nó na sua garganta.

Sem tirar os olhos dela, Will morde o lábio.

– Elin, não queria estar a dizer isto agora, mas vires cá acima sozinha foi perigoso. Imprudente.

Ela sente o calor subir-lhe ao rosto. Brinca com o gargalo da garrafa.

– Queria dar-lhe uma oportunidade de se explicar. Pensei… – Hesita. – Achei que era genuíno, está bem? Enganei-me.

Na pausa constrangida que se segue, Elin bebe mais um pouco de água.

– Não pensaste nos riscos? No que isso podia ter causado? – Tem a perna a abanar. – Especialmente depois da nossa conversa de ontem à noite.

– Eu sei, mas pensei que, se ela me quisesse fazer mal, já teve uma oportunidade antes e não a aproveitou.

Ele tem o rosto tenso, as mãos apertadas no colo. Elin inclina-se e beija-o.

– Desculpa – murmura, com o rosto encostado ao dele. – Não devia estar a arranjar justificações. Coloquei-me em perigo e não o devia ter feito.

Ele resiste por um instante antes de devolver o beijo. Afasta-se um pouco e acaricia-lhe a face com um pequeno sorriso contrariado.

– Acho que é a primeira vez que admites estar errada em relação a alguma coisa. – A voz falha-lhe. – Francamente, se não me tivesses mandado aquela mensagem, não sei o que…

Mas ela não ouve o resto das palavras. Um pensamento prende-se à primeira metade da frase.

A mensagem.

Não devia ter tido oportunidade de a enviar. O assassino quisera apanhá-la desprevenida, sem lhe dar tempo de contar alguém, de dar o alarme. O que

significava que, em termos temporais, algo correra mal. Teria sido detido por alguém ou alguma coisa a caminho da *penthouse*?

– Will – questiona –, como é que chegaste cá acima?

– Quando vi que o elevador privado não estava a funcionar, perguntei a um funcionário se havia outra forma de cá chegar. Mostraram-me uma escada que vai dar à sala de estar mais pequena.

– Deve ter sido assim que ele entrou – murmura Elin, pousando a garrafa de água na mesa ao seu lado. – Pôs a Laure no elevador e subiu pelas escadas.

Talvez tenha sido isso que o atrasou.

Por algum motivo, o assassino demorara-se nas escadas ou antes de as subir. E, por causa disso, fora forçado a improvisar e cometera um erro. Dando a Elin tempo para enviar uma mensagem.

Segue essa linha de raciocínio: se o assassino cometeu um erro, pode ter cometido mais. Olha para o elevador. Tem de estudar melhor a cena. Examinar devidamente o corpo de Laure.

Will segue-lhe o olhar e, ao ver Laure, encolhe-se.

– Não – diz, com a voz insegura. – Não sei o que estás a pensar fazer, mas não o faças. A polícia pode não demorar mais do que um dia a chegar cá. Deixa isso para eles. – Olha para Elin. – E seja como for, Elin, primeiro tens de contar ao Isaac. – Lança mais um olhar involuntário na direção do corpo. – Ele tem de saber o que aconteceu por ti.

Elin muda de posição. O que Will está a dizer faz sentido, mas o que está em jogo é mais importante. Não pode parar agora. O que aconteceu em torno da morte de Laure também tem a ver com *ela*.

O facto de o assassino ter tentado apanhá-la diz-lhe algo crucial. *Queria afastá-la do seu caminho*. E se queria afastá-la, é porque está a planear mais qualquer coisa.

59

Elin agacha-se e começa a fotografar o corpo de Laure.

A cada clique e instantâneo no telemóvel, os seus olhos apercebem-se de algo novo: uma mancha de sangue, uma marca, um traço do rosto de Laure em que não reparara antes.

Respira fundo e afasta as memórias, contente por ter um ecrã entre elas, pela ligeira distância que isso lhe proporciona.

Concentra-se na incisão no pescoço e fotografa-a de vários ângulos, certificando-se de que capta todos os pormenores do golpe. Mais uma vez, a sua profundidade e precisão chamam-lhe a atenção.

Implacável.

Não se veem quaisquer indícios de dúvidas, nem de hesitação quando a lâmina toca na pele.

Uma execução.

O seu olhar percorre as partes visíveis do corpo de Laure – mãos, pulsos, antebraços. Tal como aconteceu com Adele, não há sinais de luta – nem cortes, nem arranhões, nem nódoas negras.

Não há qualquer marca visível.

O assassino deve ter usado um sedativo para a dominar. Se tivesse usado a força, haveria pelo menos nódoas negras.

Elin pousa o telemóvel. Tira o bloco de notas da mala e começa a escrevinhar os seus pensamentos, mas quando inclina a cabeça sente-a latejar.

Vê um estranho clarão por trás dos olhos – não luzes, mas cenas, fragmentos de momentos, que coalescem, lúcidos, nítidos.

Um flashback. *Mais um.*

Elin pisca os olhos e tenta afastar as imagens, mas sem êxito.

São contínuas, imparáveis.

O rosto de Isaac, naquele dia, com a boca entreaberta. O medo a paralisar-lhe as feições em algo estranhamente preciso, robótico, alienígena.

O sol na nuca de Elin, em brasa.

Uma rede de pesca a boiar na superfície da água.

Pega na garrafa de água que Will lhe deu e bebe um longo gole. Em poucos segundos o detalhe, a essência das imagens dissolve-se, deixando um vazio, algo vital a escorrer-lhe por entre os dedos.

– Então é igual à Adele – diz Will, aproximando-se por detrás dela.

Elin vê a boca dele contrair-se involuntariamente num esgar de repugnância ao ver a cena mais de perto. Fita o corpo, de olhos vidrados, e depois afasta-se.

– Não exatamente – responde, fingindo não ter reparado na reação dele. – O método da morte é diferente. Com a Adele, é mais provável que tenha sido afogamento, mas isto… – Tosse. – Cortaram-lhe a garganta. Não se vê deste ângulo, mas os dedos dela… também estão diferentes. As feridas não estão suturadas como no caso da Adele.

O que significam essas diferenças?

Não tem a certeza, mas apontam para a possibilidade de o assassínio de Laure ter sido mais apressado e, por conseguinte, menos organizado. Contudo, pensa, há elementos que são *iguais*: a máscara, a remoção dos dedos, a caixa de vidro, as pulseiras… Idênticos. Nenhum deles era essencial para o assassínio propriamente dito, portanto, tem a certeza de que são simbólicos: o assassino está a tentar transmitir alguma coisa.

Mas o quê?

Analisa os elementos um a um. Primeiro, a máscara. Há dois fatores: se estivesse apenas no rosto do assassino, poder-se-ia partir do princípio de que era somente uma forma de ocultar a sua identidade, mas o facto de esta cobrir também o rosto das vítimas tem de ter um significado específico. É impossível determinar qual é, pelo menos enquanto não tiver mais informação. O mesmo em relação aos dedos cortados – pode haver múltiplas explicações quanto ao motivo, mas de momento Elin está às escuras.

A caixa de vidro é a única coisa sobre a qual tem certezas. Tal como as que viu antes no hotel, contendo a escarradeira ou o capacete Clias, o seu objetivo é ser um expositor.

Porquê?

O motivo é a chave para tudo o resto, mas agora que a sua teoria sobre Laure foi por água abaixo, está de volta à estaca zero. A tentar ligar elementos díspares, que em nada parecem estar relacionados.

Vira-se para Laure e continua a tirar fotografias, mas o seu telemóvel toca, vibrando-lhe na mão. Olha para o ecrã.

Berndt.

O tom de voz dele é urgente.

– Elin, não sei se recebeu a minha mensagem, mas temos uma atualização em relação a Laure Strehl. O promotor de justiça permitiu que eu lhe transmitisse as informações de que dispomos.

– Continue – diz Elin em voz rouca, e as lágrimas queimam-lhe os olhos quando se apercebe do seu lapso.

Ele está a falar de Laure no presente. Como se ela ainda estivesse viva, e eu não o corrigi.

– Não me parece que a Laure represente um risco para alguém, ou esteja ela própria em perigo. A informação que descobrimos sobre ela tem a ver com uma participação feita depois de uma altercação qualquer com… como é que se diz… com a sua companheira de apartamento.

– Muito bem – diz Elin em voz fraca.

– A Laure empurrou a outra mulher contra uma porta de vidro, o vidro partiu-se e a queixosa ficou com alguns cortes e nódoas negras. – Berndt hesita. – A Laure teve sorte. Apesar de ter precisado de tratamento hospitalar, a amiga retirou a queixa.

– Eu…

Porém, antes de conseguir dizer mais alguma coisa, ele continua:

– Também encontrei algumas respostas para as nossas perguntas pendentes. Provavelmente não são as notícias que gostaria de ouvir. Em relação aos registos telefónicos, o primeiro telemóvel, como seria de esperar, não mostra nada de invulgar: telefonemas para amigos, familiares e para o seu irmão. No segundo telemóvel só há chamadas para o que parece ser um telemóvel pré-pago. Não conseguimos identificar o recetor.

– Está bem – responde Elin. – Se for possível, gostava de ver os registos.

Após uma breve hesitação, ele acede com um murmúrio.

E agora tem de lhe contar o que aconteceu a Laure. Tem de proferir as palavras em voz alta. *Diz-lhe. Diz-lhe*.

– Obrigada pela informação, mas tenho de o informar de que… – Pigarreia e reorganiza mentalmente as palavras. – A Laure… está morta. Acabei de encontrar o corpo dela.

Ouve uma exclamação abafada do outro lado da linha.

– Eu… desculpe, não estou a compreender…

– A Laure foi assassinada – esclarece Elin em tom mecânico, afastando os olhos do corpo torcido de Laure. Limpa as lágrimas com as costas da mão. – Parece ter sido a mesma pessoa que matou a Adele. Têm uma assinatura semelhante e… o assassino… tentou atacar-me também.

– Elin… – A voz de Berndt é baixa, urgente. – Antes de falarmos seja do que for, diga-me, por favor, está em segurança?

– Estou bem. Apareceu outra pessoa e o meu atacante fugiu.

– Tem a certeza? – O detetive tem a respiração acelerada.

– Tenho. – Elin olha para Will e enfia a mão na dele. – Estou acompanhada neste momento.

– Não está ferida?

– Não.

Berndt solta a respiração.

– Ótimo. – Faz uma breve pausa. – Elin, consegue explicar-me o que sucedeu? O que aconteceu exatamente antes de ter encontrado o corpo e quando foi atacada?

Ouve em silêncio enquanto Elin lhe relata os pormenores.

– E não se lembra de nada sobre o atacante?

– Não. – Fecha os olhos por um instante. – Porque tinha a máscara. Tudo o que sei é que era uma pessoa forte. Suficientemente forte para me segurar com facilidade… – Tem a voz a tremer. – Desculpe, foi tudo tão rápido.

– Não faz mal. Se se lembrar de mais alguma coisa, comunique-me

imediatamente. – Ouve-o mexer em papéis, vozes murmuradas. – Elin, a prioridade neste momento é manter a segurança de todos aí: a sua, a dos funcionários e a dos restantes hóspedes. Depois de tirar as fotografias, por favor, permaneça num local seguro.

– Assim farei. E já faz alguma ideia de quando conseguirão mandar alguém? – A sua voz parece atrapalhada, assustada. – É evidente que há limites para aquilo que consigo fazer sozinha. A minha preocupação neste momento, tendo em conta a premeditação envolvida nos dois assassínios, é que isto não esteja acabado. Se for um assassino em série…

– Compreendo – interrompe Berndt, com uma entoação na voz que ela ainda não lhe tinha ouvido. – Oiça, Elin, por causa do tempo, ainda não posso confirmar nada. Deixe-me falar com a equipa e volto a contactá-la assim que puder.

– Muito bem. – Aperta o telemóvel e não consegue disfarçar o tom de frustração.

Com certeza que podem fazer mais qualquer coisa? Será que não há mesmo maneira nenhuma de chegarem cá acima?

Quando se despedem, ouve mais uma vez aquele tom curioso na voz de Berndt. Desta vez, é mais óbvio e consegue identificar de que se trata: *medo.* Medo contido.

O que é perturbador. Saberá Berndt de algo que ela desconhece? Talvez não haja mesmo nenhuma maneira de as autoridades ali chegarem e as palavras tranquilizadoras do inspetor sejam apenas isso: uma forma de a manter calma.

Liga de novo a câmara do telemóvel e afasta esse pensamento da cabeça.

Concentra-te. O importante é a Laure. Mais nada.

Desta vez, foca-se em fotografar o sangue que ensopa as roupas de Laure. Começa pela camisola e desce até às calças de ganga. Aqui, as manchas estão menos concentradas – essencialmente o que escorreu da camisola, em especial na zona dos bolsos.

É então que vê um pequeno volume no bolso das calças de Laure, sobre a coxa.

Um isqueiro?

Tira um par de luvas da mala e calça-as. Coloca-se do lado direito de Laure, enfia cuidadosamente os dedos no bolso e tira o objeto.

– Will?

Ele vira-se.

– Olha, encontrei uma coisa. – Mostra-lhe.

– Um isqueiro?

– É o que parece. – Elin revira-o entre os dedos e lembra-se de ver Laure naquela noite, por baixo do quarto deles, a fumar e a falar ao telefone, sem fazer ideia de que estava apenas a uns dias *disto*.

Will olha melhor e semicerra os olhos.

– É um bocadinho grande para um isqueiro, não é? – Franze a testa. – Os antigos são grandes, mas de outro feitio. Mais quadrados. Normalmente não se vê isqueiros como esse. – Hesita. – Experimenta-o lá.

Elin tenta acendê-lo e sustém a respiração ao ver uma pequena tampa de metal abrir-se na parte superior, em vez de produzir uma chama.

– Um cartão de memória – diz Will.

Elin não consegue controlar o tremor nas mãos. Não acredita que o assassino tivesse intenção de deixar isto no corpo. Ou não sabia que lá estava, ou – e esta parece-lhe ser a opção mais provável – só se apercebeu ou lembrou quando era tarde de mais.

Talvez tenha sido isto que fez com que se atrasasse a chegar à *penthouse*. É possível que o assassino só tenha percebido que Laure tinha o cartão de memória consigo *depois* de ter colocado o corpo dela no elevador. E voltou atrás, mas o elevador já subira.

Seja como for, esse fora o seu segundo erro. *Isto*.

60

– Acha que foi… recente? – A voz de Cécile falha e, tal como Will antes dela, lança uma olhadela involuntária na direção do elevador, para o corpo de Laure, com a máscara de borracha escura torcida sobre o rosto. Embora todos tentem evitá-lo, a boca aberta do elevador insiste em atrair os seus olhares.

– Sim. Depois de examinar o corpo, eu diria que ela foi morta esta manhã. Não sou especialista, mas penso que é um bom palpite.

Os olhos de Cécile estão vidrados, molhados de lágrimas.

– Desculpe. – Tira um lenço do bolso e limpa-os. – Depois do que aconteceu à Adele, eu sabia que havia a possibilidade de voltar a acontecer, mas mesmo assim é difícil.

Elin pousa a mão sobre a dela.

– Eu sei.

– E não tem mesmo ideia nenhuma de quem está a fazer isto?

– Agora já não. – Elin agita-se no sofá. O movimento lança uma pontada de dor pelas suas costas magoadas pelo embate no chão depois de o assassino a ter empurrado. A sua única pista é o cartão de memória, mas não quer falar dele a Lucas ou Cécile antes de ter tido oportunidade de o analisar.

Nesta fase, como ainda não interrogou ninguém em relação aos seus álibis, todos são suspeitos, incluindo eles.

Olha para Lucas, a alguns metros delas. Está na zona da cozinha, a falar ao telefone com ar concentrado. Tem o cabelo preso num carrapito solto na nuca. Pela primeira vez, Elin consegue ver-lhe claramente o rosto e a expressão.

E não gosta daquilo com que se depara. Tem um ar fechado. Opaco.

Como se tivesse sentido o olhar dela sobre si, Lucas levanta o rosto, mas não dá qualquer sinal de reconhecimento, continuando a falar ao telefone.

Cécile aperta os braços à volta do corpo.

– Tem de ser alguém que está aqui, não é? – A sua voz é tensa. – Tem de voltar a questionar toda a gente. Os funcionários, os hóspedes. Confirmar se têm álibis para esta manhã.

– Claro – responde Elin em tom calmo. – E a Cécile tem de me dar também informações sobre o seu paradeiro.

As palavras ficam uns instantes suspensas no ar, sem resposta, antes de Cécile voltar a falar.

– Não há problema – declara em tom seco. – Não é nada de muito interessante. Estive sozinha no meu quarto e a seguir com um dos funcionários…

– Os detalhes ficam para depois. Primeiro tenho de lhe perguntar pelas filmagens. Há alguma câmara no corredor para o elevador?

– Não – diz Cécile. – Costuma haver, mas avariou-se.

– A câmara?

– O sistema todo. A noite passada. Estamos a tentar arranjar alguém que consiga resolver o problema remotamente, mas passa-se qualquer coisa com o *software*. Parece que está corrompido. O técnico externo diz que pode demorar vários dias a arranjar. – As suas feições ficam tensas. – Quando soube pensei que fosse apenas uma avaria normal, mas agora…

Elin absorve as palavras e um peso instala-se no seu peito.

Foi o assassino que fez isto.

Desligou o sistema de vídeo, a única coisa que ela podia usar para o tentar identificar. Sem as câmaras, Elin está às cegas.

Abre a boca para falar, mas vê que Lucas se aproxima delas. Tem o telemóvel na mão e uma expressão séria.

– É a polícia… Querem falar consigo.

Elin aceita o telemóvel e encosta-o ao ouvido.

– Sim?

É Berndt. A sua voz é abafada.

– Elin, uma atualização. Lamento muito, mas não vamos conseguir mandar ninguém ao hotel hoje. O *groupe d’intervention* acabou de receber notícias do piloto. A METAR foi atualizada e…

– METAR?

– A informação de radar para as próximas horas. A visibilidade é inferior a

cinquenta metros e a velocidade do vento está nos sessenta nós, com rajadas de oitenta e mais.

Como que na sua deixa, o vento uiva. Parece estar a empurrar o edifício, a abalar as suas fundações.

– Então não podem vir?

– Não – responde Berndt, algo atrapalhado. – Elin, não é uma opção, é contra os regulamentos. As condições são tão más que tiveram de mandar recolher as aeronaves ao hangar para evitar danos causados por objetos soltos. As coisas não estão nada agradáveis cá em baixo.

– E a estrada?

– A área em torno da avalanche ainda não está transitável. Temos pessoas a pé a trabalhar nisso, mas vai demorar alguns dias.

– E não há mesmo outra forma? – insiste ela, e a tensão empresta um tom seco às suas palavras.

Após uma breve pausa, Berndt responde, em tom embaraçado:

– Em segurança, não. O *groupe d'intervention* tem treino especial, mas não são guias de montanha qualificados. Na melhor das hipóteses, conseguiremos estar aí amanhã, a menos que as previsões meteorológicas se alterem.

– Então estamos por nossa conta. – Elin vacila. Mais uma vez, a insegurança apodera-se dela. *Não é capaz de fazer isto. Não vai conseguir*.

– Sim, infelizmente. – Após uma breve hesitação, Berndt volta a falar, em tom grave. – Elin, escute, por favor. Agora que houve outro assassínio, o protocolo que lhe aconselhámos é extremamente importante. Têm de ficar todos juntos. Sem exceções.

– Está bem. – A voz de Elin treme. Tem vontade de chorar, chorar a sério. *Não devia ter sido assim. Ela queria ter isto sob controlo*.

– Ligo-lhe quando souber mais sobre as condições do tempo. – Berndt pigarreia e, enquanto se despedem, os olhos de Elin viram-se de novo para o elevador, para Laure.

A realidade atinge-a como uma porta a fechar-se na sua cara.

Não virá ninguém. Nem agora, nem daqui a algumas horas.

Laure está morta e eles estão presos aqui – sem maneira de entrar ou sair, sem fazer ideia do que se seguirá.

Elin pensou várias vezes sobre uma situação do género, sobre os riscos de um crime numa localização remota. Como as pessoas estariam vulneráveis, os danos que seria possível causar num curto período de tempo. Recorda os ataques terroristas na Noruega em 2011. Anders Breivik, um violento fanático de extrema-direita, disparou sobre adolescentes reunidos na ilha de Utoya durante um acampamento anual de verão. Devido à localização remota da ilha, quando a polícia conseguiu lá chegar, sessenta e nove pessoas haviam sido massacradas.

Não consegue deixar de perguntar a si própria: *De que seria capaz este assassino se tivesse oportunidade?*

A voz de Lucas interrompe-lhe os pensamentos.

– Eh, olhe para isto.

Ergue os olhos e vê Lucas junto do elevador, agachado ao lado da caixa de vidro.

– O que é? – Elin aproxima-se dele, tensa, com receio de que ele toque acidentalmente em alguma coisa e comprometa as provas. – Por favor – pede –, não toque diretamente na caixa.

– Esta pulseira aqui… tem qualquer coisa escrito. É muito leve, mas parecem números. – Lucas vira a cabeça de lado. – Uma gravação. Como nas pulseiras ao pé do corpo da Adele.

Elin ajoelha-se ao lado dele.

– Esta – diz Lucas, e aponta para a pulseira da esquerda. – Olhe.

Ele tem razão.

Cinco algarismos gravados no metal, tão ao de leve que passariam despercebidos à primeira vista.

Elin observa-os com uma nova certeza.

Isto significa que os números são importantes, certo?

– Acha que são relevantes?

– Têm de ser. – Elin observa a pulseira seguinte.

Tem de fotografar os números, escrevê-los, compará-los com os que

encontrou nas três pulseiras junto do corpo de Adele.

Posiciona o telemóvel e está prestes a tirar uma foto quando, pelo canto do olho, se apercebe de um movimento: Lucas a olhar para Cécile.

Os dois irmãos trocam um olhar antes de Lucas baixar a cabeça, com uma expressão perturbada.

61

– De certeza que tens tudo? – Will empurra a porta que leva da *penthouse* às escadas.

– Penso que sim. – Elin hesita e lança um último olhar na direção do elevador e de Laure. – Acho que não há mais nada que eu possa fazer aqui.

Antes de saírem, tirara as últimas fotografias do local e da caixa de vidro com as pulseiras e certificara-se de que a eletricidade do elevador estava desligada, mas dera por si a demorar-se mais do que seria necessário.

Era instintivo: não queria deixar Laure ali sozinha, isolada.

Quando Will fecha a porta atrás deles, é novamente acometida pelo sentimento de culpa. Não consegue deixar de sentir que falhou a Laure, de alguma forma – que não viu algo essencial que poderia ter impedido isto.

– Mais logo ponho uma fita a isolar o local. A Cécile vai bloquear o acesso pelo corredor… – Elin para ao ver a expressão no rosto de Will. Está a olhar para ela, mas de forma distante, como se estivesse a pensar noutra coisa. – O que se passa?

– O que achas daqueles dois? O Lucas e a Cécile? – Baixa a voz. – Há uma vibração estranha entre eles.

– Como assim?

– Não sei. Se calhar é a minha imaginação, mas quando estavam a falar um com o outro… parecia forçado. – Começa a descer os degraus, com a mão no corrimão metálico. – Deve ser estranho, dois irmãos a trabalharem juntos…

Não tem oportunidade de concluir a frase.

Elin ouve vozes. As paredes de betão das escadas funcionam como câmara de eco, canalizando o som de tal forma que é impossível perceber exatamente de onde vem: pode ser dois pisos mais abaixo, ou quatro.

Espreita sobre o corrimão. As escadas estão escuras e os degraus de cimento salpicados de sombras. Vê duas pessoas de pé mesmo ao fundo das escadas. Só consegue ver-lhes a cabeça, mas reconhece-os imediatamente.

Paralisada, um arrepio percorre-lhe a espinha. *Lucas e Cécile*. Já saíram da

penthouse há mais de vinte minutos. *Terão estado aqui este tempo todo?*

Movendo-se rapidamente, faz sinal a Will, com um dedo encostado aos lábios. Afasta-se do corrimão e encosta-se à parede. Sem o som dos seus movimentos, as vozes de Lucas e Cécile são mais altas, mais nítidas.

Estão a falar em francês. Frases curtas e rápidas, incompreensíveis.

Ela vira-se para Will e baixa a voz.

– Falas francês melhor do que eu; o que é que eles estão a dizer?

– Há algum calão pelo meio – murmura ele –, mas a Cécile está a dizer-lhe que uma coisa qualquer é séria, e que ele devia contar, e que aquilo que aconteceu à Laure… não foi coincidência.

– E o Lucas?

– Não está contente… Disse: «Eles não têm a certeza de nada.»

O que é que ela não sabe? O que se passa entre estes dois?

Elin quase não respira.

«*Vous devez lui dire*.»

«Non, non. Je n'ai rien à faire, Cécile. Ne pas oublier, je ne suis pas l'un des équipes ici. Je suis le chef, votre patron.»

Elin está chocada com o tom de voz de Lucas. A entoação descontraída desapareceu. As palavras soam agressivas, dominantes. Olha para Will.

– A Cécile está a dizer outra vez que ele devia contar qualquer coisa a alguém, mas ele ficou irritado e recordou-a de que ele é que é o patrão…

Elin espreita de novo sobre o corrimão. Os Caron mudaram de posição e Lucas tem a mão no braço de Cécile.

Mais palavras irritadas. Duas, três frases.

Silêncio.

O som de passos quando eles se afastam.

Will olha para ela com expressão preocupada.

– A Cécile disse que, se ele não o fizesse, ela contaria a alguém.

– O quê?

– Não explicou. – Will solta a respiração. – O que pensas disto?

– Não sei. – Vê de novo a mão no braço de Cécile, o brilho furioso nos olhos

de Lucas. Precisa de tempo para pensar e organizar as coisas na sua cabeça.

Mas, antes disso, tem de fazer aquilo que mais teme: falar com Isaac e contar-lhe o que aconteceu a Laure.

– Vou falar com o Isaac a sós, se não te importas – diz, dando voz aos seus pensamentos.

– Claro que sim. – Will assente com um aceno. – Vou trabalhar um pouco.

Descem as escadas. No último degrau, Elin sente, no limiar dos sentidos, um vestígio de algo vago, indefinido, que desaparece antes que consiga identificá-lo.

62

– Mas disseste… Pensavas que… – Isaac procura as palavras, mas não as consegue encontrar. Tem o rosto inchado, corado, os olhos semicerrados. O eczema na pálpebra é agora de um vermelho-vivo, inflamado.

– Eu sei. Estava enganada. – Elin afasta um monte de roupa e senta-se na cama ao lado dele, penosamente consciente de como são insuficientes as suas palavras. Pousa a mala no chão.

Isaac aproxima-se mais. Elin consegue ver uma fina camada de suor na testa dele.

– E as imagens das câmaras? A Laure a empurrar-te para…

– Não sei. – Afasta uma madeixa de cabelo da testa, sente a pele húmida, peganhenta. *Porque tem tanto calor?* – Talvez estivesse a tentar assustar-me para eu me afastar. Por saber o que se passava, os perigos…

Ele abana a cabeça, o rosto perto do dela.

– E tu achavas que a Laure estava envolvida nisto. *Desconfiaste* dela. – Dobra o lenço que tem na mão e lança-lhe um olhar acusador. – Ela estava ansiosa por retomar a relação contigo, Elin. Sabes disso, certo? Nunca compreendeu porque se tinham afastado. Tentou escrever-te, ligar-te…

Elin recua, pouco à vontade, com um nó familiar de culpa no peito; desiludiu mais uma pessoa, *outra vez*.

– Isaac, eu estava em estado de choque. Estávamos todos.

Uma gota de suor desliza-lhe pelas costas. Levanta-se e vira-se para a lareira, que está acesa: as chamas alaranjadas lambem o vidro.

Porque é que ele acendeu a lareira quando já está tanto calor?

– Isso não é desculpa, Elin – insiste Isaac. – Ela era tua amiga. Abandonaste-a, tal como a mãe abandonou a Coralie.

Segue-se um silêncio pesado e constrangedor. Elin sabe de onde vem esta fúria – não é só por causa dela, mas também da situação, da impotência que Isaac sente. Ainda assim, não consegue deixar de responder:

– Ninguém abandonou ninguém. A vida… parou, naquele dia. Não foi só a

Laure. A mãe cortou relações com praticamente toda a gente.

– Não. – Isaac está a desfazer o lenço de papel entre os dedos. – A mãe não conseguia pensar em mais nada senão nela própria. No seu sofrimento. A dor dela era a maior, a mais importante. Não queria pensar em mais ninguém. – Fita-a nos olhos, calmamente.

Elin sente a implicação por detrás das palavras – Isaac está também a referir-se a ela, mas é mais fácil acusar apenas a mãe. Afinal, a mãe já não está aqui, não pode defender-se.

Terá razão?

Observa os flocos de neve que caem lá fora enquanto pensa nas palavras dele. Provavelmente. A dor da perda de Sam… engolira tudo à sua volta, e ela deixara. Alimentara a sensação. O que era compreensível quando tinha doze anos, mas não agora.

Isaac vira-se, com os ombros a tremer.

– O que a Laure deve ter passado… – A voz falha-lhe. – A culpa é minha. Devia tê-la procurado melhor. – Baixa a cabeça, derrotado.

Elin olha para ele. Não sabe porquê, mas o facto de ele não conseguir continuar zangado com ela, de não insistir na discussão, deixa-lhe um nó na garganta. Dá um passo em direção a ele e estende o braço, mas a ação parece enferrujada, esquecida. Fica um instante com a mão no ar e volta a baixá-la.

Sabe que as palavras de nada servirão e, pior ainda, que isto é apenas o princípio. A dor… é como uma série de bombas a explodir, uma após outra. A cada hora, uma detonação. Choque após choque após choque.

– Isaac, não podias ter feito nada. Quem quer que esta pessoa seja… é inteligente. Está um passo à nossa frente.

Fica com a sensação de que ele nem sequer a ouviu; os olhos do irmão fitam a neve que cai lá fora. Em silêncio, ele limpa os olhos com a mão. Estão injetados de sangue.

Elin hesita, sem saber o que fazer a seguir. Isaac precisa de tempo. Tempo para processar o sucedido sem ter de falar ou analisar.

– Ouve, vou deixar-te. – Levanta-se. – Vou examinar o cartão de memória.

Venho ver como estás mais logo, está bem?

Ele não responde.

Enquanto se dirige à porta, um ligeiro movimento chama-lhe a atenção – algo na lareira, entre as chamas por trás do vidro. Para e olha melhor. Não é madeira, e sim algo mais fino, a encaracolar-se sobre si próprio. *Papel?*

– O que é aquilo? – pergunta em tom ligeiro, apontando.

– O quê? – Ele ergue o olhar.

– Na lareira. Parece papel. – Desta vez, tem a certeza de que consegue ver uma imagem: formas e não palavras. Silhuetas, talvez.

Uma foto?

– Apenas alguns recibos – diz ele apressadamente. – Lixo que tinha na mala. – Não olha para ela.

Quando Elin estende a mão para a porta da lareira, as chamas elevam-se, numa súbita tentativa de procurar a liberdade. A imagem, se alguma vez lá esteve, desapareceu. Fechada sobre si própria, como um punho de cinzas.

Elin sabe que provavelmente não é nada, mas a dúvida permanece.

Uma dúvida que está relacionada com outra imagem que nunca lhe saiu da cabeça – Isaac, de mãos estendidas, com os dedos sujos de sangue.

63

Quando Elin regressa ao quarto, Will não está lá.

Não tinha dito que ia trabalhar? Olha para o telemóvel e vê que tem uma mensagem: FUI COMER.

Elin sorri. Will precisa constantemente de se reabastecer enquanto trabalha. Quando fica a dormir no apartamento dela e traz trabalho para fazer, Elin prepara-lhe sempre uma ceia – ovos mexidos ou papas de aveia. Queijo e bolachas.

Responde-lhe: ESTÁ BEM. ESTOU NO QUARTO. ATÉ JÁ.

Pega na mala, calça as luvas e tira o cartão de memória do saco onde o guardou. Quando o liga ao computador, uma pequena janela surge no ecrã: *Abrir disco F*.

Clica. O conteúdo da *drive* portátil enche o ecrã: vinte, talvez trinta documentos individuais. Os nomes dos ficheiros são todos iguais, à exceção do último dígito.

Abre o primeiro. Um documento. É uma digitalização; o papel está ligeiramente amarelecido nos cantos, as palavras escritas por uma máquina de escrever ao invés de uma impressora.

Os seus olhos procuram o título no cimo da página: GOTTERDORF KLINIK. À esquerda, uma data: 1923.

Por baixo, uma tabela com várias linhas. *Namen*, *Geburtsdatum*, *Krankengeschichte*.

Consegue deduzir o que significam os primeiros dois títulos – «Nome», «Data de nascimento» –, mas o terceiro está para além do seu alcance. Noutra janela, abre o Google Tradutor e introduz a palavra. «Historial médico» é o resultado.

O seu instinto inicial está certo – é um ficheiro médico.

No entanto, há um problema: além dos títulos, o resto do documento está censurado. A palavra surge mesmo em cima de uma caixa de texto negra: CENSURADO.

Tenta outro documento: a mesma coisa. CENSURADO.

O padrão continua a repetir-se. Frustrada, Elin percebe que nenhum dos ficheiros contém qualquer informação concreta – não há indicação de a quem se referem, qual o seu conteúdo. Depois olha para o canto superior direito do documento, por baixo de onde estaria o nome do paciente. *ID Nr.* Ao lado, um número. Não censurado. Como é que não reparara nisso antes?

O seu coração começa a bater um pouco mais depressa. O número é semelhante aos que se encontram nas pulseiras deixadas junto dos corpos.

Um número composto por cinco algarismos.

Levanta-se de um salto e procura o bloco dentro da mala. Folheia até à página onde escreveu os números das pulseiras encontradas junto do corpo de Adele. Procura no telemóvel as imagens das pulseiras deixadas ao lado de Laure. Nenhum dos números das fotografias coincide, portanto, volta-se novamente para o bloco.

Quatro linhas mais abaixo, encontra-o: 87534.

Elin olha para o número até os dígitos começarem a ficar desfocados, tentando compreender o que vê. Este ficheiro, a pulseira, estão ligados. Isso significa que, de alguma forma, a clínica está ligada aos assassínios.

Mas como?

Abre outra janela e procura o nome no Google. O *website* da clínica é o primeiro resultado. A frase por cima do *link* está em alemão: *Die Klinik Gotterdorf beschäftigt sich mit der Diagnose, Behandlung und Erforschung psychiatrischer Erkrankungen*. Apesar de não saber nada de alemão, Elin consegue perceber que se tratará provavelmente de uma instituição psiquiátrica.

Mas onde fica?

Abre a página de contactos. A morada da clínica indica que esta se situa em Berlim.

Regressa à página inicial e, vendo vários parágrafos de texto, copia-os para o Google Tradutor.

«Investigamos as causas de perturbações psiquiátricas para

desenvolver terapias melhores e personalizadas, bem como abordagens preventivas. A clínica atual, que se concentra no tratamento da doença mental, descende do hospital fundado em 1872.

Confirmação imediata: a clínica era, e ainda é, uma instituição psiquiátrica.

Por que razão Laure teria ficheiros censurados de uma clínica psiquiátrica alemã?

Elin sabe que só há uma forma de descobrir. Procura os contactos da clínica, pega no telemóvel e marca o número indicado. Toca poucas vezes antes de uma voz feminina atender:

– *Guten Tag, Gotterdorf Klinik*. – O tom é formal, profissional.

Elin amaldiçoa mais uma vez a sua falta de jeito para línguas. Sempre foi o seu ponto fraco. Estudou francês e alemão na escola secundária, consegue ler bastante bem, mas não é capaz de dizer mais do que algumas palavras.

– Fala inglês?

– Com certeza. – A mulher muda facilmente de idioma. – Em que posso ajudá-la?

– Chamo-me Elin Warner e sou agente da polícia no Reino Unido. Estou a trabalhar num caso e encontrei alguns documentos censurados que parecem ser da vossa clínica, datados da década de 1920. Gostaria de saber como posso obter mais informações sobre os mesmos.

Uma longa pausa.

– Lamento muito. Gostava de poder ajudar, mas todos os pedidos de informações têm de ser feitos pelos canais oficiais. Como deve compreender, a confidencialidade dos pacientes impede-nos de partilhar qualquer informação.

Elin estava à espera dessa resposta.

– Compreendo, mas pode dar-me apenas uma ideia do que os documentos poderão conter?

– Um momento, por favor. – Elin ouve-a mexer em papéis, e o som de vozes murmuradas em fundo.

– Sim – diz a mulher por fim. – Não há problema em dar-lhe essa

informação. Para cada paciente, temos registos de tudo, desde os primeiros sinais da patologia e o diagnóstico inicial, até aos tratamentos hospitalares que possam ter recebido antes de serem internados. Depois de estarem na clínica, iniciamos os nossos próprios registos… medicação, tratamentos, a resposta dos pacientes.

Elin solta a respiração.

– Estes ficheiros que encontrámos, uma vez que são da década de 1920, estariam em papel ou em formato eletrónico?

– Ambos. Temos cópias eletrónicas de tudo o que está arquivado em papel.

Elin decide testar a sua sorte.

– Seria possível confirmar se ainda tem mesmo estes ficheiros em papel? Tenho aqui aquilo que presumo que seja um número de paciente. – Mantém um tom neutro. – Não preciso de informação nenhuma quanto ao conteúdo, apenas de confirmação de que pertencem à clínica e são autênticos.

Uma hesitação, e depois:

– Muito bem. Qual é o número?

Elin abre o ficheiro no ecrã e soletra:

– LL87534.

– Obrigada. Aguarde um momento, por favor. Vou ver se o consigo encontrar.

Ouve os dedos da mulher no teclado.

Depois uma leve exclamação abafada.

Elin fica tensa. *Encontrou alguma coisa*.

Passam alguns segundos antes de a mulher voltar a falar.

– Há um ficheiro com o número que me deu, mas lamento muito, foi… – gagueja um pouco – … removido.

64

– O ficheiro desapareceu? – pergunta Elin, sem conseguir disfarçar a surpresa.

– Sim, mas estou certa de que se trata apenas de um engano. – A mulher pigarreia. – Lamento não poder ajudar.

Um estalido.

Desligou, mas não antes de Elin conseguir detetar o tom de alarme na sua voz. Aperta o telemóvel na mão.

Isto não é coincidência.

O que quer que conste destes ficheiros, é claramente importante o suficiente para que alguém se dê ao trabalho de garantir que a informação não cai nas mãos erradas.

Mas o que será? E como é que Laure conseguiu obtê-los?

Elin pressiona as têmporas com as pontas dos dedos. Como quer que olhe para a situação, tudo regressa sempre ao mesmo: está em desequilíbrio, a debater-se com as respostas às perguntas que nem sequer tem a certeza de serem as certas.

Sabe que não ajuda nada o facto de estar sozinha, sem ter ninguém com quem discutir as suas ideias. Falar ao telefone com Berndt não é a mesma coisa. Com a sua equipa, há uma química e familiaridade capazes de originar uma faísca de brilhantismo investigativo que é, muitas vezes, a chave para resolver um caso. Uma simples pergunta ou observação de outro membro da equipa pode desencadear um fio de raciocínio que faça o caso seguir um rumo totalmente novo.

Pega no telemóvel e procura o *e-mail* que Berndt lhe enviou com os registos dos telemóveis de Laure. Abre-o e estuda o ecrã. Laure ligava mais ou mesmo para os mesmos números de forma regular: Isaac, a mãe, a irmã, o primo, várias outras pessoas identificadas como amigos. Não há nenhum padrão invulgar nas chamadas nos dias antes do seu desaparecimento.

O outro documento contém os registos do segundo telemóvel de Laure, mas

pouco tempo depois de o abrir, Elin pousa o telemóvel, frustrada. O padrão de chamadas é interessante – grupos de telefonemas para o mesmo número nas últimas semanas, incluindo um que é provavelmente aquele que Elin ouviu no dia da sua chegada, mas de nada adianta. Se não há forma de identificar a quem pertence o número para onde ela ligava, não pode fazer mais nada.

Puxa o bloco de notas para si e relê as breves declarações que obteve de funcionários e hóspedes depois do assassínio de Adele.

Ter-lhe-á escapado alguma coisa essencial? Algum outro elo de ligação entre uma das pessoas com quem falou e Laure ou Adele?

Porém, ao reler os seus apontamentos, mais uma vez tem a noção de que não há nada que levante suspeitas nas declarações de todos os entrevistados. Os seus álibis batem certo, não há qualquer referência ou acontecimento digno de nota antes da morte de Adele.

Só pode basear-se nas deduções que fez até aqui. Tem de escrever o que sabe, organizar as ideias. Começa pelos crimes:

- Duas vítimas do sexo feminino, ambas funcionárias do hotel, aproximadamente da mesma idade.

Depois faz uma lista de tudo o que descobriu sobre Laure e Adele, começando pela primeira:

- Desconhecem-se problemas com amigos, familiares, ex-namorados. Atualmente solteira. (NÃO HÁ MOTIVO ÓBVIO.)
- Desconhecem-se problemas no trabalho, tirando o desentendimento com Laure (Axel ouviu-as discutir, Felisa confirma que havia problemas entre elas).

Revê tudo o que sabe sobre Laure. É uma lista mais longa:

- A discussão ao telefone na primeira noite (possivelmente para o número

desconhecido).

• O segundo telemóvel de Laure – a quem pertence o número pré-pago para quem ligava?

• A relação de Laure com Lucas. Mais especificamente, as cartas que lhe enviou e as fotografias que tinha dele. Teria a relação recomeçado recentemente?

• Os *e-mails* para a jornalista relativos aos alegados subornos e corrupção no hotel.

• Discussão dela com Adele.

A seguir, passa para os crimes propriamente ditos:

• Ambas as vítimas foram provavelmente sedadas antes de serem mortas.

• Métodos diferentes (afogamento/ferida de faca no pescoço), mas os corpos refletem a mesma assinatura.

Morde a ponta da caneta e olha para o que escreveu. Os seus olhos regressam sempre a uma palavra: *assinatura*.

Tem de pensar sobre isto, dissecar o assunto. Nem todos os crimes têm uma assinatura, mas, quando a têm, é nela que se encontra o significado: é a marca pessoal do assassino. Não é essencial – ou seja, não é algo que seja necessário para cometer o crime –, pelo que o seu único objetivo é satisfazer as necessidades emocionais ou psicológicas do assassino. É algo proveniente da sua psique, que pode refletir, por exemplo, uma fantasia que albergasse em relação às vítimas. O elemento-chave de uma assinatura é sempre o mesmo: um padrão, porque deriva de fantasias ou desejos que se desenvolveram ao longo de anos, muito antes do primeiro assassínio.

Então, o que lhe diz esta assinatura?

Identifica os quatro principais elementos e escreve-os:

• Caixa expositora de vidro.

• Remoção de dedos (e sua colocação na caixa).

• Pulseira em volta dos dedos.

• Máscara no rosto da vítima. (O criminoso também usa a mesma máscara.) Esta máscara era aparentemente usada no sanatório para tratamento da tuberculose.

Elin olha para o que escreveu, deixando a mente vaguear sobre as palavras e, de súbito, há um pensamento que solidifica.

Um sobressalto: *E se estiver a concentrar-se na coisa errada?* E se está tão focada nas relações pessoais, na dinâmica entre as pessoas, que lhe escapou algo essencial?

O elemento médico.

Se colocar os ficheiros em contexto com a assinatura – a máscara, as amputações, a utilização da caixa de vidro –, parece óbvio.

Uma vaga de adrenalina percorre-lhe as veias. Tem vontade de bater com a cabeça na parede. É isso, não é? A parte que lhe estava a escapar.

Isto não tem nada a ver com o hotel. Está relacionado com aquilo passado, com o que o hotel era antes.

O sanatório.

65

Ainda de olhos postos no bloco de notas, Elin não ouve a porta a abrir-se e Will a aproximar-se por trás dela.

Ele pousa-lhe a mão no ombro e aperta.

– Olá. Não viste a minha mensagem?

– Eu respondi, não respondi?

– Não é essa. Mandei outra sobre o tempo.

– Estava completamente distraída, desculpa. – Inclina a cabeça para ele e beija-o. – O que se passa?

– Estive a ver as notícias na televisão com alguns dos funcionários. O nevão… parece que vai piorar nas próximas horas. O risco de avalanches é enorme.

Elin olha lá para fora. Continua a nevar de forma incessante. É mais do que um nevão – é uma tempestade. Os bancos de neve em torno da janela parecem crescer de minuto para minuto. Sente o estômago contrair-se.

– Achas que pode haver outra avalanche aqui?

– Dizem que é possível – responde ele em tom ansioso. – Com esta quantidade de neve num espaço de tempo tão curto… – Encosta-se à secretária. – Como correu a conversa com o Isaac?

– Nada bem. Primeiro culpou-me a mim, depois a si próprio… – Olha para o bloco. As palavras na página parecem de novo desfocadas. Esfrega os olhos. Estão doridos, ardem-lhe. – Importas-te de ir ver como ele está, daqui a pouco? Talvez seja melhor se for outra pessoa e não eu.

Will observa-a atentamente.

– E tu? Já comeste ou bebeste alguma coisa desde que voltaste para o quarto?

Elin abana o pé debaixo da secretária.

– Não, estava a pensar ir fazer isso depois de falar com o Isaac e, entretanto, distraí-me. Não tive tempo.

Will suspira e passa a mão pela nuca.

– Ouve, sei que estás determinada a trabalhar nisto, mas tens de cuidar de ti.

O que aconteceu lá em cima…

Elin vê o seu ar preocupado e assente com um aceno.

– Chá?

– Não, obrigada.

– Café? – Will ergue uma sobrancelha e Elin vê-lhe o brilho determinado no olhar. É obstinado nestas coisas. Não cede. É por isso que todos os edifícios que desenhou foram premiados. Consegue ficar sentado durante horas, debruçado sobre um elemento particular do *design*, até estar exatamente certo.

– Pode ser, obrigada. – Força um sorriso.

Will dirige-se à máquina de café e põe uma chávena no suporte.

– Então o que estás a fazer agora?

– A inspecionar o cartão de memória que encontrámos na Laure.

Ele liga a máquina e levanta a voz para se fazer ouvir acima do barulho da água a aquecer.

– E o que encontraste?

– Alguns ficheiros de uma clínica psiquiátrica na Alemanha, de 1920 e tal.

– Sobre o quê? – A água está a ferver e o café começa a sair com um ronco baixo.

– Isso é o mais interessante. – Vê o fio irregular de café a encher a chávena. – Toda a informação está rasurada, censurada. Nomes, historial médico, tratamentos. Tudo.

Will franze a testa e coloca-lhe o café à frente.

– Porque é que a Laure tinha isso?

– Não sei. Liguei para a clínica, para tentar descobrir o que estaria nos documentos. E isso é o mais interessante. Todos os ficheiros foram apagados. A mulher com quem falei desligou o mais depressa que conseguiu. Parecia preocupada.

– Então não é coincidência? – pergunta Will.

– Não me parece. – Bebe um gole de café. Ele tem razão; estava a precisar de alguma coisa. O líquido quente e amargo dissipa-lhe o nevoeiro mental.

– Já falaste com o Berndt sobre os ficheiros?

– Ainda nem sequer lhe falei do cartão de memória. Ia falar, mas… – Cala-se, ao perceber que está prestes a dar uma desculpa esfarrapada. Na verdade, não tencionava dizer nada ao inspetor. Queria seguir ela própria a pista, liderar, agir. – E agora acho que não posso dizer-lhe nada a esse respeito. Se ele souber que liguei para a clínica sem falar com eles primeiro…

Will franze a testa.

– Achas que te impedia de continuares com a investigação?

– É possível. Tudo tem de seguir o protocolo correto. Só me autorizaram a fazer uma investigação básica. – Hesita. – Francamente, acho que não posso estar a confirmar com eles cada coisinha que faço. Não temos tempo para isso.

– E não tens outra maneira de descobrir o que consta dos ficheiros?

– Não, mas encontrei outro facto interessante. – Aponta para o número de paciente no ecrã. – O ficheiro tem um número, uma das únicas coisas que não estão rasuradas.

– Um número de paciente?

– Sim. E corresponde ao número de uma das pulseiras na caixa de vidro colocada junto ao corpo da Adele.

– Então esses ficheiros… – ele ergue uma sobrancelha – … estão relacionados com as mortes?

– Sim. – Não consegue disfarçar o tom entusiasmado. – Acho que nos dizem alguma coisa. Que unem tudo.

– Mas se não sabes o que significam…

– Não interessa. O que interessa é que sabemos que estão relacionados com as mortes e sabemos o que são.

Ele franze a testa.

– Não estou a perceber.

– O facto de serem ficheiros médicos tem de ser importante. Até agora, tenho estado a pensar apenas em termos do hotel, das relações entre as pessoas aqui, como potencial motivo para os assassínios; mas acho que estava enganada. Não me parece que isto tenha a ver com o hotel. Acho que tem a ver com o que o hotel *foi*.

– O sanatório? – Will puxa uma cadeira. Conseguiu captar-lhe o interesse.

– Sim. Pensa na forma como os assassínios foram encenados. Os adereços: a máscara, os expositores de vidro, as pulseiras… É como se o assassino estivesse a tentar chamar a nossa atenção para alguma coisa. – Aponta de novo para o ecrã. – É o passado do hotel, não é? O seu passado *clínico*, enquanto sanatório. Estes ficheiros médicos, as datas, estabelecem essa ligação.

– Faz sentido – diz Will cautelosamente. – Mas onde é que isso te leva agora?

– Tenho de verificar todos os álibis. Ver se há alguma inconsistência. Não posso verificar as imagens das câmaras de segurança porque o sistema está em baixo.

– E se os álibis baterem todos certo? Ainda não tens mais nenhuma pista concreta.

Elin bebe um grande gole de café.

– Tenho estado a pensar nisso. A Laure deve ter ido buscar estes ficheiros a algum lado, não é?

– Aqui no hotel?

– A sala de arquivo. É o único sítio do hotel que não foi modernizado. Se isto tem a ver com o passado do hotel, acho que temos de ir dar-lhe mais uma vista de olhos.

66

Cécile já está à porta da sala de arquivo quando Elin chega. Parece tensa e as olheiras sob os seus olhos são agora mais fundas.

Ainda veste o uniforme, mas o efeito é provavelmente o oposto do que pretende. Em vez de dar a impressão de que o hotel continua a funcionar de forma normal, a formalidade moderna e casual das roupas parece algo irónica, e a placa do nome torta é um toque final macabro.

– Tem a certeza de que não há problema?

Cécile confirma com um breve aceno.

– Se acha que pode ajudar.

– Creio que não temos outra opção. É a nossa única pista. – É verdade, pensa. Já falou com toda a gente sobre o seu paradeiro na noite anterior e esta manhã. Mais uma vez, os álibis são sólidos ou impossíveis de confirmar. Quando uma pessoa afirma que estava sozinha no quarto, ela não tem maneira de provar se está a dizer a verdade ou não.

Incomoda-a o facto de estar tão limitada, mas sem a sua equipa, sem um sistema de videovigilância, sem nenhum dos habituais métodos de verificação de inconsistências, não pode fazer mais nada. Chegou ao limite das suas capacidades.

– Muito bem. – A voz de Cécile é seca, profissional, mas Elin apercebe-se da tensão. Ela encosta o cartão de acesso ao leitor, a porta abre-se com um estalido e Elin entra na sala atrás dela.

O cheiro é o mesmo que recorda da primeira visita: aquele odor bafiento específico do papel velho e da poeira acumulada. Mais uma vez, o amontado de objetos impressiona-a: pilhas de caixas em cima de caixas. Garrafas e frascos sujos. Uma máquina de microfichas antiga. Armários de arquivo cheios de papéis.

Porém, apesar da confusão e do caos, não consegue deixar de pensar que há algo subtilmente diferente ali.

Cécile está a olhar para ela.

– Passa-se alguma coisa?

– Não sei. Acha que pode ter estado aqui alguém recentemente?

– Duvido. Esta divisão não é usada.

– A Laure disse-me. Contou-me que ao princípio tinham planeado transformá-la numa exposição sobre o hotel. Um arquivo.

– Sim. A Laure até já tinha começado a organizar as coisas com o arquivista antes de o projeto ser cancelado.

– E porque foi cancelado?

Cécile faz uma pausa, como se estivesse a debater-se com a resposta.

– O Lucas não tinha a certeza se resultaria – diz, por fim. – Acabou por decidir que não encaixava com o resto e que os hóspedes não gostariam de ver os pormenores gráficos do que acontecera aqui.

– Como assim, «gráficos»?

– Alguns dos tratamentos para a tuberculose eram muito primitivos, para dizer o mínimo. As pessoas julgavam que os pacientes vinham para aqui simplesmente pelo ar puro, que se sentavam nas varandas e terraços a apanhar sol, mas isso era apenas uma parte.

– Mas a Laure disse-me que o tratamento era essencialmente ambiental.

– Nem todo. – Cécile abre um sorriso tenso. – Um dos tratamentos era um pneumotórax… retração intencional do pulmão. Faziam-no introduzindo ar na cavidade pleural ou, de forma permanente, retirando parte das costelas. Alguns dos métodos eram ainda mais rudimentares. Num deles, usavam um martelo para forçar a retração do pulmão.

– Não sabia. – Elin não consegue deixar de o imaginar: a imagem é macabra e realista.

– Muitas pessoas não sabem – responde Cécile em tom calculado. – Nem sempre tinham êxito. Apesar dos tratamentos, morreram aqui muitas pessoas ao longo dos anos… Acho que o Lucas pensou que alguns hóspedes achariam isso desagradável.

– E a Cécile, concorda? – indaga Elin em tom seco. É irritante; não o que ela está a dizer, mas a forma *como* o diz. *O Lucas disse. O Lucas achou*. Ele está

sempre no centro de tudo. No controlo.

– Sim, acho que ele tem razão. Os hóspedes podem gostar da *ideia* de ficar num antigo sanatório, tirar fotografias para as redes sociais; mas os pormenores, aquilo que realmente aconteceu? – Cécile encolhe os ombros. – Não tenho tanta certeza.

– Então foi o Lucas que cancelou o projeto?

– Sim. – A sua expressão é inescrutável.

– E toda a gente faz sempre o que ele diz? – As palavras saem-lhe antes que as consiga conter.

Palavras estúpidas, porque claro que ele tem a última palavra. É o proprietário. As decisões importantes cabem-lhe a ele.

Cécile lança-lhe um olhar cortante.

– O que quer dizer com isso?

Censurando-se mentalmente, Elin decide que tem de lhe perguntar diretamente. *Não temos tempo para joguinhos*.

– Ouvi-vos a falar no corredor, quando descemos da *penthouse*. A Cécile estava a tentar persuadir o Lucas a contar qualquer coisa a alguém. – Hesita, com um estremecimento nervoso, e pergunta-se se estará a ir longe de mais. – E ele não parecia nada satisfeito.

Cécile fita-a em silêncio. Após alguns momentos, diz:

– Tem a ver com o corpo que foi encontrado na montanha. O corpo do Daniel.

67

– O Lucas tem um amigo que trabalha no CURML, o Centro Universitário de Medicina Forense, em Lausana. Foi para onde levaram os restos mortais do Daniel. De acordo com o que ele nos disse… parece haver semelhanças com os outros assassínios.

– Na forma como foi morto?

Cécile acena afirmativamente e empurra o tapete com a ponta do pé. Pequenas nuvens de poeira erguem-se no ar.

Enquanto a poeira se dissipa, Elin olha para baixo; um súbito sobressalto. *Ali está de novo:* a silhueta de um pensamento, de contornos indistintos, que se dissipa antes que consiga agarrá-lo.

– O Daniel foi… desmembrado. – O rosto de Cécile fica tenso. – Pior do que a Adele e a Laure, mas semelhante. O corpo foi parcialmente conservado pela neve, mas acham que não é recente.

Elin não responde, imersa nos seus pensamentos. Apesar de haver uma forte probabilidade de que isto esteja relacionado com o que aconteceu a Adele e Laure, há algo que a incomoda: este crime, ao que parece, teve lugar há vários anos, mais ou menos na altura em que Daniel desapareceu. Se estão relacionados, porquê uma delonga tão grande entre eles?

Olha para Cécile.

– Porque é que o Lucas não queria que eu soubesse disso?

– A resposta oficial seria que a informação ainda não foi tornada pública, mas para ser franca acho que ele está desorientado. Está a tentar conter a situação, o que é impossível. – O seu tom de voz é de frustração. – Isto já foi longe de mais.

– Contê-la? – repete Elin, incrédula.

– Sim. O que aconteceu aqui pode ser desastroso para ele, não só a nível profissional, mas também pessoal. Este lugar… é mais do que trabalho. Construir este hotel é o sonho dele desde que era criança. A sua doença, as estadas no hospital… foram o que lhe deu esta *motivação*.

– Os problemas cardíacos?

– Tal como lhe expliquei antes, houve várias operações, complicações, longos períodos de recuperação. O meu irmão não teve uma infância normal. Quando regressou à escola, passou um mau bocado.

– Foi vítima de *bullying*?

– Sim. Ele não tinha bom aspeto, percebe? – O seu tom é amargurado. – Era magro, fraco. Metade das crianças gozava com ele, a outra metade tinha pena dele.

– E isso marcou-o?

– Sim. Este lugar… ele nunca o disse, mas penso que pretende exorcizar esses fantasmas. Era o projeto impossível. Um sítio que toda a gente dizia que ninguém conseguiria ressuscitar. – Cécile encolhe os ombros. – Como ele. Ninguém sonhou que ele se tornaria naquilo que é.

– Tinha algo a provar – responde Elin, com um aceno compreensivo. – Passa-se o mesmo com o Isaac. Sempre teve necessidade de ser o melhor. Aquele que está por cima. – Franze a testa. – Provavelmente isso também deriva de alguma insegurança.

– Não me parece que seja exclusivo deles. Esse desejo de provar o seu valor, de ser alguém. – Sorri. – Sabe, li algures que a maioria dos homens quer construir um monumento a si próprio. O meu ex-marido fê-lo. Quando conheceu a nova mulher, mudou-se para a Austrália e construiu a sua própria casa no meio do nada. – Vira-se e indica o que a rodeia com um gesto largo. – E isto é a mesma coisa, não é? O monumento do Lucas. Um monumento gigantesco, belo, de vidro, uma bofetada na cara de todos os que afirmavam que ele não conseguiria.

Elin não responde, apanhada de surpresa pela força das emoções de Cécile, do seu sentimento de proteção. À luz destas novas informações, aquilo que viu nas escadas reveste-se de um outro significado. Não consegue evitar ver Lucas de um outro prisma. Um prisma mais favorável.

Contudo, algo está a incomodá-la na forma como Cécile fala sobre ele. A mesma sensação que tem quando examina os seus sentimentos por Isaac: parece

que, ao protegê-los, ambas estão também a desculpá-los, a arranjar explicações para o mau comportamento dos irmãos, quando se calhar não deviam fazê-lo.

– Penso que é por isso que ele está a tentar guardar a informação – continua Cécile, olhando em volta. – A ideia de que tudo isto possa fracassar… acho que não consegue sequer tolerá-la.

Elin pensa no que ela lhe disse e, embora o raciocínio faça sentido, não está completamente convencida. Mesmo que Lucas queira proteger o bom nome do hotel, com certeza que o seu primeiro instinto seria partilhar aquilo que sabe, não?

Tem de haver aqui mais qualquer coisa.

– Mas quando falámos antes, disse-me que ele e o Daniel eram muito próximos…

– Sim. – Ela pigarreia. – É por isso que se calhar devia falar com ele sobre o assunto.

– Está bem. – Elin compreende que Cécile está a pôr um ponto final na conversa. Até aqui, parecera-lhe aberta, franca.

Há aqui mais qualquer coisa.

– Mas ainda eram bons amigos, certo?

Uma hesitação. Cécile cora.

– Não – admite, por fim. – Não os descreveria como bons amigos. A relação, nos últimos anos, foi mais profissional do que outra coisa. A empresa do Daniel trabalhara em vários dos hotéis do Lucas.

– Mas *tinham* sido próximos?

– Em crianças, sim; no entanto, quando o Lucas adoeceu, isso… mudou. O Daniel aproximou-se mais do meu pai. Era um esquiador talentoso e os meus pais gostavam de o ver competir. Penso que o Lucas sempre achou que havia aí uma comparação implícita. E que ele não estava à altura. Foi uma daquelas coisas. À medida que cresceram, foram-se afastando.

– Mas a relação devia ter sido sólida o suficiente para quererem trabalhar juntos?

– Sim, mas para ser franca, acho que ambos se arrependeram.

– Como assim?

– Houve algumas discussões, nos meses antes de o Daniel desaparecer. A tensão sobre ambos era imensa… a oposição à construção, as queixas. – Franze o rosto. – Poucos dias antes de o Daniel desaparecer, ele e o Lucas tiveram uma grande altercação.

– Sobre o quê?

– Não sei. O Lucas nunca entrou em pormenores sobre o assunto.

Elin pensa no que ela lhe disse. Apesar da história por detrás, da sua empatia pelo sofrimento de Lucas em criança, seria estúpido ignorar que ele tinha um possível motivo, por mais ténue que fosse, não só para a morte de Laure, mas também para a de Daniel.

– Então o que queria procurar aqui? – Cécile muda de assunto. – Eu…

Ouvem bater à porta, uma vez, duas.

Cécile abre. Do outro lado está uma mulher de vinte e muitos anos. Veste um uniforme de empregada, com o cabelo claro torcido num carrapito largo, algumas madeixas caídas ao lado do rosto. Está ofegante.

– Desculpe – diz, e as palavras têm um forte sotaque francês. – Não quero incomodar, mas… – O lábio treme-lhe.

– Não faz mal, Sara. – Cécile aproxima-se e toca-lhe suavemente no braço.

Elin olha para ela, com um pressentimento horrível a apertar-lhe o peito.

Aconteceu alguma coisa.

– É só que… que… – Sara está corada, transtornada. – A Margot… não consigo encontrá-la. – Estava a fazer um esforço para se controlar, mas agora desata a chorar, com soluços profundos que lhe sacodem o peito. – Acho que ela está desaparecida. Não a vejo desde ontem à noite.

68

– Desaparecida? – repete Cécile, olhando de lado para Elin.

Sara assente com um breve aceno, ainda a chorar.

– Procurei em todo o lado. Não consigo encontrá-la. – Cruza e volta a cruzar as mãos. – Depois do que aconteceu…

Cécile suspira e sai para o corredor, com movimentos rígidos. Elin percebe que ela está a esforçar-se por manter o controlo.

– Sara, eu sei que é difícil, mas por favor diga-nos aquilo que sabe.

– Vou tentar. – Respira fundo e tenta controlar os soluços. – A Margot e eu partilhamos um quarto. Quando acordei esta manhã ela já lá não estava. Pensei imediatamente que havia algo errado, mas tentei convencer-me de que estava a imaginar coisas, que ela só se tinha levantado mais cedo. – Sara solta um suspiro trémulo. – Não tenho a certeza, mas o lado dela do quarto… parece que houve uma luta.

– Já perguntou por ela às outras pessoas?

– Sim, foi o que fiz esta manhã. Ninguém a viu. Não somos assim tantos; se ela andasse por aí alguém a teria visto.

– E o telemóvel dela? – pergunta Cécile.

– Não o encontro. E ela não está a atender.

– Mas há pessoas de guarda no corredor que leva aos quartos. – Cécile parece insegura, hesitante. – Ninguém podia entrar ou sair sem eles verem.

– Eu sei. – Uma sombra passa pelos olhos de Sara. – Mas ela desapareceu. Tenho a certeza. – O seu tom é agora agudo, à beira do pânico. – Procurei em todo o lado.

Elin está em silêncio, a absorver as palavras.

Mais uma, só pode ser.

Isto não lhe agrada. Tão pouco tempo depois de Laure… parece que está a tornar-se algo frenético, a descontrolar-se rapidamente.

Com o medo a apertar-lhe o estômago, olha para Sara.

– Temos de ir inspecionar o quarto. Já.

***

O quarto de Sara fica apenas três portas à frente do dela. A disposição é idêntica, mas com duas camas individuais em vez de uma cama de casal.

– Esta é a cama dela. – Sara aponta para a que está mais perto da porta.

Elin vira a cabeça nessa direção e troca um olhar com Cécile.

Sara tem razão – há provas claras de uma luta. Os lençóis cor de marfim, amachucados, foram arrancados da cama. Um copo de vidro está caído no chão, com uma pequena poça de água ao lado, bem como um livro – da *Livre de Poche,* dobrado na lombada.

É como se ela tivesse sido arrastada da cama.

– A culpa é minha. – Sara leva a mão ao lábio e puxa a pele seca. – Tenho dificuldade em dormir. Tomo comprimidos, durmo com tampões nos ouvidos e uma máscara nos olhos. Outra pessoa qualquer teria ouvido…

– A culpa não é sua – responde Elin, ainda a estudar o quarto. Os seus olhos encontram mais coisas perto da cama de Margot: um marcador de livros dobrado, a cerca de meio metro do lençol, uma mala caída. – Ainda não sabemos o que aconteceu.

Sara esfrega os olhos inchados.

– Mas isso não é exatamente verdade, pois não? – Fala agora de modo acusador. – Quem matou a Adele apanhou também a Margot, não foi?

Elin tenta manter um tom neutro.

– Tal como disse, não podemos partir desse princípio.

Mas mesmo aos seus ouvidos as palavras soam fracas. Ocas. Ao olhar para a cena que tem à sua frente, está bastante certa de que foi isso que sucedeu. Ou o assassino levou Margot durante a noite, antes de apanhar Laure, ou logo a seguir. Seja como for, as perspetivas não são boas.

Sara vira as costas, com os ombros a tremer.

– Sara, sei que é difícil, mas gostava que me relatasse os vossos movimentos ontem à noite, antes de se deitarem.

Sara respira fundo para se recompor e diz:

– Jantámos com os outros, na sala de jantar. Ficámos algum tempo sentadas a conversar. – Sorri debilmente. – É o que toda a gente quer fazer nesta altura. Falar. Beber. Ninguém quer ir para a cama.

– E depois? – insiste Elin.

– Subimos para o quarto. Eu vi um bocadinho de Netflix. A Margot estava a ler. – As palavras saem rapidamente e com um sotaque ainda forte. Elin tem de estar com muita atenção para a compreender. – Apagámos a luz por volta das onze e meia.

– E quando acordou era este o estado do quarto?

Sara faz que sim com a cabeça.

– Não toquei em nada. Vesti-me e desci logo, para ir procurá-la.

– E a que horas foi isso?

– Perto das dez. Hoje dormi até mais tarde.

Elin tenta fazer os cálculos mentalmente. *Dez*. Isso significa que é possível que Margot tenha sido raptada *depois* do incidente com Laure na *penthouse*. Uma pequena possibilidade, tendo em conta que haveria mais pessoas acordadas a essa hora, mas não impossível.

Contudo, a opção mais provável é que tenha sido raptada durante a noite. Mas há algo que não bate certo nessa teoria: esteve um funcionário de vigia ao corredor a noite toda.

Como é que o assassino podia ter passado por ele?

Elin abre a porta e percorre o corredor na direção do guarda. É jovem: o seu rosto ainda é rechonchudo e tem leves cicatrizes de acne no nariz e nas bochechas.

– Está tudo bem? – pergunta ele, mas o olhar nervoso que lança na direção do quarto de Sara contradiz a inocência da pergunta.

Ele sabe o que se passa. Sabe, e está assustado.

– Esteve aqui a noite toda?

– A maior parte da noite, sim. – Humedece os lábios. – Cheguei pouco depois das onze. Ninguém passou no corredor enquanto aqui estive. – Aponta para a garrafa metálica ao seu lado. – Este café é forte como combustível de

avião.

– Tem a certeza? Não ouviu nada?

– Nada. Só os hóspedes e funcionários a virem para os seus quartos.

Elin faz força com os dedos na palma da mão. *Pensa, Elin, pensa. Como é que o atacante podia ter entrado no quarto sem ser visto?*

Elin agradece e regressa ao quarto de Sara, e estuda de novo o espaço.

O que estará a passar-lhe despercebido?

O seu olhar pousa nas portadas da varanda.

Cuidadosamente, aproxima-se. Para em frente delas e baixa-se. Com a cabeça inclinada, observa o chão.

A sua pulsação acelera. Vê o fantasma leve e pouco nítido de uma pegada, onde a impressão da sola molhada secou, deixando um resíduo.

Endireita-se e examina a porta. Há pequenas marcas na madeira – as portadas foram forçadas.

Elin sente uma vaga de frustração. As precauções que tomaram para manter as pessoas em segurança facilitaram a vida ao assassino. Transferiram toda a gente para os pisos inferiores, o que fez com que fosse mais fácil trepar pelo exterior. E mais fácil fugir.

– Encontrou alguma coisa? – pergunta Cécile do outro lado do quarto.

Elin assente com um aceno seco.

– Acho que entrou por estas portadas.

Quando as abre, o ar gelado invade o quarto e, com ele, o assobio agudo do vento e uma saraivada de neve.

Tudo o que vê é branco; as árvores à distância estão cobertas de neve.

Ao inspecionar o terraço, Elin vê imediatamente que a neve foi espezinhada – está compactada numa camada irregular. Embora tenha caído neve fresca em cima, que começou já a preencher algumas das reentrâncias, ainda consegue descortinar marcas.

É difícil perceber o que são – não parecem pegadas. Algo maior, mais largo.

Analisa os contornos indistintos, tentando discernir a forma.

As marcas começam a fazer sentido.

É a impressão de algo grande, pesado: um corpo.

Margot foi arrastada.

Elin processa essa informação: se foi arrastada para fora do quarto, isso sugere que também ela foi sedada.

Uma pontada súbita de compreensão: *Não têm muito tempo*.

Se querem encontrá-la, têm de ser rápidos. Com base nas duas últimas mortes, nos indícios que apontam para uma escalada de violência, o assassino provavelmente agirá depressa. De forma implacável.

Respira fundo e vira-se para Cécile e Sara. Antes de conseguir falar, Sara abana a cabeça e emite um som estrangulado.

– Acha que a levaram, não acha? – Esconde o rosto nas mãos. – A mesma pessoa que… – Os soluços sacodem-lhe o peito e os ombros.

Cécile puxa-a para si com um braço.

– Vamos descer e sentar-nos um bocadinho no salão. Sofreu um grande choque. – Olha para Elin e pergunta baixinho: – Pode ser?

O olhar de Elin já está de novo na neve lá fora e no curioso padrão de compressões.

Se saíram por este lado, o rasto não acabaria aqui, pois não?

Porém, esse pensamento – óbvio, demasiado óbvio – incomoda-a. Com certeza que o assassino não seria estúpido ao ponto de deixar um rasto? Uma forma de o seguirem?

A menos que não tivesse alternativa.

Talvez se tenha visto obrigado a improvisar, como na *penthouse*. É possível que planeasse tirar Margot pelo corredor, mas algo tenha corrido mal.

A outra explicação, a mais provável, é que o assassino está a ficar descuidado. Seja como for, é uma pista. Algo que pode conduzi-los até Margot.

69

Demora mais tempo do que pensara a ir ao quarto vestir o casaco. Os dedos atrapalham-se com a chave do quarto, com o fecho do casaco, enquanto a sua mente trabalha furiosamente.

Será boa ideia? Devia sequer estar a pensar em sair sozinha? Não seria melhor falar primeiro com Berndt?

Elin põe rapidamente essa ideia de lado: se contactar Berndt e lhe explicar tudo o que se passa, não só estará a perder tempo precioso, como corre o risco de ele a proibir de ir à procura de Margot. Se não o contactar, não pode ser acusada de ter desobedecido explicitamente às instruções.

Pega nas luvas e em alguns dos sacos de plástico que Lucas lhe deu e abre as portadas, saindo para o terraço.

O mundo exterior agarra-a: as botas afundam-se na neve fofa, o vento agita-lhe o cabelo em torno do rosto. Prende-o atrás das orelhas e examina a balaustrada de vidro à sua frente.

Conseguirá saltar por cima?

Não é muito alta, mas mesmo assim não será fácil.

Levanta a perna e tenta passar por cima, mas fica presa; uma perna pendurada de um lado, a outra ainda no chão. Tenta de novo. Desta vez, consegue; porém, içar-se sobre a balaustrada e passar para o outro lado exigiu esforço, a força dos braços e das pernas.

Como terá o assassino conseguido passar Margot por cima disto? Sedada, ela seria um peso morto.

Depois de estar em segurança do outro lado, Elin tenta controlar a respiração acelerada pelo esforço. Fez uma dedução, por pequena que seja: o assassino tem de ser uma pessoa forte, pensa, enquanto vê a sua respiração sair em nuvens de vapor branco que o vento dissolve em nada. Uma pessoa capaz de pegar em alguém rápida e facilmente.

Continua a nevar com intensidade. É claustrofóbico. Sufocante. Mal consegue ver alguns metros à sua frente, e não há mais nada visível no meio do

branco exceto os contornos das árvores e as formas geométricas dos sinais do Le Sommet mais além.

A previsão meteorológica estava certa: a tempestade está cada vez pior.

Firma as pernas e começa a andar, mas para ao ouvir um ribombar distante. A esse som segue-se um estrondo enorme, que ecoa pelo ar. Um rugido, e uma súbita brisa ártica.

Elin recorda as indicações prévias de Will: *uma avalanche*.

Leu algures que as avalanches se ouvem antes de se verem. Quando a neve e gelo começam a deslizar pela encosta exercem uma força imensa no ar, comprimindo-o até se ouvir um assobio aterrorizador.

E é isso que Elin está a ouvir agora: um som agudo ensurdecedor, que a trespassa.

Com o pânico a crescer, começa a dirigir-se ao hotel, refazendo os seus passos, mas é uma decisão fútil: não faz ideia se está a colocar-se no caminho da avalanche ou a deixá-la para trás.

Poucos segundos depois, sabe que tomou a decisão certa.

A avalanche não a apanhou. Ainda está em pé.

Mas é engolida por aquilo que só pode ser o rescaldo: uma nuvem branca de neve levantada pela força da avalanche. Partículas minúsculas e cintilantes atingem-lhe o rosto, geladas, a queimar-lhe a pele. Pestaneja e limpa a neve do rosto, mas não vê nada: apenas mais neve. Vai demorar alguns minutos até que assente, até que ela consiga ver exatamente onde é que a avalanche caiu.

Com o coração aos saltos, aguarda, aterrorizada, pelo próximo som sinistro, o próximo ribombar, que pode ser ainda mais perto. Mas não acontece mais nada – há apenas a nuvem de neve, partículas cintilantes ainda suspensas, a pairar no ar. Elin respira lentamente, mas está elétrica, com a adrenalina a percorrer-lhe o corpo.

Ao fim de alguns minutos, a neve começa a assentar e o ar fica ligeiramente mais limpo. Elin respira fundo outra vez, vira-se e tenta perceber qual foi o trajeto da avalanche. Percebe de imediato que está à sua direita: a cerca de cem metros, na direção da estrada. A extensão de neve lisa e pura que se habituou a

ver nos últimos dias desapareceu. No seu lugar há blocos de neve enormes, irregulares, uns por cima dos outros, empilhados até uma altura de três metros. Apesar da distância, consegue ver o que a avalanche apanhou ao descer a montanha: pedras e árvores, troncos inteiros que se projetam do maciço de neve.

Inclina a cabeça para cima e segue o trilho de absoluta destruição. É como se um ancinho tivesse sido arrastado pela encosta, revirando tudo no seu caminho. Custa a acreditar que a natureza consiga ser de uma violência tão brutal. Vira-se e olha para a frente, com receio de que a neve levantada pela avalanche tenha coberto qualquer rasto que o assassino possa ter deixado, tornando impossível segui-lo.

Pondera as suas opções: o mais sensato a fazer seria voltar para trás, mas se o fizer perde qualquer hipótese, por reduzida que seja, de encontrar o rasto, principalmente com as previsões de mais neve, que certamente cobrirá todas as marcas. Mais do que isso, Elin sabe que, por causa desta nova avalanche, a possibilidade de a polícia chegar cá acima em breve é agora ainda mais escassa. Isso significa que é ainda mais essencial que ela assuma o controlo da situação.

Toma uma decisão imediata: tem de continuar. Tem de tentar encontrar Margot.

Quando recomeça a andar, as rajadas de vento afastam as últimas partículas de neve suspensas no ar. Puxa o cachecol de modo a cobrir o nariz e a boca e caminha para a esquerda, na direção do quarto de Sara e Margot. Tem o cuidado de deixar alguns metros de distância para não destruir o rasto quando o encontrar.

É um trabalho árduo: custa-lhe a respirar, a neve está tão alta que se afunda quase até aos joelhos, mas continua, até estar paralela ao terraço do quarto de Margot. Para e respira fundo – uma grande nuvem de ar. De alívio. A neve levantada pela avalanche cobriu um pouco as marcas na neve, mas na zona do terraço as marcas ainda são claras, em volta de uma área mais larga e lisa de neve nivelada. Ainda é possível seguir o rasto.

Elin olha para baixo e percebe que a sua teoria está certa: o rasto ainda é consistente com o que deixaria uma pessoa ao ser arrastada. Tira várias

fotografias e segue-o, de olhos postos na neve. Tanto quanto consegue ver, não há indícios de sangue, fibras ou outros resíduos visíveis. As marcas continuam na direção da entrada do hotel.

O rasto é uniforme, o que confirma aquilo que ela já deduzira: quem arrastou Margot era forte o suficiente para conseguir puxá-la ao longo desta distância num movimento ininterrupto.

O rasto contorna o hotel por mais uns dez ou quinze metros e depois desaparece abruptamente em frente da entrada.

Elin verifica com minúcia se o rasto não continua – percorre alguns metros para lá da zona de entrada, mas não vê nada. Desse lado a neve está lisa e intacta. Isso deixa apenas uma conclusão possível: o assassino deve ter entrado no hotel com Margot. Não há outra explicação.

Dirige-se à entrada e as portas abrem-se automaticamente ao sentirem a sua presença. Lá de fora, Elin baixa os olhos para o chão do átrio.

Tarde de mais.

Não há provas de pegadas secas, como no quarto. O chão brilha de modo uniforme: foi limpo.

Isso quase a faz sorrir: apesar de tudo o que aconteceu, algum dos funcionários teve ordens para limpar o chão. Os rituais, as rotinas, são difíceis de quebrar. *A vida continua*.

Para onde poderão ter ido?

Revistaram o hotel quando Laure estava desaparecida. Não há local algum que seja suficientemente isolado e reservado para o assassino se conseguir esconder, muito menos para prender as suas vítimas.

Elin sente o coração a bater com força. Está bastante consciente da pressão que lhe pesa nos ombros. Tem de resolver isto. O tempo está a passar. Se tiver razão e os impulsos do assassino, a sua violência, estiverem a aumentar de intensidade, isso significa que tem minutos, e não horas, para encontrar Margot.

Quais serão os próximos passos?

Podiam revistar o hotel de cima a baixo, mas não há garantia de que a encontrem.

É então que lhe ocorre: algo estúpido e evidente.

O telemóvel de Margot.

Sara confirmou que também tinha desaparecido. É possível tirar uma conclusão a partir daí: Margot podia tê-lo consigo. Se assim for, existe a possibilidade de lhe seguir os movimentos.

Elin está prestes a entrar no hotel quando vê algo numa das janelas do primeiro andar: um movimento atrás do vidro. Foca o olhar.

Está ali alguém, a olhar para baixo, com o rosto inclinado na direção do vidro.

Elin muda de posição e encontra um ângulo melhor, onde a luz não se reflete com tanta intensidade.

Vê agora claramente a figura: uma camisola escura, cabelo louro, comprido e revolto.

Lucas.

Está a observá-la, com o olhar fixo e imóvel.

70

– O telemóvel da Margot? – Sara prende uma madeixa de cabelo atrás da orelha. – Acha que ela o tem?

Elin encosta-se na cadeira.

– É possível. E se assim for, talvez haja forma de o localizar. – Sabe que há uma *app* chamada Find My iPhone. Mesmo que o telemóvel esteja desligado ou sem bateria, a aplicação mostra a última localização onde teve sinal.

Elin olha em volta. Um grupo de funcionários está sentado a algumas mesas de distância. Conversam entre si, mas Elin sente os olhos sobre ela, as perguntas silenciadas.

Cécile fita-a com uma expressão ilegível.

– E se o assassino se tiver livrado dele?

– Nesse caso, estamos feitos. – Elin força um sorriso. – Seja como for, temos de tentar. – Ao mudar de posição, bate com a perna na mesa e derruba o café. O líquido escorre pela madeira clara, começa a pingar para o chão. – Merda…

Cécile levanta-se de um salto e vai ao bar. Volta com um pano e ensopa o líquido entornado. Depois senta-se e fita Elin atentamente.

– Está tudo bem?

– Comigo? – Elin franze a testa. – Sim, estou bem. Foi um choque, mas nem sequer foi muito perto. Penso que esta avalanche seguiu mais ou menos o mesmo trajeto da anterior.

Cécile torce o pano entre as mãos.

– Eu sei, mas depois de estarmos no quarto da Sara, não sabia que ia sair com este tempo, começar a…

Elin fica tensa.

– Foi um risco, eu sei, mas tinha de ser. – Sente um calor familiar subir-lhe pelo rosto. – Queria ver o que havia lá fora, explorar a cena. – O seu tom é mais agudo do que pretendia.

Ao seu lado, Sara morde o lábio e afasta o olhar.

– Eu… – Cécile hesita, ainda a limpar a mesa, apesar de o líquido há muito

estar absorvido. – Só não sei se foi a coisa certa a fazer.

Elin vê um estremecimento no rosto da outra mulher e fita-a, insegura.

Tem a estranha sensação de haver algo que lhe está a passar despercebido, alguma camada da conversa que lhe escapa e que é, de alguma forma, essencial para a compreender.

Porém, antes de conseguir esclarecer o que é, Cécile levanta-se abruptamente e leva o pano molhado de novo para o bar.

Elin decide ignorá-la e vira-se para Sara.

– Sabe qual é o *log in* da Margot na iCloud?

– Não, mas talvez consiga descobrir. Tenho quase a certeza de que ela tem as *passwords* apontadas na agenda.

– Não se preocupa muito com a segurança, então?

– Não. – Um sorriso débil passa pelos lábios de Sara. – Ainda no outro dia estávamos a falar disso. A conta dela na Apple foi pirateada e teve de mudar a *password*, mas a nova era difícil de fixar; por isso, escreveu-a.

– E sabe onde está a agenda dela?

– A agenda de quem? – pergunta Cécile, voltando a sentar-se.

Sara hesita. Ela e Elin entreolham-se e uma centelha de entendimento passa entre ambas.

– Da Margot – diz, claramente. – Costuma tê-la na mala. Eu mostro-lhe.

***

– Isto é estranho. – Sara pousa a mala de Margot em cima da cama e começa a remexer no conteúdo. – Sinto-me como se estivesse a invadir a privacidade dela.

– Eu sei – diz Elin suavemente –, mas temos de fazer tudo o que pudermos para a encontrar.

Vê Sara remover o conteúdo da mala – a carteira, ganchos, uma garrafa de água meio vazia, pastilhas elásticas. A última coisa a sair é um caderno com capa de cabedal.

– É isto. Ela não usa mesmo uma agenda.

Depois de o folhear, Sara para numa das primeiras páginas.

– Aqui está. – Aponta para o cimo da página. – Acho que é esta a *password.*

Elin pega no seu telemóvel e procura a função Find My iPhone na iCloud.

– Sabe o endereço de *e-mail* dela?

– Só um segundo. – Sara procura rapidamente no seu telemóvel. – MarMassen@hotmail.com.

– E a *password*… – Elin lê-a do caderno e introduz os carateres na segunda caixa no centro do ecrã.

O ecrã azul inicial modifica-se e assume os contornos leves de uma bússola, e depois surge uma grelha branca. Por sua vez, esta transforma-se num mapa que se vai ampliando, mostrando nomes de ruas, marcos de referência. Poucos segundos depois, aparece um ponto verde.

Conseguiram alguma coisa.

Elin sente o coração acelerado. Palpitações rápidas. Leva o dedo ao ponto verde e pressiona.

Uma linha de texto: *iPhone de Margot.* Por baixo: *Há 40 minutos*.

– Localizou o telemóvel dela?

– Sim.

Sara olha para o ecrã.

– Está aqui algures, não está? No hotel.

71

– Consegue dizer precisamente onde? – Elin semicerra os olhos e examina o mapa no ecrã, esforçando-se por o sobrepor à sua planta mental do hotel.

– Acho que sim. – Cécile aponta para o meio do ecrã. – Não se consegue ver até ao pormenor dos quartos, mas é na zona do hotel perto do *spa*, da sala dos geradores.

Um frémito de excitação: *progresso*.

– Preciso de um passe especial para aceder a essa zona?

– Não. O que eu lhe dei serve para todo o edifício. – A voz de Cécile parece-lhe ligeiramente cortante. Elin percebe que ela quer dizer mais alguma coisa, mas não sabe se deve. Por fim, a outra mulher fala.

– Tem a certeza de que quer ir agora? – Uma breve expressão de alguma emoção passa-lhe pelo rosto, mas Elin não consegue identificá-la.

– Sim – responde, frustrada. *Porquê esta falta de urgência?*

Cécile morde o lábio.

– Importa-se que ligue ao Lucas e lhe pergunte o que acha?

Elin encolhe os ombros, tensa. Sabe que não está a conseguir esconder a irritação, mas nunca foi boa diplomata. Deixa sempre as circunstâncias afetá-la, infetarem dentro de si, ao ponto de ser impossível afastá-las do rosto.

Negativos de emoção.

Cécile está a falar rapidamente ao telefone em francês. Momentos depois vira-se e guarda o telemóvel no bolso, com expressão perturbada.

– O Lucas acha que não devia fazer isso sozinha. – Tem os lábios comprimidos. – Está a colocar-se numa situação vulnerável.

– Como assim? – Elin hesita.

– Ele acha que é demasiado arriscado – diz Cécile, como se estivesse a falar com uma pessoa estúpida. – Eu… – Interrompe-se e cora. – Oiça, não é fácil dizer isto, mas eu concordo com ele. A Elin tem sido uma grande ajuda, mas depois do que aconteceu com a Laure… e consigo… Se calhar não está no estado de espírito ideal para fazer uma coisa destas. Devíamos esperar pela

polícia.

– A polícia? – repete Elin, incrédula. – Mas sabemos que eles não vêm, pelo menos tão cedo. – Fecha a mão por baixo da mesa e aperta-a com tanta força que sente as unhas cravadas na palma. Um aviso: *Não te descontroles. Não digas algo de que te podes vir a arrepender*.

– Já ligou ao inspetor Berndt? Já o pôs a par do desaparecimento da Margot?

Elin abana a cabeça.

– Ainda não.

Cécile fita-a com expressão neutra. Mas há qualquer coisa por detrás daquele olhar.

– Lamento muito. – Levanta as mãos num gesto apologético. – Tenho de ser franca. Não queria ser eu a dizer-lhe isto, mas o Lucas… descobriu tudo sobre o seu trabalho.

– O meu trabalho? – Elin tem a boca seca.

Cécile acena com a cabeça.

– O Lucas descobriu que está de licença prolongada. Não se sente à vontade em permitir que continue com a investigação, dadas as circunstâncias. Como não nos disse nada… Se tivesse admitido, explicado…

– Mas isso em nada afeta a minha capacidade de vos ajudar. – Tem o coração a bater descompassado, em baques fortes, ruidosos.

Descobriram-na. Sabem que é uma fraude.

– Lamento – repete Cécile, baixando os olhos. – A decisão é do Lucas. – O seu tom é definitivo.

Elin olha para o chão e tenta conter a fúria. Dúvidas familiares começam a invadir-lhe a mente, a debater-se por primazia.

Terão razão? Estará a sua capacidade de avaliação comprometida?

Levanta-se e empurra a cadeira para trás.

– Vou voltar para o meu quarto.

Afasta-se, concentrando-se em cada passo, como se alguma quebra de ritmo pudesse desfazer o seu autocontrolo, obrigá-la a voltar para trás, cheia de recriminações furiosas.

72

Elin tenta bater com a porta do quarto, mas o gesto não tem o efeito dramático desejado – o mecanismo de travagem detém a porta a cerca de meio metro da ombreira e esta desliza suavemente até se fechar.

– Calma – murmura Will. – Conta-me exatamente o que ela disse.

Elin percorre o quarto de um lado para o outro, até à janela e de volta.

– Ela acha que eu não devo continuar a procurar a Margot. Que não estou «no estado de espírito ideal». – A memória das palavras de Cécile fá-la gaguejar e sente o rosto em brasa. – Eles descobriram, Will. Que eu estou de licença.

Will pega-lhe no braço.

– Talvez tenham alguma razão – diz em tom lento e cauteloso. – Talvez seja melhor esperar pela polícia.

– A polícia – repete ela, tentando manter a calma. – Houve outra avalanche. Não conseguirão chegar até nós tão cedo, a menos que o vento abrande e consigam levantar com o helicóptero.

Ele pergunta, no mesmo tom:

– O que te disse o Berndt?

– Não lhe liguei. – Elin evita olhar para ele. – Provavelmente não aprovaria as minhas tentativas de encontrar a Margot, pelo menos sem ajuda, e não sei se o Lucas falou com ele. – Hesita. – De qualquer modo, esperar que eles cheguem não vai resultar. Nessa altura já o assassino pode ter feito mal à Margot, e é um risco… pode aperceber-se da chegada da polícia e perdemos o elemento surpresa.

– Tens razão. – Will aperta a cana do nariz e empurra os óculos para cima. – Mas não consigo deixar de pensar no que aconteceu na *penthouse*. E como estiveste perto de ser apanhada pela avalanche. – A voz treme-lhe. – Se te acontecesse alguma coisa…

– Não me vai acontecer nada. Serei cuidadosa. – Elin puxa-o para si. – Will, não faria isto se não achasse que era a atitude correta. A situação evoluiu para além de tudo o que eu poderia ter imaginado. Não vou correr riscos

desnecessários.

– Está bem – diz ele abruptamente, e Elin ergue o rosto, surpreendida. – Procura-a, mas seja o que for que estás a planear fazer, não vais sozinha. Ainda não paraste desde esta manhã. Estás cansada, não comeste nada.

Ela recua, chocada. Estará Will a duvidar dela? Como Cécile e Lucas?

– Will, eu fui treinada para este tipo de situações. O que aconteceu antes foi diferente. Não estava à espera, o meu discernimento estava afetado por causa da minha relação com a Laure; mas desta vez estou na ofensiva. Sei que precauções devo tomar.

– Elin, não há discussão, está bem? Não quero que faças isto sozinha.

Ela fica em silêncio alguns segundos. Quando fala, é com hesitação.

– Estás a dizer que queres vir comigo?

– Não vais sem mim. Desta vez, não vais.

Elin força-se a sorrir, mas uma sensação horrível abate-se sobre ela. Sente que estão perto. Há algo a acumular-se, uma tensão, uma vibração no ar.

73

– Vês alguma coisa? – pergunta Will em voz baixa, com os passos a ecoar no chão de mármore.

– Até agora, nada. – Elin entra na receção do *spa*, mas não há sinais de que alguém tenha estado aqui. Não parece haver nada desarrumado, fora do sítio. Até as revistas por baixo da mesinha estão organizadas numa pilha perfeita.

Debruça-se sobre o balcão e inspeciona a secretária do outro lado, mas está quase vazia – apenas o teclado do computador, o ecrã, uma planta num vaso branco do lado esquerdo. No ar há a mesma mistura de aromas que sentiu da primeira vez que aqui esteve – menta e eucalipto, a sobreporem-se ao cheiro a lixívia dos produtos de limpeza. Uma memória vem-lhe à cabeça – Laure a mostrar-lhe o *spa*. Pestaneja para afastar as lágrimas ao recordar o rosto dela, o seu sorriso; isso dá-lhe uma noção renovada de finalidade.

Isto é por Laure, tanto como por Margot.

– Vamos ver os balneários. – Will passa por ela e olha em volta com um ar desconfortável.

Esta é a área que a *app* de localização de telemóveis indicara – na direção da piscina, das salas dos geradores. Porém, quando entram nos balneários estes parecem estar também vazios. Os azulejos brancos estão polidos e reluzentes, as portas dos cubículos todas fechadas.

Isso não os impede de se certificarem. Começam pela esquerda e abrem sistematicamente todos os cubículos. Em vão: não há aqui ninguém, nem indícios de qualquer presença.

– A piscina a seguir? – Elin tenta colocar algum entusiasmo na voz, mas começa a duvidar de que encontrem alguma coisa.

O mais provável é que o assassino simplesmente tenha largado o telemóvel algures por aqui. A localização identificada pela aplicação pode não significar nada.

Will caminha à frente dela, junto à beira da piscina.

– Nada. – Solta a respiração num suspiro audível.

Tem razão: a piscina está parada, a água salpicada por centelhas de luz refletida. O chão está seco, não há pegadas molhadas nem salpicos. Só falta verificar um sítio nesta área: a sala de manutenção.

Regressa aos balneários, seguida de perto por Will. Sabe, pelas filmagens das câmaras de segurança, que a porta de acesso fica na parede do fundo – a porta por onde Laure terá entrado ali para a observar. Encontram-na com facilidade – uma porta de metal branca a meio da parede. Elin encosta o passe de acesso ao painel ao lado da porta e esta abre-se com um estalido.

Quando entra, depara-se com um emaranhado impossível de artérias de metal, rente ao teto, no chão – uma massa volumosa de maquinaria e canos. O espaço é maior do que ela imaginara. Labiríntico. Provavelmente estende-se ao longo de todo o comprimento dos balneários e da piscina. Há um zumbido surdo constante, o bater fantasmagórico de um coração mecânico, intensificado pelo cheiro químico, vagamente industrial.

Olha para Will.

– É melhor não nos afastarmos. Eu vou…

Mas não chega a terminar a frase.

A escuridão envolve-os subitamente e ficam mergulhados numas trevas impenetráveis. Aos apalpões, Elin procura a porta e o interruptor que fica ao lado desta. Faz força e sente-o ceder sob os seus dedos, mas não acontece nada: a luz não se acende.

Uma sensação horrível e angustiante de pavor.

Vira-se, desorientada, e um alarme começa a soar na sua mente.

– O teu telemóvel – sugere Will em tom urgente. – Usa a lanterna.

Elin tira-o do bolso com gestos atabalhoados e toca no ecrã para aceder à função de lanterna.

A luz acende-se, mas é fraca, mal ilumina para além da sua mão.

Will puxa-a para trás.

– Elin, não podemos continuar. Não vemos nada. – O tom dele é tenso. – Alguém fez isto deliberadamente. Não me agrada.

Ela vira a lanterna para o rosto dele. A pequena poça de luz capta as sombras

sob os olhos, o brilho do suor na testa.

Não devia tê-lo trazido. Ele está a entrar em pânico.

– Volta para trás. Eu vou continuar. – Baixa a voz para um murmúrio. – Se alguém fez isto de propósito, isso significa que estamos perto.

Os músculos no pescoço dele ficam visivelmente tensos.

– Não saio daqui sem ti.

Avançam devagar, com passos cuidadosos, encostados à parede, mas a maquinaria volumosa faz com que seja difícil orientarem-se. Têm de estar alerta e ajustar constantemente o trajeto.

Cada máquina parece fazer um som diferente: umas, um batimento, um sussurro rítmico. Outras fazem lembrar um inseto a voar, o zumbido de asas frenéticas.

Alguns passos mais à frente, o espaço torna-se um pouco mais amplo, mas não muito. Elin consegue distinguir vários corredores estreitos por entre as máquinas. Levanta o braço e roda o telemóvel num círculo. A luz ilumina o metal das máquinas.

Nada.

Está prestes a recomeçar a andar quando, algures à sua frente, ouve um ruído. O som sobressalta-a e deixa cair o telemóvel.

Baixa-se, procura com as mãos, apanha-o. Está intacto, a luz ainda a brilhar.

Vira-se para falar com Will, mas ouve outro som: algo a raspar suavemente.

Elin vira o telemóvel e aponta a luz para a frente. Na claridade fraca, consegue distinguir uma forma no chão – uma pessoa.

Foca a luz e sustém a respiração.

Margot.

Está deitada, encolhida em posição quase fetal, com as pernas dobradas debaixo do corpo. A cabeça está virada para o lado oposto e Elin não consegue ver-lhe o rosto.

Não há mais sons, nem movimentos, mas mesmo assim Elin continua a rodar a lanterna e avança alguns metros para lá de Margot, para confirmar que não está ninguém escondido nas sombras.

Ninguém.

Elin suspira de alívio.

É possível que isto seja apenas um esconderijo temporário. Se assim for, talvez consigam tirar Margot daqui antes que o assassino regresse.

Mantém a lanterna virada para Margot e percorre rapidamente os dois metros que as separam. Agora que está mais perto consegue ver que ela tem os pulsos e os tornozelos amarrados e um pedaço de pano esticado entre os lábios.

Will fica para trás, nas sombras, a olhar em volta.

Elin pousa o telemóvel no chão com a luz virada para cima e agacha-se ao lado de Margot de modo que ela consiga ver-lhe o rosto.

– Margot, é a Elin.

Margot ergue para ela os olhos vazios, vidrados. O seu rosto está sujo, manchas escuras na testa, nas faces.

– Margot, está tudo bem. Vamos tirá-la daqui.

Mas ela não responde. Não dá sinais de a ter ouvido. Continua apenas a fitá-la com aqueles olhos vazios.

Está em estado de choque. Ou então ainda está sedada.

Elin pega no telemóvel e aponta-o para os pés de Margot, estudando os nós à volta dos tornozelos.

– Vou desamarrar estas cordas e vamos levá-la para cima.

Mas de súbito há um movimento: um movimento que devia ser impossível, tendo em conta como ela está amarrada.

Margot ataca e pontapeia os joelhos de Elin.

Ela perde o equilíbrio.

Incapaz de se endireitar, bate no chão com força e uma onda de choque percorre-lhe as coxas, nádegas, vértebras. O telemóvel cai por terra com um barulho de plástico a partir-se, mas continua aceso, e a luz é suficiente para iluminar debilmente o espaço entre elas.

Elin grita e tenta olhar para cima, mas as pontadas de dor nas costas estão a deixá-la tonta, com a visão desfocada. Quando consegue focá-la vê, sobressaltada, que Margot está de pé ao lado dela, com o corpo tenso, a postos.

As cordas nos seus pulsos e tornozelos estão caídas, soltas.

Por um momento, Elin não consegue perceber o que se passa.

Talvez Margot a tenha confundido com alguém? Com o atacante?

E é então que percebe, com uma clareza agonizante.

74

Elin tenta levantar-se. Em pânico, recua alguns passos.

Percebeu tudo mal, outra vez. Todas as suas teorias e ideias sobre Lucas, sobre Isaac, estava tudo errado.

Os seus olhos viram-se para as cordas soltas nos pulsos e tornozelos de Margot. Ela não estava realmente amarrada: os nós eram simples laçadas, que a mulher conseguiu desfazer com um puxão.

Tudo isto… é uma armadilha.

– Foi você… foi você que fez isto. – Mal consegue falar. Sente a cabeça pesada, desequilibrada.

Margot não responde. Limita-se a olhar para Elin com uma expressão vazia e inescrutável.

O temor cresce no peito de Elin. Não há sinais da pessoa insegura e atrapalhada que conheceu há poucos dias: encolhida, envergonhada do seu corpo. Margot está agora bem direita, revelando toda a sua altura – mais de um metro e oitenta. A sua força e musculatura são claramente visíveis.

É possível, não é? Ela podia tê-lo feito. Raptado e matado…

Margot baixa-se e pega no telemóvel. Aponta-o para o rosto de Elin. A luz encandeia-a, cega-a.

Onde está Will?

Elin pisca os olhos sob o brilho da lanterna.

– Sim – responde Margot por fim. – Fui eu. – A voz é fria, desprovida de emoção, sem qualquer vestígio de calor.

– Ninguém a apanhou, pois não? Isto foi uma armadilha, como a mensagem da Laure. Foi você que planeou tudo. – A mente de Elin recua no tempo e revê os eventos dos últimos dias, tentando encontrar as ligações.

Alguma parte do que Margot lhe disse será verdade?

A relação de Isaac e Laure? A discussão de Laure com Lucas? Como foi ingénua! Engoliu as histórias de Margot sem hesitar, sem questionar.

Margot interpreta corretamente a sua hesitação e um meio sorriso gelado

surge-lhe nos lábios.

– Não se preocupe. Cometeu os mesmos erros que qualquer outra pessoa… erros humanos. O ego vence sempre. É a fraqueza de toda a gente: o desejo de saber mais, de ser o herói, a pessoa que salva o dia. Foi por isso que escolheu a sua profissão.

Apesar do choque, do medo, Elin sente também uma vaga de fúria.

Como se atreve a criticá-la? A falar sobre ela como se a conhecesse?

Margot dá mais um passo na direção de Elin.

Pela primeira vez, vê que ela tem uma faca na mão, a lâmina a cintilar à luz da lanterna. Sente uma gota de suor a deslizar muito devagar entre as omoplatas. A sua mente trabalha furiosamente: *Onde está Will? O que é que ele está a fazer?*

– Não compreendo. – Tem de tentar ganhar tempo. – Porquê?

– Pela verdade. – O tom de voz de Margot é robótico. – Este lugar é venenoso. Nunca devia ter reaberto. – Dá mais um passo em frente e está agora apenas a centímetros de Elin. – Lamento muito. O seu envolvimento não estava previsto.

Elin fica tensa. O tom casual de Margot é arrepiante. É frio, mecânico. Elin não passa de um obstáculo, portanto, tem de ser removida.

– Margot, não tem de ser assim. Não precisa de me fazer mal, nem a mim nem a mais ninguém. Podemos acabar com isto agora.

Mas é como se Margot não a conseguisse ouvir. Num movimento fluido, levanta a faca, com o rosto vazio, inexpressivo. É como um autómato: nada a pode deter.

Elin encolhe-se, ofegante. Sente a cabeça a andar à roda.

– Por favor, Margot, não…

Margot baixa o braço num movimento firme, decidido, a lâmina a cortar o ar.

Elin vira-se para o lado e a faca falha-lhe o rosto por pouco.

Mas isso não perturba Margot – salta para a frente, ultrapassando com facilidade o espaço que Elin conseguiu colocar entre elas.

É então que, subitamente, Will entra em ação: salta para a frente e empurra

Margot para o lado.

O telemóvel salta-lhe da mão e cai no chão. Desta vez, a luz apaga-se e ficam mergulhados na escuridão total.

No meio do silêncio, Elin ouve um baque sinistro, o som de alguém a cair.

Há uma luta: movimentos, grunhidos, tecido a rasgar-se. Um gemido baixo. Outro baque mais suave, e ouve-se algo a deslizar pelo chão.

Momentos depois, outro som: passos pesados na escuridão, uma respiração em esforço.

Elin sente o coração apertado e um temor gelado invade-lhe o estômago. Percebe de imediato que não são os passos de Will.

Will não fugiria. Nunca a deixaria.

O que quer que a aguentou até esse momento quebra-se. Um medo repentino e profundo apodera-se dela.

– Will! – A sua voz é aguda, à beira da histeria. – Estás a ouvir-me?

Ele não responde.

Elin sabe instantaneamente que não é por não querer. *Não consegue.* Não pode responder-lhe. É tudo o que é capaz de pensar: *Ele não consegue responder*.

Margot tem razão: ela queria resolver o caso, satisfazer o seu ego e, ao fazê-lo, colocou Will em perigo.

Põe-se de gatas e começa a apalpar o chão, em círculos, à procura do telemóvel. Os segundos parecem esticar-se, prolongar-se, e transformam-se em minutos. Por fim, a sua mão encontra plástico e fecha-se sobre a capa protetora do telemóvel.

A lanterna ainda funcionará?

Toca no ecrã e no ícone da lanterna. A luz acende-se. Vê imediatamente Will, apenas a cerca de um metro dela. Está caído de lado, com a mão na barriga. E algo escuro estende-se à volta dele. Uma sombra.

Mas não é uma sombra.

Sente um vazio no peito.

É sangue.

Elin corre para ele, mas detém-se abruptamente.

E se Margot ainda estiver aqui, escondida nas sombras?

Roda a lanterna, mas não vê ninguém.

Margot desapareceu.

Com os membros pesados, Elin dirige-se a Will e para ao lado dele.

– Will. – A sua língua parece cortiça. – Estou aqui.

Coloca a lanterna no chão. Consegue ver a ferida – um golpe estreito e fundo, alguns centímetros abaixo do umbigo.

Pressiona com a mão trémula e tenta estancar o sangue.

– Está tudo bem, Will. Está tudo bem.

75

Elin não consegue associar a pessoa pálida deitada na cama com o Will que conhece. A faísca, o habitual entusiasmo pela vida, a energia contida sempre a ameaçar libertar-se, desapareceu. Não sabe se é a mente a pregar-lhe partidas, mas a respiração dele parece irregular, instável.

Aproxima-se e pousa a mão na dele, que não se move; Will não reconhece o peso dos dedos dela. Com um nó na garganta, observa-o. Ele tem a cabeça inclinada para a esquerda, o cabelo louro escuro espalhado na almofada. O seu rosto está exangue, as linhas familiares das suas feições agora lisas, desfeitas. Tem nódoas negras no rosto, além de múltiplas contusões. Está tapado até ao peito com uma manta, que lhe cobre o ferimento. É profundo, mas a faca não acertou em nenhum órgão ou artéria importante.

Depois de o levarem para o quarto, Sara, que é enfermeira de formação, tratou dele de forma eficiente e meticulosa. Limpou a ferida, fez-lhe um penso, administrou-lhe analgésicos básicos e sedativos retirados da sala da patrulha de esqui; mas ele precisará de um tratamento mais completo em breve, de antibióticos e vigilância contínua.

Elin sustém a respiração. A dele mudou de novo: um estertor rouco antes de regressar ao ritmo irregular anterior. O som animalesco desencadeia algo dentro dela – pânico.

Isto é tudo culpa sua. É ela a responsável.

Embora Cécile e Lucas lhe tenham garantido que seria impossível adivinhar o envolvimento de Margot, Elin sabe que foi ela que levou Will. Foi ela que o colocou em risco.

Afasta-se da cama e semicerra os olhos, na esperança de conseguir alterar a perspetiva, fazer com que a cena pareça diferente. E funciona: o tempo gira, dobra-se sobre si próprio. Regressa não a Will, mas a Sam.

Lembra-se de o ver assim, deitado ao lado das rochas. Parecia igual ao que era sempre: pálido, escanzelado, o cabelo louro molhado. Mas havia nele um vazio, como se uma criatura esfaimada tivesse conseguido entrar dentro dele e o

tivesse esvaziado de tudo.

Lembra-se de sentir calor e depois fúria. No seu egoísmo infantil, estava à espera de *mais*, de uma expressão no rosto dele, algum sinal que indicasse que o irmão estava triste por ter partido, por a deixar, mas não havia nada. Apenas o vazio. E é o mesmo agora, com Will.

Os seus ombros começam a tremer.

– Ele vai ficar bom. – Isaac pega-lhe na mão. – Chegámos a tempo.

Por pouco, pensa Elin, com as imagens a desfilarem-lhe na mente: o sangue nas suas mãos, no chão. Ligar para Isaac, com o telemóvel a escorregar nos dedos peganhentos.

Os pormenores do que se seguiu escapam-lhe. Chegam-lhe imagens fragmentadas: Sara a tratar de Will no chão imundo, outras pessoas a movimentarem-se à volta dele – um ciclo contínuo de corpos, de instruções gritadas.

– Elin, assim que os paramédicos cá chegarem, levam-no para o hospital. Ele vai ficar bom. – Isaac tenta fitá-la nos olhos, mas ela vira a cara.

Não consegue deixar de pensar no mesmo, palavras repetidas num círculo vicioso: *Will está naquela cama por causa dela. Por causa do que ela fez.*

Ele quisera acompanhá-la, protegê-la, e ela falhara-lhe.

– Fui eu que lhe fiz isto, Isaac. Precipitei-me. Ele avisou-me…

– Elin, não faças isso. Nunca podias saber que era a Margot. Não foi só a ti que ela enganou… parece que fomos todos iludidos.

– Eu sei, mas eu é que o atraí para uma situação imprevisível. Fui uma namorada horrível. Não é só por causa disto… é desde que estamos juntos. Mantive-o sempre a uma certa distância, nunca o deixei aproximar-se… – diz, com a voz embargada. – E se acontecer alguma coisa? E se o estado dele se agravar de repente? Nunca lhe disse o que sentia realmente por ele.

Elin para e encosta os dedos às têmporas.

Passa-se algo estranho na sua cabeça: uma tempestade de emoção, sentimentos a cruzarem-se e a disparar.

Isaac olha para ela, com o embaraço e o medo estampados no rosto. Isaac,

que nunca teve dificuldades com as palavras, está agora perdido. O seu próprio sofrimento espelha o da irmã; é tudo demasiado. Ele, tal como ela, está a fraquejar. A sua boca move-se; começa a formar palavras, mas não sai nada, ou então ela não as consegue ouvir. Há uma estranha distância; o mundo diminui até um pontinho minúsculo – as familiares trevas líquidas. Uma familiaridade. O ar nos seus pulmões é substituído por algo mais denso, mais pesado – um pedregulho a rebolar-lhe no peito.

– Não consigo fazer isto, Isaac, não consigo. – A sua respiração tropeça nela própria. Inspirações atrofiadas, incompletas. Tenta concentrar-se no quadro na parede, nas pinceladas abstratas, mas os traços estão desfocados.

– Elin? Tens a tua bomba da asma?

Ela fecha os olhos. Escuridão. Sente um movimento repentino, uma mão nos seus bolsos, depois perto da sua boca. Plástico quadrado contra os lábios, os dentes.

– Inspira. – Uma súbita rajada de gás, frio e seco na sua boca.

Demora apenas segundos. O peito começa a relaxar, a respiração torna-se mais fácil.

Ainda com a cabeça a andar à roda, vira-se para Isaac.

– Desculpa, eu…

– Não te preocupes. – Pega-lhe no braço e empurra-a suavemente para trás, para o sofá. – Não fazia ideia de que a tua asma era assim tão má.

Elin endireita-se. Por um instante fugaz, pensa em mentir, mas sabe que não é capaz. Mentiras em cima de mentiras – não pode continuar assim.

– Isaac, isto… não é asma, ou só asma. Quer dizer, ainda tenho asma, mas está controlada. O que aconteceu ainda agora foi um ataque de pânico. Têm sido piores neste último ano, desde que a mãe morreu, e depois do caso sobre o qual te falei. – Aponta para a bomba na mão dele. – Isso ajuda, claro, mas, de certa forma, é apenas um adereço. Uma boia de salvação.

Ele fita-a com olhar penetrante.

– Quando é que isto começou?

– Com o Sam. Tinhas razão quando disseste que eu tenho de estar sempre à

procura de respostas. É por causa do Sam. Tudo isto remonta a ele. Em todos os casos em que trabalho estou à procura de respostas, mas acabo sempre por regressar ao Sam. Só quero saber o que aconteceu. A verdade, para poder seguir em frente.

As palavras saem-lhe numa torrente. Palavras que queria dizer há tanto tempo. Isaac solta um som de frustração. Olha para ela com os olhos inchados e vermelhos.

– Elin, para, por favor. Para de fazer isso.

– O quê?

– Sempre a voltar àquele dia. Mesmo agora, com o Will neste estado. – Aponta para a cama com um gesto brusco. – O Sam morreu e não há nada que possas fazer quanto a isso. Achas que também não estou sempre a pensar no que aconteceu? Olho para as fotografias dele e só quero puxá-lo cá para fora, enfiar a mão na imagem e torná-lo novamente real, mas isso nunca acontecerá. Ele não está aqui. Tens de aceitar. Seguir em frente.

– Isaac… – Interrompe-se, chocada. *Como é que ele consegue fazer isto?* Assumir aquele tom condescendente quando é *ele* a causa de tudo?

– O que foi? É verdade. Não suporto ver-te assim. És uma sombra da pessoa que eras. Ninguém te culpa, Elin. Ninguém. Não queria ter de o dizer, mas se calhar é o que precisas de ouvir.

Elin olha para ele.

– Culpar-me? Porquê? – O seu tom de voz é agudo. – Tudo isto é por tua causa, Isaac. Por causa do que fizeste ao Sam naquele dia. É isso que não me deixa seguir em frente.

– Eu? – Isaac vacila.

– Estou sempre a ter *flashbacks* daquilo que realmente aconteceu. Vejo-te a ti, com as mãos cobertas de sangue. Foste tu, não foste? Tu mataste-o. Discutiram e as coisas foram longe de mais. – As palavras deslizam-lhe agora dos lábios com facilidade; palavras feias, alimentadas pelo ressentimento, pela raiva, por tudo o que escondeu durante tanto tempo.

– Não – diz ele com a voz rouca. Quando ergue o rosto para ela, as suas

feições estão contraídas. – Não vamos falar sobre isto agora. – Olha para a cama. – Não com o Will neste estado.

– Não, não será assim tão fácil. Quero saber, Isaac. Quero que me digas exatamente o que aconteceu.

Silêncio. Passam alguns segundos. Elin sente a garganta a latejar, cheia de mais palavras. Mais perguntas.

– Vá lá. – Puxa o braço de Isaac com brusquidão. – Podes começar pela primeira mentira. Não foste à casa de banho, pois não? Estavas lá, com o Sam.

É então que vê algo estranho nos olhos dele, algo que lhe causa um arrepio gelado de medo.

Pena.

Isto não está certo, pensa, em pânico. Ele devia estar triste, arrependido, até na defensiva, mas não assim…

Não devia estar com pena *dela*.

Isaac fita-a com os olhos tristes e ensombrados.

– Está bem – cede, por fim. – Queres saber a verdade? Eu não estava lá quando ele morreu, Elin. Eras tu que estavas com ele, não eu.

76

Elin gagueja.

– Não compreendo. Eu não estava lá. Estava ao pé da falésia.

Isaac esfrega o olho com força.

– Não. Já tinhas voltado. Pedi-te para tomares conta do Sam enquanto eu ia à casa de banho. Quando regressei, ele estava na água. Tu balbuciavas as mesmas frases uma e outra vez: que o tinhas visto cair na água, que não tinhas conseguido fazer nada. – Hesita. – Ouve, os médicos disseram que estavas em estado de choque. Que paralisaste.

– Não. Não. – Inclina-se para a frente e aperta os braços à volta do corpo. Não consegue absorver as palavras. – Não foi assim.

Isaac continua:

– Disseram que não podias ter feito nada. A autópsia mostrou que ele morreu instantaneamente, com uma hemorragia cerebral causada pela queda. Bateu na rocha com o sítio errado da cabeça, mais nada. Foi azar.

Elin sente uma vaga súbita e intensa de náusea; o mundo que conhece está a desmoronar-se, a transformar-se em algo novo.

Passam alguns momentos.

É ela que quebra o silêncio.

– Conta-me o que aconteceu – pede, num sussurro. – Os pormenores.

– Tens a certeza?

Elin assente com um aceno. Isaac muda de posição e olha para ela.

– Quando eu fui à casa de banho, tu estavas a pôr a tua linha ao pé da dele. Foi a última coisa que vi.

– E depois? – As suas palavras são quase inaudíveis.

– Voltei e vi o Sam na água. Entrei, puxei-o para fora. Eu… – Cala-se e Elin sabe porquê. Não quer proferir as palavras. Não quer implicá-la. Dizer-lhe que a viu ali parada, sem fazer nada.

Esse pensamento faz com que ela sustenha bruscamente a respiração.

Passou este tempo todo a culpá-lo. A pensar que ele tinha feito mal a Sam, a

Laure…

– Mas o sangue nas tuas mãos?… – interroga.

– Foi de quando o tirei da água. Ele tinha uma ferida na cabeça.

Elin, em silêncio, apercebe-se de que os seus dedos estão a mover-se de forma quase independente do cérebro. A fletir-se e a fechar-se, segurando apenas ar.

– Então o que estás a dizer é que eu estava lá e não fiz nada para o ajudar – balbucia.

– Sim, mas os médicos disseram que foi o choque. – Isaac pousa a mão na dela. – As pessoas reagem de maneira diferente quando acontece uma coisa destas; com certeza viste isso no teu trabalho. Tinhas apenas doze anos, Elin. Pensei muito nisto. Li sobre o que pode acontecer quando uma pessoa vive um trauma… Viste algo horripilante. Ficaste paralisada. É normal.

– Não. Não. Não foi isso que aconteceu. Não pode ter acontecido assim. – A sua voz é um guincho desafinado. Um som animal, descontrolado. – Isaac, não! – Dá murros no braço do sofá. – Por favor, diz-me que isso não é verdade. Não pode ser!

– Elin – começa Isaac. – Não queria dizer-te, muito menos desta maneira, mas talvez agora que sabes a verdade consigas aceitar o que aconteceu. Seguir em frente. Todos estes teus medos… talvez estejam enraizados em ti.

– Em mim?

– Sim. Devíamos ter-te obrigado a consultar um terapeuta, a falar sobre o assunto, mas a mãe tinha receio de que te culpasses a ti própria. Assim, em vez disso, acho que o teu cérebro ergueu barreiras à volta daquele dia, para te proteger do que aconteceu.

– Não é verdade. – Não quer a pena dele, estes lugares-comuns. Sente-se como se lhe tivessem arrancado as entranhas. Tem a cabeça a latejar, parece prestes a explodir. Não se lembra de alguma vez se ter sentido tão cansada. Só quer estar sozinha.

– Por favor, Isaac, deixa-me. – A sua voz é estranha. Vazia.

Ele hesita e abre a boca como se fosse dizer alguma coisa, mas depois sai.

Elin fecha os olhos com força para bloquear a imagem do irmão, para bloquear tudo, mas isso não consegue afastar os pensamentos, afiados como facas.

Ela não o ajudou. A Sam. O seu Sam. O seu irmãozinho. O menino que adorava histórias e fábulas.

O soldado. O cavaleiro. A ovelha relutante no fato de lã branca.

Apoia a cabeça nas mãos. Sente as engrenagens a girar, nas profundezas do seu cérebro, as peças a encaixar nos devidos lugares.

Agora tudo faz sentido, não é?

A reticência da mãe em falar de Sam – o rosto tenso e a expressão falsa sempre que ela mencionava o nome dele. A partida do pai, as suas tentativas pouco convictas de manter o contacto.

Eles culpavam-na. Pensavam que ela o podia ter salvado.

Fragmentos de uma memória vêm à superfície: o primeiro aniversário da morte de Sam. A mãe no quarto dele, sentada na cama, com um livro na mão: *Peepo*. Um dos favoritos de Sam quando era pequeno; mas mesmo depois de crescer, ele continuara a adorar a linguagem simples, as repetições. A mãe estava a lê-lo baixinho, com o corpo a baloiçar ligeiramente. Elin aproximou-se e apertou-lhe suavemente o ombro. E ela encolhera-se sob o toque de Elin, de forma tão brusca que o livro lhe saltou da mão e colidiu com a nave espacial de legos de Sam. Esta saltara da base e desfizera-se em pedaços. A mãe, ainda sem reconhecer a presença dela, caíra de joelhos, a tentar apanhar todas as peças.

Na altura, Elin achara estranha a forma como a mãe reagira ao seu toque, mas nunca compreendera o motivo.

Até agora.

Encosta-se à almofada, com as lágrimas quentes a arderem-lhe nos olhos.

Agora tudo faz sentido.

A mãe sabia. Todos sabiam.

Foi ela.

77

Dia cinco

Elin acorda e não faz ideia de que horas são. Quando estende a mão para ver as horas, faz uma careta – sente as costas rígidas e dói-lhe o corpo todo. Não é só por causa da luta com Margot; está numa cama de armar que o hotel lhe forneceu para que Will pudesse ficar com a cama só para si enquanto recupera. O colchão é estreito e demasiado fino e quase não cobre a rede dura de molas por baixo.

Passa um minuto das seis da manhã e já há claridade suficiente para ela conseguir ver Will. Ainda está pálido, mas a sua respiração é rítmica, estável. Aliviada, recosta-se na almofada. Tem a cabeça a latejar, pesada, cada fibra do seu corpo ainda a pedir para dormir. Vira-se de barriga para baixo e sente os olhos fecharem-se.

Desta vez o sono chega mais depressa, apodera-se rapidamente dela e puxa-a para as suas profundezas. Minutos depois está à deriva. Sabe que é perigoso porque agora, quando o *flashback* surgir, não será em fragmentos como até aqui, mas completo.

Sam, debruçado sobre a piscina nas rochas, a rede enfiada na água turva, verde das algas. Acontece em câmara lenta: o irmão vira-se para dizer qualquer coisa – «Não há caranguejos», talvez, ou «Tenho o pescoço a arder» – e, ao fazê-lo, desequilibra-se.

Elin ri-se da expressão cómica do irmão, mas depressa percebe que não é comicidade, é medo. O medo a distorcer-lhe as feições porque está a cair para trás.

Não há nada pior, pois não? Não ver para onde vamos. Não ter o controlo.

Ele rompe a superfície da água sem grande alarido.

Sabe que foi o primeiro sinal de alerta: Sam devia ter chapinhado. Devia ter feito barulho, gritado ao tocar na água, agitado braços e pernas, a rir, enquanto tentava endireitar-se.

Mas não acontece nada disso: apenas o som do corpo a atingir a água e um

baque sinistro.

E depois Sam está imóvel e o impacto só continua na água, em círculos que irradiam para o exterior à volta dele. Parte da rocha está manchada de um vermelho-escuro e brilhante sobre a renda branca dos percebes.

O rosto de Sam não parece o rosto de Sam. Tem os olhos abertos. Fixos. O seu corpo não está vivo: os membros parecem feitos de gelatina, como quando era bebé e ainda não tinha os ossos todos formados. Tem um golpe no lado da cabeça. Mais do que um golpe, uma ferida aberta, funda. Elin quer mover-se, lembra-se disso; quer saltar para a água, fazer alguma magia para o ajudar, mas os seus pés estão pregados ao chão. Presos. Colados à rocha e à casca de lapa debaixo do seu calcanhar esquerdo. *Mexam-se*, ordena ela aos pés, *mexam-se*. Mas eles não obedecem. E os olhos também não se mexem. Estão presos. Fixos no corpo de Sam, na piscina entre as rochas, com a *T-shirt* inchada pela água, a brisa a apanhá-la, a fazê-la ondular como um balão obsceno. As pernas dele a baloiçarem ao sabor da ondulação, uma tira de alga esfarrapada presa ao seu tornozelo. O balde cai da mão de Elin: um baque sonoro na rocha. A água do mar derrama-se entre o monte de lapas e percebes. Os caranguejos estão em marcha, os camarões aos saltos sobre a rocha, desesperadamente à procura de água.

É então que a mente dela se prende em alguma coisa.

Amplia a imagem. E fica presa numa ação, num círculo vicioso.

Balde a cair da mão. Balde a cair da mão.

Elin levanta a mão e aperta com força o colar, os dedos fechados sobre a curva do anzol, o coração a bater com força enquanto a memória liberta o eco de outra memória. Uma ação semelhante.

Algo a cair no chão.

Na luta entre Will e Margot, algo caíra no chão.

Ouvira algo a cair.

Fecha os olhos e a memória coalesce: os dois a debater-se, os grunhidos, as respirações ofegantes e, de permeio, algo mais abafado. Um baque suave, o som de qualquer coisa a deslizar pelo chão.

Elin senta-se na cama e pega na garrafa de água. Bebe um longo trago enquanto a sua mente disseca o pensamento.

O que poderá ser? O que é que caiu no chão?

78

– Tens a certeza? – pergunta Isaac em tom ligeiro, mas o seu olhar é desconfiado. – Depois de tudo o que aconteceu? Não estavas muito bem quando eu te deixei. – Vira-se para a mesa de cabeceira, pega no café e acaba de o beber.

O seu rosto está macilento sob a luz fraca, os caracóis acachapados e colados à cabeça.

Atrás dele, o quarto está uma balbúrdia: os lençóis puxados para trás, a mesa de cabeceira coberta de copos. Elin sente uma pontada de culpa: ele está a chorar a morte de Laure, a fazer um esforço por se aguentar, e agora ela ainda lhe coloca isto em cima dos ombros.

– Não consigo esquecer o assunto. – Afasta esses pensamentos. – Ouvi qualquer coisa a cair, tenho a certeza. Temos de pelo menos ir ver.

– Mas com certeza que se estivesse lá alguma coisa a teríamos visto quando estávamos a ajudar o Will. – Os olhos dele perscrutam-lhe o rosto. – Estavam várias pessoas lá em baixo. Se alguém tivesse encontrado alguma coisa, ter-nos-ia dito.

Elin estuda a reação retraída de Isaac, a sua expressão cuidadosamente neutra. Ele acha que ela está cansada, a agarrar-se a meras sombras.

Segue-se um silêncio constrangido.

De súbito, Elin apercebe-se do aspeto que deve ter – rosto suado, peganhento, toda despenteada depois de uma noite agitada. Um rubor invade-lhe o rosto.

– Não necessariamente. – Passa a mão pelo cabelo e tenta alisá-lo. – Estávamos todos concentrados em ajudar o Will. Podia muito bem ter-nos passado despercebido.

– Seja como for – continua Isaac num tom cauteloso –, se calhar não é a melhor ideia. A Margot deve estar aqui algures no hotel. Não sabemos onde. É demasiado arriscado. – Hesita. – E não é só isso. O Will? Não devias ficar com ele?

Elin sente os ombros tensos e uma nova vaga de sentimento de culpa.

Ele tem razão.

Devia ficar perto de Will. É o mínimo que pode fazer depois do que aconteceu. No entanto, o impulso de seguir os seus instintos… é demasiado forte.

– Quando o deixei ainda estava a dormir. Passou bem a noite. A Sara mandou-me uma mensagem e diz que vai vê-lo daqui a nada, e isto… não demora muito tempo. – Interrompe-se e faz uma careta ao ouvir as suas próprias palavras.

Autojustificação da pior espécie. Completamente egoísta.

– Tens a certeza? – insiste Isaac, enquanto veste a camisola.

– Sim. O facto de a Margot ter tentado apanhar-me prova que isto ainda não acabou. Se ela queria afastar-me do caminho, é porque tem mais alguma coisa planeada.

Isaac olha para a janela atrás dela.

– Continuo a achar que devíamos esperar. As previsões dizem que o tempo deve melhorar hoje. Talvez a polícia consiga cá chegar.

– Não me parece. – Elin olha para o exterior. Ainda está escuro, mas as luzes lá fora iluminam a neve que continua a cair em flocos grandes e pesados. – Não podemos dar-nos ao luxo de esperar. Pela maneira como a Margot falou, tenho a certeza de que isto é pessoal. Uma vingança.

Os olhos de Isaac detêm-se na cadeira. Elin segue o olhar dele.

O blusão de cabedal de Laure, dobrado sobre o braço da cadeira.

Algo se altera na expressão do irmão. Olha para ela e faz um aceno breve e decidido.

– Muito bem. Vamos lá. – Os seus olhos ardem com uma emoção que vai além da raiva. É algo cru, sombrio, profundamente íntimo.

79

As luzes já funcionam na sala do gerador. Sob o brilho forte do néon, o espaço parece diferente – estéril, inerte, a maquinaria apenas funcional e não sinistra.

Isaac caminha entre o equipamento, à frente dela. Vira-se para trás.

– Ela atacou o Will perto do fundo, não foi?

– Sim. Já não estamos longe. – Ao fim de alguns metros Elin vê-o: sangue. O sangue de Will. Aproxima-se, com um aperto no estômago. Os azulejos estão sujos de vermelho, manchas espalhadas onde os funcionários do hotel pegaram em Will. Leves pegadas ensanguentadas afastam-se até desaparecerem.

Faz um esforço e respira fundo.

– Se caiu alguma coisa, tem de estar por aqui. – Os seus olhos percorrem o chão, os espaços entre os aparelhos volumosos.

– Vês alguma coisa? – Isaac aproxima-se dela.

– Nada, até agora. – Morde o lábio, frustrada. Nada que justificasse o som que ouviu, aquele baque leve, o som de algo a deslizar pelo chão.

A menos, pensa Elin, ajoelhando-se no chão, que o impacto tivesse projetado o objeto para mais longe do que ela julgava. Afinal de contas, os azulejos são lisos, escorregadios…

Inclina a cabeça para o lado, com o colar a baloiçar junto do queixo, e espreita para baixo da máquina à sua frente. *Terá espaço suficiente para alguma coisa se enfiar debaixo dela?*

Há espaço, sim… Vira a cabeça para o outro lado. É então que vê: um canto branco, na orla da sua visão, meio enfiado por baixo da grade metálica que protege o gerador.

Estica a mão e tenta arrastá-lo para si, mas não cede.

Muda de tática: prende-o entre o indicador e o polegar e puxa. Desta vez o objeto desliza facilmente. Olha para ver o que é: *um envelope com algum volume*.

– Encontraste alguma coisa?

Ela levanta-se.

– Um envelope. – Com as mãos a tremer, abre-o e tira um monte de folhas A4 dobradas ao meio.

Ao examinar a primeira, sustém a respiração. Reconhece as palavras, a disposição.

Gotterdorf Klinik.

– É uma ficha médica. Igual às que Laure tinha no cartão de memória.

Contudo, há uma grande diferença: esta não está censurada. Passa os olhos pela página, começando pelo nome no topo: *Anna Massen*.

Massen é o apelido de Margot, não é? Elin repara então no número por baixo do nome: 87534. Solta uma exclamação abafada.

Não pode ser coincidência.

Os seus olhos descem na folha, mas não consegue perceber mais nada. O vocabulário médico em alemão está para além dos seus parcos conhecimentos da língua.

Vê a folha de baixo.

– Há mais – murmura, e depois para.

Alguma coisa caiu para o chão. Fotografias a preto e branco.

Baixa-se, reúne-as e apanha-as.

O choque percorre-a ao examinar a primeira imagem. Cinco mulheres deitadas lado a lado numa série de mesas de operações. Um pano cobre-lhes os membros inferiores, mas foi descuidadamente puxado para trás, como que a pedido do fotógrafo.

Para que a câmara possa captar o trabalho deles.

Se é que se pode chamar-lhe isso, pensa Elin, com a bílis a subir-lhe à garganta.

Os corpos das mulheres estão mutilados, as barrigas abertas, a pele puxada para os lados com um instrumento metálico qualquer de modo a revelar os órgãos. O olhar de Elin desloca-se para as cabeças. Parece que parte do crânio foi retirado e o cérebro é claramente visível. O seu próprio cérebro está a gritar com ela: *Não olhes. Não olhes*. Mas tem de olhar. Um arrepio percorre-a ao ver

o que se segue: três pessoas de pé atrás das mulheres, com roupas cirúrgicas. Todos têm máscaras no rosto. As máscaras ocultam-lhes as feições, mas Elin tem quase a certeza de que são homens – pela estatura, pela altura, pela postura formal, de pernas abertas.

As máscaras são as mesmas máscaras de borracha grotescas que foram colocadas sobre os rostos de Adele e Laure.

A mesma máscara que a assassina usava.

Elin sente mais uma vaga de repugnância ao chegar a uma conclusão: a única razão lógica para os médicos estarem assim mascarados é ocultar a sua identidade. Não queriam que as pessoas soubessem quem eram, porque estavam a fazer algo errado. Pelo menos, algo que parece muito errado. Longe de ser um procedimento clínico, isto parece a cena de um crime. Um cenário desumano. Bárbaro.

Os seus dedos apertam a fotografia e, mais uma vez, tem de fazer um esforço para continuar a examiná-la. Os seus olhos encontram mais pormenores. Sustém a respiração: a mulher mais perto da câmara tem o braço caído ao lado da cama. E vários dos seus dedos foram removidos.

E tem qualquer coisa no pulso.

É difícil perceber o material porque a imagem não é a cores, mas não há dúvidas de que é uma pulseira. Parece semelhante às pulseiras de cobre que encontrou nas caixas de vidro.

– Aqui está – diz Elin, ainda a digerir o conhecimento, as suas implicações. – O motivo por detrás de tudo isto.

Isaac tem o rosto contorcido numa expressão de repugnância.

– O que é que lhes fizeram, exatamente?

– Não sei – responde ela em tom grave. – Mas, seja o que for, não parece legal.

Depois de passar a fotografia a Isaac, Elin pega na seguinte. Mostra uma zona de relva e o que parece ser uma campa solitária, com a terra recentemente remexida, sem lápide.

Ao passar à fotografia seguinte, leva a mão à boca. Embora não seja tão

gráfica, é igualmente perturbadora. Mostra uma mulher deitada na mesa de operações, com dois sacos de areia presos ao peito. O peso dos sacos fez com que o peito dela cedesse, formando uma reentrância. A mulher tem os olhos fechados. Elin não consegue perceber se ela está viva ou não. Mas duvida: parece impossível que conseguisse respirar. O peso dos sacos de areia no peito com certeza significa que os pulmões não conseguiriam encher-se de ar. Mais uma vez, três homens de máscara estão de pé atrás dela.

A pose fixa, as máscaras… É arrepiante.

Com os dedos a tremer, passa para a fotografia seguinte. Esta mostra duas mulheres de novo em mesas de operações. Os corpos estão cobertos por lençóis, mas vê-se que têm longas incisões no pescoço. Elin estremece ao olhar para a imagem.

A sua mente estabelece a ligação: o saco de areia, a incisão no pescoço, foram os métodos utilizados para matar Adele e Laure. A sua teoria está certa – a forma como foram mortas, a assinatura… Quem as matou estava a tentar transmitir algo.

Isto.

Margot reproduzira aquilo que acontecera nas imagens. Todos os pormenores, desde o método da morte às máscaras e às pulseiras… Vira-se para Isaac, prestes a dizer-lhe qualquer coisa, quando repara que ele está a fitar atentamente a primeira fotografia.

– O que é?

– Olha para aqui. Tem qualquer coisa escrita atrás. – E passa-lhe a imagem.

Tem razão: há algo escrito a lápis, numa caligrafia antiquada que já ninguém usa. *Sanatorium du Plumachit, 1927.*

– Isto foi tirado aqui, no hotel. Tudo isso… – Elin tem a boca seca – foi feito aqui.

Ocorre-lhe uma ideia. Passa de novo as fotografias até encontrar a da sepultura. Aproxima-a e examina o fundo. Embora não haja neve no chão, como agora, reconhece o maciço de abetos que sobe pela encosta, os contornos da montanha por trás.

– Isto foi tirado perto do sanatório, não foi? Estas mulheres foram enterradas aqui.

– É o que parece. Em sepulturas sem identificação.

Elin pega na primeira fotografia e vira-a.

Por baixo do nome do sanatório estão cinco números, escritos em coluna. Cada número tem cinco algarismos. A sua mente dá o passo seguinte.

Cinco mulheres. Cinco números.

Passa o dedo pelo primeiro número: 87534. Reconhece-o de imediato: é o mesmo que encontrou no ficheiro médico no cartão de memória de Laure, e numa das pulseiras junto do corpo de Adele.

Uma destas mulheres era da família de Margot.

Elin olha para Isaac.

– Coincide com os ficheiros médicos. Os números no verso da fotografia são números de paciente.

– Então cada um dos números das pulseiras é referente a uma paciente?

– Sim. E, olhando para isto, estou quase certa de que uma destas mulheres era familiar da Margot.

– Mas os ficheiros são de uma clínica alemã, uma instituição psiquiátrica. Como é que elas vieram aqui parar?

– Não sei. Precisamos de alguém que nos traduza estes documentos. Mas o meu palpite é que não foram transferidas por problemas de saúde mental.

Quanto mais olha, mais sinistras lhe parecem as imagens.

Há vários pormenores que a incomodam: a forma como os homens mascarados estão alinhados atrás das mulheres. Há um desequilíbrio de poder implícito na sua postura e posição – as mulheres ali deitadas, vulneráveis, os cirurgiões mascarados por trás delas, a controlar.

Uma ameaça.

Depois a campa – o facto de não ter lápide nem qualquer sinal de uma cerimónia fúnebre.

Teriam sido enterradas em segredo?

Elin afasta o cabelo do rosto.

– Este foi o motivo desde o princípio, Isaac. Vingança. De alguma maneira, a Margot teve acesso ao que consta destes documentos, às fotografias, e está a tentar vingar-se.

A expressão de Isaac altera-se, fica mais tensa.

– Se tiveres razão… – aponta para as figuras mascaradas – e ela estiver a basear-se nestas fotografias… Há cinco pessoas nesta, Elin. – Levanta-a. – Se contarmos com o Daniel, ela matou três até agora, portanto, isso significa…

– Que faltam duas pessoas – conclui Elin.

Uma pausa.

– Só não compreendo porque é que a Margot atacou a Adele, a Laure… e o Daniel – começa ele. – O que aconteceu nessas fotografias, aconteceu há muitos anos. É horrível, traumático, mas tem de ter sucedido alguma coisa mais recentemente para que ela decidisse agir agora.

– Concordo; mas enquanto não soubermos mais, é impossível calcular o que foi.

– E agora? – Isaac olha para o envelope na mão dela. – Temos esta informação, mas não nos diz onde a Margot está, nem o que está a planear.

– Tens razão – admite ela; e é então que repara em algo na orla do envelope. Um pequeno floco escuro.

O verniz de Margot.

Um súbito estremecimento no seu subconsciente. Uma imagem: fragmentos de verniz sobre a secretária. Margot a sacudi-los para o chão, derrubando a mala, cujo conteúdo se entorna.

O pensamento que, até este momento, fora informe, fugidio, solidifica-se. Algo que a sua mente consciente não apanhou na altura, mas que o seu subconsciente pelos vistos guardou.

O medo aperta-lhe o estômago.

– Temos de encontrar os Carons. Acho que sei onde a Margot está, Isaac. Acho que ela esteve sempre no hotel.

80

– A sala de arquivo? – pergunta Lucas em tom pouco convicto, empurrando a chávena de café sobre a mesa. – Mas não há lá nada.

Elin sente a tensão que emana dele: ombros contraídos, maxilares cerrados.

Não é o facto de ela o ter acordado que está a incomodá-lo, mas sim de não ter seguido as indicações dele. E de ter continuado a investigar.

– Tem a certeza? Não há mais portas? Não há outra maneira de entrar e sair da sala?

– Não. – O tom de Lucas é seco. Fecha o computador e fita-a com um olhar de desafio. – Porque está tão convencida de que ela se escondeu lá?

– Um palpite. – Elin arrepende-se de imediato do que disse.

Um palpite. Parece uma amadora.

– Quer colocar-se em risco com base num palpite? – Com uma leve careta, troca um olhar com Cécile. – A polícia talvez consiga subir hoje. Dizem que o tempo vai melhorar. Preferia aguardar, como nos aconselharam.

Não menciona aquilo que sabe sobre o emprego dela, sobre a sua mentira, mas não é preciso: esse facto está suspenso no ar, a pesar sobre ambos.

– Aguardar sem fazer nada é capaz de ser problemático. – Elin tem cuidado com as palavras; esforça-se por manter um tom neutro, desapaixonado. – O meu receio é que a Margot esteja descontrolada. O que fez ao Will não foi planeado, foi espontâneo. Há fortes probabilidades de que volte a fazer algo do género. Assim que se aperceber da presença da polícia, a situação pode agravar-se rapidamente. – O fim da frase é abafado pelo som do vento.

Elin sente o telemóvel a vibrar no bolso. Tira-o e vê que é Isaac a ligar-lhe. Guarda-o de novo, com intenção de devolver a chamada depois.

– Acha mesmo que a Margot está por detrás de tudo isto? – pergunta Cécile.

Elin pousa o envelope com as mãos trémulas.

Era desta deixa que estava à espera – a possibilidade de lhes mostrar as imagens e ver a reação deles.

– Acho que sim – responde calmamente –, por causa disto. – Tira a primeira

fotografia e pousa-a na secretária. – Este é o motivo da Margot. Não me ocorre outro mais forte.

Cécile recua e leva uma mão à boca. Lucas, mais difícil de ler, mantém uma expressão fixa.

– O que é? – Passa a mão pela barba no queixo.

– Esta fotografia foi tirada aqui. Pensamos que uma destas mulheres era familiar da Margot. – Elin vira a fotografia. – Um destes números corresponde ao número de paciente na ficha médica que encontrámos no mesmo envelope, e ao número de uma das pulseiras.

– Mas o que estão eles a fazer a estas mulheres? – Cécile pega na fotografia, com o olhar velado. – Não parece uma operação normal.

– Pois, também não acho que seja. Estas mulheres vieram de uma clínica psiquiátrica na Alemanha. Não há qualquer motivo médico legítimo, tanto quanto sei, para que fossem transferidas para, um sanatório para tuberculosos. – Abre o envelope e tira a ficha médica da parente de Margot. – Saberemos mais depois de decifrarmos isto. Eu não consigo compreender nada.

– Posso traduzir. – Cécile lê em silêncio e depois começa a falar. – Diz que ela foi internada na clínica por problemas psiquiátricos após o nascimento do quarto filho. O médico da família recomendou o seu internamento seguindo indicações do marido. Tem uma descrição dos medicamentos e tratamentos a que foi submetida. – Franze a testa. – Mas não diz nada sobre uma transferência para cá.

– Imagino que isso não constaria da ficha. Penso que foi feito em segredo. Sem registos. – Elin vira a fotografia. – Diz aqui, muito claramente: *Sanatorium du Plumachit*. – Abre de novo o envelope, tira a fotografia da campa. – Encontrámos também esta. Parece-me ter sido tirada perto do hotel.

– Uma sepultura… – diz Cécile lentamente. – Acha que estas mulheres estão enterradas aqui?

Elin assente com um aceno.

– Não tinham ideia de que estas coisas tiveram lugar aqui?

– Não. – O rosto de Cécile ensombra-se. – Não há nada no arquivo sobre

isto.

– Lucas? – Elin aguarda a reação dele. Quaisquer indícios ou sinais de falsidade. – Não tinha informação nenhuma sobre as sepulturas quando planeou a construção?

Ele afasta os olhos da imagem e abana a cabeça.

Elin percebe que há algo estranho naquela reação; a expressão de Lucas parece *demasiado* neutra, *demasiado* indiferente.

Com a mente a trabalhar furiosamente, concentra-se nele, e não se apercebe de que Cécile continua a falar.

– Desculpe?

– Estava a dizer que isso aconteceu há tanto tempo… – Cécile franze a testa. – O que tem a ver com a Adele e a Laure? Ou com o Daniel? Porquê matá-los?

– Não sei – admite Elin. – Só a Margot pode responder a essa pergunta.

Os olhos de Cécile ainda estão a analisar a fotografia.

– Agora que vi isto, acredito que tem razão. Se o que se tem passado aqui está relacionado com estas imagens, quem sabe o que ela pode fazer a seguir? Acho que deve tentar encontrá-la. Confrontá-la.

Lucas parece indeciso.

– Não sei…

Elin fita-o e prende-lhe o olhar.

– Pode ser a nossa única oportunidade de agir de modo ofensivo, de a apanhar desprevenida. Até aqui ela tem estado sempre um passo à nossa frente. Se avançarmos agora, podemos ter a vantagem da surpresa.

Lucas acena e vira-se para Cécile.

– Podes ir à sala de jantar e supervisionar o pequeno-almoço? Eu acompanho a Elin.

– Podemos… – Elin interrompe-se ao sentir o telemóvel a vibrar de novo no bolso. Tira-o. É mais uma vez Isaac. – Tenho de atender – diz, e afasta-se um pouco. – Estou?

– Onde tens estado? Não atendeste o telemóvel.

– Estava a mostrar as fotografias ao Lucas e à Cécile.

– Tens de estar contactável, Elin, sabes muito bem.

Elin abre a boca para responder, mas detém-se ao dar conta do tom grave da voz dele.

– O que se passa?

Uma pausa.

– Isaac? É o Will?

– A tensão arterial dele… – Isaac não consegue terminar a frase, como se estivesse com dificuldade em encontrar as palavras. Elin sente-se subitamente doente, quente. – Baixou um pouco. A Sara não sabe se será uma infeção ou uma hemorragia interna. Não lhe parece muito provável, dada a localização da ferida, mas acha que temos mesmo de o levar para o hospital.

Uma pressão aperta-lhe o crânio como um torno.

Isto não pode estar a acontecer. Não pode deixar que isto aconteça outra vez.

– Como? Estamos presos aqui. – Elin sabe que a sua voz está descontrolada. – Não temos forma de sair.

Lucas olha para ela.

– Eu sei. Só queria transmitir-te o que ela disse. – Elin percebe que ele está a esforçar-se por falar em tom calmo. Não sabe o que fazer com a informação; não sabe como há de reagir, muito menos como partilhá-la com ela.

– Vou subir para o ver antes de ir à procura da Margot com o Lucas.

– Está bem.

Elin explica a situação a Lucas e sai do escritório com o coração aos saltos.

Calma, diz a si própria, mas só consegue pensar que está a perder Will.

E que não pode perder outra pessoa que ama.

81

Elin fecha a porta do quarto e os seus olhos enchem-se de lágrimas, que tenta conter quando se senta ao lado de Will. Quer ser forte, não mostrar medo, mas é apenas uma fachada.

Will parece pior. Mais frágil. Sob as luzes fortes por cima da cama, a sua pele parece quase translúcida, as veias azuis nas têmporas agora visíveis através dela. A respiração é pouco profunda, como se fosse necessário um esforço hercúleo para manter até a mais básica das funções. Apesar das garantias de Sara de que a tensão arterial voltou ao normal, de que a situação está controlada, a mente de Elin insiste em produzir cenários graves.

E se a tensão voltar a baixar? E se Sara lhe estiver a esconder alguma coisa porque sabe que não podem fazer nada enquanto não chegar ajuda exterior?

No entanto, sabe também que não pode permitir que os seus medos levem a melhor. Se isso acontecer, não é só a vida de Will que está em jogo, mas as de todos.

Depois de sair do quarto, limpa os olhos e percorre o corredor em passo rápido e decidido.

Concentra-te, pensa. *Controla-te*.

Lucas está à espera dela em frente à sala de arquivo.

– Como está o Will? – Os seus olhos revelam uma preocupação genuína enquanto abre a porta.

– A tensão arterial… tinha baixado de repente, mas já estava normal quando eu o deixei. A Sara acha que pode ser o início de uma infeção. Ele precisa de antibióticos. – Acometida por uma vaga de sentimento de culpa, Elin para.

Devia mesmo estar a deixá-lo para vir fazer isto?

Lucas fita-a, constrangido.

– Oiça – diz em tom suave –, não me importo de ir sozinho, se quiser voltar para junto dele.

Elin entra na sala de arquivo.

– Não, tenho de fazer isto.

Não só porque se quer certificar de que Margot não consegue fazer mal a mais ninguém, mas porque agora aquilo é profundamente pessoal. Margot atacou Will e Laure. Tem de ser travada.

– É isto. – Agacha-se no meio da sala de arquivo e passa os dedos sobre o tapete de borracha. Os seus olhos fixam-se no padrão de diamante, e no pequeno objeto metálico caído numa das ranhuras, com as estrelas prateadas claramente visíveis.

– O que é? – Lucas ajoelha-se ao lado dela.

– Um gancho. É da Margot. Quando aqui estive antes vi-o no chão, mas não estabeleci a ligação até encontrar o verniz dela no envelope. Isso despertou-me uma memória de a ver a arrancar o verniz, sentada à secretária. E quando sacudiu os pedacinhos para o chão, derrubou a mala com o braço e entornou alguns ganchos…

Os seus olhos detetam algo mais: vários fragmentos minúsculos entre os orifícios do tapete de borracha. Lambe um dedo e enfia-o na ranhura. Vários fragmentos ficam lá colados. Elin observa-os e analisa-os.

É o verniz de Margot. Aquele tom cinzento específico…

– O que é?

– Verniz das unhas. – Se ainda tivesse alguma dúvida, esta acabara de se dissipar. – A Margot esteve aqui. Há pouco tempo. – Observa melhor. Há vários pedacinhos maiores claramente visíveis. Se ela estivesse apenas a arrancar o verniz, os fragmentos estariam espalhados por uma área mais ampla e não debaixo do tapete. Alguma coisa lhe raspou o verniz.

– Este chão não é o original, pois não?

Lucas endireita-se.

– Não. Não se conseguiu aproveitar nada do chão original. Isto era para ser temporário, mas os planos para esta divisão mudaram e acabou por ficar assim.

Elin ainda está a examinar a borracha. É então que repara: uma linha fina cortada através da superfície. Segue-a com os olhos: a linha forma um grande quadrado de aproximadamente um metro de largura.

Passa a mão sobre a linha, com os sentidos em alerta.

Não pode ser coincidência.

– O que é? – Lucas lança-lhe um olhar interrogativo.

– Ainda não sei. Dê-me um momento. – Tira o canivete do bolso, agacha-se e enfia a ponta da lâmina no corte na borracha. Faz força até conseguir levantar um canto.

Puxa e afasta essa secção da borracha. Por baixo há uma fina camada de linóleo. Nada de extraordinário, se também aí não estivessem mais fragmentos de verniz cinzento. E vê que há uma marca semelhante: um grande corte quadrado, exatamente do tamanho do que foi cortado na borracha.

Elin sente a pulsação acelerada.

Encontrou alguma coisa.

Enfia a lâmina do canivete nesta nova linha e levanta o quadrado de linóleo. Este sai muito facilmente, como se não fosse a primeira vez que alguém o faz. Elin olha para o que revelou.

Por baixo do linóleo não está o chão de cimento sólido que seria de esperar, mas algo completamente diferente. Uma porta de madeira, com duas pegas metálicas dobradas para baixo em encaixes à medida. A superfície está coberta de poeira, mas Elin consegue distinguir mais lascas de verniz.

Margot esteve aqui. Levantou várias vezes esta porta e o tapete por cima, deixando cair pedacinhos de verniz.

Ergue os olhos para Lucas.

– Sabe o que isto é?

– Não – responde ele sem hesitar. – Nunca a vi antes.

– Nem durante as obras?

– Não. Quando começámos a remodelação, havia linóleo desse por todo o lado. Era velho, estava imundo, irregular. Dissemos aos trabalhadores que cobrissem tudo com a borracha até decidirmos o que íamos fazer. – Olha para o alçapão. – Acha que é aqui que…

– É possível – responde Elin em tom inseguro. Se houver uma divisão em baixo, seria o local ideal para prender alguém. Acesso fácil ao hotel e, ao mesmo tempo, privacidade total.

Segura nas pegas e puxa a porta para si. Esta abre-se facilmente, libertando uma rajada de ar bafiento.

Elin espreita para a abertura. Escuridão total. Não consegue ver nada.

Tira a lanterna da mala e acende-a. O feixe de luz ilumina os primeiros degraus de umas escadas de pedra.

– Vou descer.

– Agora? – Lucas fita-a com surpresa.

– Não podemos esperar. Temos de a travar antes que ela faça mal a mais alguém.

– Está bem, mas eu vou consigo. Não é seguro entrar aí sozinha.

– Como queira. – Fita-o com uma expressão firme. – Mas eu vou à frente.

82

Com a lanterna bem segura na mão direita, Elin desce as escadas, seguida por Lucas. O cheiro a bafio é avassalador; o ar aqui em baixo é parado, carregado de pó.

Depois de descer alguns degraus, vira-se para Lucas e baixa a voz, num murmúrio.

– Antes de descermos mais, pode ver se há uma maçaneta na parte de dentro do alçapão?

Ele volta a subir os primeiros degraus para verificar.

– Sim, há.

– Então a Margot podia ter entrado e saído por aqui… – diz, a pensar em voz alta. – Sem as câmaras de segurança, ela podia facilmente entrar e sair desta sala mesmo que o alçapão estivesse fechado.

– É possível – responde Lucas.

Quando chega ao fundo das escadas, Elin apercebe-se de que quase perderam a luz proveniente da sala de arquivo. Acende a lanterna e roda-a em círculo para ter uma ideia do espaço. É relativamente aberto, mas não muito. À sua frente, estende-se um vazio sombrio.

Um túnel.

Não é uma cave, como ela imaginara. Deve estender-se para a frente do hotel, por baixo do *spa*, do parque de estacionamento. Ou mais longe ainda.

Enquanto varre as paredes com a lanterna vê que, tal como os degraus, são ásperas, com a superfície manchada da água. Aponta a lanterna para cima e distingue uma antiquada luz fluorescente presa ao teto. Parece fora de serviço: está coberta de poeira, a estrutura exterior fraturada, coberta de pequenas rachas. Elin estuda-a. A iluminação sugere que o túnel faz de facto parte do edifício, e não é uma construção adicionada posteriormente. Olha para Lucas.

– Tem a certeza de que este túnel não está nas plantas?

– Tenho. – Ele tira a sua lanterna do bolso e acende-a. – Nem consta da inspeção que fizemos antes das obras. – Está a tentar não mostrar medo, mas

Elin sente-o: o movimento do peito indica-lhe que ele está a esforçar-se para controlar a respiração.

– E não reparou em qualquer indício de uma saída do túnel? Alguma estrutura invulgar?

– Nada. A saída deve estar bloqueada. A menos que fique a quilómetros daqui, o que não faria sentido, tendo em conta o fim para que era usado.

– Então sabe para que usavam o túnel?

– Não posso ter a certeza, mas havia vários sanatórios em Leysin com túneis. Eram usados para transportar comida e provisões diretamente para o edifício e também… – As suas feições ficam tensas. – Para transportar os mortos, de modo que os outros pacientes não vissem.

Elin absorve a informação. Se isso é verdade, então, como é que ele desconhecia a existência deste túnel? Com certeza que haveria registos, que seria mencionado em algum lado? A menos, pensa, que sempre tenha sido secreto, por alguma razão.

– Talvez – começa, agoniada com a possibilidade – os médicos que vimos naquelas fotografias também usassem este espaço. É possível que, por esse motivo, não conste de nenhum dos registos.

– É possível.

Elin recomeça a caminhar, com a inquietação a aumentar a cada passo.

Ao fim de alguns metros, há uma alteração: o chão do túnel divide-se em dois tipos de superfície. O lado direito tem degraus, e o esquerdo é um caminho liso.

– Sabe porque o teriam construído assim?

Lucas assente com um aceno, tão tenso que as veias do pescoço parecem prestes a romper a pele.

– Se for como os túneis em Leysin, este lado mais liso era usado para transportar os corpos em carrinhos motorizados. Os degraus ao lado eram para os funcionários.

Arrependida de ter perguntado, Elin continua a andar, com o feixe de luz da lanterna a penetrar apenas ligeiramente nas trevas. Ainda não vê nada, nenhum

sinal de que Margot ou alguém tenha estado aqui.

Estarão enganados? E se este túnel não tiver nada a ver com as mortes?

É então que repara que a lanterna de Lucas está parada, fixa em alguma coisa mais à frente.

– O túnel fica mais largo aqui – murmura ele.

Elin avança alguns passos e aponta a lanterna para os lados.

Ele tem razão: o túnel alarga durante alguma distância antes de voltar a estreitar mais à frente. Elin está prestes a prosseguir quando a lanterna incide sobre algo: um brilho metálico, a cerca de meio metro, no chão.

Aproxima-se e aponta a lanterna, com um alarme interno a começar a soar. A cena à sua frente emerge da escuridão: o metal onde a luz da lanterna se refletiu pertence a um carrinho. Está coberto com um lençol de borracha e tem cordas presas dos lados, duas em cima, duas em baixo.

Elin fica completamente imóvel e avalia o que vê. Perto do fundo do carrinho há vários sacos de lona, toalhas espalhadas ao lado, várias garrafas de água. À esquerda, uma pequena mesa coberta de instrumentos metálicos: tenazes, tesouras, facas.

Os instrumentos estão sujos de sangue, manchas escuras e reluzentes.

Leva a mão à boca. *Foi aqui que aconteceu. Foi aqui que Laure foi mutilada antes de morrer. E Adele também.*

As imagens sucedem-se na sua mente. Tem as palmas das mãos húmidas.

– Foi aqui que… – Lucas não termina a frase. Parece chocado.

– Sim. – A voz vacila-lhe. – A localização ideal. Tem espaço suficiente, privacidade. Acesso fácil ao… – Interrompe-se ao reparar em algo; um cheiro diferente, mais forte.

O bafio fétido dos primeiros metros de túnel deu lugar a outra coisa – o cheiro de decomposição. Um odor metálico e enjoativo.

Elin avança, com a respiração mais leve.

Deve ser apenas o sangue dos instrumentos, o sangue que Margot tentou limpar, mas que, sem ventilação, permaneceu no ar, preso nas fendas.

Está prestes a virar-se para Lucas quando vê algo – na curva da parede do

túnel, no ponto mais largo.

Elin estaca, acometida por uma súbita vaga de náusea.

Impossível.

83

Elin tapa a boca com a mão, a bílis já a subir-lhe pela garganta e a encher-lhe a boca.

Margot.

Foi içada por um estranho sistema de roldanas, fixo a uma estrutura de madeira.

A grotesca máscara de borracha está meio caída, pelo que se vê bem o seu perfil, as feições lívidas.

Tem um olho fechado e o outro aberto: vazio, sem vida.

Elin treme enquanto olha e tenta perceber o que tem pela frente.

Ela matou-se? Cometeu suicídio porque sabia que ia ser apanhada?

Mas quando os seus olhos descem pelo corpo, percebe que o tronco de Margot está a ser puxado por um complexo sistema de cordas que a prendem pelos pulsos e tornozelos. A corda em volta dos tornozelos está ligada a uma espécie de manivela, com uma roda giratória.

Era impossível ela ter feito isto a si própria.

O olhar de Elin desloca-se para a esquerda, na direção da cabeça de Margot. Tem um grampo metálico preso à testa e o sangue desliza-lhe pelo rosto, da ferida que causou ao perfurar a pele. A superfície do grampo tem ganchos de metal, presos a uma corda que, por sua vez, está ligada a outra roda.

Elin sente o sangue a rugir nos ouvidos enquanto olha para o pescoço de Margot. A sua pele tem marcas onde foi esticada e rasgada.

Se o grampo na testa não a matou primeiro, então a força deste instrumento medieval decerto foi suficiente para lhe separar a cabeça da medula espinal.

Morte instantânea.

Passam-lhe pela cabeça uma série de imagens: Margot como a vira poucos dias antes, e agora *isto*. Esta barbaridade.

Elin sabe, com absoluta certeza, que será isto que lhe ficará na memória, que será esta a imagem que lhe ficará na cabeça para o resto da vida.

Respira fundo e espera pelo pânico familiar. Mas este não surge: tem a

cabeça clara e as ideias nítidas, apesar daquilo que vê, mas o pensamento seguinte quase a faz desejar que assim não fosse.

– A Margot estava de conluio com outra pessoa. – Elin vira-se para Lucas. – Teve sempre um cúmplice, este tempo todo.

84

Não obtém resposta.

Gira sobre si própria num círculo, e olha em volta, desconfiada.

– Lucas? – chama, a palavra a ecoar pela escuridão do túnel.

Sem resposta.

Um arrepio de medo: vira-se de novo, desta vez mais devagar, rodando o feixe de luz num círculo.

Instantâneos: *o carrinho de metal. Equipamento abandonado. O betão manchado das paredes.*

Mas nada de Lucas.

Onde poderá ele estar?

Estava mesmo atrás dela há minutos. A sua mente explora as possibilidades: talvez tenha visto ou ouvido alguma coisa, adentrando-se mais no túnel?

Avança alguns metros e inspeciona o espaço à sua frente, com a boca seca.

Nem sinais dele.

Vira-se para voltar para trás quando ouve um baque distante. O seu cérebro decifra instantaneamente o som.

O alçapão.

Lucas voltou para trás e saiu por onde tinham entrado.

Num clarão súbito e devastador, compreende: só há uma razão para ele ter fugido neste momento. A sua mente agarra-se à conclusão lógica.

Era com Lucas que Margot estava de conluio. É ele o assassino.

Mas se assim é, porque não a matou no túnel, quando teve oportunidade?

Vira-se e corre na direção do alçapão. Não é fácil – a altitude a que se encontram, a inclinação do caminho. Cada passo parece desastrado, inútil, como se não estivesse a fazer qualquer progresso. O suor escorre-lhe pela testa. Impaciente, limpa-o e continua.

Os seus pensamentos viram-se para Margot.

Porque é que Lucas a mataria?

Teria algo corrido mal, ou seria esse o plano desde o início? Teria ele

treinado Margot de modo a fazer dela o bode expiatório perfeito? Quereria que tudo isto parecesse uma vingança, de modo a poder executar o resto do seu plano sem obstáculos?

Passam-lhe pela cabeça vários pensamentos – o que Cécile lhe contou, a relação de Lucas com Laure, a sua obsessão pelo hotel.

As mentiras dele.

Faz sentido, não faz? O seu motivo pode ser algo que nunca ocorreu a Elin, talvez o maior de todos: proteger o hotel. Lembra-se de Cécile lhe falar sobre a paixão dele pelo local: «construir um monumento a si próprio».

Será que isto é uma tentativa delirante de proteger o seu legado? É possível: as mortes podem ter sido uma tentativa de esconder a verdade sobre o passado sombrio do sanatório.

Talvez as pessoas que ele matou soubessem algo sobre o assunto.

A lógica devia ter indicado a Lucas que isto nunca resultaria, mas Elin sabe que a lógica de um assassino nunca é racional. Na mente dele, as suas ações fariam todo o sentido: seriam a única conclusão viável. É essa convicção absoluta, essa determinação implacável, que permite a um assassino fazer aquilo que faz.

Seja qual for a resposta, Elin sabe que tem de agir depressa.

Por fim, chega aos degraus. Sobe os primeiros e inclina a cabeça para cima. A escuridão é absoluta: não vê qualquer luz proveniente da sala de arquivo.

As suas suspeitas estão certas: Lucas fechou o alçapão. Com a lanterna entre os dentes, Elin levanta os braços e empurra com toda a força a maçaneta deste lado, mas a porta não se mexe.

Tenta de novo, depois de apalpar a superfície com os dedos para tentar encontrar um ponto fraco, sem sucesso. Experimenta uma nova tática: recua um degrau, agacha-se e salta, impelindo-se contra a porta com todo o seu peso. Não funciona: a madeira cede apenas alguns milímetros, revelando uma fina faixa de luz. Elin desequilibra-se ao aterrar de novo no degrau estreito e olha em volta, com um pânico crescente.

Ele fechou-a aqui.

Passam alguns minutos enquanto tenta formular um plano: só Lucas e Cécile sabem que ela está aqui em baixo. Cécile pode não vir à sua procura tão cedo, o que dará tempo a Lucas de executar aquilo que tem planeado, seja lá o que for.

Provavelmente não adianta tentar encontrar a saída na outra ponta do túnel, uma vez que Lucas disse que devia estar bloqueada.

Pensa, Elin, pensa.

Um pensamento surge-lhe de súbito, algo tão básico que nem lhe tinha ocorrido.

O telemóvel.

Vira-se no degrau e tira-o do bolso. O ecrã ilumina-se, mas Elin deixa de se sentir assim tão esperta – só tem um traço de rede, que se acende e apaga de forma intermitente. Mexe o telemóvel de um lado para o outro. Nada. O traço por fim desaparece e é substituído por duas palavras: *sem rede*.

Desta vez, sobe as escadas o máximo que consegue, até estar agachada no degrau superior. Olha para o ecrã e vê que o nome da operadora Swisscom apareceu. O traço de rede está agora sólido.

Um sinal; fraco, mas um sinal. Talvez seja suficiente. Senta-se no degrau e escreve uma mensagem a Isaac: TRANCADA NA SALA DE ARQUIVO. HÁ UM ALÇAPÃO NO CHÃO NO MEIO DA SALA, COMO SE ALGUÉM TIVESSE CORTADO UM QUADRADO NA BORRACHA. LEVANTA A BORRACHA E O LINÓLEO E HÁ UMA PORTA.

A resposta é imediata: VOU A CAMINHO.

Minutos depois, Elin ouve barulho por cima da sua cabeça: baques, coisas a raspar.

Um rangido sonoro e uma luz ofuscante.

Elin pisca os olhos, momentaneamente cega. Consegue distinguir a silhueta de Isaac diretamente por cima dela, ajoelhado à beira da abertura. Está corado, suado.

Ele estende a mão e ajuda-a a subir.

– Estás bem? – A sua voz é áspera, carregada de emoção.

– Estou. – Ela endireita-se e respira fundo. – A Margot está morta, Isaac.

– Morta? – repete ele em tom incrédulo. – Mas pensavas que…

Elin suspira.

– Eu sei. Encontrei-a lá em baixo, no túnel. – Vacila quando a lembrança do corpo destruído de Margot lhe invade a mente. Imagens gráficas, horríveis.

– Então não foi ela?

Elin hesita e tenta organizar os pensamentos.

– Não tenho a certeza. Acredito que ela estava envolvida, mas penso que tinha um cúmplice. A pessoa que me trancou lá em baixo.

Isaac franze a testa.

– Como assim?

– O Lucas – diz ela sem rodeios. – Ele desceu comigo, para procurar a Margot. Esteve sempre comigo e depois, quando eu estava a examinar o corpo da Margot, virei-me e ele tinha desaparecido.

Isaac assobia baixinho.

– Achas mesmo que ele pode estar envolvido?

– Por que outra razão me deixaria fechada lá em baixo?

– Mas porque não te matou, simplesmente, para te afastar de uma vez?

– Não sei – responde Elin. – Também tenho estado a pensar nisso. Eu estava distraída com a Margot… Se calhar achou que não era preciso.

Isaac olha com ar ansioso para a porta.

– O que vais fazer agora?

– Temos de o encontrar. Antes que ele apanhe outra pessoa.

85

Quando Elin entra no salão, há mais claridade, mas não muita – as janelas revelam um brilho prateado leitoso no céu lá fora, que faz com que pareça mais a alvorada do que o final da manhã.

Há dois pequenos grupos reunidos nas mesas perto do bar, mas ninguém está a conversar. As pessoas estão a olhar para os telemóveis ou a beber as suas bebidas.

Elin vê Cécile na primeira mesa, com as mãos fechadas sobre uma pequena chávena de café. Aproxima-se, com os nervos a dançarem-lhe no estômago.

Como é que ela reagirá quando lhe contar o que descobriu sobre Lucas?

Cécile ergue o rosto, que está macilento, tenso.

– Como está o Will?

– Estável, por agora.

– Ainda bem.

Elin baixa a voz.

– Cécile, acho que precisamos de conversar, a sós.

– Está bem. – Cécile empurra a cadeira para trás e levanta-se. Dirigem-se a uma mesa do outro lado da sala, fora do alcance dos ouvidos alheios.

Elin senta-se e puxa a gola da camisola. Está calor. Na lareira, a pouco mais de um metro, arde um lume forte.

Entre hesitações, conta o que aconteceu, surpreendida pelas expressões contraditórias no rosto de Cécile – confusão, incredulidade e algo mais. Algo inesperado – um ar de resignação.

É como se alguma coisa se tivesse soltado e andasse à deriva nas suas feições.

Teria suspeitado do irmão desde o princípio?

– Acredita mesmo que o Lucas faz parte disto? – pergunta Cécile quando Elin termina. Os seus olhos estão ensombrados, encovados.

Elin respira fundo.

– Ele fugiu, Cécile. Tentou prender-me lá em baixo. Pode haver outra

explicação, mas não estou a ver qual.

Cécile fica em silêncio algum tempo e o seu olhar passa pela caixa de vidro suspensa do teto a cerca de um metro delas. Elin já a viu; contém um antigo manómetro de vidro e madeira. A placa no interior explica que era usado para medir a pressão do ar quando o cirurgião forçava a compressão e retração dos pulmões do paciente tuberculoso.

Agora, depois do que descobriu, Elin vê o objeto com total repugnância: Lucas incorporou-o propositadamente na decoração. Tornou-o uma peça de destaque.

– Então o que quer fazer? – pergunta Cécile, por fim. No espelho atrás do bar o seu reflexo parece distorcido, as feições alongadas.

– Duas coisas. Temos de manter todas as pessoas juntas, garantir que ninguém sai desta sala. E depois temos de encontrar o Lucas.

– Mas ele pode estar em qualquer lado. O hotel é enorme, e é possível que exista mais algum esconderijo como o túnel, não é?

– Sim, mas se ele planeia fazer mais alguma coisa em breve, o mais provável é que esteja no edifício principal.

Cécile assente com um aceno brusco e o seu olhar endurece.

– Vamos começar pelo escritório dele.

***

O espaço está irreconhecível; a perfeição imaculada foi destruída.

A secretária de Lucas é um caos. Há papéis espalhados pela superfície de madeira envernizada, vários cadernos no chão, gavetas abertas, a cadeira afastada da secretária.

É como se a divisão tivesse sido assaltada.

Um arrepio percorre Elin, ao compreender com um sobressalto agonizante: *Ele esteve aqui. À procura de alguma coisa*.

Aproxima-se da secretária e começa a remexer nos papéis espalhados. Documentos de negócios, na sua maioria cópias de apresentações.

Entre um monte de ficheiros, os seus olhos pousam em algo familiar.

As cartas. As cartas anónimas ameaçadoras que Lucas lhe mostrara. As cartas que sabe agora terem sido enviadas por Laure.

São cerca de uma dúzia, todas diferentes.

Mas ele só mencionou três.

Isto duraria há mais tempo do que ele admitira? Se assim for, é possível que estas cartas tenham contribuído para o levar a cometer o primeiro assassínio. Se se sentiu ameaçado…

– O que é? – Cécile vira-se para a secretária.

– Encontrei mais cartas. As que a Laure lhe mandou.

Ela franze a testa.

– Porque andaria o Lucas à procura disso?

– Não sei. – Elin abana a cabeça, olha para as cartas de novo e, desta vez, algo chama-lhe a atenção.

Há qualquer coisa aqui que não parece bem.

Demora um instante a perceber o que é: os armários.

São a única coisa que parece intacta. Formam uma longa fila, apenas meio metro acima do chão.

A meio de cada porta, há uma pequena fechadura.

Aproxima-se, agacha-se e examina-os.

– Tem a chave destes armários?

– Não. O Lucas deve tê-la consigo.

Elin endireita-se e olha em volta, à procura de algo suficientemente sólido para partir a fechadura.

Vê um grande pisa-papéis de vidro no canto da secretária de Lucas. Pega-lhe e ajoelha-se. Posiciona o pisa-papéis por cima da fechadura no primeiro armário, o maior, e bate com força no mecanismo. Não resulta – as suas mãos estão húmidas, suadas, e deixa cair o pisa-papéis, que roça na superfície da fechadura antes de saltar para o chão. Limpa as mãos às calças, tenta de novo. Desta vez acerta mesmo no centro da fechadura, que cede com um estalido sonoro. Enfia o dedo na porta de correr e abre-a.

E recua, horrorizada.

O armário está vazio, à exceção de uma coisa.

Uma máscara.

A mesma máscara de borracha preta que lançou a sua sombra horripilante sobre todos nos últimos dias. Sem um rosto por trás, está vazia, achatada.

Elin não consegue afastar os olhos. O momento prolonga-se e uma engrenagem gira nas profundezas do seu cérebro.

Agora não há dúvidas. É a mesma máscara que viu no corpo de Adele e de Laure. E no de Margot, também.

É Lucas que está por detrás de tudo isto.

Cécile aparece ao seu lado.

– Isso estava aí dentro?

– Sim. – Elin pega-lhe e observa os detalhes: as rachas finas na borracha, o tubo largo que liga o nariz à boca. Revira-a entre os dedos, com os contornos de um pensamento a começarem a formar-se, mas antes que este se solidifique, fragmenta-se e dispersa-se.

Cécile agacha-se ao lado dela.

– Eu sei que isto tem mau aspeto, mas não faz sentido. – Está a falar muito depressa, as palavras a atropelarem-se. – Porque havia ele de sabotar o hotel, tudo aquilo que passou tanto tempo a tentar construir? Com certeza que ele sabe que o empreendimento não sobreviveria a uma coisa destas? – Estende a mão e toca na máscara. – Só pode ser um engano. Um mal-entendido.

Elin sente um aperto no estômago. Cécile fará tudo o que pode para arranjar uma explicação. Continua a proteger Lucas, mesmo agora. No entanto, não consegue condená-la por isso, porque compreende. É o que Isaac fez por ela ao longo de todos estes anos, não é? Guardou a verdade. Protegeu-a.

– Cécile, eu…

– Vou tentar abrir os outros armários – interrompe Cécile. Pega no pisa-papéis. – De certeza que ele tem várias coisas deste género. Artefactos do sanatório. – Abre o braço num gesto largo. – Olhe para as paredes, os quadros. Ele interessa-se pela história do local, só isso. Não significa mais nada.

– Cécile, sei que é difícil, mas…

Elin não consegue terminar a frase. Cécile deixa cair o pisa-papéis, que rebola do seu colo para o chão onde aterra com um baque surdo.

– Isto… – começa, com a voz a tremer. – A culpa é minha. Toda minha.

Elin vê a resignação nos seus olhos.

Ela sabe, não sabe? Sabe o que ele fez.

– A culpa não é sua, Cécile. – Pousa-lhe a mão no braço. – Nada disto é culpa sua.

– É, sim. – Cécile vira-se para ela. Tem os olhos vermelhos, injetados de sangue. – Há uma coisa em relação à qual não fui honesta. Algo que tenho de lhe contar.

86

Cécile levanta-se e aproxima-se da janela.

– Tem a ver com o Daniel. Com o que lhe aconteceu.

Mais mentiras, pensa Elin, enquanto se endireita. *Mentira atrás de mentira atrás de mentira*.

– Antes de o Daniel desaparecer, tinha estado numa reunião no sanatório com o Lucas e os empreiteiros. Na altura, ninguém sabia ainda que havia algo errado. A mulher do Daniel recebera uma mensagem dele a dizer que tinha ido jantar à cidade, que bebera de mais para conduzir e estava a planear ficar em casa dos pais em Crans.

Elin assente em silêncio.

– No dia seguinte, o guarda veio cá acima. Era um rapaz que vinha uma vez por semana, ver se estava tudo bem. O edifício estava mais ou menos abandonado. Havia sempre pessoas a forçar a entrada. – Cécile para e o seu olhar vira-se para a janela. – Nessa tarde, o Lucas recebeu uma chamada. O guarda tinha começado a inspecionar o edifício e, numa das antigas enfermarias, encontrou um corpo. – Para e respira fundo. – Desmembrado, com uma máscara na cara.

– Como esta? – Elin olha para a máscara que tem nas mãos.

– Sim. Parecia ser igual. O Lucas estava no escritório em Lausana quando o rapaz ligou. Pediu-lhe para não dizer nada a ninguém e prometeu vir o mais depressa que conseguisse. O Lucas disse-me mais tarde que parte dele acreditava que se trataria apenas de uma partida estúpida, feita por um dos manifestantes, mas não… – Uma sombra passa pelo rosto de Cécile. – O rapaz tinha razão. Havia um corpo. Era o Daniel.

– Calculo que ele não tenha chamado a polícia. – Elin morde o lábio e a sua mente tenta desesperadamente dissecar o que está a ouvir. Tem tantas questões que nem sabe qual há de fazer primeiro.

– Não. Ligou para mim, em pânico, a perguntar o que devia fazer. Eu estava em casa dos nossos pais, na cidade. Vim ter com ele aqui. – Cécile leva a mão à

boca e um som estranho escapa-lhe da garganta: uma expiração irregular, quase um soluço. – O Daniel estava deitado numa daquelas cadeiras de rodas antigas, com a máscara horrível ainda no rosto. – Os seus olhos enchem-se de lágrimas e limpa-as com a mão.

– E mesmo assim não chamaram a polícia? – Elin ouve o tom acusador na sua voz, mas não consegue evitar. Parte dela não quer ouvir o que se segue, mas obriga-se a fazê-lo.

– Não. O Lucas não queria. Estava apavorado. Disse que isso liquidaria o projeto antes sequer de este arrancar. – Cécile encolhe os ombros. – E tinha razão. Já havia tanta oposição às obras que o projeto não sobreviveria a uma coisa dessas. – Hesita. – Sei o que isto significava para ele. Tinha posto tudo o que tinha na renovação do sanatório. Não só dinheiro, capital, mas a sua vida. O seu casamento. Tudo por este empreendimento.

– Então o que fizeram?

– O Lucas livrou-se do corpo do Daniel. Tirou-o daqui.

– Nunca lhe perguntou o que tinha feito com ele? – O tom de Elin ainda é acusador.

– Não. – A expressão de Cécile endurece por um instante. – Não queria saber. Fiz a minha parte. Prometi guardar segredo.

– E o local onde ele foi assassinado? Com certeza que a polícia investigou o sanatório depois de o Daniel ter desaparecido. Por aquilo que descreve, haveria sangue, provas.

– O Lucas limpou tudo, como se nada tivesse acontecido. Deslocou os móveis, espalhou poeira e sujidade. Não foi difícil. Isto já estava um caos, de qualquer maneira. – Olha para as mãos. – A polícia não foi muito minuciosa. A teoria principal, na altura, era que ele tinha partido por vontade própria.

– E o guarda que encontrou o Daniel? Não insistiu para que fossem à polícia?

– O Lucas subornou-o. – A voz de Cécile é inexpressiva, mecânica. – Pagou-lhe muito dinheiro, na esperança de que ele desaparecesse. E foi o que aconteceu.

Elin tenta organizar os pensamentos.

– E não falou com o Lucas depois de o corpo da Adele aparecer? Não discutiram as semelhanças?

– Sim, mas ele disse que, se eu contasse a alguém o que acontecera ao Daniel, seríamos presos. Ocultar um cadáver, não participar o crime, esconder as provas… – A voz de Cécile é agora sumida e tem os ombros abatidos. Parece mais pequena, de certa forma. – O Lucas disse que tinha esperança de que encontrassem quem estava a fazer isto, e que ninguém relacionaria o caso da Adele com o Daniel. Nunca imaginei que fosse ele que… – Interrompe-se, com a voz embargada.

Elin olha para ela, subitamente sem forças.

Quantas mentiras mais viriam ao de cima?

Toda a gente a contar-lhe apenas metade da história… E ela estivera sempre um passo atrás.

Cécile fica em silêncio um momento antes de voltar a falar.

– Sabe, quando finalmente deixou o hospital, o Lucas disse uma coisa que nunca esqueci. Disse que estava farto de ser indefeso, de ter pessoas a dizerem-lhe o que devia fazer. – Tropeça nas palavras. – Disse: «A partir de agora, vou fazer o que quiser. E para o diabo com quem tentar atravessar-se no meu caminho.»

Elin vê a neve a dançar contra o vidro.

E ele conseguiu o que queria. Ninguém o consideraria indefeso agora.

Vira-se de novo para Cécile.

– Vou começar a procurar quarto a quarto. Pode voltar para o salão e confirmar se está lá toda a gente?

– Não quer que vá consigo?

– Não. Se ele vir mais do que uma pessoa, pode assustar-se. Temos de agir com cautela.

– Se tem a certeza… – Cécile dirige-se à porta. – Ligue-me se precisar de alguma coisa.

– Está bem – responde Elin, e guarda de novo a máscara no armário. Pega na mala e apercebe-se de que as palavras de Cécile sobre Lucas ainda estão às

voltas na sua cabeça.

«A partir de agora, vou fazer o que quiser. E para o diabo com quem tentar atravessar-se no meu caminho.»

Algo se move no seu cérebro, uma engrenagem a rodar. Elin para e olha para o chão, tentando processar o pensamento. Estará certa? Ou a sua mente exausta e esgotada está a imaginar coisas? Um risco num disco de vinil – o cérebro a saltar para o lugar errado, a tirar a conclusão errada.

Só há uma forma de ter a certeza: procurar as provas. Algo concreto, irrefutável.

Pega no telemóvel e encontra o *site* em segundos. Tem as mãos húmidas e o dedo deixa marcas no ecrã enquanto procura a secção que lhe interessa.

Demasiado depressa – já passou o que queria. Força-se a abrandar e volta lentamente para trás.

As palavras saltam do ecrã.

A sua teoria… está certa.

É então, enquanto olha, que algo coalesce na sua consciência. Algo tão subtil que nunca teria surgido se ela não tivesse feito a outra ligação.

Regressa ao armário e abre a porta. Ajoelha-se, tira a máscara e aproxima-a do rosto. Inspira profundamente, uma inalação forense. A máscara tomba-lhe para o colo.

Tem razão. Tem razão.

As coisas começam finalmente a solidificar. Pequenas peças a encaixar: fragmentos de conversas, linguagem corporal.

Não há qualquer dúvida.

Só espera que não seja tarde de mais.

À distância, ouve uma porta a bater. Um baque surdo e abafado.

Elin sente-se agoniada e a adrenalina invade-lhe o corpo.

O tempo parece comprimido, reduzido a nada. Quanto tempo será preciso? Três minutos? Quatro?

Começa a correr.

87

As portas de correr abrem-se, cuspindo Elin para um redemoinho de neve.

Sai para o chão de tábuas do terraço, ligeiramente ofegante; não parou de correr desde que saiu do escritório de Lucas.

Enquanto se recompõe, perscruta a área à sua frente, com os olhos semicerrados por causa da neve. A cobertura da piscina está aberta, a água, azul e brilhante, obscenamente iluminada pelos holofotes submersos. O vapor ergue-se no ar em espirais, mas por entre ele Elin consegue distinguir uma figura junto à piscina principal.

Lucas. Tinha razão. Sabia que se ele não estivesse junto da piscina interior, estaria aqui.

Mas não está sozinho. Tudo aquilo que ela deduziu – é verdade.

Começa a andar, abrindo caminho sobre a neve. Os flocos atingem-lhe o rosto, os olhos, como balas minúsculas e efémeras. A adrenalina dispara, tornando-a desastrada; os pés tropeçam na neve funda. Tem de deslocar conscientemente o peso para trás para não escorregar.

Por fim chega à piscina principal. Lucas está caído numa das espreguiçadeiras do lado direito. Tenta virar a cabeça para ela, mas os seus movimentos são bruscos, como uma marioneta. Revira os olhos injetados de sangue.

Terá chegado tarde de mais?

Acelera o passo e contorna a piscina até chegar junto dele.

– Está tudo bem, ele já está a recuperar os sentidos.

Cécile está ao lado do irmão, dobrada pela cintura, a tentar endireitá-lo. Há algo de enfermeira nos seus modos – maternal, preocupada –, mas Elin não se deixa enganar.

– Pode parar com a representação, Cécile. – A sua voz é lenta, calma, e a simplicidade das palavras projeta uma confiança que não sente. – Sei que é você. Era a Cécile que estava de conluio com a Margot, não o Lucas.

Cécile olha para ela com a testa franzida. Responde no mesmo tom

deliberado de Elin, mas carregado de condescendência, como se estivesse a falar com uma criança.

– Não. Encontrei-o aqui, assim. Estou a tentar ajudar.

Elin percebe de imediato que Cécile escolheu a reação errada: perante uma acusação destas, devia ter ficado incrédula, agitada. Na defensiva. Não isto, não esta superioridade calculada.

Acaba de se denunciar.

Lucas emite um som líquido e rouco. Elin estuda-o. Mudou de posição e consegue ver-lhe o lado esquerdo do rosto. Por cima da sobrancelha, a testa está ensanguentada, peganhenta da massa de sangue coagulado na têmpora. Está pálido e tem a pele húmida, de suor ou da neve. Elin pigarreia. Tem a boca seca.

Precisa de tentar ganhar tempo.

– Sei que foi você. Acabou por se trair. Foi muito esperta, quase até ao fim.

A expressão de Cécile é ilegível.

– Traí-me? – repete.

– Sim. O que disse há bocado, no escritório do Lucas. «A partir de agora, vou fazer o que quiser. E para o diabo com quem tentar atravessar-se no meu caminho.» Essa expressão… percebi que já a tinha lido em algum lado. Num blogue, uma publicação de protesto contra a construção do hotel. Alguém descreveu o Lucas com essas palavras exatas. E vi o mesmo comentário no Twitter. – Elin hesita. – Você estava a atormentar o seu próprio irmão, porque tudo isto é por causa dele, não é?

As palavras pairam entre as duas, mas não parecem atingir Cécile; a outra mulher aparenta estar protegida, inalcançável.

– Uma frase? – O seu rosto franze-se numa expressão forçada de incredulidade. – Está a acusar-me por causa de uma forma de falar?

– Não é só isso. – Elin endireita-se. – Senti o cheiro de cloro na máscara que encontrei no escritório do Lucas. E apercebi-me desse cheiro uma data de vezes, em sítios onde não seria normal… quando encontrei a Laure no elevador, e quando fui atacada, e nas escadas que levam à *penthouse*; mas só hoje é que percebi o que era. A Cécile nada todos os dias, não é verdade?

Cécile olha para ela em silêncio, com o vento a agitar-lhe o cabelo à volta do rosto. Continua a não revelar qualquer emoção.

– Foi por isso que calculei que ia trazê-lo para aqui, para a piscina. Ou a interior ou esta. É a sua zona de conforto, não é? O único sítio onde se sente à vontade.

– Não sabe o que está a dizer. – O tom de Cécile é inexpressivo. – Tudo isso não passam de suposições, nada mais.

– Não. Eu tinha razão antes. Isto não tem a ver apenas com o hotel, com o passado do sanatório. É pessoal, entre si e o Lucas. Ele fez alguma coisa, algo que você não consegue perdoar. Algo que a levou a procurar vingança.

– Não, eu…

Elin continua, pressentindo uma fraqueza.

– Isto tudo, aquilo que aconteceu, as pessoas que matou… foi esperta, fez com que parecesse que estava relacionado com o sanatório, com o passado, mas não é verdade. – Olha para Lucas. – Tem a ver com ele, não é? Foi ele que começou isto.

Cécile recua um passo. É agora que a máscara escorrega: hesita, antes de recuperar:

– Não! Oiça, eu…

Elin avança, com as botas a enterrarem-se na neve.

– O que é que ele lhe fez, Cécile? Conte-me.

A fachada de Cécile desfaz-se e as suas feições distorcem-se como se alguém as espezinhasse. Um som estranho e amargo escapa-lhe da garganta.

– Não é o que ele fez. É o que *não* fez. Nada disto começou com o Lucas. – Os seus lábios contorcem-se num esgar. – Começou com o Daniel. O Daniel Lemaitre. Ele violou-me. – Aponta para Lucas com um gesto brusco da mão. – E ele sabia e não fez nada.

88

Um silêncio pesado. Um silêncio diferente de tudo o que Elin sentiu desde que aqui está. Sente o vento a parar, a neve, pela primeira vez, a cair a direito sobre o chão.

– Não tens nada a dizer? – Cécile olha para Lucas. Ao lado dela, a água estremece e o vapor ondula no ar.

Ele fita-a sob as pálpebras pesadas, sem reação.

– Vá lá! Estavas presente naquela noite, Lucas, não estavas? Depois da festa de aniversário do Daniel, em Sion. Quando ele fez dezoito anos. Levaste-nos no teu carro para casa dele, um pequeno grupo. Passámos lá a noite; toda a gente dormiu na sala.

O tom de Cécile ainda é desprovido de emoção, um vazio onde devia estar sentimento.

Elin sabe que este tipo de reação é sempre perigoso. Ao contrário de uma raiva feroz e apaixonada, uma fúria gelada e amargurada como esta não tem como se extinguir. Ultrapassou esse ponto e transformou-se em algo duro e sólido. Inquebrável.

– Não foi um desses *clichés* batidos – continua Cécile. – Um desconhecido que me arrastou para um beco escuro… Ele era meu amigo. E era o teu melhor amigo. Fazia quase parte da família… E eu tinha dezasseis anos, Lucas, era uma miúda.

– Cécile, não… – Lucas tenta falar com a voz entaramelada.

– O que é, Lucas? Não gostas de ouvir aquilo que tentaste ignorar? – A expressão dela endurece. – O Daniel e eu estávamos aos beijos, a rir, a tentar não fazer barulho para não acordar ninguém. Depois ele começou a puxar-me o vestido para cima, a abrir-me as pernas. Tentei dizer que não, mas ele tapou-me a boca com a mão e violou-me. – Abana a cabeça, como que revoltada consigo própria. – E eu não fiz nada. Fiquei paralisada. O oposto do que achava que aconteceria numa situação dessas. Deixei-o fazer o que queria.

Lucas olha para ela, com pequenos flocos de neve presos no cabelo.

– Quando ele finalmente saiu de cima de mim, virei a cabeça para ti. Fingiste que estavas a dormir, mas eu tinha-te visto com os olhos abertos. Sabia que estavas acordado, que tinhas visto o que ele fez.

Ele pigarreia, tenta falar.

– Não foi assim, Cécile, sabes muito bem.

– Foi, sim. Parece inacreditável, não parece? Que não tenhas feito nada? Que não tenhas sequer tentado impedi-lo? Também achei. No dia seguinte, não conseguia deixar de pensar nisso, sem perceber porque não o tinhas impedido; mas dei-te o benefício da dúvida. Pensei que talvez não tivesses a certeza do que estavas a ver, ou não quisesses envergonhar-me. – Dá um passo na direção dele.

Elin fica tensa. Apesar do frio, sente o suor brotar-lhe na testa.

– Nunca pensei que as coisas ficariam assim, Lucas. Esperei que dissesses alguma coisa, que me perguntasses o que tinha acontecido, se eu estava bem. – Cécile hesita, com um novo ritmo curioso nas palavras, automático. – Tinha tudo planeado: o que aconteceria depois de conversarmos, como contaríamos tudo aos nossos pais, iríamos à polícia.

Lucas também parece sentir algo fora do normal no seu tom robótico. Soergue-se um pouco, tenta mudar de posição, levantar-se, mas o sedativo que ela lhe deu torna-lhe os movimentos lentos e esforçados.

– Mas não foi isso que aconteceu, pois não, Lucas?

– Cécile, eu era um miúdo. *Éramos* miúdos. Não sabia bem o que tinha acontecido, não sabia como havia de lidar com a situação.

– Não. – O olhar dela endurece. – Tu não eras um miúdo. Um miúdo pode mentir uma vez, mas não duas. – Vira-se para Elin. – Algumas semanas depois, consegui reunir coragem e contei aos meus pais. – As suas palavras são claras, precisas. – E eles perguntaram-te, não foi, Lucas? Sei que sim. Perguntaram-te e tu mentiste. Fingiste que não tinhas visto nada.

Elin vê a primeira centelha de emoção e, com ela, um vislumbre de algo na mão de Cécile – uma lâmina, com as luzes a refletirem-se no metal. Sente os dedos a tremer ao vê-la, tem de os fechar com força para conter o movimento.

– Depois de tudo o que eu tinha feito por ti… todas aquelas horas no

hospital, e depois na escola, a defender-te dos outros miúdos. Esta era a única coisa que precisava que fizesses por mim e não foste capaz. Não conseguiste estar à altura.

A expressão de Lucas muda abruptamente, de chocada para culpada. Os olhos vermelhos percorrem o rosto de Cécile e por fim baixa a cabeça.

– Desculpa.

– Não – riposta Cécile, e aperta mais a faca, os nós dos dedos a ficarem brancos. – Pedidos de desculpa já não chegam, Lucas. Porque não me defendeste, não disseste a verdade. A mãe e o pai tentaram encobrir o sucedido. Achavam que havia uma «explicação». – Revira os olhos. – Sabiam que eu tinha uma paixoneta pelo Daniel, portanto, nunca cheguei a perceber se eles simplesmente não acreditaram em mim ou se optaram pela saída mais fácil. Preferiram não levantar ondas, porque eram amigos da família e o Daniel era o menino de ouro do nosso pai. Disseram apenas que já tinha passado, que às vezes acontecem coisas más e que não valia a pena estar a insistir no assunto e a causar ansiedade a mim própria. – Abre um sorriso gelado. – Mesmo quando descobri que estava grávida, mandaram-me ser discreta. Fiz um aborto e, aos olhos deles, foi o ponto final na questão.

Lucas fecha os olhos e encosta a cabeça à cadeira. Elin sabe porquê: sentimento de culpa. Está literalmente a tentar bloquear a verdade, a bloquear Cécile.

– As coisas não voltaram a ser as mesmas depois disso. – Cécile respira fundo. – Quando tentava nadar, a cada braçada, tudo o que via era o rosto dele por cima de mim. Cada poro, cada sarda. O corpo dele a pressionar o meu, a provar que era mais forte. – Faz uma pausa. – Fazia-me sentir… ínfima. Como se toda a força que eu tinha na piscina fosse… mera imaginação. Nada se comparava ao poder dele. – Cécile dá mais um passo, a rodar o cabo da faca entre os dedos.

Lucas abre os olhos, pressentindo o movimento.

– Foi assim que ele me fez sentir, sabes. Como se eu não fosse nada. – Cécile levanta a mão e ilustra o que quer dizer com o indicador e o polegar quase

encostados. – Deste tamanho. Uma fraude. Sempre que entrava na piscina, não conseguia dar o meu melhor. A competição, a minha carreira… acabou.

– Mas nunca falaste comigo sobre o assunto. – As palavras de Lucas ainda são lentas, indistintas. – Eu não sabia o quanto aquilo te tinha afetado.

– Nem quiseste saber, Lucas. Nunca me perguntaste porque era mais fácil fechar os olhos. O Daniel era teu amigo, e escolheste-o ao invés da tua irmã.

Cécile cala-se. Elin observa-a e sente que ainda há mais.

– Reprimi estes sentimentos, tentei ser normal. Desisti da natação, fui para a escola de hotelaria em Lausana. Comecei a convencer-me a mim própria de que podia ter um futuro diferente, de que não seria definida por aquilo que o Daniel me fez. – Cécile dá um pontapé na neve. – Foi então que conheci o Michel. Ao fim de um ano, tentei engravidar. Sem sucesso. Fizemos exames e o especialista disse que eu nunca conseguiria engravidar. Tive uma infeção, depois do aborto, que me deixou estéril.

Elin fica tensa. Não gosta do tom de voz de Cécile. A coerência pouco natural, a disciplina das suas palavras… há algo errado.

– Foi quando o nosso casamento começou a desmoronar-se. O Michel deixou-me oito meses depois. Disse que era porque eu tinha mudado, mas eu sabia que era porque estava danificada. Ele queria uma mulher inteira, alguém que funcionasse como deve ser.

– Devias ter-me dito – diz Lucas. – Devias ter-me contado tudo isto.

Mas é como se Cécile não o conseguisse ouvir. Continua a falar, inabalável.

– Foi então que me ligaste, me falaste dos teus planos para o sanatório, me convidaste para participar. – Acena com expressão grave. – Eu sabia que era a minha oportunidade de confrontar o Daniel, de o obrigar a admitir o que fizera.

– Falaste com ele? – Lucas muda de posição na cadeira. O sangue escorre-lhe pelo rosto, da sobrancelha para a face, mas não faz qualquer gesto para o limpar. Está concentrado em Cécile.

Ela aproxima-se mais, para mesmo ao lado dele; a sua postura quase seria casual, se não tivesse uma faca na mão.

– Sim. Poucas semanas depois de chegar. Disse-lhe que me tinhas convidado

para trabalhar contigo, queria saber se ele não tinha quaisquer objeções.

– E o que é que ele respondeu?

– Que, por ele, estava tudo bem. Mais nada. Nem um indício de arrependimento. – Os olhos de Cécile ensombram-se. – Sabes, às vezes perguntava-me se ele pensaria nisso. Se aquilo que me fizera o teria atormentado ao longo dos anos, se quando fechava os olhos à noite se lembraria de mim; mas quando o vi, naquele dia, percebi que não. Percebi que ele nunca seria responsabilizado, nem mesmo por si próprio. Pusera o assunto de lado. Se calhar convencera-se de que eu também queria, ou talvez nem se lembrasse. – Hesita. – Seja como for, ele tinha-me reduzido. Compartimentado. Tal como os médicos fizeram aqui. Os médicos que deviam estar a ajudar as pessoas a ficarem melhores.

Cécile vira-se para Elin.

– Sabe, aí é que se enganou, quando disse que isto não tinha nada a ver com o sanatório e com o que aconteceu aqui. Este lugar, os seus segredos… foram a última gota. – Olha de novo para Lucas. – Diz-lhe tu, Lucas. Conta-lhe toda a verdade sobre este lugar.

89

A voz de Lucas ainda é baixa, ligeiramente arrastada.

– Antes de as obras começarem, a Margot entrou em contacto connosco a fazer perguntas sobre uma parente. Tinha descoberto, através de uma clínica na Alemanha, que ela fora transferida para aqui, para o sanatório. Procurámos, mas não encontrámos nada nos documentos oficiais. Eu prometi que ia investigar melhor.

– A Margot contactou-o diretamente? – Elin fecha as mãos com força e depois abre-as. Tem os dedos gelados, com as pontas dormentes.

– Sim. Investigámos, como ela pedira, e encontrámos algo num armário numa das velhas enfermarias. Uma caixa. Via-se que não era mexida há anos. Lá dentro, encontrei documentos, fotografias, fichas de pacientes. Diários. Todos relativos a mulheres. Comecei a ler e percebi que estas pacientes… não tinham tuberculose. Não fora esse o motivo que as trouxera ao sanatório.

Elin absorve as palavras dele com uma horrível sensação de inevitabilidade quanto ao que se seguirá.

– Essas pacientes foram transferidas por indicação da clínica na Alemanha. Enquanto aqui estiveram, participaram em ensaios clínicos. Começaram por ser estudos para novos tratamentos, e depois parece que… – a voz falha-lhe por um instante – a situação se descontrolou. Quanto mais procurávamos, mais encontrávamos. Fotografias, registos… Pelas imagens, pelos apontamentos, percebia-se que já não se tratava de uma experiência. Tinha-se tornado… noutra coisa.

– Violência. – A voz de Cécile é quase inaudível. – O eterno abuso de poder; uma exploração de mulheres vulneráveis. – Olha para Elin. – Aquelas mulheres não tinham qualquer problema. Eram enviadas para a clínica na Alemanha pelos pais, maridos, médicos, com a desculpa de um problema de saúde, mas na maioria dos casos era apenas porque o seu comportamento ia contra os padrões desejáveis daquilo que se considerava aceitável para as mulheres na altura. Tinham demasiadas ideias, falavam de mais. Não era invulgar. – Olha para o

chão com uma expressão de revolta. – Algumas, umas poucas infelizes, foram transferidas para aqui.

Elin acena com a cabeça e questiona em tom calmo:

– Então porque não revelaram imediatamente o que encontraram?

– O Lucas achava que a publicidade negativa afetaria o hotel. Tudo o que queria era continuar com as obras. – Cécile faz uma careta. – O Daniel teve a mesma reação quando lhe contámos. *Passado é passado. Esquece*.

– Cécile, isso não é justo. – Lucas tenta sentar-se. – Se as pessoas soubessem o que aconteceu aqui haveria de facto uma investigação, que teria afetado os planos para o hotel.

– Nada te ia travar, pois não? O hotel era tudo o que importava. – Lança um olhar a Elin. – O Lucas e o Daniel já sabiam da campa naquela fotografia, e também que existiam mais. Foram identificadas durante o levantamento do terreno. E o Lucas decidiu ignorá-las. Continuar. Mais um suborno. Outra pessoa que preferiu fechar os olhos.

Lucas suspira profundamente e muda de posição.

– Não vi razão para que uma coisa que acontecera há tanto tempo afetasse o potencial deste empreendimento.

– Mas é mesmo essa a questão, Lucas. Não compreendes? O problema é que continua a acontecer. Cada abuso de poder, cada caso de violência, cada violação. Continua a acontecer. – Cécile agacha-se ao lado dele, com o rosto a centímetros do rosto do irmão. – É muito fácil, não é? Virar a cara. Ignorar as consequências. Pior ainda, nós somos cúmplices. E não só os homens; as mulheres também.

– As mulheres? – Elin dá um passo em frente, na esperança de que Cécile não repare.

– Sim. A Adele. Ela estava com o guarda do Lucas quando encontraram o corpo do Daniel. Era namorada dele. Foi comprada, como ele. O Lucas ofereceu-lhe um emprego aqui, com um salário inflacionado, o suficiente para a manter de boca fechada.

Isso explica a ligação entre eles. A fotografia no Instagram.

– Encontrámos uma fotografia do Lucas e da Adele, juntos, aqui no hotel. Numa festa. Parecia uma discussão.

– Sim. Ela queria mais dinheiro. – A voz de Lucas é abafada.

Elin vira-se para Cécile.

– Mas foi você que matou o Daniel, não foi? Assassinou-o. Porque queria que a Adele falasse?

Cécile vira-se para ela com os olhos a brilhar. Pela primeira vez, Elin vê verdadeira emoção.

– Porque nunca quis ser anónima. Quando matei o Daniel, esperava ser apanhada. Queria que a minha história fosse contada, que as histórias daquelas mulheres fossem contadas. Queria que as pessoas perguntassem o *motivo* pelo qual eu o matara daquela maneira, mas não. Toda a gente quis encobrir o caso.

– Mas podia ter falado com alguém… a polícia, a imprensa. Contado a sua história.

Cécile fita-a com expressão incrédula.

– Se eu fosse falar com a imprensa, sabia que seria a minha palavra contra a dele. Ninguém acreditou em mim na altura, porque acreditariam agora? A única maneira de obter justiça era pelas minhas próprias mãos. Obrigá-los a pagar.

Elin olha para ela e, por detrás da lógica macabra, tudo adquire uma nitidez chocante. A vingança na sua forma mais brutal, desequilibrando a balança do poder.

– E porquê tanto tempo entre a morte do Daniel e da Adele?

– Estava à espera da altura certa. Quando descobri que a Adele andava a pedir mais dinheiro ao Lucas, algo se quebrou dentro de mim. Percebi que ela também tinha de desaparecer.

– E nessa altura já tinha a Margot do seu lado, certo? Ela era vulnerável e manipulou-a.

– Não diria que a manipulei. Ela era apenas altamente sugestionável. A mãe morrera há pouco tempo e estava obcecada com a familiar que morrera aqui.

– Obcecada? – repete Elin. – Ela estava doente, Cécile. Sofria de uma patologia gravíssima. Depressão psicótica. Encontrei artigos sobre o assunto na

secretária da Laure. Presumi que fossem dela, mas agora percebo que ela estava a pesquisar o assunto porque andava preocupada com a Margot. A Laure também sofria de depressão e reconheceu os sinais.

Cécile agita a mão no ar com impaciência, menosprezando as palavras de Elin.

– Chame-lhe o que quiser. O motivo que está por detrás disto tudo é que é importante.

– Cécile…

– Não. É verdade. Antes de a mãe da Margot morrer, pediu-lhe para descobrir o que acontecera à sua bisavó. O desaparecimento dela… marcara todas as gerações posteriores da família. Consumira a avó da Margot, e depois também a mãe dela. Tudo o que queriam era respostas. Mas quando a Margot descobriu qual era realmente a verdade, isso não lhe trouxe qualquer paz. Pelo contrário, libertou algo sombrio dentro dela. O envelope que encontrou, com as fotografias… ela levava-o para todo o lado. Estava obcecada.

– E você aproveitou essa obsessão, não foi? A vulnerabilidade dela tornava-a numa marioneta às suas ordens. Usou-a. Ela ajudou-a a matar, não foi?

– Foi assim que eu descobri – diz Lucas baixinho. – Foi por causa disso que percebi. No túnel, quando concluímos que a Margot estava a trabalhar com outra pessoa, algo encaixou na minha mente. Soube que só podia ser a Cécile. Era a única outra pessoa que sabia da existência do túnel, e só ela conhecia a verdade sobre o que acontecera à bisavó da Margot. Percebi que ela podia ter explorado isso e persuadido a Margot a trabalharem juntas.

– Mas porque me trancou no túnel? – pergunta Elin.

– Queria falar com ela. Entre irmãos. Dar-lhe uma oportunidade de se explicar. Mas não cheguei a fazê-lo. Ela estava à minha espera. Não queria falar.

Elin vira-se para Cécile.

– Então o que pediu à Margot para fazer?

– Para as apanhar. Ela não tinha estômago para mais nada. – Cécile sorri levemente. – De qualquer modo, o envolvimento dela… a culpa é do Lucas. Tudo o que ela queria era reconhecimento, uma admissão do que acontecera no

sanatório e que a história da sua bisavó fosse contada. Algo que lembrasse estas mulheres: um marco, um palco para as suas vozes… Mas o Lucas não fez nada.

– Estava a planear a sala de arquivo…

– Mas nunca a concluíste. E nunca tiveste intenção de a concluir. Foi só para a Margot não te aborrecer. Pior ainda, ofereceste-lhe um emprego para aliviar a tua consciência. Como se isso bastasse. – Cécile lança um olhar de revolta ao irmão, agora com as faces a brilhar, uma mistura de lágrimas e neve. – E espalhaste aquelas caixas de vidro pelo hotel. A explorar o passado do sanatório, a usá-lo como entretenimento para os hóspedes. Apesar de tudo o que sabias.

Elin respira fundo.

– Então a Cécile decidiu inverter a situação…

– Sim. Pus as vítimas em exposição, tal como os médicos fizeram com aquelas mulheres nas fotografias.

– E a Laure? – A voz treme-lhe ao pronunciar o nome. – Porque é que a matou? Ela era amiga da Margot, era sua colega.

– No fundo, era igual aos outros todos. Uma cobarde. – Cécile esfrega o rosto. – Começou tudo com a aventura dela com o Lucas. Ele tratou-a mal e ela ficou aborrecida e ressentida, e começou a fazer perguntas sobre as obras, as alegações de subornos e corrupção. Planeava publicar tudo num blogue para o denunciar, mas não chegou a fazê-lo. Quando fez as pazes com o seu irmão, decidiu esquecer o assunto.

– E foi então que você se envolveu – diz Elin, com um frémito de trepidação no peito ao ver a mão de Cécile, com a faca, aproximar-se do rosto de Lucas.

Um aceno afirmativo.

– Foi quando subi a parada. Há alguns meses. – Agita a faca para sublinhar as palavras. – Pedi à Margot que lhe desse o cartão de memória com os ficheiros censurados. Pensámos que ela ficaria intrigada, quereria descobrir o que se passava, mas não resultou. Ela disse que não se queria envolver. Mesmo depois de a Margot lhe mostrar os ficheiros não censurados e de lhe contar a história toda, ela não se mostrou interessada.

– Mas essa é uma reação normal. Provavelmente ficou assustada.

– Não. – Cécile contorce o rosto, que está agora corado, de um vermelho violento. – Não foi uma reação normal. Ela preferiu fechar os olhos. Como o Lucas. Como a Adele. – Os seus olhos faíscam. – Até como a Margot, no fim. Até ela estava farta, queria parar.

– Mas porquê *matar* a Laure? Ela não representava qualquer ameaça.

Elin tenta respirar fundo, mas sente o peito apertado. Não por causa do frio, mas de raiva. Apesar do medo do que Cécile possa fazer a seguir, as justificações dela não a comovem – justificações para atos horríveis, que só fazem sentido aos olhos de quem os comete.

– Foi necessário. Quando o Lucas e eu chegámos mais cedo da nossa viagem, a Laure percebeu que eu estava a planear alguma coisa. Ligou-me na noite antes de desaparecer. Queria impedir-me. Quando recusei, ela disse-me que tinha uma vantagem do seu lado.

– O cartão de memória.

– Sim. Eu contratei uma pessoa para aceder à base de dados da clínica e recuperar os ficheiros eletrónicos, mas sabia que seria possível associá-los a mim. Foi por isso que ela desapareceu. Pensou que eu acreditaria que tinha fugido, mas eu sabia que ela ainda estava aqui. À espera, preparada para me denunciar.

– Então era por isso que a Laure tinha o cartão de memória encriptado com ela – conclui Elin. – Mas você nunca lhe daria oportunidade de o usar, pois não? Foi por isso que a apanhou.

– Sim. Com a ajuda da Margot. A Laure contactou a Margot na mesma altura em que lhe enviou aquela mensagem. Queria que ela tentasse convencer-me a parar. A Margot combinou encontrar-se com ela para falarem, bem cedo.

– Antes de eu ir à *penthouse*…

– Exatamente. Uma armadilha. Não era a Margot que estava à espera dela, era eu.

– E matou-a.

– Sim. Foi fácil. Sem complicações. Ela nem deu por nada. Pensei que tinha tudo controlado, mas cometi um erro.

– Deixou o cartão de memória no corpo dela.

Cécile acena afirmativamente.

– Sabia que ela o tinha consigo, mas não que tinha transferido os ficheiros para um segundo cartão, disfarçado de isqueiro. E resultou. Eu estava à procura do cartão de memória original e, por isso, não encontrei o outro.

– Foi esse o motivo pelo qual se demorou a chegar à *penthouse*.

– Sim. Mas agora não importa. Acabou por correr tudo bem, tal como está a acontecer neste momento. – Cécile endireita-se e puxa Lucas para o levantar da cadeira. – Elin, por favor. Não quero fazer-lhe mal. Somos parecidas, nós as duas. Criaturas solitárias. Lutadoras. Exigimos respostas, justiça. – Tem a mão que segura Lucas pela cintura a tremer. – Temos de lidar com irmãos egoístas. Deixe-me terminar aquilo que comecei.

Os seus olhos estão agora semicerrados, o cabelo claro molhado da neve, colado ao crânio.

Lucas tosse e os seus joelhos dobram-se.

Elin não se mexe: vê o brilho da faca encostada ao pescoço dele. Avança alguns centímetros. Tem de ser muito cuidadosa.

– Não posso virar as costas – diz, ainda em movimento. – Isto… esta não é a maneira certa de fazer as coisas. Pode pensar que sim, mas não é.

– Deixe-nos. – O tom é agora mais alto, mais insistente. As lágrimas deslizam-lhe pelas faces.

– Cécile, não posso. Podemos conversar antes de decidir o que quer fazer. Eu compreendo…

– Compreende? – Elin sente que algo mudou no tom de voz de Cécile. *Está a perder o controlo*. – Ninguém sabe aquilo que eu passei. Ninguém. Como pode *compreender*, Elin?

– Posso *tentar*, não posso? Se conversarmos melhor…

– Conversar? Isso não adiantará nada. Preciso de ação. *Disto*. – Pressiona mais a faca contra a garganta de Lucas, e a pele em volta da lâmina franze-se e empalidece. – É isto que preciso de fazer. Isto. Por mim. Por todas aquelas mulheres.

– Cécile…

– Não. Não tente impedir-me. – A voz de Cécile é agora um grito, e fixa os olhos nos de Lucas. – Toda a gente tenta impedir-me de tudo. De dizer a verdade, de me vingar…

O rosto de Lucas está paralisado numa máscara de medo. Elin percebe que o efeito do sedativo está a passar e que ele consegue compreender o que está a acontecer, o perigo que corre.

É agora ou nunca.

Elin salta sobre Cécile, de braços esticados.

90

O movimento é suficiente para desequilibrar Cécile. Com uma careta, ela cai de lado e agita o braço esquerdo ao tentar endireitar-se.

Elin sente uma centelha de esperança: se conseguir isolá-la, prendê-la ao chão…

Mas não resulta – está no ângulo errado.

Acontece em câmara lenta. O tronco de Cécile roda ao cair na direção da piscina, mas não larga Lucas, puxando-o consigo. Ele cai em cima dela e submerge-a por alguns instantes, enquanto a água se eleva num leque à volta deles.

Cécile não fica muito tempo debaixo de água. Vem à superfície segundos depois, com a água a escorrer-lhe pelo rosto. Em menos de nada, está em cima de Lucas, com os braços a agitarem-se violentamente no ar antes de fechar as mãos sobre o pescoço do irmão.

A realidade abate-se sobre Elin: Cécile é uma excelente nadadora. Boa o suficiente para dominar Lucas. O pânico invade os olhos dele e Elin sente-o também crescer dentro de si: é o pior cenário possível.

Não consigo entrar na água.

A sua mente esvazia-se numa vaga de terror cortante que a deixa cega.

O medo familiar consome-a. A cena perante os seus olhos oscila, estreita-se; a visão começa a formar um túnel. Pouco a pouco, tudo desaparece.

A superfície da piscina dança com movimento: a água agitada, os braços de Lucas a debaterem-se, as mãos de Cécile a apertarem sem misericórdia, a empurrarem-lhe a cabeça para dentro de água.

Apesar disso, o corpo de Elin é uma entidade hostil; recusa-se a mover-se. Sente a neve no rosto, e o suor, mas não consegue mexer-se, não consegue levantar a mão para o limpar.

Lucas finalmente reage, como se o choque da água tivesse dissipado o resto da letargia do sedativo. Reúne todas as suas forças e empurra Cécile, e começa a nadar para a beira da piscina. Não resulta: quase sem precisar de recuperar o

fôlego, Cécile nada ao lado dele e, com o cotovelo, atinge-o na garganta, na traqueia.

Uma cotovelada, duas. Golpes secos e certeiros.

Lucas grita e, com um brilho assustado nos olhos, afunda-se.

A imagem liberta uma memória na mente de Elin – um eco daquele dia de verão. De Sam. Do caso há um ano. Uma memória da sua própria inação. Do seu medo, da sua paralisia.

Não pode permitir que volte a acontecer.

Ergue as mãos e aperta o colar que tem à volta do pescoço. Com a mão fechada sobre o anzol, puxa-o com força e sente o fio partir-se. Metade cai sobre a neve macia, a outra metade fica fechada na sua mão.

Elin respira fundo, com o colar apertado entre os dedos, e mergulha. Corta a superfície num movimento fluido, sem dar tempo a si própria para pensar, e começa a nadar atrás de Cécile.

Cécile nem sequer olha. O seu objetivo é unicamente destruir Lucas.

Elin está agora em frente de Cécile. Ainda com o anzol na mão, levanta-o num gesto rápido, preso entre os dedos, na direção do rosto dela. Com a mão a vibrar de tensão, move-a num rápido movimento circular até sentir resistência. Embora o anzol esteja embotado, sente-o cravar-se na face de Cécile, prender-se à pele macia.

Elin puxa rapidamente a mão para trás.

Um grito de dor. É o suficiente: Cécile larga Lucas.

A faca cai-lhe da mão.

Elin passa o braço direito sobre o peito de Lucas e tenta afastá-lo, na esperança de que ele consiga pelo menos recuperar o fôlego. Vê a faca desaparecer abaixo da superfície agitada da água, um brilho metálico fragmentado.

Sem hesitar, precipita-se para a frente e agarra-a com a mão esquerda.

Cécile faz o mesmo, com o sangue a escorrer pela face ferida. Os dedos de ambas encontram-se, mas Elin chega primeiro. Aperta bem o cabo e afasta a faca de Cécile, dentro de água.

É um breve momento de distração, mas Cécile aproveita-o: lança-se de novo sobre Lucas. Ele resiste; tenta afastar-se delas, agarrar-se à beira da piscina, içar-se para fora, mas é demasiado esforço. Tem as mãos molhadas e escorregam nos azulejos cobertos de neve. Cécile está junto dele em segundos, a puxá-lo por trás, a tentar trazê-lo de novo para dentro de água.

– Cécile! Pare! Largue-o!

– Não! – A voz dela é aguda. – Ele tem de pagar pelas suas mentiras.

– E pagará. Eu quero a mesma coisa que você quer, que sempre quis. Quer que a sua história seja ouvida. Deseja justiça, reconhecimento. – Elin respira fundo. – E já o tem, Cécile. Agora sabemos o que lhe aconteceu, a si, a elas. As histórias daquelas mulheres serão contadas. Você trouxe à luz do dia a verdade delas. E a sua também. Matar o Lucas não lhe vai trazer nada que não tenha já.

– Ele virou-me as costas! – As palavras são gritadas, mas perderam a força, o poder. Ela está a soluçar e o movimento sacode-lhe violentamente o corpo.

– Eu sei… Mas já lhe disse o que sente, Cécile. E agora é ele que tem de viver com isso, não você. Pode libertar-se.

Elin sustém a respiração, à espera.

O tempo parece arrastar-se e por fim Cécile nada para trás, soltando Lucas.

Elin segura-o cuidadosamente pelo peito e puxa-o até à escada lateral. Sai primeiro e depois ajuda-o a subir. Quando o ar gelado lhe atinge a pele, ele estremece e convulsões violentas percorrem-lhe todo o corpo.

Ao seu lado, com o frio a cortar-lhe a pele, Elin vira-se e olha para Cécile.

Ela está de costas, no meio da piscina.

De braços e pernas esticados, flutua e segue com o olhar os flocos de neve que caem do céu.

91

Cinco semanas depois

– Chegámos cedo. – Will olha para o relógio. – Ainda faltam uns minutos para o funicular sair.

Elin acena com a cabeça. Já sente o rosto a arder; a ideia de partir pesa-lhe sobre os ombros. Nem ela nem Isaac são bons nestas coisas: despedidas.

À beira do passeio, olha para as costas de Isaac. Uma pequena pena branca conseguiu escapar-se pela costura do blusão acolchoado azul. A brisa fá-la abanar de um lado para o outro antes de se soltar e desaparecer no ar.

Um autocarro desce a estrada em frente deles, levantando fragmentos de terra e sal. A grade metálica atrás está repleta de esquis e pranchas de *snowboard*. Os três esperam que o autocarro passe e depois atravessam a estrada em direção à estação.

O edifício de cimento não é bonito. É prático, funcional, as orlas do telhado liso a cortar brutalmente a beleza natural das montanhas cobertas de neve em pano de fundo.

Por cima deles, o céu é de um azul brilhante. Não o azul-pálido de um dia de inverno em Inglaterra, mas uma cor profunda e explosiva que faz com que o branco das montanhas pareça ainda mais branco, as nuvens translúcidas mais definidas e sólidas.

Há dias que o tempo está assim, há tantos que é difícil recordar como foram os dias de tempestade, como a fizeram sentir-se – as vagas intensas de pânico que se apoderavam dela a cada hora que passava de vento e neve.

– Está muita gente – comenta Isaac, quando entram na estação.

Tem razão. As pessoas estão reunidas em grupos diversificados: um casal de idade, raparigas adolescentes com mochilas às costas, um grande grupo de crianças numa viagem escolar.

Um pequeno quiosque à esquerda vende café e bolos. O cheiro amargo e amanteigado faz roncar o estômago de Elin.

– Espera aqui, eu vou comprar os bilhetes. – Will já está a dirigir-se ao balcão, a arrastar as malas. Embora precisem dos bilhetes, Elin sabe que ele está deliberadamente a dar-lhes espaço e tempo para que ela e Isaac se despeçam.

Isaac raspa com a biqueira do sapato no asfalto, de rosto fechado.

– É estranho, despedirmo-nos assim. Mal me habituei a ter-te de novo por perto. – Cala-se e aperta a garrafa de água que tem na mão.

Elin não consegue afastar os olhos dele: o cabelo, os olhos, a expressão ansiosa no rosto. Parece errado, deixá-lo aqui sozinho.

– Então vem connosco – sugere, abruptamente. – Nós compramos um bilhete para ti. Ficas algumas semanas comigo, para ver como te sentes.

– Ainda não. Quero tentar regressar a uma vida normal. Ver se é possível. – Aperta os lábios e afasta o olhar. – Não consigo deixar de pensar, sabes… em como duvidei dela. Mesmo antes de me dizeres que ela tinha morrido, estava a queimar as fotografias dela que tinha na carteira. Pensei que ela me tinha traído, quando na verdade esteve sempre aqui. Podia tê-la encontrado, em vez de… – Não consegue terminar a frase.

– Isaac, não adianta nada massacrares-te. Era uma situação horrível. Eu também duvidei de ti, não foi? Quando descobri as acusações de assédio, tirei conclusões precipitadas, quando devia ter falado contigo sobre o assunto.

Ainda agora se sente envergonhada quando pensa naquilo que fez, ligar para a universidade.

– Mas nós os dois não nos víamos há anos. A nossa relação era complicada. Compreendo que tivesses dúvidas… A Laure e eu íamos casar. Nunca devia ter duvidado dela. Devia ter percebido que não podia ser.

– Como podias ter percebido? A Laure escondeu-se no anexo deliberadamente. Sabia que não estava a ser usado, que ninguém a encontraria. Não havia câmaras, não tinhas forma nenhuma de saber onde ela estava.

– Eu sei, mas é como um bichinho na minha mente, a correr de um lado para o outro. Saber que ela estava ali, tão perto, o tempo todo.

– É por isso que acho que devias vir connosco. Para te distraíres. – Sorri. – Principalmente porque eu não sei cozinhar. Podias assumir as rédeas da cozinha,

se quisesses.

Elin dá um passo para ele e estende a não, mas depois baixa-a e repreende-se a si própria.

Está a pressioná-lo demasiado.

Passam alguns segundos.

Isaac ajeita a mochila ao ombro.

– Vou visitar-te – promete, por fim, e fita-a nos olhos. – Vou mesmo. Não estou a falar só por falar.

– Eu sei. – Elin morde o lábio.

– A sério. – Toca-lhe no braço. – Não voltaremos a ser como antes. As coisas agora são diferentes entre nós, não são? Nós estamos diferentes.

– Está bem. – É melhor do que nada. *Diferentes*.

– Vou despedir-me do Will e depois tenho de ir. – Isaac olha para o quiosque. – Will, tenho de ir – repete num tom mais elevado quando Will se dirige a eles, com os bilhetes na mão. Dão um meio abraço e depois batem com os punhos um no outro.

Isaac vira-se então para Elin e puxa-a para si. Ela sente as lágrimas a arderem-lhe nos olhos. *Porque é que parece tão errado deixá-lo?*

Quando se separam, ouve o ranger de maquinaria, um zumbido mecânico. O funicular está a chegar.

– Antes de ir, quero dar-te uma coisa. – Isaac levanta a voz para se fazer ouvir acima do barulho e enfia a mão no saco. – Mandei fazer uma cópia disto para ti. O Will disse-me que não tinhas fotografias do Sam… de nós os três… em tua casa.

Elin quase não consegue olhar, mas força-se a fazê-lo.

É uma fotografia dos três na praia, com as pernas cheias de areia. Atrás deles, um castelo de areia meio torto, salpicado de bandeirolas de papel.

Os seus olhos prendem-se nele. *Sam*. O seu irmãozinho.

Finalmente, uma fotografia a sério, para substituir os *flashbacks* incompletos e imperfeitos na sua cabeça.

92

O funicular começa a andar e o cenário de neve e céu dá lugar a árvores e chalés com neve no telhado, veículos todo-o-terreno a subir as estradas estreitas da montanha.

Parece um postal.

Elin encosta os dedos à janela. Sente os olhos de Will sobre si.

– Vais mandar arranjar o colar? – pergunta ele.

Em piloto automático, levanta a mão à procura dele, mas claro que não encontra nada. Encolhe os ombros.

– Não sei.

Gosta de sentir o vazio na base da garganta. Sente-se mais leve, de alguma forma. Livre.

Will pigarreia.

– Tens a certeza de que estás preparada para deixar o Isaac? – Pousa a mão na dela. Tem a palma quente.

Elin ergue os olhos para os dele.

– Acho que ele fica bem. Saber que a Cécile foi presa… ele disse que isso ajudava.

– Sabes o que aconteceu ao Lucas?

– Sim. O Berndt contou-me esta manhã. Foi preso pelo seu papel no que aconteceu… por esconder o corpo do Daniel e se livrar das provas, e por esconder a verdade sobre o passado do sanatório. – Faz uma pausa. – Ele admitiu que sabia da existência dos documentos, das campas, e que subornou as autoridades para que nada fosse revelado.

Alguns instantes de silêncio.

– E tu? – pergunta ele. – Estás disposta a partir?

– Acho que sim.

Mas é estranha, a perspetiva de se ir embora, porque não está apenas a deixar este lugar, mas também outras coisas – Isaac, Laure, e uma versão da verdade que carregou dentro de si tanto tempo e que a definia. *Que se tornara ela*. E

agora tem de aprender a viver com algo novo.

– Estou mais preocupada contigo – diz. – Com o teu ferimento.

– Já estou quase bom. – Will leva a mão ao estômago.

É um gesto tão típico dele, tão discreto e subtil, que ela tem um impulso súbito de o abraçar. De lhe tocar. De se abrir de uma maneira à qual sempre resistiu. Puxa-o para si e dá-lhe um abraço meio atrapalhado, inspirando o seu aroma familiar.

– Lamento muito o que aconteceu. – A sua voz parece estranha. – Nunca tive intenção de te envolver em nada disto. Tu… tu és tudo para mim.

– Eu sei – murmura ele com a boca encostada ao cabelo dela. – Já passou. Podemos seguir em frente.

– Por falar nisso. – Afasta-se e abre o fecho da mala, de onde tira uma revista. Tem a capa dobrada, e ela abre-a com os dedos.

Will olha para a capa.

– A *Livingtec*? Onde é que arranjaste isso?

– No supermercado em Crans. Custou-me umas vinte libras, mas… – Elin folheia a revista até encontrar a página que procura. – Este. – Aponta para a fotografia. – Este sofá. O que achas?

– Para quê?

– Para a nossa casa nova.

Ele fica em silêncio um instante e depois sorri.

– Gosto.

Elin abre a boca para responder, mas sente o telemóvel a vibrar no bolso.

Tira-o e olha para o ecrã.

– Quem é? – pergunta Will espreitando por cima do ombro dela.

– Trabalho. – Lê a mensagem no ecrã. – Não se importaram de esperar algum tempo por causa do Isaac, mas têm de saber a minha decisão até ao fim da semana.

Will acena com a cabeça e olha para a janela. Elin segue o olhar dele. Estão quase no fundo do vale. Os chalés deram lugar a casas, a vinhas cobertas de neve. Só algumas das plantas estão visíveis, os riscos finos e escuros dos troncos

a erguer-se no meio da neve.

Ele vira-se e olha para ela.

– E já tomaste uma decisão?

– Acho que sim.

Ao lado deles, um dos passageiros abre a janela. Quando Elin ergue o rosto, sente a brisa fresca na pele. Ainda é cedo, nem chegaram a março, mas parece-lhe que sente no ar o sabor da primavera.

Vida nova.

Epílogo

Ele está apenas uma carruagem mais atrás.

Se olhassem nessa direção, talvez o vissem. É o que está encostado à janela, o único que não parece admirar a paisagem.

Tem um pequeno grupo de turistas do Médio Oriente à sua frente. Estão a passar uma garrafa de água entre si e a falar rapidamente em árabe. De poucos em poucos minutos, apontam para algo do outro lado do vidro embaciado: um chalé, uma igreja, as ruínas de um antigo anexo de madeira. Não reparam nele. Ninguém olhou sequer na sua direção.

Atrás dele, uma família suíça – mãe, pai, duas meninas com menos de dez anos. As filhas vestem roupas de esqui coloridas, riscas das cores do arco-íris que se enrugam quando elas se mexem. A mais nova, ruiva, com sardas, come uma baguete, com a cara encostada ao peito da irmã mais velha. A mãe tira-lhes fotografias e o pai suspira, aborrecido. Está carregado de bastões de esqui, uma mochila, um casaco pesado no braço.

Nenhum dos membros da família olha para ele quando ergue a cabeça para espreitar por cima do grupo à sua frente.

Olha para Elin. Está a sorrir e a gesticular enquanto diz qualquer coisa ao namorado. Parece animada, e há muito tempo que ele não a via assim.

É evidente que não o viu, tal como o ignorou no hotel, tal como ignora o que aconteceu realmente na piscina de imersão, de quem era a mão que sentiu nas costas. *A pressionar. A empurrar*.

Não se importa: prefere o anonimato. Não há pressa, pois não?

Chegou à conclusão de que é melhor esperar até a pessoa estar descontraída, ter baixado as defesas.

É esse o ponto ideal, não é?

Aquele espaço ínfimo entre a felicidade e o medo.

ARTIGO: LOCAL.CH (AGOSTO DE 2020)

A polícia suíça encontrou 32 sepulturas humanas num sanatório suíço convertido, onde as mulheres terão sofrido «maus-tratos e abusos físicos e mentais».

- As sepulturas foram descobertas pelas unidades especializadas da polícia suíça em Le Sommet, um hotel de luxo recente, construído num antigo sanatório para tuberculosos.
- As sepulturas foram descobertas pela polícia no decurso da investigação de três assassínios cometidos no hotel em janeiro deste ano.
- Registos arquivados mostram que pelo menos trinta e duas mulheres alemãs foram enviadas para o Sanatório de Plumachit, com a justificação de recuperarem de tuberculose.
- Outras regiões e países europeus estão agora a examinar os seus registos, entre receios de que isto possa ser o início de uma vaga de investigações.

A polícia suíça encontrou trinta e duas sepulturas humanas perto do hotel Le Sommet, na cidade-estância suíça de Crans-Montana, onde, alegadamente, as mulheres foram ilegalmente internadas e vítimas de maus-tratos e abusos físicos e mentais entre finais da década de 1920 e na década de 1930.

Anomalias consistentes com potenciais sepulturas foram descobertas no local, anteriormente conhecido como Sanatório de Plumachit, onde os pacientes eram internados para tratamento da tuberculose.

A Police Judiciaire de Valais fez a descoberta no decorrer da investigação sobre uma série de assassínios recentes no hotel, revela o *Le Matin*.

Um dos suspeitos confessou que o motivo por detrás dos assassínios estava no passado do hotel como sanatório, o que levou a polícia a examinar com mais cuidado o local.

O cemitério fica no lado nordeste do hotel, onde se crê que as mulheres foram enterradas há várias décadas, antes de o sanatório fechar, depois da generalização do uso de antibióticos para tratamento da tuberculose.

Com recurso a equipamento de busca de alta-tecnologia, os cientistas forenses da Polícia de Valais e da Universidade de Lausana encontraram as sepulturas usando radares de penetração no solo e através da análise de amostras de solo.

O sanatório não tinha registos oficiais destas sepulturas, e encontrou-se documentação forjada onde era declarado que as pacientes tinham sido enviadas para serem enterradas noutros locais. Contudo, documentos até aqui escondidos confirmam que muitas mulheres morreram em circunstâncias desconhecidas, muito provavelmente na sequência de ferimentos sofridos durante os abusos de que foram vítimas, sob a justificação de tratamentos médicos.

Pensa-se que todas as mulheres terão sido transferidas da Clínica Gotterdorf, na Alemanha. Não se sabe ainda se estas pacientes tinham de facto tuberculose ou se o diagnóstico foi manipulado de modo a justificar o internamento.

Não era invulgar, na época, que as mulheres fossem sujeitas a cuidados médicos, e internadas para tratamento contra a sua vontade e sem justificação médica. Muitas mulheres foram internadas em clínicas por toda a Europa a pedido de um guardião ou familiar do sexo masculino, como forma de as controlar – quer fosse apoderando de uma herança, ou para controlar os seus pensamentos e ideias independentes.

O promotor de justiça, Hugo Tapparel, da Polícia de Valais, declarou: «Estamos a estudar as descobertas e tencionamos entrar em contacto com as famílias das vítimas para discutir os próximos passos mais adequados, à medida que os trabalhos prosseguem.»

Um familiar de uma das vítimas declarou: «Acreditamos que estas mulheres estavam aos cuidados do Dr. Pierre Yerly, um conhecido e conceituado cirurgião pulmonar, conhecido pelos seus tratamentos experimentais. Depois de a investigação estar concluída, tencionamos erigir um monumento em memória das vítimas.»

Agradecimentos

Quero deixar os meus agradecimentos a todas as pessoas que ajudaram a dar vida a este livro e a concretizar a sua publicação. Não sabia mesmo quantas pessoas são precisas para ajudar um romance a passar por estas fases, e sinto-me muitíssimo privilegiada por ter beneficiado de todos os seus conhecimentos e experiência.

Um enorme obrigada à minha fantástica editora, Tash Barsby, da Transworld. Nunca conseguirei agradecer-lhe o suficiente por querer dar vida a este livro e por investir tanto tempo e habilidade no desenvolvimento e aperfeiçoamento da história. O seu olhar infalível e observações inteligentes trouxeram brilho ao romance, e ela alterou a minha vida da melhor maneira possível. Um agradecimento mais alargado a todos na Transworld, e uma saudação especial a Sarah Day pela sua revisão hábil.

Outro grande agradecimento a Jeramie Orton, o meu maravilhoso editor na Pamela Dorman Books. Não podia ter desejado um editor mais profissional ou intuitivo para levar o meu trabalho aos leitores na América do Norte.

Muito obrigada à minha espantosa agente literária, Charlotte Seymour, que viu alguma coisa na minha escrita e acreditou nesta história desde o princípio (e que tanto se interessou pelos meus livros de recortes!). Encontrou-me as editoras perfeitas e a sua confiança inabalável no meu trabalho significa tudo para mim.

Um agradecimento alargado também a toda a equipa na Andrew Nurnberg Associates, em especial à maravilhosa equipa de direitos de tradução em Londres, às agências afiliadas da ANA e aos coagentes que venderam o meu livro em mais países do que eu alguma vez poderia ter imaginado. Um especial agradecimento à incansável Halina Koscia, cujos *e-mails* me trouxeram notícias tão maravilhosas. Tornou-se um hábito fazer-me «ganhar a semana»! Obrigada

também às minhas editoras no estrangeiro por acolherem a história no seu coração.

Um enorme agradecimento a todas as pessoas que amavelmente partilharam comigo as suas opiniões durante a pesquisa para o livro, em especial à Polícia de Valais, em Sion. Obrigado por serem tão pacientes e generosos com o vosso tempo. As conversas de «e se?» que tivemos resolveram muita coisa no romance; e embora Elin estivesse entregue a si própria, fica registado o vosso argumento de que a polícia suíça consegue chegar a todo o lado, em qualquer altura. Quaisquer imprecisões factuais quanto aos procedimentos da polícia suíça devem-se a erro da minha parte, ou a necessidades de enredo.

Tive também a sorte de contar com o apoio de vários membros da Associação Britânica de Instrutores de Desportos de Neve. Em particular, Jaz Lamb, da BASS Morzine, que respondeu a muitas perguntas e me apresentou também à equipa de Salvamento em Montanha em Portes du Soleil, e a um dos seus líderes, Jeremy Helvic – *merci*.

Em Crans-Montana, Stéphane Romang indicou-nos alguns recursos fantásticos sobre o legado dos sanatórios na cidade. Muitas outras pessoas da montanha ajudaram a inspirar certas cenas.

Numa nota mais pessoal, obrigada a Axel Schmidt e família por nos apresentarem esse local tão especial que é Crans-Montana, nos Alpes Suíços – foram a atmosfera única e a paisagem dramática do local que me inspiraram a escrever este romance, e todos os dias dou graças por esse «lugar feliz» da nossa família. Vemo-nos em Amadeus.

Um enorme, gigantesco agradecimento aos meus pais e irmãs – onde tudo começou. Obrigado por incentivarem em mim o amor pela leitura e por me encorajarem a escrever. Toda a minha infância girou à volta de palavras – tantas histórias para dormir, audiolivros e as visitas semanais à biblioteca. Ouviram-me e deram-me tanto tempo, e amor, e inspiração (e comida!) Sem vocês, nada disto teria sido possível, e estou tão feliz por poder partilhá-lo convosco.

Obrigada também aos meus amigos maravilhosos, tanto *offline* como *online*, pelo apoio inabalável à minha escrita e ao meu livro – a vossa amabilidade e os

vossos conselhos (e fornecimento de café) foram preciosos.

Obrigada à minha avó, que costumava ler muito depressa pelo menos um livro por dia e me emprestou muitos dos seus romances preferidos, e ao meu avô que, apesar da degeneração macular, lia os meus contos mesmo quando isso lhe demorava imenso tempo. Ambos teriam adorado seguir a minha viagem e espero que, algures, a possam seguir à distância.

Por fim, obrigada às minhas filhas, Rosie e Molly, e ao meu marido, James, pelo seu entusiasmo e paixão pela história desde o primeiro momento. Obrigada por partilharem o meu amor pelas montanhas, pelos dias a começar às seis da manhã e por me ajudarem com as cenas mais complicadas e me obrigarem a ir sempre um bocadinho mais longe. Ter pessoas a incentivar-me e a acreditar incondicionalmente no meu trabalho é o que me faz continuar a escrever dia após dia. Estou tão orgulhosa de todos e, francamente, não sei o que faria sem vocês… FTB.